



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CÉLIA CAMELO DE SOUSA

**ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO: HISTÓRIA, MEMÓRIA
E EDUCAÇÃO (1991-2016)**

FORTALEZA-CE

2018

CÉLIA CAMELO DE SOUSA

ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO: HISTÓRIA, MEMÓRIA
E EDUCAÇÃO (1991-2016)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação. Área de Concentração: História, Memória e Práticas Culturais Digitais.

Orientador: Dr. José Rogério Santana

Coorientadora: Dra. Cibelle Amorim Martins

FORTALEZA-CE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SOUSA, Célia Camelo de.
ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO (1991-2016) /
Célia Camelo de SOUSA. – 2018.
241 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. José Rogério Santana.

Coorientação: Profa. Dra. Cibelle Amorim Martins.

1. Cordel. 2. História. 3. Memória. 4. Educação. I. Título.

CDD 370

CÉLIA CAMELO DE SOUSA

ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO: HISTÓRIA, MEMÓRIA
E EDUCAÇÃO (1991-2016)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Educação. Área de Concentração: História, Memória e Práticas Culturais Digitais.

Aprovada em: 15 / 06 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Rogério Santana (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Cibelle Amorim Martins (Coorientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dra. Gildênia Moura de Araújo Almeida
Secretaria de Educação do Ceará-SEDUC

AGRADECIMENTO

A Deus.

Ao meu orientador, Professor Rogério, que acreditou em mim e fez da minha aprovação no processo seletivo de doutorado a realização do meu maior sonho. Meu muito obrigada!

À minha coorientadora, professora Cibelle, que aceitou essa coorientação e com seu olhar minucioso só fez melhorar o trabalho.

Ao professor Gerardo, que desde o mestrado vem contribuindo nas bancas dos meus trabalhos.

À professora Lia que gentilmente vem ajudando, desde a primeira qualificação dessa pesquisa.

À professora Gildênia Moura que carinhosamente aceitou participar desse momento.

A Academia dos Cordelistas do Crato (ACC).

A Lira Nordestina, funcionários da URCA e Professor Renato Casimiro.

Ao professor de francês Ruy Ferreira Lima.

Aos meus pais.

Ao meu querido Gutemberg.

Aos meus amigos, especialmente Deisiane Lima.

RESUMO

A pesquisa como teve o objetivo compreender a história e memória da Academia dos Cordelistas do Crato (1991-2016) instituição cultural criada no município do Crato em 1991, e sua relação com o desenvolvimento da educação. O período da criação remete à crise que o cordel estava passando, com a desvalorização dos poetas e da atividade de confecção de folhetos. Nesse sentido, Elói Teles que era um poeta e folclorista resolveu criar esse grupo para que o cordel voltasse a ser mais valorizado na cultura regional. Diante disso, o presente estudo levanta o seguinte problema: Como se deu a história e memória da Academia dos Cordelistas do Crato e sua relação com a educação? Para o desenvolvimento desta investigação, desenvolveu-se como metodologia uma pesquisa histórica, bibliográfica e oral, tendo como corrente de pensamento a História Cultural e com discussão teórico: Chartier (1990), Hobsbawm (2015), Le Goff (2013), Libâneo (2004), Luyten (2007) e Maxado (1982). Utilizamos a História Oral, em que tomamos como base os seguintes autores: Alberti (2005), Thompsom (1992), Bossi (1994) e Ferreira; Amado (2006), ainda foi incorporada a autora Santaella (2012), para trabalhar conceito de imagem. Quanto aos resultados da pesquisa identificamos que a ACC é uma instituição filantrópica cultural que ocupa um papel importante na cultura popular Caririense, enriquecendo a educação local. Seus cordéis são valiosos recursos utilizados nas escolas, sendo explorados biografias de personalidades históricas, ilustração de cordéis, análise de capas de xilogravuras, e outros. Neste sentido, identificamos várias produções desse grupo, que trabalha com diversas temáticas e que valoriza a xilogravura, em que nesta pesquisa foram identificadas e analisadas as capas de cordéis de padre Cícero produzidas pelos xilógrafos da ACC. Com isto, percebemos que o cordel é uma ferramenta de importância para a educação, como também para o fomento da cultura e literatura local.

Palavras-chave: Cordel. História. Memória. Educação

RÉSUMÉ

La recherche vise à comprendre l'histoire et la mémoire de l'Académie des Cordélistes du Crato (1991 / 2016). Il s'agit d'une institution culturelle créée dans la municipalité de Crato en 1991 et sa relation avec le développement de l'éducation constitue également l'objet de cette étude. La période de création fait référence à la crise que passait le *cordel*, à la dévalorisation des poètes et de la fabrication de brochures. En ce sens, le poète et folkloriste Elói Teles a décidé de créer ce groupe afin que le *cordel* soit à nouveau plus valorisée dans la culture régionale. Par conséquent, la présente étude soulève le problème suivant: Quelle est l'histoire et la mémoire de l'Académie des Cordélistes du Crato et ses relations avec l'éducation? Pour le développement de cette recherche, des recherches historiques, bibliographiques et orales ont été développées en tant que méthodologie, ayant comme courant de pensée l'Histoire Culturelle. La discussion théorique de la recherche était basée sur Chartier (1990), Hobsbawm (2015), Le Goff (2013), Libâneo (2004), Luyten (2007) et Maxado (1982). Nous utilisons l'Histoire Orale, en nous basant sur les auteurs suivants: Alberti (2005), Thompsom (1992), Bossi (1994) et Ferreira; Amado (2006), et également l'auteur Santaella (2012), qui a été ajoutée pour établir le concept d'image. En ce qui concerne les résultats de la recherche, nous avons constaté que l'ACC est une institution philanthropique culturelle qui joue un rôle important dans la culture populaire du Cariri, contribuant à enrichir l'éducation locale et à faire de ses *cordéis* des ressources précieuses utilisées dans les écoles. Des biographies de personnalités historiques, des illustrations de *cordéis*, des analyses de couvertures de xylogravures, entre autres, sont explorées. En ce sens, nous identifions plusieurs productions qui travaillent avec des thèmes divers et qui valorisent la xylogravures. Dans cette recherche ont été identifiés et analysés les *cordéis* du Padre Cícero produites par les xylographes de l'ACC. Avec cela, nous réalisons que le *cordel* est un outil important pour l'éducation, ainsi que pour la promotion de la culture et de la littérature locales.

Mots-clés: Cordel. Histoire. Mémoire. Éducation

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|--|-----|
| Figura 1 - | Violeiros..... | 11 |
| Figura 2 - | Mapa do Município do Crato/ CE..... | 15 |
| Figura 3 - | Venda de cordel | 32 |
| Figura 4 - | Símbolo da ACC | 67 |
| Figura 5 - | Fachada da sede da Academia dos Cordelistas do Crato..... | 69 |
| Figura 6 - | Estrutura interna da ACC..... | 70 |
| Figura 7 - | Academia dos Cordelistas do Crato | 71 |
| Figura 8 - | Símbolo da ACC | 73 |
| Figura 9 - | Capas do cordel dos xilografos da ACC..... | 109 |
| Figura 10 - | Tipografia da ACC com o Poeta Luciano Carneiro..... | 112 |
| Figura 11 - | Revolução das artes | 116 |
| Figura 12 - | (A) Padre Cicero e o homem com o diabo no corpo; (B) Juazeiro do Norte, um século de progresso e fé..... | 117 |
| Figura 13 - | (A) Recados do Padre Cicero e Monsenhor Murilo; (B) Os patronos da rua do Crato..... | 118 |
| Figura 14 - | (A) Centenário de Juazeiro do Norte; (B) I Encontro Interncional de Negócios do Cariri | 118 |
| Figura 15 - | (A) O Padre Cicero e a ecologia (2003); (B) O Padre Cicero e a ecologia(2000) | 119 |
| Figura 16 - | Cordel e educação | 152 |
| Figura 17 - | Lançamento de cordel em uma escola do Crato | 155 |
| Figura 18 - | Palestra com a poetisa Rosário Lustosa..... | 156 |
| Figura 19 - | Cordel na feira | 158 |

LISTA DE QUADRO

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - Informações sobre os cordelistas..... | 102 |
|--|-----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------------|--|
| ACC | Academia dos Cordelistas do Crato |
| APEX | Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos |
| BNB | Banco do Nordeste do Brasil |
| FAEC | Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará |
| FACEMP | Faculdade de Ciências e Empreendedorismo |
| FACIC | Federação das Associações do Comércio, Indústria, Serviços e Agropecuária do Ceará |
| FECOMÉRCIO | Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Ceará |
| FIEC | Federação das Indústrias do Estado do Ceará |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| SINDIDUSTRIA | Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuários de Juazeiro do Norte |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 | Descrição Teórica | 21 |
| 1.2 | Percurso metodológico da pesquisa | 25 |
| 2 | A LITERATURA DE CORDEL | 32 |
| 2.1 | O que é o cordel? | 34 |
| 2.2 | Temáticas no cordel..... | 45 |
| 2.3 | Mitos, ritos e tradição no cordel..... | 58 |
| 3 | HISTÓRIA DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO | 67 |
| 3.1 | Origem da Academia dos Cordelistas do Crato | 69 |
| 3.2 | Formação Dos Cordelistas..... | 88 |
| 3.3 | Temas de cordéis da academia | 103 |
| 4 | TIPOLOGIA DAS CAPAS DE CORDEL DE PADRE CÍCERO | 109 |
| 4.1 | Cordel, imagem e estética | 111 |
| 4.2 | Capas de cordel do Padre Cícero da academia | 117 |
| 4.3 | Conteúdo dos cordéis analisados e seus patrocinadores..... | 147 |
| 5 | CORDEL E EDUCAÇÃO | 152 |
| 5.1 | Cordel, Escola e Saberes..... | 154 |
| 5.2 | Escola, cordel e currículo..... | 160 |
| 5.3 | Cordel como recurso educativo..... | 167 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 180 |
| | REFERÊNCIAS | 183 |
| | APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CORDELISTAS DA ACC ... | 196 |
| | ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO | 197 |
| | ANEXO B – PROFISSÃO DE CORDELISTA | 198 |
| | ANEXO C – LEI ORGÂNICA DO CRATO | 199 |
| | ANEXO D – ESTATUTO DOS CORDELISTAS DO CRATO ACC | 202 |
| | ANEXO E – ATAS | 216 |
| | ANEXO F – CORDÉIS ANALISADOS | 222 |

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Violeiros



Fonte: Disponível em: <<http://marcelosoares.org/post/127265479415/os-violeiros-xilogravura-27x37cm-2003-r-65>>.

*Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas De ramos inquietos
que despregam Sobre as águas as folhas recurvadas*

*Há um bater de remos compassado No silêncio da lisa
madrugada, Ondas brancas se afastam para o lado
Como o rumo da seda amarrotada.*

José Saramago

A tese de doutorado se intitula: “Academia dos Cordelistas do Crato: História, Memória e Educação (1991-2016)” tem o objetivo de compreender a história e memória da Academia dos Cordelistas do Crato (1991-2016), instituição cultural criada no município do Crato em 1991, e sua relação com o desenvolvimento da educação. Esta entidade já existe há mais de vinte anos e tem contribuído para a preservação da literatura de cordel, resguardando rima, métrica e oração. Valoriza a estética, destacando a xilogravura.

Ao abordar o cordel, percebemos que essa literatura era também escrita e lida por pessoas da classe média, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos e outros. As pessoas letradas compravam os cordéis que eram lidos para sujeitos não letrados, assim foi se construindo os simpatizantes dessa literatura.

No Brasil a literatura de cordel surge com os colonizadores, na capital baiana, sendo depois ampliada para o Rio de Janeiro. Foi no século XVI que o cordel passou a ser difundido na região Nordeste, através do paraibano Leandro Gomes de Barros, radicado em Recife. Alguns fatores sociais contribuíram para a propagação dessa arte literária na região, como as manifestações messiânicas, de cangaceiros, as secas periódicas, as lutas de famílias, desencadeando também grupos de cantadores (BARBOSA, 1973). As próprias produções de cordéis favoreceram a cantoria de muitos poetas populares, e os primeiros folhetos começaram surgir a partir de 1873 em Recife, estado de Pernambuco, quando o crescimento do artesanato e a introdução da pequena produção industrial ampliaram essa literatura.

Com isso, surgiam as primeiras produções de cordéis, com o serviço gráfico existente nas oficinas de jornais e depois em tipografias especializadas. Ao longo do tempo, vão surgindo e se destacando diversos poetas como: Leandro Gomes de Barros (Paraíba), João Martins de Athayde (Paraíba), Pacífico Pacato Cordeiro Manso (Alagoas), Silvino Pirauá de Lima (Paraíba), José Camelo de Melo Resende (Paraíba) e Francisco das Chagas Batista (Paraíba), que passam a contar e a escrever nos folhetos a realidade contemporânea. Os primeiros estados nordestinos do Brasil a produzir cordel foram Pernambuco e Paraíba, devido alguns poetas nascerem na Paraíba, alguns passando a residir em Recife, como foi o caso de Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde.

Para a região Nordeste, que era carente de meios de comunicação, o cordel foi uma forma de fomentar cultura e entretenimento para a população, que passou a ter acesso a um material de leitura característico de sua região. Os folhetos populares estão presentes em diversos estados do Nordeste, principalmente no Ceará, onde a região do Cariri ganhou destaque nos últimos anos por ser um celeiro de cordelistas, xilógrafos e diversos grupos de poetas populares como o grupo Malditos de Juazeiro do Norte, Associação dos Poetas de Barbalha e a Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), sendo este último objeto de estudo desta pesquisa.

A ACC possui sede própria no município de Crato-CE, cidade que passou por transformações e vem propagando sua cultura popular, provocando a curiosidade e o interesse de estudiosos e pesquisadores. Está localizada em uma região vista como importância para o município, pois sua história é contada em obras literárias herdadas do passado, mas também por aqueles que asseguram a sua continuidade nas bravas lutas, nos diários dos viajantes, na musicalidade, na poesia e nos eventos religiosos e culturais. No cordel de Elói Teles “História do Crato” (1992) é possível ilustrar bem esse fato:

Crato nasceu da alegria
da bravura e do amor
Nossa Senhora da Penha
mãe do nosso salvador
qual um rebanho ela ordena
pro filho, nosso senhor.

Nasceu sob a fidalguia
de um bondoso capuchinho
Frei Carlos, que certo dia
trilhando o nosso caminho
aqui chegou, trabalhou,
os índios catequizou,
pois não estava sozinho.

Fez igreja deu carinho,
fez nobre a sua missão
esse grande capuchinho
emeou compreensão.
Mas no verso anterior
á falei desse pastor
desse homem,
desse cristão.

Assim, era o Crato antigo,
até mil e oitocentos,
em cada canto um amigo
para lutar sempre atento
obrigado Frei forrara
por esta jóia tão rara
que você fez para a gente.

Findo aqui mais um volume
desta estória feita em versos
que traz o próprio costume
dos sonhos já tão dispersos
aí vem firme o terceiro
que trará o mesmo cheiro
de outros Cratos do universo.

Engenhos de Rapadura
nos pés da serra nasciam
era o trabalho e doçura
que nos anos se seguiam
era o arroz, o feijão
plantados no fértil chão
e os homens agradeciam.

Crato esperava o futuro
de pé firme e altaneiro,
se preparava tão puro,
como nos primeiros
pois trazia a firme senha
as Santa Virgem da Penha
e do seu povo altaneiro.

Oi século seguinte,
vinha trazendo só confiança
a terra que sempre tinha
lhe dado amor e bonança
novos feitos, novas glórias
novas e grandes vitórias
nova era a terra tinha.

Agora quero falar
de uma grande vitória.
que veio pontificar
o Crato, na sua história.
dar alento e alegria.
porque foi naquele dia.

A Carta Régia trazia
a autonomia sonhada
era seis de maio, o dia
grande vitória alcançada
assinada pelo rei
a Carta que era lei
a sorte estava lançada.

O nome CRATO foi dado
para que, por sua vez
fosse homenageado
o vilarejo Português
que ficava em Alentejo.
assim a aldeia do Brejo
mudava nos seis dias.

Os versos retratam o surgimento da cidade do Crato, município vizinho do estado de Pernambuco, fica próximo de Santana do Cariri e da Chapada do Araripe, lugar rico em

fósseis. Encontramos várias espécies de fauna e flora que faz parte do cenário ambiental do lugar, como o pássaro Soldadinho do Araripe é onde nasce Padre Cícero Romão Batista.

Para melhor situar *lócus* da pesquisa, veja abaixo na Figura 2 o mapa do município Crato.

Figura 2 – Mapa do município do Crato-CE



Fonte: IBGE, 2010

Padre Cícero é um dos principais personagens abordados nos cordéis, o que nos levou a analisar com mais profundidade os múltiplos significados expressados nas capas de cordel da ACC. Este estudo realizará no terceiro capítulo uma leitura de imagens, visando revisitar a história desse ícone da religiosidade popular, que “[...] ensinava princípios e comportamentos através de exemplos

– ou “causos”. Casos e causas formavam os exemplos de comportamentos positivos a serem copiados e de comportamentos negativos a serem evitados por seus seguidores” (CORDEIRO, 2004, p. 180). Estes ensinamentos são visíveis nas falas de pessoas que conheciam o religioso, que conquistou o respeito de boa parte da população da região do Cariri.

A figura de Padre Cícero é indissociável do contexto histórico da região e sua influência na vida da população já dura mais de 100 anos. Por se tratar de um local que apresenta constantes conflitos entre famílias, que é marcada pela política do coronelismo, crescimento do catolicismo popular, ascensão do cangaço e por ser geograficamente localizada na região semiárida do Brasil, é que os temas dos cordéis relacionados ao Padre

Cícero são recorrentes. Além disso, influenciou na educação do lugar, participando na criação de escolas e incentivando na produção de cordéis da região.

A análise das imagens relacionadas a Padre Cícero nas capas de cordéis dos poetas e xilógrafos da ACC possibilitará um novo olhar para a história da região. Apesar de sua notoriedade e ser uma figura emblemática da região, segundo os romeiros e moradores do lugar, havia por trás de sua batina um homem que possuía muitos bens¹ e com a ajuda de fiéis propagava a fé e se projetava socialmente. Cujos bens foram doados por romeiros, como forma de compensar tudo o que sofreu na vida.

A partir dessa figura emblemática percebemos nas capas de cordel a imagem do sacerdote de forma muito variada. No início havia a existência de desenhos de artistas e clichês de cartões-postais. A partir da década de 1940 passou a propagar a xilogravura, que é uma técnica mais barata que o clichê e que possibilita reproduzir milhares de gravuras, em que a simplicidade das formas, cores, paisagem e a presença de personagens passam ser inseridas nas capas de cordel.

A xilogravura já faz parte do cenário caririense desde muito tempo, desperta a curiosidade de muita gente por sua técnica. Com o tempo, outras técnicas surgiram, como é o caso da linogravura, parecida com a xilogravura, mas que substitui a madeira pela borracha, sendo destaque em Pernambuco através do artista Dila (José Ferreira da Silva).

Ao longo dos anos surgiram outros processos de fazer gravura, como: linotipia, que era uma máquina que imprimia com muita rapidez gravuras; tivemos o processo de *offset*, derivado da litografia, que consiste em uma chapa plana metálica que as partes salientes podem ser impressas; havia o mimeógrafo que era uma máquina de impressão mais econômica, porém a tiragem era em menor quantidade; outro processo mais evoluído é a heliografia, conhecido como xerox, usando produtos químicos e a luz, que é bastante utilizada na atualidade e pode imprimir um número grande de tiragem.

Percebemos que existem várias técnicas de produção de imagem, porém, a ACC valoriza a xilogravura em suas capas. O idealizador do grupo, Elói Teles, tinha a intenção que todos aprendessem essa técnica, no entanto, o único que se dedicou em exercer as duas funções (poeta/xilógrafo) foi apenas um acadêmico. No grupo existem dois xilógrafos, que se

¹ Segundo Machado (2001, p.54) “ Padre Cícero deixou para a Ordem dos Padres Salesianos todas as terras que possuía nos sítios Logradouro e Conceição, os terrenos que possuía na serra do Araripe, os prédios e a capela em construção na Serra do Horto, com todas as suas benfeitorias; o prédio onde funciona o açougue público desta cidade, os prédios contíguos à casa de residência da religiosa Joana Tertuliana de Jesus, conhecida como Beata Mocinha e, sítios na Rua São José; o sítio Faustino, o sítio Paul, o sítio Baixa Dantas, as fazendas Letras, Caldeirão e Monte Alto no município de Cabrobó, no Estado de Pernambuco, com todas as benfeitorias e gados nelas existentes.”

dedicam a esta arte, sendo que a troca de conhecimentos dos dois profissionais, fez com que criassem seus próprios traços, gerando não só uma forte amizade, mas o fortalecimento entre os dois sobre o conhecimento da xilogravura.

Dentro desse grupo existem 24 sócios efetivos, que valorizam o cordel e a xilogravura, sendo reconhecida como uma das mais importantes entidades filantrópicas que propaga o cordel em nosso país. Estudar a história desse grupo é gerar um reconhecimento para as próximas gerações, que compreende o cordel como uma arte antiga e presente no cotidiano de sua cultura.

Consideramos que trazer ao público essa historicização através da academia de um dos maiores legados que a cultura nordestina possui, remete à memória para as novas gerações de estudantes, pesquisadores e da sociedade em geral, pois a literatura de cordel faz parte do patrimônio cultural nordestino. Neste sentido, iremos revisitar a história da ACC, em que destacamos não só as capas de cordel do patriarca do Crato feitos pelos xilógrafos da ACC, mas a história do cordel, os variados temas abordados pelos sócios da academia, a origem dessa entidade, formação dos poetas e sua relação com a educação.

Os fundamentos teóricos que norteiam nosso estudo são:

1. A corrente de pensamento da História Cultural, pois se aproxima da pesquisa;
2. As discussões quanto à história da Academia dos Cordelistas do Crato, movimento cultural que tem o objetivo de propagar o cordel como patrimônio cultural imaterial.

Para embasar a presente pesquisa trouxemos os postulados teóricos de Chartier (1990), Hobsbawm (2015), tendo como categoria a História Cultural; Le Goff (2013), com seus pressupostos sobre Memória; Libâneo (2004) e sua abordagem sobre educação; Luyten (2007), Maxado (1982), que são referências nas discussões sobre Literatura de Cordel. Consideramos também a História Oral, em que utilizamos como subsídio teórico os seguintes autores: Alberti (2005), Thompson (1992) e Ferreira; Amado (2006), abordando sobre pesquisa oral; ainda foi incorporada a autora Santaella (2012), a qual aborda sobre o processo de leitura de imagens.

O recorte temporal da pesquisa percorre o período do surgimento da ACC, desde 1991 até o ano de 2016, em que a academia completou 25 anos. Tempo este em que houveram alguns acontecimentos educacionais no Brasil, que destacamos na década de 1990 o “Plano Nacional Decenal de Educação para Todos”, inspirado na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizado na Tailândia em 1990. Ainda, foi aprovada pelo congresso a LDB (lei nº 9394/96), resultada da iniciativa do senador Darcy Ribeiro. Sendo nesta lei tendo

artigo que destaca a valorização da cultura local, em que pode ser trabalhado como patrimônio imaterial cultural o cordel.

Analisar a história da academia é também investigar a história da educação do Brasil, juntamente com cordel, relacionar a importância que essa arte proporciona para a educação e também perceber, como Padre Cícero é retratado nas diversas capas de cordel da ACC, exercendo forte influência na arte, literatura, história, cultura e educação local, ou seja, podemos identificar livros retratando sua biografia, diferentes xilogravuras e monumentos com sua imagem na região do Cariri.

O interesse pelos cordéis é algo antigo, pois ao cursar o início da minha graduação em Pedagogia, na cidade de Mossoró (RN), lecionei em uma escola onde passei a conhecer a literatura de cordel. Comecei a colecionar vários títulos na minha biblioteca pessoal, como também incentivar a leitura desse gênero junto aos meus alunos da Educação Básica. No período da graduação, na minha pesquisa de campo da monografia no Crato-CE, passei a conhecer muitos cordelistas, dentre eles Josenir Lacerda, integrante da ACC. Mais adiante, no mestrado, aproximei-me da ACC, participando dos eventos desenvolvidos por seus membros e através desse contato passei a interessar-me pela história desse grupo. A ACC possui muitos títulos publicados, assumindo uma responsabilidade educativa, pois nas escolas seus cordéis são utilizados, oferecendo diversos temas como: natureza, cangaço, dengue, personalidades, fatos históricos, política, podendo ser um rico recurso didático na sala de aula.

O estudo incita os seguintes problemas: Como se deu a história e memória da Academia dos Cordelistas do Crato? A partir dessa questão fundamental, buscamos também responder outras questões: Por que foi criada ACC? Que temáticas costumam ser abordadas nos cordéis? Qual a relação da ACC com a educação? A proposta de tese tem como objetivo analisar a história e memória da ACC; De modo específico pretende-se: a) Elucidar as condições em que se deu a criação da ACC; b) Descrever a história da Academia dos Cordelistas do Crato; c) Reconhecer as temáticas mais frequentes abordadas nas capas de cordel de Padre Cícero, produzidas pelos xilógrafos da ACC; d) Analisar as relações entre ACC e a educação.

Alguns trabalhos de pesquisa abordam em certos aspectos a literatura de cordel. A exemplo disso foi desenvolvida a dissertação de mestrado “A Mitificação das Figuras Emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da Literatura de Cordel”, de Vieira (2012), que analisou o processo de mitificação de Padre Cícero e Lampião. Percebeu-se neste estudo que esses personagens nordestinos estão presentes na literatura de cordel como santo e herói, respectivamente.

A disseminação da literatura de cordel no espaço urbano foi investigada na pesquisa “A Literatura de Cordel no novo Espaço Urbano no Ceará: trajetória, rupturas e inovações”, de Oliveira (2001). O autor destacou neste trabalho a análise de quatro grupos responsáveis pela produção de cordel em Fortaleza, dentre os quais está a ACC, enquanto grupo que busca proteger o cordel de certas inovações, que prima pelo rigor da rima e da métrica, percebe o valor educativo e respeita as diferenças existentes; a Editora Tupynankim (Fortaleza), o CECORDEL (Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste – Fortaleza) e a Sociedade dos Cordelistas Mauditos (Juazeiro do Norte). Além disso, a pesquisa apresenta como resultados a presença do cordel na música, na internet, no espaço escolar, sendo assim um gênero que perpassa diferentes espaços e diversas formas de produção artística, cultural e educativa.

Outro importante trabalho é a dissertação de mestrado “Cordel Digital”, desenvolvida por Brasil (2002). A pesquisa investigou as potencialidades do cordel para uma experiência em hipermídia, destacando a narrativa tradicional “O Pavão Misterioso”. Os resultados do estudo trazem uma reflexão acerca das tecnologias da informação. O cordel digital é um ambiente para pensar a comunicação, a cultura e a memória.

No estudo “Discurso Político no folheto de cordel: a besta-fera, o Padre Cícero e o Juazeiro”, de Cláudia Granjeiro (2007), foi possível evidenciar que os folhetos de cordel são meios muitas vezes utilizados para dar destaque à política dentro do discurso religioso.

Na Universidade Regional do Cariri (URCA) encontramos alguns trabalhos que também têm a literatura de cordel como objeto de estudo. É o caso do trabalho “A representação do Nordeste e do nordestino na poesia de cordel de Luciano Carneiro”, de Figueiredo (2012). Luciano Carneiro é um dos cordelistas da ACC e neste estudo parte de sua obra é analisada, tendo como resultado a literatura de cordel como uma das expressões populares mais representativa da região Nordeste. Ainda na URCA destacamos a pesquisa “Reflexões sobre a Literatura de Cordel na região do Cariri”, de Cruz (2003), a qual apresenta a realidade da literatura de cordel no Cariri.

A obra de outro integrante da ACC foi objeto de estudo na monografia “Josenir Lacerda: a dama dos versos encantados”, desenvolvida por Sousa (2012), que buscou identificar a presença da mulher na literatura de cordel, o que acabou colocando em evidência o acervo da cordelista.

A temática sobre racismo foi foco na monografia de especialização de Cícera Nunes (2003) intitulada “O preconceito racial da literatura de cordel”, cuja análise concluiu que o preconceito no cordel é algo recorrente.

Na pesquisa de Granjeiro (2007) intitulada “O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte- CE”, analisou-se o percurso gerativo de sentido dos discursos religiosos na literatura de cordel, concluindo que estes discursos se fundamentam no interdiscurso interrupto, com base na figura de Padre Cícero e a cidade de Juazeiro.

Os estudos apresentados abordaram diferentes aspectos da literatura de cordel, no entanto, identificou-se a ausência de uma pesquisa que pudesse levantar a história da ACC, enquanto importante espaço de preservação, produção e disseminação da literatura de cordel no Nordeste brasileiro. Estudar esta história é pesquisar um grupo de pessoas que através de sua vontade de fortalecer o cordel, tornou essa literatura reconhecida nacionalmente.

Nesse sentido, esta pesquisa aborda um aspecto ainda não explorado nas pesquisas mencionadas, considerando o cordel como manifestação cultural, porém, trazendo os elementos favoráveis a promoção da utilização do cordel como recurso didático na escola. Através da ACC, passou-se a fortalecer nas escolas a literatura de cordel, que utilizam a poesia desses cordelistas para alfabetizar e tornar as aulas mais atrativas para os alunos. O cordel é uma forma de atrair os alunos para o mundo da criatividade e da fantasia, que traz em sua escrita literária o poder da palavra. A palavra que nasce de um simples pensamento e que dá origem aos versos que faz brotar nas crianças novos escritores de literatura de cordel.

O cordel faz parte da tradição de um povo e percebemos sua importância, seja por um grupo, por estudantes, pesquisadores ou pessoas que se dedicam a essa arte. Estudar a ACC é uma forma de revisitar esta tradição, que está mais do que viva. O cordel não se resume somente a poesia em si, mas é um instrumento carregado de valores de uma sociedade, abordagens críticas sobre temas diversos, tais como política, religião, mitos, relações humanas, entre outros. A linguagem imagética também é um forte traço dessa literatura, pois constitui uma parte fundamental representativa das ideias que são exploradas nos versos e rimas. Neste sentido pensamos em compreender a história desse grupo, enfatizando os sócios dessa entidade, a relação do cordel com a educação e as imagens das capas de cordel de Padre Cícero da ACC.

Para melhor estruturar a tese dividimos ela em cinco capítulos: o primeiro introduz o tema, situa-se o objeto de estudo, como também o cenário da pesquisa e o caminho metodológico escolhido para atingir os objetivos; o segundo capítulo contextualiza o cordel, sua origem, os tipos de cordel existentes, como os mitos, ritos e as tradições estão inseridos no cordel e sua relação com a educação; no terceiro capítulo enfatiza a história da ACC; no quarto Capítulo apresenta uma leitura e análise das capas de cordel de Padre Cícero da ACC e no quinto capítulo é discutido o cordel como recurso didático para educação.

1.1 Descrição Teórica

O cordel ao longo do tempo passou a ser destaque pelos mitos, ritos e tradições que aborda. Ao enfatizar o cordel percebemos que sua história é antiga e passa pelas histórias que envolvem mitos, ou seja, as histórias míticas que estão inseridas nos cordéis. Para entender um pouco do cordel trazemos o conceito de literatura de cordel, segundo Luyten (2007, p. 13-14)

Poesia popular isso porque havia costume, na Espanha e em Portugal, de se colocarem os livretos sobre barbantes (cordéis) estendidos, em feiras e lugares públicos, de forma semelhante a roupa em varal. Há outros nomes para indicar esse tipo de expressão popular, mas o termo literatura de cordel é consagrado, e ninguém ligado à poesia popular o desconhece. Compreende a parte impressa e, como tal, representa menos que 1% da poesia realmente feita no nível popular; o restante é apenas cantado por violeiros, trovadores ou cantadores.

Percebemos que o autor se refere à literatura de cordel pela sua origem na Espanha e Portugal, como também a forma que era encontrada os folhetos populares. Reforçando sua impressão, seu nome e os personagens envolvidos na produção desta poesia, cujo nome literatura de cordel, passa por diferentes nomenclaturas, desde versos, folhetos, cordel ou romances. Silva (2008) relata ainda a denominação de verbete de cordel, literatura popular ou poesia popular. Para Luyten (2007) era denominado livreto.

Maxado explica (1982, p. 12) literatura de cordel como “uma cultura de raízes tradicionais, consumida por gente que não pertencia aos grandes salões da burguesia ascendente”. O presente autor já define a literatura de cordel no aspecto cultural, em que o mesmo considera este tipo de literatura voltada para grupos populares pertencentes às raízes tradicionais. A própria ACC pode ser identificada como um desses grupos populares, pois se destaca como um grupo tradicional, ou seja, prevalece em suas produções a capa de xilogravura, os versos, a métrica e a rima. Haurélio (2013, p. 25) coloca que a “literatura de cordel, entendida como atividade editorial e como gênero autônomo da cantoria [...]”, é um gênero que nasceu com a oralidade, através das pelejas.

Neste sentido Rogel (1985, p. 64) cita gênero literário sendo “tempo de nascimento, linguagem, classe, espécie, geração”. Enquanto, Pires (1989, p. 147) destaca sendo “modelos absolutos, entidades normativas as quais se deve submeter a criação artística, em termos de literatura. Possuem as seguintes características: imutabilidade: cada obra obedece sempre ao paradigma de seu gênero; fixidez: a criação poética só pode ser lírica, épica ou dramática; unidade de emoção: cada obra deve encerrar somente um tipo de emoção; hierarquia artística: há gêneros nobres (tragédia, epopeia) e gêneros plebeus (comédia) [...]”.

O primeiro autor destaca o gênero em seu tempo, o outro destaca como obra de arte que transmite emoção, hierarquia, etc.

Esse gênero literário, ou seja, o cordel passa a fazer parte da educação nas escolas e que segundo Libâneo (2004, p. 82) a educação é:

Uma prática social cunhada como influência do meio social sobre o desenvolvimento dos indivíduos na sua relação ativa com o meio natural e social, tendo em vista, precisamente, potencializar essa atividade humana para torná-la mais rica, mais produtiva, mais eficaz diante das tarefas da práxis social postas num dado sistema de relações sociais. O modo de propiciar esse desenvolvimento se manifesta nos processos de transmissão e apropriação ativa de conhecimentos, valores, habilidades, técnicas, em ambientes organizados para esse fim.

Para o autor, a educação é o comportamento social que influencia diretamente a sociedade, produzindo um sistema de relações sociais. Estas relações estão imbricadas com conhecimento, valores, habilidades e técnicas. O cordel por fazer parte da educação influencia tendo temáticas sobre a história do lugar, personalidades históricas e fazendo referências a natureza.

A presença da educação é uma forma viva de estar em contato com os seres humanos, sendo este contato mediante o diálogo. De acordo, com Libâneo (1994, p. 16-17) educação é,

Um fenômeno social e universal, sendo uma atividade necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxilia no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social.

Tal como o autor, entendemos que a educação existe em todas as sociedades e espaços, que a adquirimos desde o nosso lar e precisa ser cuidada para que possamos formar cidadãos ativos. Essa perspectiva leva o indivíduo ser atuante na sociedade e torna-se um ser que transforma o espaço em que vive. Essa educação pode ser identificada através da utilização do cordel, pois essa poesia popular deve-se à cultura que é aprendida durante o convívio com os adultos e o modo de viver de cada lugar. Daí a importância de preservar a cultura popular como ferramenta para que as futuras gerações conheçam, produzam e tenham acesso à cultura. Cultura esta fundamental para a educação; ou seja, permite o leitor conhecer diversos temas, incentivando a leitura, além do incentivo de se tornar um poeta.

Neste sentido pode-se dizer perfeitamente que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma “tradição docente” que a cultura se transmite e se perpetua: a educação “realiza” a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária

da continuidade humana. Isto significa que, neste primeiro nível muito geral e global de determinação, educação e cultura aparecem como as duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra (FORQUIM, 1993, p. 14).

Com isto, essa literatura tornou parte da memória de muitos lugares e no Cariri cearense essa poesia é bastante viva, aos que moram, visitam o lugar e se deparam com a quantidade de poetas e xilógrafos. Por isso, preservar e disseminar a memória cultural de um lugar é uma maneira de valorizar “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2013, p. 435).

Para esse estudo, ao analisarmos a história da ACC, voltamos ao passado e a memória de um grupo que há 25 anos propaga o cordel nos ambientes que passa, desde a feira até a sala de aula, permitindo que essa literatura esteja presente na cultura do lugar. Ao utilizar a categoria memória Bosi (1994) afirma que,

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p.47).

Concebemos que a memória tem uma relação com o presente e influência no cotidiano, em que as percepções se entrelaçam para entender a história. Ao se tratar de personagem histórico que faz parte da memória de um lugar, destacamos a presença forte de Padre Cícero que fez parte da educação, política e religiosidade da localidade em estudo.

Para Le Goff (2013) a memória ajuda a crescer e alimentar a história, salva o passado e serve para o presente e o futuro. Dessa forma é importante que a memória coletiva seja algo para a libertação e não para a servidão do homem. A memória é algo vivo e é encontrada no nosso cotidiano, em que podemos destacar a história do bairro, de uma pessoa importante da cidade moramos, de um espaço público. Tais constatações fazem parte do que chamamos de memória. Para melhor entender como se sucedeu a criação da ACC e remontar sua história, tomamos como base para o conceito de “história”, o pensamento do mesmo autor (LE GOFF, 2013, p. 25):

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado [...]. A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *événementielle* e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexato [...].

O autor enfatiza a história como algo confuso, pois a história é construída a partir de um lugar social, de um ponto de vista. Por isso, ela não pode ser considerada algo absoluto, porque cada um vê a partir do seu contexto, fazendo com que haja alguns equívocos, que nem mesmo o tempo é capaz de decifrar. A história como não é absoluta, ela é o resultado do passado, para que possamos entender o presente e seu tempo. É através da história que buscamos entender o cordel, sua origem e o surgimento de um grupo cultural que propaga essa literatura.

Sobre a história cultural Chartier (1990, p.16) afirma que “[.] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Podemos destacar como realidade social o surgimento da própria ACC, que veio contribuir para enriquecimento da cultura caririense. Para esse trabalho iremos utilizar a história oral, em que Amado e Ferreira (2006) destaca sendo uma metodologia que seria algo abrangente e complexo do que uma simples técnica de entrevista.

Com isto, através da ACC e sua história, iremos analisar as imagens das capas de cordel de Padre Cícero, pois “do ponto de vista da comunicação, as linguagens visuais são mais universais do que as verbais e as sonoras. Somos capazes de compreender o sentido de uma imagem e de nos aproximarmos daquilo que seu autor quis dizer” (COSTA, 2013, p. 34). Concordando com o autor, a imagem visual é universal, sedutora, atraente, recebe olhares de todos.

Ao destacar a imagem como uma forma de representação do pensamento, entendemos que há uma relação desta com o texto escrito, o que pode auxiliar a compreensão de uma determinada história por meio da linguagem imagética. Santaella (2012, p.17) define imagem como sendo “[...] ‘representações’ que são criadas e produzidas pelos seres humanos [...]”. Enquanto, Eco (1974, p.16) define imagem como

[...] uma unidade é simplesmente toda e qualquer coisa culturalmente definida e individuada como entidade. Pode ser uma pessoa, lugar, coisa, sentimento, estado de coisas, pressentimento, fantasia, alucinação, esperança ou ideia [...] uma unidade cultural pode ser definida semioticamente como unidade semântica inserida num sistema. [...] Reconhecer a presença dessas unidades culturais (que são, portanto, os significados que o código faz corresponder ao sistema de significantes) significa compreender a linguagem como fenômeno social.

As imagens produzidas nas capas de cordel podem ser representações de uma unidade cultural que passa a ser algo que faz parte da sua estética, possibilitando a leitura dos folhetos. Neste sentido, Costa (2013) destaca que,

É nesse cenário que a educação tem que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma, eurocentrada, iluminista e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais (COSTA, 2013, p. 23)

Na sociedade contemporânea ocorre a emergência de novas formas de linguagem e representação do pensamento, sendo a imagem, estática ou em movimento, um formato bastante utilizado hoje na produção cultural. Os livretos de cordel, que utilizam a xilogravura em suas capas, apesar de uma técnica tradicional, mantém-se atual por incorporar a linguagem imagética à sua composição.

No entanto a cultura proporciona conhecimentos e competências, em que a arte está presente. E por meio da cultura realizamos ações no tempo e espaço, permitindo ações que possibilitam realizar competências e talentos, gerando um produto, seja criação de algo, produção de poesia e outros artefatos.

1.2 Percurso metodológico da pesquisa

Para investigar esse fenômeno, o tratamento metodológico considera as pesquisas históricas, bibliográficas e documentos existentes. Ainda, destacamos a pesquisa qualitativa, pois é descritiva, ou seja, os dados coletados são em forma de palavras, a partir das quais se busca analisar os fatos de forma dedutiva (do geral para o particular), os sujeitos e os significados são importantes. Quanto ao primeiro momento destacamos uma pesquisa bibliográfica que Gil (2000, p.50) destaca sendo “ desenvolvida a partir de material já elaborado, constituídos principalmente de livros e artigos científicos”, que valoriza a formação histórica, cultural e educativa do cordel, em que os livros foram de grande importância, como também utilizamos uma pesquisa documental que é parecida com a bibliográfica. A diferença segundo Gil (2000, p.51) é que a documental “ vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”, ou seja, o estatuto da ACC (em anexo), Lei orgânica do município do Crato (Lei nº 1/1990), em anexo, que enfatiza a valorização da cultura local e a Lei nº 12.198/2010 (em anexo) destaca o reconhecimento da profissão de cordelista.

No âmbito da investigação empírica, realizamos uma pesquisa de campo com a ACC. Esse tipo de pesquisa possibilita conviver com os sujeitos envolvidos, ou seja, os cordelistas que participam desse grupo. As conversas, os relatos orais que tivemos com os

sujeitos da pesquisa contribuíram bastante para o desenvolvimento deste estudo. Pesquisar essa história permite saber um pouco das produções de seus sócios, títulos publicados, além de conhecer o catálogo das capas existentes da ACC. As capas de cordéis foram um dos recursos utilizados na pesquisa, pois percebemos que preservam a xilogravura em suas capas, em que analisaram as capas de Pe. Cicero (personalidade histórica do lugar), por meio da percepção livre, não tendo nenhum questionário voltado para as capas.

É através da memória que entendemos o presente e que buscamos a identificação cultural e histórica de um povo. E também, através da memória desenvolvemos mudanças. Por se tratar de uma pesquisa descritiva exploratória, coletamos oito cordéis a ser apresentado para análise dos mesmos, pois permitiu desenvolver a pesquisa, escolher as técnicas e decidir as questões que podem ser trabalhadas. O presente estudo pode ser considerado uma pesquisa descritiva exploratória, pois existe um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas e as análises das capas de cordel realizadas pelos poetas da ACC. Esse tipo de pesquisa permite que o pesquisador compreenda a realidade investigada e não que este assuma pressuposições.

A pesquisa descritiva exploratória propõe um refinamento dos dados obtidos, em que uma das fases é a entrevista semiestruturada, em que há um roteiro, sendo que ao longo da entrevista podem surgir perguntas pertinentes ao tema. É necessário também o pesquisador ter experiência, pois o mesmo não deve influenciar de modo algum as respostas dos entrevistados. O pesquisador deve “filtrar” as respostas do entrevistado, ou seja, o que é importante e o que não é para os objetivos da pesquisa.

Segundo Gil (2000, p.45) a pesquisa de caráter exploratória tem como objetivo “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. A presente pesquisa é de cunho oral e “convida à escuta dos anônimos, como dito, circunstância que faz da história oral uma escolha quase obrigatória no referido campo de investigação” (MARTINHO RODRIGUES, 2009, p. 34). Esses sujeitos sociais possuem na memória informações valiosas e podem contribuir com o presente estudo.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Ainda com relação à história oral trabalhamos com a mesma, a qual ao longo do tempo vem se destacando dentro das pesquisas das Ciências Sociais, devido à oralidade funcionar como aquisição e transmissão da cultura. Ela é a extração de informações que a

memória possui e passa a ser um transmissor de conhecimento para as próximas gerações. Através da história oral obtemos as narrativas dos sujeitos sociais, ou seja, as diferentes leituras históricas sobre os fatos sociais.

Para Ferreira e Amado (2006) a história oral é algo além do gravador, pois procura fazer com que as entrevistas não desloquem e nem substituam a pesquisa, havendo uma análise histórica. Enquanto, Thompson (1992) conceitua esta história como um meio que pode transformar os conteúdos, podendo alterar o enfoque da própria história, pode derrubar barreiras entre professores e alunos e entre instituições educacionais e até as próprias produções da história em livros.

Neste sentido, Ferreira e Amado (2006) percebe que a pesquisa com fontes orais (entrevistas) possui um valor informativo e simbólico, que passa incorporar elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas. Esse tipo de fonte que trabalha com entrevistas, deseja saber algo sobre a realidade. As entrevistas podem ser: estruturadas ou fechadas, semiestruturadas ou semiabertas, não estruturadas ou abertas. Para a presente pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada, que possui um roteiro de perguntas, porém menos rígido (GIL, 2000). As falas dos entrevistados foram registradas em gravador digital do dispositivo de telefonia móvel, em seguida, transcritas para o relatório de dados da pesquisa de acordo com suas categorias. Consideramos para a elaboração das perguntas as categorias: história, memória, educação, literatura de cordel e imagem, ou seja, perguntas voltadas para criação da ACC, relação do cordel com educação, etc. Para pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: diário de campo, fotografias e gravação das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com os 12 membros da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), que minuciosamente analisaram as capas de cordel coletadas, no intuito de oferecer à pesquisa pontos de vista diferentes. A análise das capas fornecidas pelos cordelistas compôs parte da discussão dos dados da pesquisa. No total existem 24 sócios efetivos da ACC, porém realizamos a pesquisa com 12 sócios, tendo como critérios: seus fundadores (seis), xilógrafos (dois), a cordelista que mais escreveu sobre Padre Cícero (uma), o cordelista que seu pai foi membro deste grupo e cujo atual sócio transitava pela ACC quando criança (um) e os cordelistas mais antigos (dois), depois dos fundadores. Com esses mesmos entrevistados perguntamos como se deu sua história na academia e também como foi a criação desse grupo.

Selecionamos para cada categoria as capas de cordel para ser analisadas por cada cordelista. Das imagens coletadas para análise foram identificadas oito capas de cordel de Padre Cícero produzidas pelos xilógrafos da ACC. Quanto aos critérios da escolha das capas,

resolvemos analisar somente essas capas, pela representatividade desta figura religiosa na cidade e somente as capas produzidas pelos xilógrafos da ACC, pois estamos estudando o grupo que os mesmos fazem parte. Porém, encontramos ao total cento e noventa capas de cordéis de Padre Cícero, disponibilizados pela Coleção Centenário de Juazeiro do Norte, outros cordéis pertencentes a Lira Nordestina², do pesquisador Renato Casimiro, do cordelista Pedro Ernesto e do cordelista Abraão Batista, pois são pessoas que se destacam com um grande acervo destas produções ou colecionam cordéis como o colecionador e professor Renato Casimiro.

Selecionamos os cordéis para utilizar, ou seja, foram escolhidos oito cordéis produzidos pelos dois xilógrafos da ACC, para que em seguida os cordelistas analisaram as imagens em cordel de Padre Cícero. Foram identificados os seguintes cordéis: Padre Cícero e o Homem com o Diabo no Corpo de autoria Josenir Lacerda; O Caldeirão do Beato José Lourenço (2 edições), de autoria de Francisco Edésio Batista; Recados de Padre Cícero e Mosenhor Murilo, de autoria de José Severo Gomes (J. Gomez); Os Patronos das Ruas do Crato, de autoria de Anilda Figueredo; Centenário de Juazeiro do Norte, de autoria de Aldemá de Moraes; I Encontro Internacional de Negócios do Cariri, de autoria de Luciano Carneiro; O Padre Cícero e a Ecologia, de autoria de Willian Brito, com dois cordéis que teve xilogravura dos xilógrafos da ACC; Juazeiro do Norte um século de progresso, de autoria de Josenir Lacerda. Os cordéis escolhidos tiveram como critério que todos foram produzidos pelos cordelistas da academia, como também as capas do Padre Cícero foram feitas pelos xilógrafos desse grupo. Neste sentido,

Para tornar possível a representação temática de uma imagem, é necessário conhecer aspectos relevantes da cultura contextual. Tal atividade envolve diversos detalhes que auxiliam na identificação das características e na seleção de termos para representação e descrição da imagem. Também é indispensável recorrer a explicações pessoais, pois, mesmo utilizando uma metodologia de análise de imagem, ainda há o que analisar sobre a subjetividade da origem das imagens, de modo a agregar conhecimento e descrever os fatos em pesquisa imagética sem deixar de lançar mão da compreensão da imagem, como bem atribui o estudo da historicidade da imagem (SANTAELLA, 2012, 22).

Entendemos que “esse procedimento é uma tentativa de se caminhar na objetivação durante a análise. Para que tenhamos uma categorização (ou classificação), é importante garantirmos que as categorias (ou classes) sejam homogêneas...” (MINAYO, 1993, p. 88). Esse procedimento realmente é uma forma que facilitar a obtenção dos resultados mais precisos sobre o que deseja. Identificarmos que esse tipo de pesquisa

² A primeira tipografia criada em Juazeiro do Norte (CE) de José Bernardo que hoje é patrimônio da Universidade Regional do Cariri-URCA.

contribui para conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, as categorias, os critérios e definir melhor os instrumentos da pesquisa.

Após esta etapa, foram feitas entrevistas com os sujeitos da pesquisa, ou seja, os cordelistas que analisaram as capas de cordel. Em seguida, foi realizada uma leitura e análise das mesmas. É necessário também conhecer esses sujeitos da pesquisa. O presidente atual da ACC, Willian Brito, é agrônomo, fez filosofia, mestre em meio ambiente e trabalha no (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis do Crato (IBAMA), Anilda Figueiredo foi professora da Universidade Regional do Cariri (URCA), tem bacharelado em Direito e aposentada do Banco do Brasil e é cordelista; Josenir Lacerda é aposentada da empresa Telecomunicações do Ceará (Teleceará), artesã e cordelista; Rosário Lustosa foi da Teleceará, pedagoga, assistente social e é cordelista; Luciano Carneiro, foi agricultor, é mestre de cultura popular e cordelista; Sebastiana Job (Bastinha) foi professora da URCA (aposentada) e é cordelista; Aldemar de Moraes, é radialista, funcionário do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e cordelista; Wiliana Brito é professora aposentada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia campus Crato, mestrado em meio ambiente e cordelista; Édesio Batista foi bancário e é cordelista; Regiopídio Lacerda é professor e cordelista; Fátima Correia foi professora (aposentada) e é cordelista; Paulo Ernesto é jornalista e cordelista; Chico Nascimento é dentista e cordelista; Francisca Maria Cardoso de Oliveira (Mana) é professora aposentada e cordelista; Ernane Tavares, trabalha em uma empresa privada e é cordelista; Eugênio Dantas é professor aposentado; Pedro Ernesto é advogado do BNB (Banco do Nordeste do Brasil) e cordelista; Maercio Siqueira é xilógrafo, professor (Mestre em Filosofia) e cordelista; Zé Joel é vigia aposentado e é cordelista; Vicente Nascimento é tipógrafo; Higino é apologista; Carlos Henrique é xilógrafo; Nezite Alencar é professora aposentada e cordelista; Francy Freire, é professora, com mestrado em meio ambiente e cordelista.

Percebemos que os membros da entidade não são só cordelistas, mas exercem outras profissões. A maioria foi ou é professor, possuindo o gosto pela literatura de cordel. A ACC foi criada em 1991 e segundo seu estatuto, seu artigo art. 1º destaca que “[...] é associação cultural e pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, regida pelo presente Estatuto, pelo seu regimento interno e demais dispositivos legais”. No mesmo documento destaca no seu 4º artigo os seguintes objetivos:

- a) desenvolver, pesquisar, promover, documentar e difundir o cordelismo, ou seja, a arte e a ciência do cordel;
- b) preservar a literatura de cordel em sua forma, essência e tradição;
- c) divulgar, através do cordel, a cultura popular centro-nordestina;

- d) congregar os poetas cordelistas do Cariri;
- e) promover intercâmbio com outras instituições congêneres e com pesquisadores do cordelismo, dentro e fora do país.

Identificarmos que esse grupo pretende preservar o cordel em sua total instância, em que a divulgação é o marco do seu trabalho. Promove uma boa relação com os demais pesquisadores, que faz dessa história ser propagada para os ambientes das universidades. Ainda, promove seminário para divulgar o cordel. No ano de 2015, aconteceu o V Seminário do Verso Popular, em que pesquisadores e instituições públicas como Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), participaram das discussões sobre o cordel. O grupo preza pela métrica, constatando bem tradicionais em sua construção dos versos. ACC (2011, p. 3 e p.6) destaca nos seguintes versos de cordel uma descrição desse grupo,

Com doze membros somente
surgiu nossa Academia
juntos num fecundo dia
lançaram boa semente
que brotou suavemente
virando um jardim real
produção especial
de cordéis ela detém
a Academia hoje tem
proteção nacional...

Uma casinha modesta
porém cheia de emoção
as cordas do coração
dão sustentação à festa
a rima se manifesta
dando encanto e melodia
na mais perfeita harmonia
com muita propriedade
tornamos nossa entidade
morada da poesia.

(Literatura de Cordel:
Poetas da Academia, 2011)

A poesia relata a criação da ACC e podemos identificar nos versos das estrofes sua história. A ACC já existe há 25 anos, possui 21 cordelistas e um xilógrafo, um tipógrafo e um apologista. Os achados da pesquisa foram obtidos através dos sujeitos entrevistados. Alberti ainda assegura que:

O ideal, numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado. Essa cumplicidade pressupõe necessariamente que ambos reconheçam suas diferenças e respeitem o outro enquanto portador de uma visão de mundo diferente, dada por sua experiência de vida, sua formação e sua cultura específica. Assim, cabe ao entrevistador, em primeiro lugar e principalmente, respeitar o entrevistado enquanto produtor de significados diferentes dos seus, e de forma nenhuma tentar dissuadi-lo de suas convicções e opiniões, ou ainda tentar

convencê-lo de que está “errado” e de que deveria aderir às posições do entrevistador (ALBERTI, 2005, p. 38).

De fato, quando valorizamos os saberes da experiência de um entrevistado a entrevista se desenvolve melhor, pois ao entrevistar alguém podemos afirmar ou negar nossas hipóteses, por isso é importante ser bem transparente com o entrevistado. A forma como a entrevista é desenvolvida, seja com as palavras, olhar, sua imagem física, tudo isso pode influenciar para que possa conseguir o que se deseja.

Outro instrumento que auxiliou a coleta de dados foi o diário de campo, que serviu para descrever a paisagem do ambiente, os objetos observados, participação dos eventos da cidade, descrever cenas, visão do mundo do observado (religião, valores e elementos culturais), fala dos sujeitos, enfim é outra forma de registro de grande importância para a obtenção dos resultados. Minayo (1993, p.100) acrescenta que “é uma das documentações indispensáveis ao processo de investigação. É um instrumento de registro diário [...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais”

O ambiente real vivenciado no campo é o momento que temos para obter informações mais detalhadas e que muitas vezes não encontramos nos livros, como também é o momento de reformularmos nossas hipóteses, exercitando nossa capacidade de análise para além dos livros.

Por último, foi realizado um estudo das fontes coletadas com intuito de se obter conhecimento de provas para efeito comprobatório da tese, ou se constatar a contribuição da ACC como mais um recurso que auxilia a educação. O intuito foi realizar uma análise das fontes históricas e aprofundar o conhecimento acerca do objeto pesquisado. Já que as

Pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, cartões postais também podem dizer sobre o passado e, particularmente, sobre a educação em outras épocas. Tradicionalmente utilizada como ilustração daquilo que os documentos escritos diziam, a iconografia vem sendo, crescentemente, considerada importante e incorporada aos trabalhos de História da Educação. Uma discussão sobre as exigências impostas à sua utilização nas pesquisas também tem sido feita, destacando-se a especificidade que têm as condições de sua produção em cada época e sociedade (LOPES, 2005, p.84).

Para entender isso, desenvolveremos um estudo com o objetivo de compreender o surgimento da ACC. Chartier (1990, p. 19) destaca que a história cultural “possui a compreensão das formas e dos motivos ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as posições e interesses objetivamente confrontados...”. Neste sentido, percebemos que este grupo durante sua existência veio contribuir para a cultura local; em especial, influenciando a educação das próximas gerações e lutando efetivamente pela propagação do cordel.

CAPÍTULO 2

A LITERATURA DE CORDEL

Figura 3 – Venda de Cordel



Fonte: Carlos Henrique Soares, (2017).

Como parte da tradição Nordestina, o cordel é um patrimônio cultural imaterial no qual, o presente capítulo aborda o conceito do cordel e sua história ao longo do tempo. A literatura de cordel faz parte da história de muitos nordestinos, que diversas vezes passaram a escrever sobre algum acontecimento que surgia e fazia daquele folheto uma forma de expressar seu cotidiano.

Para compreender a origem do cordel se faz necessário transitar por suas narrativas que perpassam várias histórias e que faz esta literatura ser destaque, em especial na região Nordeste. Pensar no cordel é lembrar acontecimentos, fatos, mitos e ritos, que o folheto popular aborda, desde as histórias do surgimento do Brasil até os dias atuais. Além das diferentes temáticas, o cordel faz parte da educação, sendo um material didático para muitas instituições de ensino, que percebem sua importância como ferramenta educativa. Haurélio (2013, p. 149) reforça essa afirmação relatando:

São muitas as iniciativas que, na atualidade, contribuem com a difusão da literatura de cordel. A internet, com blogs e sites, cobre o tema e contribui para levar até outros países artigos, poemas e opiniões a respeito do assunto. Mas o grande fenômeno é a recente produção de livros infanto-juvenis, voltados para um público diverso do original. Além das adoções em escolas, que cada vez mais se voltam para o tema, muitos títulos têm sido adquiridos em programas de governo das três esferas, despertando o interesse de médio e grande porte.

Concordando com o autor sobre essa difusão, lembramos que essa literatura tem características da linguagem regional, em que cada pessoa pode contar suas histórias, podendo ser uma ferramenta de ensino desde a sua concepção. Barbosa (1973, p. 10) observa

Como a ausência da escrita era grande, e como o analfabetismo, ainda maior, os que sabiam ler formavam os círculos que divulgavam essa literatura. Tal como ainda hoje encontramos em nossas feiras cantadores que leem essa literatura, constituindo-se o instrumento de comunicação dos fatos ocorridos, e narrados nesses folhetos.

Com o passar dos anos essa literatura vai se fortalecendo e ganhando diversos espaços no mundo, seja nas feiras, nas escolas, centros culturais, na forma de recitar cordéis, em oficinas de cordéis e interpretar peças teatrais, por meio da poesia popular. A literatura de cordel passa a ser o livro de muitos brasileiros. Em uma época que a educação formal era privilégio de poucos, o cordel através dessa poesia, chega às casas de muitas pessoas. O folhetim para muitos foi meio para aprender as primeiras letras e através dele, passaram a contar “causos” existentes em diferentes lugares do nosso país. Sendo assim, a forma viva de se contar histórias e histórias, sejam reais ou imaginadas, estão na casa de muitos brasileiros. Apesar de ter passado por muitas dificuldades e modificações, permanece como ferramenta de conhecimento para muitas pessoas (HAURÉLIO, 2013).

As histórias são diversificadas e contemplam fatos históricos que envolvem a sociedade, bem como retratam pessoas que deixaram legados artísticos, científicos, econômicos, políticos, ambientais, dentre outros. É possível perceber, portanto, que essas e outras temáticas, despertam nas pessoas um interesse pela leitura das histórias. Esta curiosidade adentrou também nas escolas, em que muitos professores utilizam o cordel como recurso didático em suas aulas (OLIVEIRA, 2001). O cordel foi identificado nas escolas ao se acompanhar alguns cordelistas da ACC, no momento de lançamento de cordéis, oficinas e palestras sobre literatura de cordel, nas unidades escolares.

Com a evolução da tecnologia, foram criados novos meios de comunicação, facilitando a interação entre os indivíduos. Ainda assim, o cordel não deixou de ser produzido e comercializado nas mais diversas formas, como o cordel impresso tradicional, cordel ilustrativo e o formato digital. Os próprios poetas divulgam seus acervos em espaços de venda, como feiras, bancas de revistas, casas dos cordelistas, bibliotecas, espaços culturais, escolas, Organizações Não Governamentais (ONG's) e também pela própria internet, através das redes sociais.

Essa literatura está disseminada em vários lugares, estimulando o surgimento de novos poetas, para que essa arte não desapareça. Até mesmo, a universidade reconheceu o valor cultural da literatura de cordel, como é o caso do poeta Patativa do Assaré, que é prestigiado nacionalmente e internacionalmente, principalmente por suas temáticas de valorização da sua terra natal. Essa arte popular do nordeste brasileiro além de preservada, precisa ser disseminada, pois se trata de uma forma de expressão e identidade de um povo e de sua cultura. Por isso, vamos procurar entender melhor a história e os conceitos da literatura de cordel.

2.1 O que é o cordel?

O cordel faz parte da história de muitas pessoas, em especial das não letradas, pessoas não alfabetizadas, que percebiam nessa literatura uma forma de representar seu pensamento, contar sua história e expressar ideias, através da linguagem oral. Para conhecer melhor essa arte, vamos nos reportar à sua história e o porquê do termo.

Para conceituar o cordel, utilizamos o poema de Eugenio Dantas Medeiros (1999) intitulado “Mas o que é o cordel?”, que define bem em seus versos esse gênero literário:

Peço licença ao leitor
para tentar responder
a todos que me perguntam
sempre querendo saber
a respeito do Cordel
o que ele venha a ser.

Mas o que é o cordel
me pergunta muita gente.
Eu pretendo responder neste Cordel
certamente para que quem ler
entenda que é Cordel finalmente.

O cordel é um folheto
uma barata brochura
que a pessoa na feira
em um cordão dependura
e que no interior
inda tem grande procura

Sua forma literária
envolve muita ficção
mas tem saber popular
de poética tradição
foi forma eficaz de se
fazer comunicação

Destinado para o povo
tem pouco valor venal
grosseira composição
feita em papel jornal
tem o volume pequeno
grande valor cultural.

Os temas são variados
vão do folclore à política,
romances, paixões e mortes
faz elogio e faz crítica
tem estória mentirosa
e tem também a verídica.

Figuras religiosas
e do cangaço também
fala de homem valentes
de quem coragem não tem
canta coisas desta terra
e coisas lá do além.

São histórias Brasileiras
de sertanejos valentes
às vezes são peças cômicas
muitos temas diferentes
também a rapto de moças
são algumas referentes.

Há os cordéis permanentes,
outros de ocasião,
de fatos universais
ou de uma região,
de fome, de paz, de guerra
também de religião.

O pavão misterioso,
história de Juvenal,
teve a morte de Getúlio,
um cordel especial
e os cordéis de peleja
são de agrado geral.

O Nordeste Brasileiro
é tema de cordelista
seja o seco sertão bravo
onde a água não é vista;
o Nordeste que se alegra,
o Nordeste masoquista.

O Nordeste que tem fé,
o Nordeste valentão,
do Santo Padrinho Ciço
e também de Lampião,
do engenho de rapadura,
das festas de apartação.

O nordeste verdejante
ali da beira do rio,
o nordeste onde a miséria
chega a causar arrepio,
mas onde o caboclo forte
demonstra bravura e brio.

Na capa destes folhetos
sempre há ilustração
um desenho que expressa
o teor da narração;
chamamos xilogravura
esta representação.

Alguns Cordéis têm retratos
ou vinhetes simplesmente
mas a partir de 40
nós temos regularmente
desenho em xilogravura
na capa sempre presente.

A xilogravura expressa
anseios e ideias,
a fantasia do povo
de hoje, dos ancestrais
o que o poeta pensa
e escreve em seus anais.

As estrofes do cordel
são sempre metrificadas
geralmente sete sílabas
são as formas mais usadas
embora noutros padrões
também sejam encontradas.

Geralmente são seis versos
com as rimas alternadas
a segunda, a 4ª a 6ª
entre si são as rimadas

se são sete a 5º e 6º
têm as rimas combinadas.

O bom cordelista rima
faz verso metrificado
qualquer pessoa que ler
vê tudo cadenciado;
é muito feio o cordel
escrito de pé quebrado.

O cordel é uma fonte
de costumes, de história,
de valores, de cultura,
de tempos de muita glória,
de tudo que constitui
de nossa gente a memória.

A origem do cordel
na Europa Ocidental
foi no século dezesseis
na Espanha e Portugal.
Surgiu no Brasil depois
do período imperial.

Em Portugal destacamos
Gil Vicente, Baltasar,
Antonio José da Silva
que gostavam e cantar
e de Nicolau da Silva
também devemos falar.

História de João Calais,
os doze pares de França,
a formosa Teodora
inda tenho na lembrança
o capitão Belisário
eu lia quando criança.

No Brasil foi no Nordeste
onde o cordel floresceu
na cidade e no Sertão
sei que muita gente leu
mesmo com rádio e TV
ele ainda não morreu.

João Melquiades Ferreira,
Jose Camelo Resende,
João Martins de Atayde
a gente lê e entende,
Leandro Gomes de Barros
que ser o melhor pretende.

Aliás foi o Leandro
no Nordeste o principal
iniciador do gênero
que nasceu em Portugal.
Também Francisco das Chagas
foi cordelista legal.
A extinção do cordel
quase que aconteceu

no século que se passou
quando o rádio apareceu,
também a televisão
no cordel um baque deu.

Porém a literatura
de cordel de novo cresce
pois, nas universidades
o seu estudo aparece
o interesse por ela
em toda parte acontece.

Se encontramos Cordéis
nas feiras e na calçadas,
também nas bibliotecas
mesmo as mais afamadas
estão ao lado das obras
que são ali pesquisadas.

Até lá da Inglaterra
já pediram ao Cariri
que a nossa Academia
desta terra do pequi
escrevesse alguns cordéis
e enviasse prali.

É bom que nossas escolas
procurem valorizar
a nossa literatura,
a cultura popular,
sendo os nossos cordéis
matéria para estudar.

De algo tenho certeza
suceda o que suceder
televisão, internet
tudo isto vai crescer
porém, o nosso cordel
sei que nunca vai morrer.

Os versos acima definem bem o conceito de cordel, sua origem europeia e a maneira como eram comercializados. Em seus diversos temas, destaca-se o teor das capas, com a técnica da xilogravura a partir da década de 1940, a forma métrica característica do cordel, em que define o folheto como uma fonte de costume, história, valores e cultura. Nessa caminhada cita os nomes de referência do cordel como: Leandro Gomes de Barros (PB), Francisco das Chagas (PB), João Martins de Athayde (PB) e outros que fez brotar e divulgar o cordel para todo o país.

O cordel teve sua origem no século XVI com o Renascimento, através dos cantadores, que depois passaram a escrever poesias. Com a invenção da tipografia, a produção dos livretos passou a ser em larga escala, disseminadas e vendidas nas feiras livres. Nas

tipografias havia sempre um mestre que possuía a palavra final das criações, e da produção participava o grupo familiar.

Para Maxado (1982) havia três lugares que começaram a introduzir a literatura popular: ao sul da França, ao norte da Itália e ao norte da Espanha, Galícia. Esses três lugares concentravam os poetas nômades. Mas foi em Portugal que passou a ser desenvolvida, vendida e propagada nas feiras, tornando-se um meio de acesso à informação para muitas pessoas. No Brasil, essa arte chegou através da Família Real, em Salvador, mas como a capital mudou-se para Rio de Janeiro, foi lá o início da criação de tipografias que passaram a propagar o ofício. Segundo Curran (1973, p. 12) os folhetos intitulados: “‘A Donzela Teodora’, ‘A Imperatriz Porcina’, ‘Roberto do Diabo’, ‘A Princesa Magalona’ e muitos outros dos ‘clássicos’ ficaram entre os primeiros folhetos da Literatura de Cordel no Brasil”.

Com a invenção da imprensa em 1450 na Europa, iniciam-se as primeiras impressões de versos populares. Na cidade de Troyes, em 1483, numerosos folhetos populares passam a ser produzidos. Os livretos, como eram chamados, possuíam a denominação de *Bibliothèque Bleue* (biblioteca azul), reportando as capas de folhetos. O cordel ficou assim denominado porque os “vendedores dos livretos costumavam carregá-los numa caixa diante do peito, prendendo-a com uma corda que passava pela nuca” (LUYTEN, 2007, p. 36), como alguns camelôs de nossos dias. Essa forma de vender os cordéis em corda de barbante era bastante comum no século XV.

Na Inglaterra, a literatura de cordel foi expressiva, sendo comparada com a França, onde houve produções em verso e em prosa, percebida no final do século XIX o seu desaparecimento, que por diversas vezes foi confundida como obras ou novelas de escritores famosos daquele período. Na Holanda, Alemanha e outros países a produção literária de cordéis foi destinada às classes humildes.

Com o passar do tempo a literatura de cordel passou a se concentrar nos lugares que possuíam dialetos como: Limburg (Holanda), Baviera e Renânia (Alemanha), Galícia (Espanha), Normandia (França) e Sicília (Itália). Foram constatados folhetos regionais até a década de 1920, início do século XX. Países como Portugal e Galícia ainda utilizaram publicações dessa literatura, em sua maioria em prosa. Segundo Luyten (2007, p. 38)

Na Península Ibérica que vem o nome literatura de cordel, pois os livretos eram expostos em lugares públicos, pendurados em barbantes. No Brasil, o costume sempre foi expor os folhetos no chão, sobre folhas de jornal ou dentro de uma mala aberta. Isso permitia ao vendedor poder evadir-se rapidamente quando aparecia algum guarda ou fiscal. Mesmo assim, os estudiosos persistiram no nome literatura de cordel, e, hoje, dificilmente alguém a chama por outro nome.

Identificamos essa prática da venda de cordel até hoje nas feiras, onde são expostas diferentes temáticas. Também existe um projeto³ para fomentar a distribuição de cordéis nesses espaços, que proporciona uma maior propagação do cordel para os usuários, que até hoje é conhecido como literatura de cordel.

Houve tentativas de mudanças quanto seu nome, mas os estudiosos foram persistentes em manter a denominação “literatura de cordel”. O cordel foi chamado literatura de Cego em Portugal; na França foi chamada de *Littérature de Colportage*; na Espanha era *Pliegos Suelos*. Desta forma percebemos diferentes nomenclaturas (LUYTEN, 2007).

Podemos destacar que essa literatura popular também está presente em países do continente africano, como a Nigéria, que possui uma vasta literatura popular crioula, apresentada em forma de peças de teatro, como: *Steps for the freedom of Nigeria*, que conta a história dos passos da independência da Nigéria; *The Trial of Hitler*, reporta a história do chefe nazista; *The last days of Lumumba*, que retrata os últimos dias de Lumumba, líder anticolonialista do ex-Congo Belga; *Sylvanus Olympio*, destaca o libertador e presidente assassinado da república do Togo (LUYTEN, 2007).

Esta poesia popular também ganhou espaço no Canadá e nos Estados Unidos, que passaram a unir a prosa e os versos populares, chamados de livretos, denominados *Chap-books*, sendo raros na atualidade. Na América Central, existe uma produção de livretos equivalente a nossa, porém, no México, houve uma maior expressão. Lá os poemas são chamados corridos, e o mais famoso passou a ser o *El fusilamiento* Del general Felipe Àngeles:

Em mil novecientos veinte
señores, tengan presente,
fusilaron em Chihuahua
um general muy valiente.

De artillero comenzó
su carrera militar,
y en poco tiempo llegó
a ser un gran general.

El gobierno comprendió
los males que iba a causar,
y mandó que lo persiguieran
pa' mandarlo a fusilar.

Con veinte hombres que traía
puso cuatro de avanzada,

³ O Serviço Social do Comércio (SESC) do Crato possui um projeto chamado Cordel na Feira, criado desde 2006, acontece sempre na última segunda feira de cada mês, em que acontece lançamentos de cordel, distribuição gratuita de cordel, apresentações de sanfoneiros e humorista para animar o evento.

para ver si no le tendían
una terrible emboscada.

En el cerro de la mora
le toco la mala suerte,
lo tomaron prisioneiro,
lo sentenciaron a muerte.

En reloj marca las horas
se acerca la ejecución,
preparen muy bien sus armas
Y apúntenme al corazón.

Apúntenme al corazón,
no me demuestren tristeza,
a los hombres como yo
no se les dá em la cabeza.

Ya con esta me despido
por las hojas de un granado,
aquí termina el corrido
de un general afamado.

No entanto, alguns estudiosos questionam o surgimento do cordel vindo de Portugal⁴ para o Brasil, como é o caso de Abreu (1999), em cuja tese de doutorado afirma que nossa produção de cordel não possui relação com os cordéis portugueses. Já Pinheiro e Marinho (2001) enfatizam o nome “literatura” devido aos estudiosos, que relataram a existência desses folhetos populares em Portugal e os mesmos eram impressos em um papel de baixo custo, vendido nas feiras e pendurados em barbantes e que até hoje são produzidos com papel de pouca qualidade, conservando as características do passado.

Curran (1973) destaca em seu livro “A Literatura de Cordel”, afirmando que “Do ponto de vista histórico, talvez o aspecto mais importante da Literatura de Cordel seja uma relação com a poesia escrita, já vinda de Portugal” (CURRAN, 1973, p. 25). Maxado (2012) defende que a Literatura de cordel é proveniente da Península Ibérica e que era vendida nos barbantes ou cordões. Já Luyten (2007) defende que a Literatura de Cordel é proveniente da Europa, mais especificamente da Espanha, Itália e França. Para ele, a literatura de cordel brasileira é da Europa. Esta afirmação se encontra vinculada no pensamento também de Ceará (1978, p. 29) que destaca:

Herdamo-la de Portugal, ou melhor, da Península Ibérica, pois sabemos que a literatura semelhante as ‘Folhas Soltas’, portuguesas também circulavam na Espanha com o nome de ‘Pliegos Suelos’ e na França, onde era denominada ‘Littérature de Colportage’. Essa tradição chegou de ao Brasil, de forma oral e

⁴ Segundo Abreu (1999, p. 28) Dos autores da ‘escola de Gil Vicente’, publicaram, sob a forma de literatura de cordel, Baltasar Dias, Afonso Álvares e Ribeiro Chiado. O primeiro deles foi consagrado como um dos mais populares autores do que se chamou literatura de cordel, lido e apreciado ainda no século XX, tendo suas obras reimpressas tanto em Portugal quanto no Brasil. Uma vez que o objeto deste estudo não é a escola vicentina.

escrita, através dos colonizadores portugueses no século XVI e passou a ser difundida por via oral, o mesmo acontecendo com as colônias de língua espanhola na América. O fato de ser escrito em forma de verso, com estrofes, métrica e rimas constantes, além de mais estético, torna o texto mais agradável de se ler, ouvir e cantar. É importante observar aqui, que apesar de ser literatura escrita os folhetos não são senão uma forma gráfica de uma poesia essencialmente oral. As estrofes mais usadas nos folhetos populares (sextilha, septilha, décima) são apenas três dentre os muitos ‘gêneros’ da cantoria popular de viola.

A origem incerta da literatura de cordel no Brasil e, particularmente, na Região Nordeste, não provoca impactos na forma como este gênero literário tem ocupado um amplo espaço nas práticas culturais e populares. Percebemos também que os versos possuem relação com a poesia oral, pois é na fala que o cordel “ganha vida”. É através da fala que ele compõe uma identidade coletiva e a pluralidade cultural. Os folhetos lidos em diversos espaços podem constatar que há um encontro entre o leitor e o poeta.

No passado a leitura dos textos era realizada geralmente de pai para filho, através de jograis, teatros, cantorias, dentre outras formas. Para entender melhor a Literatura de Cordel em Versos, Manuel Diegues Junior (1986) acredita que essa poesia está ligada às histórias tradicionais, narrativas de épocas antigas, que passou a ser conservada e transmitida. Muitas dessas histórias foram transmitidas pela memória individual e coletiva, que se transformou nos primeiros folhetos. Além dessas características, os folhetos possuíam temas do cotidiano e eram confeccionados em folhas de jornais populares. Sua escrita “era em verso e prosa, a literatura popular europeia ensinava cânticos, receitas de comida, remédios, não se perdendo ao romanceiro” (OLIVEIRA, 2001, p. 15).

Quanto ao Nordeste brasileiro os primeiros folhetos chegam através dos colonizadores, nas formas escrita e oral (recitando as poesias e cantorias), mas foi no início do século XIX que se originam os primeiros títulos que conhecemos atualmente. Segundo Maxado (2012, p. 40)

O grande folclorista Câmara Cascudo diz que o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado foi o romance ‘Zezinho e Mariquinha ou a Vigança do Sultão’, do cantador Silvino Pirauá de Lima, em fins do século XIX. A estória tem nítidas influências árabes. Entretanto, Ariano Suassuna dá notícia de um folheto impresso em 1836, o ‘Romance d’A Pedra do Reino’, que circulava pelos sertões. Ele descrevia os fatos daquele local pernambucano. Já Horácio de Almeida, outro folclorista, afirma que foi de Leandro Gomes de Barro os primeiros folhetos impressos, nos fins do século passado.

Também seu surgimento se deve a fatores sociais e culturais, pela organização da sociedade patriarcal, manifestações messiânicas, a figura do cangaço, as secas periódicas, o desequilíbrio econômico e social, lutas de famílias, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma nova forma de expressão cultural produzida pelos cantadores (CEARÁ, 1978, p. 15).

O Brasil naquela época era mais rural do que urbano, em que os senhores de terras dominavam a economia. Era uma vida de sacrifícios e exploração para a maioria da população do país, o acesso à informação e meios de comunicação era escasso, ficando restrito, em geral, aos donos de terras e à alta burguesia. Os livros eram raros, tornando os cantadores importantes instrumentos de comunicação e disseminadores de informação.

É importante ressaltar os múltiplos papéis ocupados pelos cordéis que, durante muito tempo, educaram através das informações nele contidas pessoas do campo e da cidade, anunciando o que acontecia na realidade social da contextura vivida. Eles além de consistirem em agentes comunicantes e informativos das novidades que ocorriam, ou seja, além de serem uma espécie de jornal do povo, também exerceram um importante papel educativo na vida de muitas pessoas que não tiveram acesso à escola, pois o cordel, durante muito tempo, consistiu no único acesso mais rápido às letras para estas pessoas (ARAÚJO, 2012, p. 275).

Segundo Cascudo (1984) foi a partir de 1873 que os folhetos começaram a chegar em Recife-PE, em meio a mudanças socioeconômicas, uma classe média que se modifica, devido os ofícios e oficinas artesanais e o início do Período Industrial. Tempo em que houve a libertação do trabalho escravo, o desenvolvimento da moeda e o crescimento do mercado consumidor de cordel. Foi o momento também do surgimento de vários poetas nordestinos como os paraibanos Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e Francisco das Chagas Batista, e o alagoano Pacífico Pacato Cordeiro Manso. Esses poetas passaram a contribuir com os processos comunicacionais do Brasil, possibilitando o acesso de analfabetos a poesias de cordel, servindo como meio de comunicação para a população. Segundo Costa (2013, p. 3),

Jornal é divertimento, literatura, meio de difusão de conhecimentos, de perpetuação da história e da cultura. É meio de expressão de sentimentos, meio de refletir e pensar a realidade. É, sobretudo, um veículo que permite participar da vida do país, debater a realidade, expressão de necessidades e aspirações do povo.

O cordel passa a ser um meio de comunicação comparado com jornal, que transmite a história e cultura do povo. É uma forma de representação e reflexão crítica sobre a vida política, econômica, cultural e social do país, como também, um instrumento de propagação da fé, das crenças retratadas em personalidades cearenses como Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero e o paraibano Beato José Lourenço.

Estes religiosos influenciaram de uma forma ou de outra a educação. Foi através da figura de padre Cícero que várias escolas foram abertas na cidade de Juazeiro do Norte-CE, inclusive a Escola Normal Rural de Juazeiro, como também orfanatos, como o de Jesus Maria José e com sua herança fez surgir a escola da Ordem dos Salesianos que atualmente é a referência de ensino no município. Nos anos de 1920 foram publicadas edições de cordel nas

oficinas do Jornal “O Rebate” (primeiro jornal de Juazeiro do Norte-CE, criado em 1909). Naquele momento, o Cariri cearense começa sua história na literatura de cordel, que logo depois, se expande para Juazeiro do Norte-CE a tipografia São Francisco de José Bernardes da Silva, chegando a publicar, por dia, doze mil exemplares (CEARÁ, 1978).

A produção de cordel começou a sofrer um declínio entre os anos de 1950 e 1980, no Brasil, correndo o risco inclusive de desaparecer. Luyten (2007, p. 7) destaca que “Entre as décadas de 1960 e meados de 1980 (crise do cordel), houve no Brasil uma das mais altas inflações do mundo, com o conseqüente empobrecimento do povo, que nem sequer tinha recursos para se sustentar, muito menos para adquirir folhetos...”. Só a partir da década de 1970 o cordel ressurgiu com mais força, sendo audiência nos rádios e na televisão. Foi o momento da volta de antigos poetas e o surgimento de outros, aumentando a publicação e tiragem de cordéis. Foi nesse período que “a expressão literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente” (ABREU, 1999, p. 17).

No Brasil, essa literatura, anteriormente como foi mencionada era conhecida como folheto ou romance. A denominação folheto foi utilizada no geral, enquanto romances, como uma estrutura de novela convencional ou ficção. Alguns pesquisadores diferenciam quanto ao número de páginas, sendo entre 8 e 16 para folhetos e 24, 32, 40 e 48 para romances. Mas apesar dessas modificações o cordel em língua galega quer dizer cordão (MAXADO, 2012).

Desta maneira, novos leitores surgiram, a população começou a se alfabetizar, ao mesmo tempo em que houve o aumento no número de poetas e a expansão dos folhetos. Foram introduzidas novas técnicas de impressão (década de setenta), que contribuíram para o desenvolvimento da literatura cordel.

Novas temáticas começaram a surgir gerando curiosidades nos leitores e ampliando a variedade de aspectos abordados sobre a sociedade, pois anteriormente eram escritos cordéis sobre personalidades como: Lampião, Padre Cícero, Getúlio Vargas e histórias da nossa terra. Com tempo os poetas passaram a escrever anedotas, histórias da vida privada de pessoas importantes e personalidades locais, como é o caso de Seu Lunga⁵.

⁵ Em 1927 nascia no Sítio Gravatá, na zona rural de Caririaçu, Joaquim dos Santos Rodrigues. Dezesesseis anos mais tarde, uma vizinha daria o apelido ao homem que se tornaria um dos principais símbolos da cultura popular cearense. Joaquim, passou a ser chamado de Calunga. Tempos depois, o apelido resumiu-se para Lunga. O diminutivo iria contrapor-se com a trajetória de vida no aumentativo que estaria por vir. Disponível em: <<http://plus.diariodonordeste.com.br/lunga-eterno-poeta-cariri/>>. Acesso em: 16 Set 2016.

Assim, o próximo item será importante para compreender esses temas e de que forma, muitas vezes, o poeta os escolhe, produzindo múltiplos significados, que geram curiosidade nos leitores e que desenvolve no poeta um olhar de pesquisador. Todos os temas são valiosos para compreensão dessa literatura.

2.2 Temáticas no cordel

No item anterior destacamos o processo de origem do cordel no Brasil e no Nordeste. Ressaltamos os poetas que mais se destacaram no desenvolvimento da literatura de cordel no Brasil e os principais lugares que passaram a divulgar os folhetos populares.

Para este item valorizamos as temáticas de cordéis mencionadas pelos entrevistados, tendo citado vinte e dois temas, pois quisemos contemplar cordéis de todos os cordelistas da academia. Neste item só não mencionamos versos de Eugênio, pois já havíamos trabalhado em outros itens. Os temas são diversificados em que podemos destacar: “cangaceiros, beatos, monstros, vaqueiros, animais, fadas, príncipes, feras, santos, anjos, automóveis, lutadores, árvores, casas, instrumentos de trabalho, diabos, cantadores, cenas melosas de dramas de circos ou filmes do cinema mexicano” (MAXADO, 1982, p. 48). O mesmo autor adentrou na história dos títulos dos primeiros cordéis existentes no Brasil e destaca que,

O grande folclorista Câmara Cascudo diz que o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado foi o romance ‘Zezinho e Mariquinha ou a Vingança do Sultão’, do cantador Silvino Pirauá de Lima, em fins do século XIX. A estória tem nítidas influências árabes. Entretanto, Ariano Suassuna dá notícia de um folheto impresso em 1836, o ‘Romance d’A Pedra do Reino’, que circulava pelos sertões. Ele descrevia os fatos daquele local pernambucano. Já Horácio de Almeida, outro folclorista, afirma que foi de Leandro Gomes de Barros os primeiros folhetos impressos, nos fins do século passado. O escritor Orígenes Lessa possui em sua coleção, um folheto datado de 1865, impresso na ‘Typografia de F. C. Lemos & Silva- Rua do Imperador, nº 15, em Recife, intitulado ‘Testamento Que Faz um Macaco, especificando suas Gentilezas, Gaiatices, sagacidade etc’. O mesmo, entretanto, não possui nome do autor (MAXADO, 2012, p. 40).

Percebemos que existe uma dificuldade até hoje para identificar os primeiros cordéis existentes no Brasil. Os temas mencionados retratam romance, histórias específicas de um lugar, testamento relatando uma gentileza de um objeto dado por alguém. Outra dificuldade encontrada pelos pesquisadores é a datação, pois muitas vezes não foram inseridas datas nos antigos cordéis, dificultando sua identificação quanto o período histórico em que foram produzidos.

Apesar dessas dificuldades, podemos constatar que existe uma gama de temas existentes em cordel, pois identificamos desde os temas religiosos, pejejas, histórias de determinado lugar, homenagem a pessoas ilustres e outros. Os títulos se modificam e se adequam a cada época, para que possa ser tratado no cotidiano das pessoas. Como também esses temas podem ser trabalhados nas escolas como complemento nas atividades pedagógicas. Os folhetos urbanos tratam de violência, vida do cotidiano, luz dos ‘anônimos’ da história, ecologia, crianças abandonadas, corrupção, homossexuais, preconceitos étnicos e outros. Segundo Pinheiro e Marinho (2001, p. 69)

Entre os principais personagens da história do Brasil, que ocupam as páginas dos folhetos, estão Antônio Conselheiro, Luís Carlos Prestes, Padre Cícero, Antônio Silvino e Lampião, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart, Frei Damião e Tancredo Neves. Os heróis nacionais, assim como os heróis dos romances, têm a sua vida e morte detalhadas e, depois de mortos, recebem julgamento e terminam no céu ou no inferno.

Como um dos temas mais abordados são histórias relacionadas a Lampião, cangaceiro⁶ nordestino que no início do século XX, foi considerado por muitos um herói e por outros, bandido; as diversas histórias relacionadas a ele e ao próprio cangaço abordadas em diversos cordéis, faz com que esse tema seja um dos mais vendidos. No sertão brasileiro, os cavaleiros passam a denominar vaqueiros⁷ ou cangaceiros. Este tipo de tema está classificado como **Cordel de Bravura ou heroicos**, (grifo da autora) esses folhetos podem ser também denominados de **Valentias ou Épicos** (idem). Desta forma, diversos poetas, percebem a importância dessa história, aqui bem divulgada nos seguintes versos de Chico Nascimento, o cordel intitulado: Coincidências entre Jesus Cristo e Lampião (2015, p. 3).

Primeira coincidência
diz respeito às profecias.
Muitas fazem referências
sobre a vinda do Messias.
lá no Velho Testamento,
em um outro momento,
se vê uma citação
feita por algum profeta,

⁶ Segundo Montenegro (1973, p. 185-186) Cangaceiro é aquele que vive no e do cangaço. O lexicógrafo luso Alberto Bessa erra quando empresta a cangaceiro a sinonímia de contrabandista, pois, como diz muito bem Leonardo Mota em O Ceará, de 10-3-1928, um indivíduo pode ser cangaceiro sem ser contrabandista. Na acepção lata, cangaceiro ‘é o salteador, o sequaz de atrabiliário e cruel dono de fazenda, de ignorante e perverso chefe político; o criminoso perseguido pela justiça, muitas vezes vítima de exacerbação de ódios políticos, que vive pelos matos às ocultas, exercendo vinganças, cometendo desatinos, matando inimigos descuidosos nas largas estradas solitárias; ou ainda os criminosos degenerados.

⁷ Vaqueiro é aquele indivíduo que prende com sua mão o rabo do boi até cair no chão nas vaquejadas. Segundo Maxado (2012, p. 94), a vaquejada é uma corrida para ajuntar ou apartar o gado, comumente realizadas com festas. Nelas não se louva somente o boi. Há o vaqueiro e seu cavalo, podendo ser também a donzela, filha do coronel fazendeiro. Se o boi tem uma presença marcante no sertão, não lhe segunda a figura de cavalo ou a luta do vaqueiro e a ação do fazendeiro.

e de forma bem direta,
Antes ‘Anunciação.

Pois bem. Já com Lampião,
o temido cangaceiro,
houve a premonição
de Antônio Conselheiro.
Em algumas pregações,
disse que aqui nos sertões,
ainda ia chegar
um cangaceiro influente,
religiosos e valente,
muitos iam respeitar.

Os poemas de **presepadas ou dos anti-heróis**, (idem) são folhetos de aventuras e cangaceiros que devido à sua força física e armas, vencem brigas e vencem um conflitos pela astúcia, lábia, engano, lambanças, quengos, ardis e disfarces. O vencedor não tem força física, mas tem inteligência. Esse tipo de anti-herói é chamado de ‘amarelinho’, pois não possui uma estrutura física de herói. Podemos destacar alguns folhetos que exploram esse tema:

Proezas de João de Grilo’, de um João Ferreira de Lima, editado por João Martins d’Athayde; o de ‘Vicente, Rei dos Ladrões’, dum Manoel d’ Almeida Filho; um ‘Camões’, de Severino Gonçalves de Oliveira; um ‘Bocage’, de Antônio Teodoro dos Santos; um ‘Zé Bico Doce’, de Paulo Nunes Batista; um ‘João Lezo’, de Leandro Gomes de Barros; um ‘José do Telhado’, de Rodolfo Coelho Cavalcante etc. (MAXADO, 2012, p. 96).

Esses cordéis retratam bem esse tipo de anti-herói, lembrando que não é só na literatura de cordel onde podemos identificá-los, pois o consagrado Mário de Andrade criou seu Macunaíma, um personagem anti-herói (índio) que faz parte de um dos grandes romances modernistas brasileiros. Personagens como este podem ser abordados nas escolas, pois é uma forma de revisitar a figura do índio em nossa sociedade. Para que possamos entender melhor, citamos uns versos do cordel - Lampião: mito e realidade, da cordelista Nezite Alencar.

Na alma do nordestino
vivem os mitos do sertão:
Conselheiro e Padre Cícero
ícones da religião
e o maior na valentia,
Virgulino, o LAMPIÃO...

Foi Virgulino Ferreira
transmutado em LAMPIÃO,
o temível cangaceiro
que comandou o sertão,
sua ordem era uma lei,
ninguém discutia não.

Outros temas de cordel bastante procurados são de **pelejas ou desafios** (grifo da autora), esse tipo de cordel tem sua origem na poesia oral, onde através desta, surgiu a

cantoria nordestina. Essa cantoria pode ser denominada: de repente, desafio, improviso cantado, cantoria de viola, e mais tarde passa a ser chamada de arte poético-musical. Esse tipo de arte faz parte das manifestações artísticas brasileiras, em especial da região Nordeste. Entretanto, podemos encontrar essas cantorias nas músicas de cantores da zona urbana, que é a música de viola para as grandes cidades. Nesse sentido, destacamos o cordel- **Desafio em Cordel** (idem) dos poetas Aldemá de Moraes e Geraldo Ananias (2009, p. 2)

Se não quiser se lascar
prante e joelho no chão
comece logo a rezar
pra Padim Ciço Romão
e arranje logo outro santo
pra lhe dar inspiração.

Para rimar desse jeito
já tenho a inspiração
não vou tomar seu conselho
do céu clamar proteção
não ocupo com besteira
o Padim Ciço Romão.

O próprio forró Pé de Serra já se integrou à cultura urbana, apesar de ser oriundo do interior. O papel da cantoria na cultura popular é bem destacado por Ramalho (2001, p.21) “ uma das formas populares de manifestação artística musical no Brasil, circunscreve-se, principalmente, à zona sertaneja da região”. A conservação dessa arte viva é um esforço de grande parte dos poetas, que percebem nessa tradição a riqueza cultural de um povo, proporcionando a inserção da mesma na sala de aula, o que pode ser identificada nas pesquisas que os alunos de escolas fazem sobre surgimento das cantorias⁸⁸. Podemos registrar a participação de repentistas no Seminário do Verso Popular no ano de 2016 promovido pela ACC.

O cordel **Biográfico** (grifo da autora) destaca a vida de personalidades, seja de músicos, políticos, poetas e outros. Maxado (2012) destaca que o poeta Rodolfo Coelho

⁸⁸ Segundo Ernesto Filho (2013, p. 28 - 29) existem vários tipos de cantorias, ou seja, a “cantoria convencional, que é a mais tradicional, é aquela em que os repentistas são solicitados a fazer suas apresentações para o público da vizinhança de quem os convida, acontecendo geralmente nas residências do campo [...]; A cantoria especial, como o próprio nome diz, é realizada em circunstâncias especiais [...]; A cantoria de compadre é aquela que, independentemente de convite, o cantador anuncia pelo rádio sua passagem por determinada região e pede para alguém daquela localidade organizar uma apresentação; A cantoria de pé de parede é rápida apresentação de uma ou mais dupla, geralmente se revezando, que acontece após a realização de festivais, a pedido e escolha dos apologistas que se fizeram presentes ao evento maior; A cantoria didática tem criação recente, inclusive ainda pouco difundida, talvez por motivo de algumas exigências a mais do que a cantoria na sua normalidade. É aquela em que a plateia é instruída sobre cada gênero a ser apresentado pelos repentistas e tem como finalidade alcançar um público que não convive frequentemente com a arte dos cantadores. Esse tipo de cantoria foi uma iniciativa dos poetas Zé Fernandes, Audeir Júnior e Pedro Ernesto Filho, tudo com apoio da Academia dos Cordelistas do Crato.”

Cavalcante foi uma das pessoas que mais se utilizou desse tipo de tema para divulgar a imagem de alguém, tendo publicado mais de 300 abecês sobre pessoas. Para exemplificar, destacamos o cordel Patativa do Assaré (1909-2009) centenário de vida, de autoria de Bastinha Job (2009, p. 2)

O dia é 5 de março
o ano é 2009
a emoção não disfarço
meu verso a saudade move:
o dia do aniversário,
o ano do centenário
de vida de Patativa
poeta improvisador
cordelista, cantador
na lira da chama viva.

Nascido no Assaré
projetou-se para o mundo
Patativa foi e é
o primeiro, sem segundo
e a maior referência
da poesia consciência
compromisso social
com o sertanejo oprimido
com o nordestino excluído
num sistema desigual.

Existem temas de cordel de **Louvor e homenagens** (idem), destinados a autoridades, classes sociais, de datas comemorativas, lugares, religião, festas, para amigos e/ou entidades filantrópicas. Um poeta que se destacou nesse tipo de tema foi o alagoano Pacífico Pacato Cordeiro Manso. Na Espanha, também houve temas com esses assuntos, chamadas de *aleluyas*. Eram versos destinados a família para louvar. Para este tema elencamos os versos da poetisa Fátima Correia, com cordel intitulado Homenagem à Academia dos Cordelistas do Crato, nos seus 25 anos (2015, p.1)

Ao fazer esta homenagem,
peço a Deus inspiração
pra exaltar a Academia,
com toda convicção,
por ser entidade idônea,
mostrar trabalho e ação.

Elói Teles de Moraes,
o idealizador,
do seu âmago fluiu
desejo avassalador
de fundar a Academia,
com permissão do Senhor.

Além de temas de homenagem existem temas de **propaganda política ou comerciali** (ibidem), esse tipo de cordel geralmente é encomendado por políticos, amigos ou

partidos para propagar valor, qualidades e suas virtudes. Esse tipo de tema, em alguns momentos o autor, para não se comprometer, prefere inserir somente um pseudônimo. O verso a seguir é propaganda, intitulado cordel I Encontro Internacional de Negócios do Cariri, do mestre da cultura popular Luciano Carneiro (2005, p.8),

Venha ao grande evento
de Negócios do Cariri
em junho vai ser aqui
08 a 10 é o momento
Juazeiro está atento
pronto pra lhe receber
venha comprar e vender
e adquirir novos sócios
que no mundo dos negócios
a gente só faz crescer

Vai ser extraordinário
vários países presentes
é o momento da gente
garantir um bom salário
se você é empresário
venha, vai ser importante
aonde o negociante
tanto compra como vende
quem vier não se arrepende
é o SEBRAE que garante!

O tema **promoção pessoal e anonimato** (ibidem) é outro que aparece em alguns cordéis, sendo que esse tipo de tema reporta a poetas que faz promoção pessoal. Na capa existe seu nome em destaque em caixa alta ou negrito e uma fotografia de sua pessoa. Como é o caso dos poetas Marcos Cavalcante de Albuquerque (o Venâncio), Rodolfo Coelho Cavalcante, Teófilo de Azevedo Filho (o Teo), Alípio Bispo dos Santos, José Costa Leite e outros. Todavia, existem os que procuram ficar no anonimato. Porém, sabemos que o poeta é descendente do cantador e uma de suas características é o auto-elogio. Podemos constatar nos versos abaixo exemplo de cordel com esse enfoque, de Zé Joel, cordel intitulado- Zé Joel- Trinta anos de poesias (2013, p. 8).

Quando assim alguém comenta
muito bem me satisfaz;
quando estou declamando
ou cantando em festivais:
- pra quem está começando
já fez foi coisa demais...

Por capricho do destino
estive em televisão,
enfrentando cantadores,
fazendo declamação,
já fiz programa de rádio
comandando a locução.

Outro tema abordado em cordel é o **desenvolvimento**, ou seja, desenvolvimento turístico regional destacando os anseios e história envolvendo o desenvolvimento de uma determinada região, podemos destacar nos seguintes versos de Francly Freire, no cordel intitulado: O trem do Cariri precisa ir ao Assaré (2010, p. 1),

A você cariense
pergunto o que você quer
um desenvolvimento bacana
ou que se ande de ré?
porque há de admitir
que o trem do Cariri
precisa ir a Assaré.

Se ainda não pensou nisso
vou lhe dizer porque é
que essa estrada de ferro
assim como Marmore
deve ir até ali
se afastando do pequi
e indo até Assaré.

Os **maliciosos** ou de “cachorradas”, também conhecidos como “descaração”. Esse tipo de tema não usa palavrões, mas utilizam uma linguagem de duplo sentido, deixando entender uma intenção libidinosa ou erótica da frase. Alguns representantes desse tema são os baianos Erotildes Miranda dos Santos, José Pacheco e Amaro Quaresma dos Santos. Podemos destacar nos versos de Luciano Carneiro, o cordel intitulado: O efeito do Viagra (2007, p. 3),

Vou lhe falar do Viagra
vêi dos Estados Unidos
Viagra que diabo é isso?
eu dixei é um comprimido
foi feito em auto esquema
pra resolver o problema
de seu Lulu seu marido

Só que esse comprimido
não mata fome nem sede
mais pro cabra que se deita
e espanca a muiê na rede
lhe achando feia e magra
se ele tomar um Viagra
se atrepa até nas paredes.

Os temas **cômicos**, de gracejos ou humorísticos é outro tipo de temática bastante abordada, tendo a finalidade de divertir os leitores. Um dos poetas que mais se destacou nesse tipo de tema foi José Pacheco da Rocha. Os folhetos mais conhecidos desse gênero foram: “Os dez mandamentos”, o “Pai Nosso” e o “Credo dos Cachaceiros”, de autoria de José Costa Leite. Para podermos exemplificar esse tema, destacamos os versos do poeta Chico Nascimento, do cordel intitulado: História de um corno (2008, p. 2-3),

Sendo assim, nesse cordel
vou procurar transportar
da memória pro papel
uma história bem vulgar
sem artifício ou adorno
dum cabra que era corno
sem nunca se conformar.

Entonce tu num sabia
qui aquela nossa cumade
a pouco tempo vivia
se inxirindo inté pu pade?
é qui nosso sacerdote
nem ligava pro seus
bote em honra da castidade.

De **profecias ou eras** é outro tipo de tema abordado, pois devido à evangelização católica e a vida do sertanejo, os poetas escrevem folhetos que abordam o Apocalipse, enfatizando ameaças de pragas, com avisos do fim do mundo, os “sinais dos tempos” para os blasfemados, infiéis, ateus e errados se “emendarem” e temerem os castigos que virão. A cordelista Maria do Rosário Lustosa nos versos abaixo destaca bem essas profecias, no cordel intitulado: *Histórias das Profecias do Fim do Mundo* (2011, p. 5),

Padre Cícero este tema
no Juazeiro pregou
e sobre os sinais do fim
do mundo profetizou
conversando com o romeiro
foi assim que ele falou.

Meu amiguinho os sinais
você pode comprovar
filho fica contra pai
sem querer mais respeitar
e nação contra nação
só pensando em guerrear.

Os cordéis de **época** ou de ocasião, referendando um acontecimento de um período da história, noticiam, comentam, satirizam, interpretam, criticam ou opinam fatos acontecidos. Esse tipo de tema é o que menos se aborda na atualidade, devido à propagação do jornal e o crescimento de outros meios de comunicação, também nesse tema são abordadas mortes de governantes ou de personalidades conhecidas. Alguns cordelistas se destacam nessa vertente, como é o caso de José Soares, conhecido como poeta-repórter. Ainda, em Juazeiro do Norte-CE, temos o poeta Abraão Batista que aproveita algum fato do momento para denunciar através dos folhetos algum tipo de problema, como em seu cordel: “A Corrupção no Ceará”, que resultou até inquérito policial, devido alguém se sentir atingido. Na Bahia o poeta José Gomes, fez do cordel “Baião de viola” uma forma de divulgar determinados fatos,

incomodando políticos, comerciantes e poderosos. Temas como esse podem ser encontrados no cordel “Cinquenta anos do Golpe da Ditadura”, do poeta Regiopídio Gonçalves de Lacerda:

Completa 50 anos
do golpe da ditadura
castelo toma o poder
começa nossa tortura
todo o povo a padecer
é difícil de esquecer
dessa grande amargura

Já dizia Patativa
em sua quadra feliz
‘por causa desse Castelo
nunca mais castelo fiz’
era o Brasil do condor
e o povo sentindo a dor
desse momento infeliz.

Outro tema comum é o de **regionalismo**, abordando a cultura de uma região, transmitindo suas crenças, forma de falar, vestuário, comida e outras. Muitos poetas já abordaram esse assunto, mas a poetisa Josenir Lacerda soube nos versos criados no cordel *Linguajar Cearense* (2001), que possui características do Ceará. Cordel este que é utilizado nas escolas no intuito de compreender melhor o linguajar local:

Se alguém é desligado
é chamado de bocó
broco, lerdo e abestado
azuado ou brocoió
arigó e Zé Mané
sonso, atruado, bile
pomba lesa e zuruó.

Artigo novo é zerado
armadilha é arapuca
o doido é abirobado
invencionice é infuca
o matuto é mucureba
qualquer ferida é
pereba mosquito
grande é mutuca.

Os temas **didáticos** ou educativos são formas para ajudar a educação de um povo, pois proporcionam vários ensinamentos, desde ensinar a plantar, prevenção de doenças e acidentes, educação no trânsito, preparação de alimentos e outras formas de ensinamentos. Um dos poetas que se destacou nessa área foi João José da Silva, em seu cordel “A fera invisível ou triste fim de uma trapezista que sofria de pulmão”, neste folhetim trata sobre tema de uma Campanha Contra a Tuberculose e a vacinação. Mas para citar um exemplo de temas

didáticos escolhemos uma poesia da cordelista Francisca Maria Cardoso de Oliveira, conhecida como Mana, do cordel intitulado “O milho na culinária” (2003, p. 1- 2),

Quem ainda não comeu
baião de dois com piqui,
carne de sol e paçoca,
não reside por aqui,
pois esses são pratos típicos
desse nosso Cariri.

Pra fazer canjica boa
você vai utilizar
espigas novas e tenras
e com cuidado cortar
raspando bem o sabugo
pra todo olho tirar.

Podemos citar o tema **saúde** da poetisa Anilda Figueredo, no cordel intitulado “Aleitamento materno e alimentação complementar” (2005, p. 1- 4)

Quando a criança nascer
dê logo peito ao bebê
outro alimento não há.
mesmo que haja não dê,
pois só o leite de peito
faz engordar e crescer...

Aí, depois dos 6 meses
é que você vai pensar,
se ele já mamou muito
agora deve aceitar
um alimento completo
chamado complementar.

O tema **Filosofia** trata de explicar a criação de coisas. Destaca algumas atitudes, condutas, costumes, causa de carestia, inflação, secas, enchentes, pragas e outras catástrofes. Um dos poetas mais citados nessa temática é o pernambucano João Ferreira da Silva. Mas para exemplificar esse tema, citamos alguns versos do folhetim: “ Filosofia e sustentabilidade” (2016, p 3 e 5) de Willian Brito

O que a filosofia
Agrega á realidade?
Ela apresenta a questão da
sustentabilidade; propõe á
ordem do dia uma
neocosmologia com responsabilidade.

A filosofia indaga:
Qual é o nosso limite?
A mídia comprometida
Com os grandes não admite
E há quem pense em resolver
Fazendo o pobre morrer
Na bala ou com dinamite

Tema sobre **criação**, tendo como cordel Criação Racional de Uruçu Verdadeira (2011, p. 6) da poetisa Williana Brito,

O mel deve ser colhido
num local com menos luz
ele vai estar contigo
nos potes, que as urucus,
lacram, então você fura,
e pela pequena abertura
uma seringa introduz...

Por ter mais água, esse mel,
precisa conservação
na geladeira, a granel,
guarde, sem preocupação,
dois anos consecutivos
em nosso estudo efetivo
não houve fermentação.

Nas **abordagens Históricas** o autor descreve um acontecimento muito importante da sua comunidade, região ou país. Manuel d' Almeida Filho se destaca neste ciclo, como também José Aras, que escreveu sobre Canudos. Para exemplificar esse tema destacamos os versos do poeta Maércio Siqueira, em seu cordel intitulado: Breve Histórico da Fundação do Seminário São José do Crato (1999, p. 1- 6).

Peço ao Santo São José
de Maria casto esposo
que ajude meu engenho
e que eu diga bem jeitoso
a história do Seminário
esse nosso santuário,
importante e glorioso...

No dia sete de março
Dom Luiz fez a abertura
do Seminário do Crato
com muito amor e ternura
lutando contra a dureza
vendo em tudo a beleza
da nossa glória futura

Ainda em setenta e cinco
e prédio mudou de rosto
terminaram a parte sul
no começo de agosto.
Logo no ano seguinte
a obra ganhou requinte
com o lado norte composto.

No tema da **santidade**, o autor escreve passagens bíblicas, a vida de Jesus, santos e santas, dentre outros. Francisco Edésio Batista, em seu cordel: Maria Causa de Nossa Alegria (2012, p. 1)

Eu quero neste cordel,
em culto de hiper dulia
dar graças à Mãe do Céu,
à Virgem Santa Maria,
a Rainha dos Apóstolos
causa de Nossa Alegria.

Ela é mãe de Jesus Cristo
que em seu seio se encarnou,
obra do Espírito Santo
que seu ventre fecundou,
pra Jesus se fazer homem
e ser nosso Redentor.

Existem temas de **misticidade** ou religiosos que fazem parte do cotidiano do nordestino, deixando transparecer em alguns folhetos um messianismo ou sebastianismo inconsciente. Podemos citar alguns religiosos que passaram a se destacar nos folhetos como: Frei Herculano, Frei Ibiapina, o monge José Maria, Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Frei Damião e o beato José Lourenço. Para exemplificar esse tema temos o cordel intitulado “O Encontro do meu Pai com o beato José Lourenço” (2016, p. 1- 6), do poeta Ernane Tavares,

Vou usar meu argumento
para narrar este fato
falando sobre o Beato
que juntou fé e talento,
nesse mesmo movimento
que deu iniciativa
num deu iniciativa
dum modo uma alternativa
um meio de produção,
que deu certo no sertão
na forma associativa.

Terra boa, água abundante
trabalho, fé, oração
a marca do Caldeirão
que se tornou importante.
com o Beato pensante
o homem que preparava
dava alta estima e rezava
durante o dia inteiro
e muitos por lá ficava.

A **fraternidade**, ressaltando Deus, bondade, fraternidade e sentimentos humanos, são também bastante utilizados, podendo ser discutidos em sala de aula contribuindo para que os estudantes reflitam sobre princípios e valores que balizam as relações sociais. Um dos cordéis que destaca esse tipo de tema é o folheto “Ser Fraterno é Trazer no Coração a Bondade por Deus Recomendada”, do poeta Pedro Ernesto Filho (2006, p. 1), que retrata bem a fraternidade, explicando didaticamente o valor do respeito, da igualdade, para exercer os deveres, etc.

Meditar e viver em harmonia,
 Estar sempre em defesa de irmão,
 Emprestar seu apoio em oração
 Aos que penam sem ver a luz do dia,
 Amoldar-se aos conselhos de Maria,
 Ler na bíblia a palavra abençoada,
 Ao sentir uma mão pobre estirada
 Ofertar-lhe remédio, roupa e pão
 - Ser fraterno é trazer no coração
 A bondade por Deus recomendada.

Dar apoio às ideias da igreja
 E bom exemplo às pessoas da comuna,
 Transformar sua fé numa coluna
 Em que o mísero se arrime e se proteja,
 Onde quer que um deficiente esteja
 Dê a ele atenção regozijada,
 Ao enfermo que dorme na calçada
 Se puder dê lençol, cama e colchão.
 - Ser fraterno é trazer no coração
 A bondade por Deus recomendada.

A **natureza** é um tema bastante explorado pelos poetas, retratando as florestas, histórias de lugares desmatados, erosões, processos de crescimento das plantas, fauna, flora e aquecimento global. Para ilustrar esse tema destacamos os versos dos poetas: Paulo Ernesto e Paulo de Tarso, no folheto intitulado: “O aquecimento global ta destruindo a natura” (2012, p. 2); cordel este que foi inserido em Concurso Vestibular na Universidade Regional do Cariri (URCA), no ano de 2015.

Paulo Ernesto- Jornalista:

Fiquemos todos alertas
 ao que está acontecendo.
 Nosso planeta morrendo
 sangrando em veias abertas.
 Nossas chances são incertas
 talvez, já não haja cura.
 A realidade é dura
 e pode até ser fatal.
 O aquecimento global
 tá destruindo a Natura.

Paulo de Tarso

É verdade companheiro
 é mesmo pra lamentar
 o homem vive a queimar
 nosso pau d’arco e pinheiro,
 destrói também juazeiro
 numa terrível loucura
 seja aqui ou Singapura
 somos o mesmo animal.
 O aquecimento global
 tá destruindo a Natura.

Os temas acima podem ser trabalhados nas escolas; em projetos interdisciplinares como cordéis biográficos, nos quais citamos o cordel sobre Patativa do Assaré, em que ao trabalhar com esse cordel os alunos iriam conhecer a vida de um dos maiores poetas populares dos últimos tempos. Ao trabalhar o cordel histórico sobre Seminário São José, os alunos iriam conhecer a origem desse seminário que formou vários padres na região do Cariri. O cordel sobre Aleitamento materno aborda com as crianças a importância do leite materno na vida de um bebê. No cordel sobre aquecimento global, poderíamos pedir para os alunos ilustrarem cada estrofe; sendo que em *Desafios em Cordel*, podemos abordar um dos estilos que existe.

Podemos perceber diante das estrofes, que existem mitos e ritos que fazem parte dos versos de cordel. Pensar e analisar esse gênero literário é adentrar em diferentes histórias e temas, que estimulam a reflexão sobre as diversas situações pelas quais passam a população. Os temas mais tradicionais que se apresentam em cordéis são oito. Mas ao falar de tradição Hobsbawm (2015, p. 8) “[...] refere-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. Nessas histórias podemos perceber que os mitos e os ritos estão presentes nos folhetos populares e é o que vamos discutir no próximo item.

2.3 Mitos, ritos e tradição no cordel

No item anterior apresentamos alguns temas abordados no cordel e percebemos que em sua produção, as histórias que envolvem mitos são utilizadas pelos poetas para estimularem o imaginário da população com narrativas fantásticas, como é o caso do cordel “Pavão Misterioso” de José Camelo de Melo Resende. Para entender melhor o conceito de mito, Eliade (1994, p. 22) explica que:

[...] o mito se refere sempre a uma ‘criação’, contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos [...] conhecendo o mito, conhece-se a ‘origem’ das coisas, chegando-se conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento ‘exterior’, ‘abstrato’, mas de um conhecimento que é ‘vivido’ ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação [...] ‘vive-se’ o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados. ‘Viver’ os mitos implicam, pois, uma experiência verdadeiramente ‘religiosa’, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana [...] os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.

Friedrich Schelling (1998) na obra “Introdução Filosófica da Mitologia” coloca que os mitos deveriam ser estudados pelos seus significados internos e não externos como

fazem os alegóricos. Esta obra tornou-se referência para a corrente simbolista, propondo estudar o homem mítico que, segundo ele, possui categoria de pensamento próprio, diferente do pensamento racional.

Outras duas correntes surgiram para análise dos mitos: a funcionalista, que propunha relacioná-lo sempre ao rito ou vice-versa, existindo duas subdivisões de análise em que o rito é posterior ao mito, enquanto a outra é o contrário, ou seja, o mito que é posterior ao rito. Como principais representantes desta corrente destacam-se Francis Cornford, James Frazer e Eric Havelock. Por último temos a corrente Estruturalista, criada no século XX, por Claude Lévi- Strauss, que buscava convergir o pensamento mítico e o racional.

Compreender a função dos mitos nas sociedades tradicionais faz com que entendamos melhor uma categoria dos nossos contemporâneos. Isso não será diferente nos estudos sobre cordel, especificamente as imagens de Padre Cícero, que foram selecionadas para análise desse estudo, é uma forma de entender um pouco desse mundo cheio de fantasias e emoções. O pesquisador Eliade (1994, p. 11) conceitua mito como “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Dessa forma as imagens das capas de Padre Cícero foram analisadas pela Academia dos Cordelistas do Crato, sendo uma forma de ir além do imaginário e revisitar esse personagem histórico, através de suas imagens.

As imagens poderão revelar histórias que podemos nos deparar com o sagrado, sobrenatural e histórias criadas, com conteúdo profano, que se caracterizam por histórias populares. Estas histórias podem ser exploradas nas escolas como conteúdo, pois são maneiras dos alunos conhecerem alguns fatos. Porém, ambas apresentam histórias, que remetem a períodos históricos de uma comunidade, região, cidade ou país.

Os mitos podem abordar a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, como também, de todos os acontecimentos. O mito se torna de grande importância, pois “ensina histórias primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir” (ELIADE, 1994, p. 16). Ao fazer uma relação com os cordelistas, percebemos que eles revisitam diversas histórias, abordando mitos que eles consideram importantes serem lembrados e transmitidos por gerações, como um modo de preservar a cultura local e a tradição. É o caso das histórias contadas sobre Seu Lunga, um comerciante que morou em Juazeiro do Norte e se destacou pelo seu modo descortês de reagir a perguntas direcionadas a ele. Carvalho (2006, p. 80) diz que Seu Lunga,

[...] se transformou em ícone de uma atitude: o de quem não suporta perguntas mal formuladas e se exaspera por meio de respostas desconcertantes. A formação de uma onda Lunga, quase imperceptível, no começo, passou a envolver a cidade, a literatura de folhetos e meios de comunicação.

Os cordéis referentes a essa personalidade histórica do Ceará tornaram-no um mito que ainda habita o imaginário nordestino. Vejamos o cordel intitulado “Seu André, o professor de Seu Lunga”, de autoria de Serra Azul (2008).

Falo de um homem baixinho
Bem grosseiro e carrancudo
Que tinha a barriga grande
E um semblante sisudo
Tinha a cabeça careca
E o corpo cabeludo...

Certa vez uma mulher
Na tal bodega adentrou
Na intenção de comprar peixe
Numa cavala pegou
E olhando pro seu André
Ela assim lhe perguntou:

Seu André, o senhor sabe
Se esta cavala é novinha?
Ele sem pestanejar
Disse de forma mesquinha:
Novinha é a filha dela
Aquele pequenininha

Já Rosendo era um freguês
Muito alegre e brincalhão
Quando entrava na bodega
Era aquela animação
Metia a mão no tonel
Do arroz e do feijão...

Seu André foi lhe atender
Nisso perguntou Rosendo:
Como é que está o arroz?
E seu André respondendo
Lhe disse: - O arroz ta cru,
Seu moço, não está vendo?

É possível perceber que o mito faz parte da civilização. O conhecimento sobre ele faz com que se revelem atos rituais e morais. Tavares Júnior (1980, p. 14) faz uma relação do mito com o cordel, afirmando

As narrativas de Cordel, exprimindo um mundo de características primitivas, de fortes raízes religiosas, de crença inabalável no sagrado, de fé em um tempo prodigioso, de certeza na existência de seres sobrenaturais, são, de fato, histórias míticas, que ‘satisfazem a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social e mesmo a exigências práticas’.

Para Lévi-Strauss (2010) mitos são narrativas que podem representar figuras humanas, abstratas, modelos de comportamentos ou conceitos humanos, confirmando mais uma vez que os mitos se ligam aos ritos. Cassirer (2009, p.18) complementa a definição de mito como

[...] algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência lingüística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação lingüística é essencialmente ambígua e, nesta ambigüidade, nesta 'paronímia' das palavras, está a fonte primeira de todos os mitos.

Neste sentido, Marques (2014, p. 21) faz menção às pesquisas de Peirano (2002) que destaca um quadro para entender os ritos:

3.I) Para Lévi-Strauss o mito e o rito marcariam uma antinomia do viver e do pensar, em que o rito possuía uma afinidade com a estrutura da língua. II) Enquanto Turner se opõe ao pensamento do autor anterior, definindo rito como explicação de contendas a estrutura social, em que seria caminhos virtuosos para chegar a estrutura da sociedade. III) Para Bronislaw Malinowski mitos e ritos seriam interligados, que ambos deveriam interligar a uma ação. IV) Edmund Leach faz menção de dois tipos de comportamento ritual, a) o comunicativo, que seria um sistema para transmitir informações, através de um código cultural, exemplo o aperto de mão; b) o mágico, que seria as convenções culturais, tendo como exemplo um juramento. Percebemos que a autora Peirano avançou em suas pesquisas em distinguir os ritos verbais de não verbais, como já foi citado o aperto de mão e o juramento. Leach aproximou os mitos e ritos, já Tambiah, destaca atributos a ação ou a fala, no sentido de comunicar, fazer, modificar ou transformar.

Gennep (2011) cita os ritos como nova etapa de vida do ser humano, em que menciona os rituais apresentados por uma sociedade, seja o ritual de funeral, cerimônia de casamento, apresentação do desfile de 7 de Setembro, dentre outros, que para o autor podem ser definidos como rituais.

Com base no que foi citado, consideramos neste estudo o rito como uma organização de palavras, gestos e atos; os ritos são espaços onde se expressam valores coletivos; podem caracterizar determinados grupos sociais, seja no cotidiano como também na transição das novas etapas de vida; contribuem para que os mitos estejam vivos, constatando assim, que os mitos e ritos estão ligados a uma tradição. Podemos identificar esta ligação nos rituais religiosos, em que as cerimônias são elaboradas e reelaboradas pelas tradições, pois celebram momentos importantes na vida de alguém, seja o nascimento, casamento ou morte. Também identificamos rituais destinados à celebração dos acontecimentos ligados à história das tradições religiosas, que são as datas comemorativas ou feriados religiosos.

Para Silva (2009), Tradição é um termo que cresceu com o tempo e que seria um produto do passado que permanece aceito no presente ou são conjuntos de práticas e valores

que estão inseridos nos costumes de uma determinada sociedade. Hobsbawm (2015, p.8) se refere à tradição como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição...”. O autor analisa esse conceito como algo que possui normas e que são aceitas, em que podemos destacar o cordel como uma forma de reprodução da tradição brasileira, em que folheto popular ganha no século XX um *status* de tradição, pois como cita o presente autor, a tradição possui a característica da invariabilidade. Por essa característica inerente à tradição que o cordel representa, ele sofreu uma desvalorização no final da década de 1950 e na década de 1960, devido à inserção nos domicílios, através do rádio e da televisão que passaram ser os principais meios de comunicação.

Apesar da expansão dos meios de comunicação, a literatura de cordel permanece em evidência, sobretudo, nas práticas culturais do Nordeste brasileiro. Ele está em processo de reconhecimento como patrimônio cultural imaterial, pois é um ofício com elementos simbólicos que possuem formas, imagens e sons; e por isso diversas instituições culturais lutam por esse reconhecimento, principalmente por considerarem o cordel um elemento fundamental da cultura e identidade populares.

Pensar os mitos e ritos no cordel, portanto, é revisitar histórias que já foram contadas por muitos e que através do conhecimento dos poetas populares, ganham novos sentidos e significados. Neste sentido podemos destacar o cordel “A estória de um Lobisomem”, de Eugenio Dantas (1993), que retrata bem o mito do Lobisomem, contando a história da transformação de um homem ou mulher em ser fantástico, meio animal, meio humano:

Lobisomem vocês sabem
é gente que vira bicho
quem nasce com esta sina
por destino ou por capricho
se transforma em animal
de espora e de rabicho.

Quem quiser ser lobisomem
seja homem ou mulher
primeiro tem de escolher
qual é o bicho que quer
ser pra poder transformar-se
na hora em que bem quiser.

Pode ser burro, cachorro,
jumento, porco, carneiro.
Procura do animal
onde fica o espejeiro
para nele se deitar
e rolar de corpo inteiro.

O autor retrata bem esse mito que está presente em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, de maneira diferente da tradicionalmente difundida, trazendo uma nova perspectiva da história propagada. O lobisomem faz parte da nossa cultura, como também de tantas, que se reporta da literatura oral para explicar através de histórias de assombração um mito, transmitindo assim ficção e realidade. O lobisomem como outras lendas, habitam os cordéis, tanto na forma tradicional, como numa nova abordagem, inserindo humor e ironia. O cordel acaba por ser um instrumento que contribui para a quebra de paradigmas e para releituras de mitos e ritos, mantendo a tradição da técnica, da cultura popular e da forma. Neste sentido, estas lendas são revisitadas ao serem trabalhadas nas escolas, pois é uma forma de reconhecê-las como algo que faz parte da tradição de um povo, em que na pesquisa identificamos alguns cordéis da ACC que aborda lendas como: “A lenda dos diamantes” de Josenir Lacerda (2018), o cordel “A Lenda da Pedra Branca” de Chico Nascimento (2012), cordel: “A pedra do reino de São José de Belmonte” de Rosário Lustosa (2005) e outros.

Foi assim que a poetisa Nezite Alencar, trouxe em seu cordel “A Botija de Jararaca (2015)” onde mais uma vez apresenta-se uma história atrativa para muitos

Cave aqui neste lugar,
disse grave, o cangaceiro,
vai encontrar logo raso
vinte e dois contos em dinheiro,
num punhal, duas alianças,
são de ouro verdadeiro.

E Chico, mais que ligeiro
fez o que foi-lhe indicado,
achou dinheiro e punhal
que ali foi enterrado,
num saco sujo de terra
feito de pano encarnado.

Ainda muito espantado,
procurou agradecer,
porém não viu mais ninguém
e então pode entender
que uma alma penada
ele acabara de ver.

Outro cordel da mesma autora intitulado “O homem que enganou o diabo” (ALENCAR, 2016, p. 8), relata história de uma pessoa do interior que desejava ser rico e no meio daquele ambiente desgastado pela seca se depara com um sujeito que faz um trato, em que ao nascer o filho; esse seria levado por ele. Essa história é retratada nas seguintes estrofes

Mais um ano se passou,
Se esperava outro herdeiro,
Nasce uma linda menina

Na casa do fazendeiro
E aquele homem montado,
De cavalo esporeado
Estava lá no terreiro!

Eliseu muito lampeiro
Saiu para receber,
O cavaleiro apressado,
Sem do cavalo descer,
Lhe disse todo azuado:
Vim buscar o combinado
Porque fiz por merecer!

Pois se o senhor quer saber
Errado de novo deu,
Não posso cumprir o trato,
Foi menina que nasceu;
Fiquei de dar um menino!
Praguejando em desatino
O “homem” retrocedeu.

Assim deixou Eliseu
O Demo desapontado,
Inda hoje o seu herdeiro
Tem fama de abastado
E ele agora no céu,
Ainda ganhou troféu
Por ter ao diabo enganado!

Goody (2012, p. 15) destaca que “o mito é muito diferente, pois ele tem em geral um papel fortemente religioso e até explicativo, e não é recitado em forma bruta ao redor de uma fogueira ao ar livre, e sim para adultos e em um contexto ritual especial”. Nesse sentido, podemos interpretar os mitos no contexto do cordel de diversas formas, ou seja, os mitos existem nesse tipo de literatura, pois as histórias repassadas pelos mais velhos são narradas para as demais pessoas que passam a construir a história, através da oralidade de um povo. O mesmo autor explica o mito como

Contos nos quais já não podemos acreditar, que já não são mais aceitos como estando em harmonia com uma visão contemporânea, especialmente em referência à imortalidade dos deuses... os mitos também são considerados como típicos de culturas orais e um gênero que, como muitos outros, é transformado pelo surgimento da escrita. No entanto, os contos populares, direcionados em grande parte às crianças, também persistem nos jardins de infância de culturas letradas (GOODOY, 2012, p. 16 e 43).

Mais uma vez o autor reforça o conceito de mito relacionando com os deuses, fazendo referência à religiosidade. Os mitos são contados por muitas pessoas que percebem uma história, seja ela verdade ou não, fazendo parte do cotidiano de uma sociedade. Contar histórias sobre diversos pontos de vista e por meio do gênero literário é uma forma de produzir significados e perceber como estão presentes em nosso cotidiano. No cordel intitulado “Beata Maria de Araújo” (Eu não estou aqui. Aliás, eu estou aqui) da poetisa

Rosário Lustosa (2014, p.4), é retratada uma personagem cearense que faz parte da história de Padre Cícero, ou seja; a beata recebeu a hóstia em sua boca, assim a poetisa escreve

Falando agora em Maria
foi triste o destino seu
nos inquéritos que houve
com tudo muito sofreu
levou uma vida penada
depois do que aconteceu

Lá na cidade do Crato
Maria foi torturada
na casa de Caridade
ela foi enclausurada
proibida de sair
era muito vigiada

Esse cordel é mais uma produção que pertence à literatura popular e que representa um mito no imaginário do povo. Essa personagem faz parte das histórias do sertão cearense, que através do patriarca do Cariri, fez surgir uma história cheia de mistério. História essa contada em diversos espaços, em que percebemos a presença da literatura de cordel. A escola possui uma relação com os cordéis, na medida em que esses temas são discutidos em sala de aula. Pois através deste recurso as crianças podem interagir com temas do cotidiano, conhecer essa literatura popular e propagar os cordéis, podendo produzir seus próprios cordéis. Esta produção pode ser realizada na própria escola, por meio de oficinas de cordel nas instituições escolares, em que os educandos iriam conhecer a história do cordel, os estilos, como se faz, e o melhor, com a presença de um cordelista dentro da sala de aula.

Com isto, foram surgindo novos poetas e grupos de cordelistas que passaram a disseminar suas produções. Desta forma, podemos identificar o poeta Maércio, que teve contato na universidade com a Literatura de Cordel e passou a ser mais um dos simpatizantes desta poesia, tornando um cordelista. No entanto, o cordel vai sendo disseminado na área da educação, possibilitando aos alunos conhecerem e se inspirarem. Quem sabe um dia, tornarem-se poetas.

A ação educativa do cordel se expressa através de sua ação cultural, o que propicia a produção de conhecimento. A educação e a cultura se constituem, portanto, elementos fundantes e essenciais para o entendimento da sociedade, e o cordel participa disto através da ação educativa que exerce na interpretação que faz do cotidiano (ARAUJO, 2012, p. 274-275).

O cordel passa a ser mais uma ferramenta didática no ensino e aprendizagem de diversas crianças brasileiras, pois esse imbrincamento entre a cultura e educação possibilita os alunos a ter acesso a essa arte. Existem locais que existe uma concentração maior de

cordelistas que desenvolve projetos nas escolas para que o cordel seja conhecido, como projetos que aborde a cultura popular. Na região do Cariri, concentra-se um número relevante de cordelistas que disseminam o cordel nas escolas, por meio de oficinas, palestras e peças de teatro. Esse é o caso da ACC que participa de eventos em instituições escolares propagando a literatura de cordel.

CAPÍTULO 3
HISTÓRIA DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO

Figura 4 – Simbolo da ACC



Fonte: Academia dos Cordelistas do Crato- ACC

No capítulo anterior foi explicado o que é cordel; seus temas, mitos, ritos e tradição. As informações possibilitaram adentrar em um universo particular de um grupo de poetas, que desejava fortalecer o cordel cria uma das entidades mais expressivas da literatura popular do nosso país, contribuindo para sua preservação, produção e disseminação.

O grupo ao qual fazemos referência e que consiste no nosso objeto de estudo é a Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), entidade criada em 1º de janeiro de 1991, no município do Crato, estado do Ceará. Esta cidade fica localizada no Sul do estado cearense, pertencendo à região do Cariri, a 600 km da capital. Lugar onde possui uma grande produção de cordel, como também a presença de xilógrafos, profissionais que se dedicam a arte de desenhar na madeira.

A região do Cariri se destaca por este ofício, utilizando-se de maquinário bastante antigo, mantendo a tradição do cordel nordestino. Abordar o cordel é caminhar em uma literatura que chama atenção para um público que passa a valorizar o que um dia era bastante privilegiado, em especial, no campo. Era comum à época, encontrar cantadores de violas que se reuniam nas casas para produzir seus versos.

O presente capítulo discorre sobre a origem da ACC, de seus poetas, dos temas que publicaram, das capas de cordéis, da formação dos cordelistas e também do cordel nas escolas. Essa trajetória histórica é essencial para revisitar um caminho percorrido pelos sujeitos da pesquisa, cujas práticas culturais representam a construção da identidade literária de um povo.

O cordel, além de estar presente nas feiras, bancas de revistas, sebos e outros espaços, também é encontrado em instituições escolares, as quais integram na educação, esta literatura popular como facilitadora da aprendizagem dos alunos. Isto foi identificado na feira do Crato nas bancas de revistas, em diversos sebos do município e em escolas, como na biblioteca do SESC- Crato e Juazeiro do Norte. A escola como sabemos possui uma função social, devendo ser unitária⁹, democrática e gratuita (LIBÂNEO, 1994, p.37). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, n ° 9394/96) reforça essa afirmação em seu artigo III, inciso VIII – “gestão democrática do ensino público na forma da lei e da legislação dos sistemas de ensino e no artigo IV, destaca I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade.

⁹ É unitária porque deve garantir uma base comum de conhecimentos expressos num plano de estudos básicos de âmbito nacional, garantindo um padrão de qualidade do ensino para toda a população. Com base num plano nacional de educação escolar, cabe aos estados a coordenação das atividades de ensino, com a cooperação dos municípios (LIBÂNEO, 1994, p. 37)

Neste sentido, a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa, buscaremos compreender o cordel. O cordel chega paulatinamente e conquista um público de curiosos, pesquisadores, jovens, idosos, alunos, professores, assumindo um papel significativo na produção e fomento da cultura local.

A literatura de cordel ainda é algo a ser explorado por pesquisadores, pois se trata de uma linguagem bastante peculiar e de uma expressão cultural bem característica de um povo, o qual encontrou nesse gênero um instrumento de manifestação do seu pensamento.

3.1 Origem da Academia dos Cordelistas do Crato

Figura 5 – Fachada da sede da Academia dos Cordelistas do Crato.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Conforme abordamos anteriormente, a literatura de cordel passou por fases difíceis, que ameaçavam levar à sua decadência. Na tentativa de proporcionar mais expressividade e fortalecer essa prática cultural, no final da década de 1980, o poeta Elói Teles criou um grupo para propagar, preservar e disseminar os folhetos populares no município do Crato-CE. Para conhecer melhor “Seu Elói” como era chamado carinhosamente, entrevistamos a cordelista Josenir Lacerda em Crato que mencionou

Um folclorista, cordelista, uma pessoa muito focado na cultura popular, ele tinha um amor muito grande e fazia acontecer realmente com os grupos folclóricos, ele fazia parte do clube dos amigos do folclore, Instituto Cultural do Cariri e era muito atuante e muito preocupado com essa cultura. Tinha um programa “Coisas do meu sertão” onde ele divulgava os poetas, não só os do Cariri... não só os do Crato[...] mas os grandes poetas populares, como: Catulo da Paixão Cearense, Pompilo Diniz, Alberto Porfirio, Zé da Luz, Zé Laurentino. Pessoas daqui que mandavam contribuições para o programa dele, tanto de poesia como cordel e tudo e ele como

era muito estudioso, muito dedicado, ele percebeu como muita gente percebeu que o cordel tava esmorecido né? Na década de 80 foi realmente assim chegou muita gente chegou a dizer que o cordel ia se acabar nesse período e não ia ter mais interesse, ninguém tava mais produzindo, ninguém tinha mais gosto de produzir, ninguém lia mais cordel nem nada e ele ficou preocupado aí ele imaginou uma associação de cordelistas né? Uma entidade que reunisse os cordelistas e que cuidasse do cordel pra que ele não morresse, não desaparecesse, pelo contrário, ressurgisse com força e tudo foi quando ele pensou essa entidade e convidou os poetas cordelistas que ele conhecia, alguns nem tinham editado cordéis ainda, mas que escreviam poesias e mandava pro programa dele, e era poesia na linha do cordel, na linguagem, no estilo do cordel, então ele viu, ele tinha uma visão muito apurada sobre isso uma experiência muito grande e ele viu nesse poetas a possibilidade de reuni-los e formar uma entidade, aí convidou 12 poetas, entre os 12 tinha duas mulheres, Bastinha e Josenir.¹⁰

Na fala da poetisa é nítido o interesse que Elói Teles tinha pelo cordel, o que culminou na criação da ACC. Após perceber a fragilidade que o cordel passava e essa crise do cordel já era algo que havia acontecido em décadas anteriores, conforme anunciou Ceará (1978), o cordel passou por uma crise iniciada por volta de 1958 até início de 1970. A causa dessa crise deve-se ao aparecimento do rádio e da televisão; dificuldade no comércio devido uma inflação desencadeada pelo plano nacional e também pela introdução da cultura estrangeira. Hoje possui um espaço doado pela prefeitura e que há uma área de aproximadamente 1000m². Possui também uma área descoberta e duas salas, uma para reunião e outra para impressão dos cordéis/fazer xilogravuras e um banheiro.

Figura 6 – Estrutura interna da ACC.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017)

¹⁰ LACERDA, Josenir Alves de. A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no apêndice deste trabalho

Foi no ano de 1991 que doze poetas se reuniram para efetivar a fundação da ACC (1991, p. 1). Na ocasião, a ata descreve a seguinte ação:

Em 1 de janeiro de 1991, as 16 horas da data acima, o presidente José Esmeraldo da Silva, abriu os trabalhos pedindo à acadêmica Josenir Lacerda, que deveria este assumindo a presidência explicasse os motivos da permuta do mesmo. Esta qualificou plenamente o que foi aceito pelos presentes. Como primeiro assunto, tratou-se da definição do nome dessa entidade que até então e provisoriamente estava cogitado como Grupo de Cordelistas do Crato. Depois de muitos debates, opiniões e sugestões ficou definido ser Academia dos Cordelistas do Crato. Na hora foram aprovados os estatutos e os doze componentes, se submeteram ao sorteio para se saber em quem em qual mês vai ter publicado o seu cordel [...].

Diante do documento percebemos na primeira reunião da academia a preocupação em definir um nome para o grupo. Era fundamental naquele momento, que o nome refletisse a importância e a magnitude do produto cultural em pauta. Precisava-se, igualmente, delimitar uma periodicidade para as publicações dos cordéis, ou seja, cada mês um poeta publicaria um cordel. Em entrevista, o cordelista Willian Brito conta que “[...] os 12 cordéis saíram, isso aqui é importante [...] em 1991 nós lançamos 12 cordéis. É [...] inclusive Cícero Jorge, Tancredo, depois saíram da academia lançaram em 1991.”¹¹

Figura 7 – Academia dos Cordelistas do Crato - ACC



Fonte: ACC

Segundo o poeta Willian Brito¹²

Elói não gostava muito de protocolo, de burocracia, ele detestava isso né? Então ele era muito democrata, ele foi preso político durante a ditadura, ele era um cara realmente democrata e aí qual era a ideia dele? a ideia era que a cada mês um assumisse a presidência seria muito bom se desse certo se a pessoa realmente assumisse e tal só que rodou o ano todinho e ninguém assumiu a presidência.

¹¹ BRITO, Francisco Willian, entrevista realizada na cidade do Crato-CE.

¹² BRITO, Francisco Willian, entrevista realizada na cidade do Crato-CE.

Percebe-se que Elói Teles era uma pessoa sensata, até porque foi engajado na política, fazendo da ACC um espaço de expressão cultural e democrático. Houve a preocupação em criar uma logomarca. De acordo com a ata do dia 26 de janeiro de 1991, o poeta Elói Teles mencionou na reunião a criação da logomarca. Mas a ideia foi colocada em prática pelo poeta Willian Brito que a executou afirmando,

A gente não tinha também uma identificação, dizia: olha vamos criar né? Ai bolei dois modelos, o mapa do Crato, que é Academia dos Cordelistas do Crato, meti um pequi, que é pra representar o nativo, a cana de açúcar que foi o colonizador né? o nativo e o colonizador, o espaço né? O território bom pra um geógrafo. O símbolo então, o que seria? Não faz sentido pensar em alguma coisa que não seja a viola dando a proximidade do cordel com a cantoria né? eu fiquei numa dúvida cruel, e bolei 2 modelos, um com chapéu de couro e outro com cocá do índio Cariri, ai resolvi fazer uma votação né? Uma votação, eu sou democrata, e ai o quê que eu fiz, como eu não desenho, eu criei mais não desenei, ai chamei um cidadão chamada Afonso da Silva, grande pintor, eu tinha feito um concurso aqui pra floresta em 80 e em 90 mais ou menos por ai e o desenho dele era tão bom que nesse concurso escolar, eu achei que era covardia ele competir com os outros, a diferença era tão grande que eu premiei ele ao concurso e premiei o segundo lugar, por que a diferença é muito grande, e ai, eu fiquei com os 2 desenhos e ia de um em um, você vai votar nesse ou nesse? O pessoal baixava a cabeça e por incrível que pareça quando eu procurei Elói, tava assim, tipo: 5 nós éramos 12, então tava 6 a 4 pro chapéu de couro, e Elói foi e disse: Olha presidente não pode ser o chapéu de couro né? Elói era descendente próximo de índio Cariri, nativista muito forte e nasceu no dia do índio, então ele dizia: olha não pode ser o chapéu do vaqueiro, tem que ser o cocá do índio né? E nós vamos combinar assim, eu voto nele, dá 6 a 5, você também vota e fica 6 a 6, e você como presidente decide que vai ser o cocá democraticamente, eu falei: ta bom presidente ai democraticamente né? Ficou o símbolo da Academia dos Cordelistas.

Mais uma vez Willian de forma didática descreve o que queria com logotipo da ACC. O mesmo pensou em todos os detalhes para que a Academia tivesse uma marca forte e presente aos que passarem a conhecer, deixando marcado o símbolo do grupo. Ele pensou em tudo e iniciou inserindo a viola, que faz menção a origem do cordel com as cantorias e depois pensou nas riquezas do lugar, ou seja, o pequi e a cana de açúcar, como também inseriu o cocar dos índios cariris.

Figura 8 – Símbolo da ACC



Fonte: Estatuto da ACC

Esses elementos que se encontram inseridos na logo da ACC fazem parte da cultura do lugar. Sobre essas representações Chartier (1990, p. 20) define como “instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. Podemos identificar como objeto presente na memória do caririense o pequi, representativo do nativo. Porém, o cocar dos índios Cariri é algo ausente da cultura local, pois as etnias indígenas nessa região foram exterminadas, mas permanecem fazendo parte da história do lugar. Nas feiras do Cariri, a viola já identifica os violeiros.

A Academia preocupou-se não só com um símbolo, mas também com os critérios em inserir os novos poetas. O Estatuto da ACC (2014, p. 3-4) descreve como critérios no Art. 8ºm § 1º:

- 1.a) ser reconhecidamente poeta popular; ter, pelo menos, um cordel quando da postulação de ingresso na ACC;
- 1.b) ser cidadão idôneo e de conduta reconhecidamente ilibada.

Outro poeta que entrou na ACC foi Luciano Carneiro. Ele explica que “A ideia era que cada um tivesse um ou mais trabalhos publicados [...] eu não tinha nada publicado, mas devido eu contribuir, dom Luciano vai entrar direto devido seus trabalhos disse Seu Elói [...]”¹³ (Sic). Percebemos que a entrada desse poeta na academia foi uma exceção, pois já desenvolvia trabalhos como poeta e suas contribuições foram o bastante para poder fazer parte desse grupo. Atualmente Luciano Carneiro é mestre da Cultura Popular, título este dado pela Secretária da Cultura, que define como

‘Tesouros Vivos da Cultura’ as pessoas, grupos e comunidades que são, reconhecidamente, detentoras de conhecimentos da tradição popular do Estado. - O Ceará deu um passo adiante de outros Estados brasileiros na preservação e proteção do seu patrimônio imaterial. Com a Lei nº 13.351 (27 de agosto de 2003), o Governo do Estado, através da Secretaria da Cultura (SECULT), garantiu o registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular, apoiando e preservando a memória cultural do nosso **povo, transmitindo às gerações futuras o saber e a arte sobre os quais construímos** a nossa história.¹⁴ (SECULT, 2013, p.1)

O poeta Willian Brito ocupa a cadeira nº1, tendo como patrono Severino Lourenço da Silva Pinto, conhecido como Pinto do Monteiro, nascido em Monteiro-PB (1895-1990). Conforme o site cultura popular,

Nome mais respeitado no mundo da cantoria. Cantou a primeira vez em 19-01-1919, com Saturnino Mandu, no povoado Lagoa da Ilha, município de Monteiro-PB, aos 24 anos de idade. Entre cantadores e pesquisadores, praticamente ninguém lhe nega a coroa de maior repentista de todos os tempos. Tinha o dom da resposta. Seus grandes repentes pareciam fuzilar como um tiro certo, sem ensachas para os adversários que, inúmeras vezes, tiveram de emborcar a viola diante do velho mestre¹⁵.

O patrono foi uma forma de reconhecer nomes que fizeram parte da história do cordel e ao mesmo tempo remonta a memória das contribuições desses profissionais que propagava a cultura popular.

A literatura e a arte são importantes áreas do conhecimento para entender a história das pessoas que contribuíram nessas áreas. E nos dias atuais esse legado chega nas disciplinas de universidades, que na reunião do dia 18 de agosto de 1991 houve um informe por parte da professora Glória Macedo, conforme trecho citado em ata.

Prof. Glória Macedo, do Departamento de Línguas e Literatura da URCA, que falou sobre a Semana de Letras, de 16 a 23 de setembro com um dia dedicado a literatura de cordel. Falou ainda da inclusão no currículo da URCA, de uma cadeira de literatura popular (ATA, AGOSTO, 1991).

¹³ CARNEIRO, Luciano Lima; entrevista realizada na cidade do Crato-CE.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/tesouros-vivos-da-cultura>>. Acesso em: 30 Ago 2016.

¹⁵ Disponível em: <<http://culturapopularetc.blogspot.com.br/2010/01/pinto-do-monteiro-simbolo-da-cantoria.html>>. Acesso em: 01 Set 2016.

A fala da professora reforça a importância em estudar uma literatura que traz muitos simpatizantes à região do Cariri. Estudar esse tipo de literatura reafirma a intenção dos professores em divulgar a literatura de cordel, como afirma a poetisa Bastilha Job em entrevista em sua residência:

Na URCA eu trabalhei uns 20 anos mais ou menos aí fundei a cadeira de literatura popular em 1993 eu me reuni com dois professores da URCA, fizemos o projeto, mandamos para o MEC, ele aprovou a cadeira de literatura popular e eu fiquei ensinando literatura popular, durante os anos que eu fiquei lá fiquei ensinando a origem do cordel, os poetas representativos, as tendências cordelísticas e as formas de cordel. Aquela divisão de Câmara Cascudo eu gostava muito de seguir cordel religioso, cordel político, cordel social, cordel do cotidiano a temática cordelista [...].¹⁶

A professora apresenta em sua fala o objetivo da disciplina, em que proporciona aos alunos o contato direto com a literatura de cordel. Pinheiro e Lúcio (2001, p. 7) reforçam “o contato com alunos de escolas públicas, particulares e estudantes universitários tem revelado que um significativo número de jovens e de professores conhecem e cultivam a leitura de folhetos aqui no Nordeste sem falar nos leitores tradicionais”.

Para a propagação dessa literatura Elói Teles se preocupava em realizar os lançamentos e chamar pessoas para conhecer os mais novos cordéis. Outra ideia durante a passagem dele na academia foi a sugestão em adquirir uma máquina impressora para que pudessem publicar os folhetos, que seria operada pelos membros da academia. Neste sentido, começaram a surgir os primeiros patrocínios, como a gráfica universitária da URCA (Universidade Regional do Cariri) que se prontificou a patrocinar as capas, enquanto o IBAMA, iria financiar uma coleção sobre Ecologia, sendo uma tiragem de vinte mil exemplares. Segundo Oliveira (2001, p. 22) a ACC já produziu, desde sua fundação, 254 cordéis. Já no período áureo do cordel, entre as décadas de 1940 e 1950, Ceará (1978, p.19-20) conta que,

Liêdo Maranhão revela-nos fatos significativos: entre os três cordéis de maior tiragem desta fase, quiza de toda a história, dois estão ligados diretamente a grandes personalidades políticas da época, ou seja, um versa sobre a morte de Getúlio Vargas e outro sobre a morte de Agamenon Magalhães. Segundo o autor acima, as tiragens atingiram cifras assombrosas. Conta-nos ele, por exemplo, que no Piauí, em três meses apenas, um agente de vendas de cordel vendeu dez mil exemplares do mesmo folheto. Um agente em Fortaleza, Benedito Antônio de Matos, comprou de uma feita cinquenta mil folhetos de uma só vez a Joaquim Batista de Sena. Ainda em Fortaleza, na Praça da Estação, o vendedor Antônio ‘Sola Crua’ contou-lhe que, apenas durante uma lida do folheto ‘A louca do Jardim’, vendeu trezentos exemplares. Segundo depoimento do poeta e gráfico Expedito Sebastião da Silva, por esta época, a Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, em Juazeiro, tirava um mínimo de doze mil exemplares por dia. Disse-nos mais que foram escritos muitos cordéis, em Juazeiro, sobre a morte de

¹⁶ JOB, Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha), foi entrevistada em sua residência em Crato-CE, 2017.

Getúlio. Ele próprio escreveu um folheto sobre o assunto, sendo o que alcançou maiores tiragens, no conjunto de sua obra.

É visível pelas palavras do autor que o cordel com a temática de Getúlio Vargas foi um dos mais vendidos na época áurea do cordel. Pensar em personalidade histórica que faz parte das temáticas do cordel é destacar: Lampião, Padre Cícero, Luiz Gonzaga e Seu Lunga. Podemos identificar as diferenças de cada um, cujas biografias foram retratadas pelos poetas em cordéis. No mesmo ano, Edésio Batista se integra ao grupo

[...] Bom, eu entrei na academia em 1991, não me recordo bem o mês, mas a convite do fundador dos cordelistas do Crato, Elói Teles de Moraes, tinha havido a desistência de um dos fundadores e ele então sabia que eu fazia alguma poesia me convidou pra entrar e fazer parte da academia e eu até disse pra ele que nunca tinha feito um cordel ai ele me deu algumas explicações e o primeiro cordel que eu fiz foi: Proezas de um caçador e parece que a xilogravura quem fez foi Maranhão [...]. (ENTREVISTA REALIZADA CRATO EM 2016)

Apesar do poeta não ter contato direto com cordel, a ajuda que Elói Teles deu para o futuro acadêmico da ACC, o tornou popular. Isso acontece com algumas pessoas, que através do contato com cordel passa escrever cordéis e se destacarem. Edésio ocupa a cadeira nº5, tendo como patrono Rogaciano Leite¹⁷.

Em janeiro de 1993, houve a posse de Willian Brito para presidir a ACC durante o ano vigente, sendo vice-presidente Elói Teles, secretária Josenir Lacerda e tesoureiro Edésio Batista. Em janeiro de 1995, aconteceu a posse de Josenir Lacerda para presidência da ACC, assumindo a gestão 95/96, acontecendo na residência de José Esmeraldo e com a presença de vários convidados.

No mês de maio do mesmo ano, a ideia de comprar uma máquina impressora foi concretizada de valor R\$1.500,00 que viria de Campina Grande/PB. Na ocasião o poeta Willian Brito explicou,

A importância da divulgação da Academia nos órgãos de imprensa do país. Mostrou recortes de jornais editados em Brasília, com alusões importantes a esta entidade cultural, bem como uma revista editada pelo IBAMA, também com referência às últimas edições de cordéis da Academia dos Cordelistas do Crato. José Esmeraldo sugeriu que fossem realizadas reuniões mensais da Academia, mesmo que não tenha cordéis a serem lançados, pois o mais importante é o contato entre os componentes da entidade, o fato de se discutir assuntos referentes a ela e principalmente o elo de ligação mais permanente entre os seus componentes a presidente Josenir Lacerda, agradeceu a presença de todos, e disse espera que a Academia dos Cordelistas do Crato, continue sendo uma entidade defensora dos legítimos temas da cultura popular (ATA DA ACC de 11/06/1995, p.19).

¹⁷ Segundo Edésio Batista, ele era pernambucano e um bom poeta, também um grande repentista e cantou muito com Cego Aderaldo. Foi ele quem introduziu a cantoria na televisão, o Rogaciano Leite.

É possível perceber a constante preocupação dos membros da academia em divulgar os trabalhos publicados, como também, de se reunir para organizar um plano de trabalho sistemático. A compra da impressora facilitou a divulgação dos trabalhos produzidos pelos membros da ACC. Trabalho este que leva em consideração a escolha dos temas a serem abordados nos cordéis, tendo o cuidado de chegar ao público como uma forma de fomentar reflexão sobre temas importantes e despertar a curiosidade. Nas palavras de Josenir Lacerda

O interesse pela temática também muda. As pessoas que escreviam cordel muito antigamente não tinham muita instrução. Como hoje, não tinha acesso a escola como hoje tem. Então os cordelistas de hoje, de qualquer forma são mais esclarecidos, tiveram mais acesso as informações as temáticas que são oferecidas, são mais atuais e de interesse do momento. Do mundo atual existe ainda quem desenvolva os romances, mas dá aquela conotação diferente daqueles romances dos clássicos, de Coco Verde Melancia que era muita fantasia, eram os amores impossíveis e tudo é muito bonito e ainda existe quem faça mesmo, porque eu acho que a imaginação é fértil e a história acontece mesmo. Releitura desses clássicos assim que é muito feita, que é feita com base nesses grandes romances, tem o respeito muito grande dos próprios cordelistas com relação a esses autores antigamente, que foram os responsáveis. A gente tem um respeito muito grande porque são os grandes mestres, João Martin de Athayde, Leandro Gomes de Barros, José Camelo Rezende a gente tem que respeitar. (ENTREVISTA REALIZADA COM JOSENIR LACERDA, NO CRATO EM 2016)

Na fala da poetisa, percebe-se que os cordelistas atuais, apesar de escreverem poesias abordando os clássicos, transmitem uma conotação diferente. Os poetas atuais possuem um grande respeito quanto aos poetas antigos, pois através dos mesmos puderam conhecer suas obras e divulgar sua forma de escrita para outras pessoas. Nesse sentido, Santos (2015, p. 29-30) reforça as palavras da poetisa quando diz,

José de Alencar também utilizou a poesia folclórica em alguns de seus romances. O sertanejo tem visível influência do romanceiro popular. José Américo de Almeida, em seu conhecido romance, A bagaceira, e Armando Fontes, em Os corumbas, representam tentativas de empregar a cultura popular na criação de suas personagens. Foi com o movimento regionalista, fundado por Gilberto Freire, que as ideias da Semana de Arte Moderna chegaram ao Nordeste, influenciando o escritor memorialista José Lins do Rego, que em toda a sua obra, deixou-se impregnar pela oralidade da narração folclórica dos causos e contos tradicionais, transmitidos oralmente peãs velhas contadoras de estórias, como Totonha, homenageada pelo autor, em um livro infantil [...] Na dramaturgia, Ariano Suassuna, com seu conhecidíssimo Auto da Compadecida, conseguiu escrever a mais clara e artística criação, daquelas qualidades que encontramos na literatura de cordel.

Percebemos que vários autores transmitiram, por escrito, personagens que fazem parte da nossa cultura, possibilitando um maior conhecimento sobre temas não conhecidos. Foram trabalhos que passaram para a história como referência para quem deseja entender o nordeste brasileiro. O poeta Willian Brito disse sobre os temas de cordel que,

Cada um tem afinidade, digamos; Nezite tem uma veia cangaceira, acabou fazendo essa coisa; Bastinha passou alguns anos a campanha da fraternidade, mas ao mesmo tempo para não ficar como clichê, ela fez o corno e a tipologia, ela de repente criticou a má política; Edésio sempre foi um militante petista, procurou divulgar o pensamento do partido; Eu por estar no meio ambiente produzindo tanto coisas sobre o meio ambiente eu achei por bem criar referências positivas, eu biografei algumas figuras como, eu acho são referências, Dom Elder, Paulo Nogueira Neto e Ibiapina que eu acho dá um norte cristão, dá um norte para o jovem, para crianças, poxa Brasil só não tem bandido, gente que vale a pena conhecer. Do mesmo jeito que eu pego Frei Galvão o primeiro santo brasileiro, eu pego Bezerra de Menezes um cara formidável, independente ser espírita, acho importante ser disponível para as pessoas. Quando tentamos homenagear, acabou ser uma coisa interessante cada qual vai lá e faz seu trabalho. Uma coisa que são poucos lugares do Brasil que tem tanta gente biografada em cordéis, vamos lá um deles, gente da região: Monsenhor Novo, Padre Feitosa, não é ninguém de outro mundo, pessoas normais, aqueles que eu chamo heróis anônimos. (ENTREVISTA COM WILLIAN BRITO NO CRATO EM 2016).

Percebemos que existe uma diversidade de temas e cada poeta descobre afinidade por determinadas temáticas, ficando a critério de cada um, escrever temas que lhe são familiares. Desta forma, os poetas oportunizam as pessoas conhecerem a vida de personalidades importantes e os próprios “heróis anônimos”, mencionado pelo entrevistado. Esses temas possibilitam ser trabalhados nas escolas e conhecer esses heróis. Para Abreu (1999, p. 41)

No século XVIII e início do XIX, houve uma ampliação no leque de assuntos abordados por autores lusitanos, alargando a temática cordelística em Portugal. Produziram-se textos sobre todo e qualquer assunto: desde relatos sobre acontecimentos sociais – casamentos, aniversários, mortes – até glosas a provérbios, passando pela descrição de cidades, narrativas históricas ou religiosas.

A academia não determina tema para ser produzido. Em janeiro de 1998, houve mais uma reunião para discutir as regras de uso da impressora e sugeriram mudanças no estatuto, em que criassem um novo quadro de associados. Atualmente o estatuto da ACC é composto de quatro categorias de sócios: a) sócios fundadores; b) sócios efetivos; c) sócios contribuintes; e d) sócios beneméritos, tal como apresenta o Artigo 7º:

São considerados sócios fundadores, os doze membros a seguir relacionados, que participaram da história assembleia geral de fundação e que assinaram o livro de atas. Por ordem de cadeira: (1) Francisco Willian Brito Bezerra; (2) Luciano Carneiro de Lima; (3) Josenir Amorim Alves de Lacerda; (4) Sebastiana Gomes de Almeida Job; (5) Cícero Jorge; (6) Geraldo Moreira de Lacerda; (7) Eloi Teles de Moraes; (8) José Alexandre da Costa; (9) Francisco Valdemiro do Nascimento; (10) Eugênio Dantas de Medeiros; (11) José Esmeraldo da Silva e (12) Tancredo Lobo. Art. 8º - São considerados sócios efetivos, os sócios fundadores, os ocupantes das vagas por estes deixadas e os que ingressarem nas novas vagas... Art. 11- São considerados sócios contribuintes, aqueles que asseguram a manutenção regular da ACC mediante contribuição mensal; Art. 12- São considerados sócios beneméritos, aqueles que vierem a prestar relevantes serviços á ACC (ESTATUTO DA ACC, 2014, p.3-6).

A academia preocupou-se em valorizar outras pessoas que admiram e possuem alguma afinidade com o cordel. Dessa forma destacou contribuições de pessoas que como eles estão desenvolvendo ações que propagam o cordel como patrimônio imaterial cultural de grande valor para a região do Cariri.

Outra pessoa que foi empossada na academia e que sua entrada aconteceu naturalmente foi Maércio Siqueira, que exerce a função de cordelista e xilógrafo. Em uma das entrevistas ele relata:

No ano de 1999, fui procurar Luciano Carneiro, não sei como cheguei, procurei mesmo, eu fui lá na gráfica “Coisas no meu Sertão”, e lá perguntei como faço para publicar, você tem pagar quanto e fazer uma xilogravura, eu acho que você mesmo tem condições de fazer. Aí no dia vi uma xilogravura de José Lourenço, retratando uma xilogravura de Dom Nilton era nosso bispo na época, e achei interessante ai perguntei como faço para achar a madeira. Procurei Eloi Teles, fui na rádio ele me cedeu a madeira e desejou boa sorte. Ai fui atrás do dinheiro para fazer a publicação. Daí fiz a xilogravura e levei os originais pra lá. Seu Luciano gostou muito, praticamente não fez nenhuma correção, não estou recordando, achou muito bom, e resolveu me apadrinhar, levar a proposta do meu nome para a academia, também sem muita burocracia, não estou ironizando, foi mais de conversa, não sei se inscrevi a carta, fui admitido, fui empossado e foi assim que entrei na academia.¹⁸

Maércio Siqueira sem dúvida é um profissional completo, em que faz poesia e xilogravura, exercendo sua profissão de uma maneira admirável. Sua inserção na ACC, só contribuiu para o fortalecimento do grupo, pois mais tarde houve uma perda lastimável para todos. Em 2000, houve uma das maiores perdas para a academia, o idealizador do grupo, Elói Teles, havia falecido. Em reunião, os membros presentes

Mencionaram a tristeza da perda de Elói Teles e a necessidade de continuar os sonhos do poeta e realizar uma nova eleição para formar a direção. No mesmo dia realizaram publicamente uma eleição e por unanimidade decidiram escolher Willian Brito como novo presidente da academia para cumprir o mandato de novembro de 2000 a novembro de 2001 (ATA DA ACC, 2000).

No ano seguinte, houve mais uma reunião para definir o poeta que iria ocupar a cadeira de Elói Teles. No processo de escolha existe uma comissão para avaliar a poesia, seguindo os seguintes critérios: rima, métrica e oração. Após a análise, o parecer favorável foi para poetisa Anilda Figueiredo, que a partir daquela data (21/4/2001) ocupou a cadeira nº 7 do poeta Elói Teles. A poetisa comenta sua entrada na academia:

Eu já conhecia Seu Elói Teles e começou a me convidar pra fazer parte da academia e eu nunca aceitei coincidentemente depois que ele faleceu, não sei quem disse aos meninos só sei que Willian e Josenir me convidaram pra ocupar a cadeira dele que ele passou a ser patrono.

¹⁸ SIQUEIRA, Maércio Lopes de Figueiredo, realizada em Crato-CE, em 2017.

A poetisa Anilda vem contribuindo na propagação do cordel, inclusive em sala de aula, pois já foi professora da URCA, transmitindo seus saberes da literatura de cordel para os discentes. No ano seguinte, em 29 de setembro de 2001, a poetisa Francisca Maria Cardoso de Oliveira (Mana) se candidatou a uma vaga e apresentou o cordel “Vingança bem bolada”. A comissão leu o parecer favorável e a poetisa Mana passou a ocupar a cadeira nº 11, tendo como patrono José Esmeraldo, ou seja,

Zé professor, natural do sítio São José, Crato-CE, cofundador da Academia dos Cordelistas do Crato, ocupando a cadeira nº 11 que tinha como patrono seu pai Agostinho Esmeraldo Silva. Poeta lírico trovista, tem muitos livros escritos todos do melhor estilo. Católico fervoroso, vicentino atuante, amante da família e amigos dos amigos. Foi um dos precursores do ramo imobiliário do Crato. Sempre gostou de poesia popular. (CAPAS DE CORDEIS ESCANEADAS, 2016 CATÁLOGOS DOS CORDELISTAS DESISTENTES E FALECIDOS DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS CRATO).

Depois ocorreram mais mudanças. O presidente Willian Brito sugeriu que em uma das reuniões que o mandato da ACC fosse de dois anos e aumentar o número de cadeiras para 24.

Nessa mesma data, em 15 de novembro de 2001, o presidente fez uma nova eleição, para continuar presidindo a entidade por mais um ano. Com o aumento de cadeiras o poeta Vicente Antônio Batista (Derico) candidata-se para a vaga criada de cadeira nº13, tendo como patrono Leandro Gomes de Barros.

O maior poeta popular brasileiro é considerado o paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Até mesmo Carlos Drummond de Andrade acentua que 39 escritos mal informados elegeram Olavo Bilac como ‘príncipe dos poetas brasileiros’, desconhecendo ‘o rei da poesia no sertão’. Enquanto que um é erudito, produto da cultura urbana e da pequena burguesia dos salões floridos, parnasiano e admirador da cultura européia, o outro é uma planta sertaneja, vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Muitos também citam Leandro como o primeiro poeta a publicar histórias versadas no Brasil, por volta de 1889, quando já residia em Recife. Sua produção total é estimada em aproximadamente mil títulos, muitos dos quais circulam até hoje, reeditados com os nomes de outros ‘autores’. (MAXADO, 2012, p. 104)

Sem dúvida Leandro Gomes de Barros, passou para a história como referência de brasileiro em introduzir o cordel no país. É visível que cada poeta possui um destaque na história da arte, sejam poetas clássicos ou populares. No entanto, a criação da ACC só fez crescer o número de poetas. Como foi o caso de Williana. Em 01 de dezembro de 2001, avaliaram a candidata Maria do Socorro Bezerra Brito Matos (Williana), que apresentou as seguintes obras: “Ovinocultura no Cariri” e “Contar Carneiro dá Lucro (durma tranquilo)”. Na reunião seguinte, a comissão leu o resultado favorável, em que a poetisa Williana passa

ocupar a cadeira nº 14, tendo como patrono Juvenal Galeno¹⁹. Nesse mesmo ano entra na academia o xilógrafo Carlos Henrique que menciona,

Foi em dezembro de 2000, Maercio andou na minha casa e viu eu entalhando os pedaços de piso de chão, foi ai onde ele disse: Ah Carlos você faz xilogravura. Eu disse: O que é xilogravura? Ele disse: aqueles desenhos das capas dos cordéis que tem lá em Luís Paulo, eu digo: Ah lembrei. Porque os cordéis que tinha lá em Luís Paulo era eu que tinha doado da minha coleção, eu comprava na feira. Olha Carlos eu estou precisando de uma xilogravura e não estou podendo fazer, mas nós estamos precisando de uma xilogravura pra capa de cordel de Eugênio Dantas e eu vi que tu faz ai a xilogravura, eu queria que tu fizesse uma pra Academia dos Cordelistas. Eu digo: beleza! Ele trouxe um pedaço de madeira ai me disse como era que lixava. Que foi aquilo que eu falei né? Que é numa calçada carraquenta, então já peguei o pedacinho de madeira e já fui lá na minha lixa que estava colada no vidro, assim como esse aqui, e lixei lá, ele desenhou e ela já veio com o desenho feito por ele, e o nome do cordel era: por uma cultura de solidariedade cordel de Eugenio Dantas, ai eu fiz essa primeira gravura ele levou pra Academia, o pessoal todo mundo gostou. Willian gostou e ai eu recebi o convite através de Willian, se eu aceitava entrar na Academia, ai eu ingressei na academia, por volta de dezembro de 2000, acho que já era janeiro de 2001.

Foi nesse momento que surgiu um dos mais renomados xilógrafos da atualidade. Lembrando que no ano seguinte mais membros chegavam para compor esse grupo, ocorrendo uma reunião no dia 25 de junho de 2002, que começou com aprovação do aluguel da Morada da Poesia²⁰. Em seguida, houve a análise da candidata Maria do Rosário. O resultado não foi favorável, pois um dos membros sugeriu que a candidata deveria submeter outro cordel. Deu continuidade a análise do poeta Pedro Ernesto. Na ocasião foi inaugurada a sala “Cego Alderado” na Morada da Poesia. O parecer foi favorável, tomando posse no dia 06 de julho de 2002. Na ocasião, não haviam decidido ainda o patrono, posteriormente, o patrono seria Antônio Ugolino Nunes da Costa²¹, ocupando a cadeira nº15.

No dia 14 de dezembro de 2002, no auditório do Centro de Educação de Jovens e Adultos Mosenhor Pedro Rocha, tomou posse o novo presidente da ACC, Eugênio Dantas. Na

¹⁹ Neto de Albano da Costa dos Anjos e do português Manuel José Theóphilo, Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu em Fortaleza, a 27 de setembro de 1836, em uma residência na Rua Formosa, nº 66 (hoje Barão do Rio Branco). Filho de José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva, abastados agricultores cafeeiros na encosta da Serra de Aratanha em Pacatuba. Primo pelo lado paterno de Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua e pelo lado materno de Rodolfo Teófilo[...] Seu pai mandou-o para o Rio de Janeiro em busca de adquirir maior conhecimento nas técnicas do plantio do café. Seduzido pelo convívio das letras, passou, a partir de então, a escrever poesias e a publicá-las na Marmota Fluminense ao lado de Machado de Assis e outros escritores. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/casa-juvenal-galeno/43506.htm>>. Acesso em: 1 set. 2016.

²⁰ Nome criado para a sede da Academia dos Cordelistas do Crato - ACC.

²¹ Agostinho Nunes da Costa e seus filhos Antônio Ugolino Nunes da Costa e Ugolino do Sabugi foram os primeiros a iniciarem a tradição do repente, sendo que na época, este era muito mais simples, sendo executado em apenas um estilo, a quadra, com rimas A-B-A-B ou A-B-B-A. É com cantadores do século XIX, como Inácio da Catingueira que a cantoria irá se desenvolver em mais métricas, começando pela sextilha. A partir daí o repente irá assimilar muitas outras formas do verso rimado e a forma original da quadra será abandonada. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/musica/repente/>>. Acesso em: 1 set. 2016.

ocasião, o presidente empossado convidou o poeta Hairton Carvalho para lançar o cordel “Peleja virtual”, em que o autor do cordel justificou a escrita ter sido feita por meio da internet. Nesse momento, destacamos o advento das tecnologias digitais, sobretudo da Internet, como um novo meio de produção do cordel na sociedade contemporânea. Este recurso de fazer cordel já foi utilizado por alguns membros da academia que percebem a internet como ferramenta de grande valia. Segundo o poeta Regiopidio Lacerda

Eu acabei participando semana passada de uma espécie de duelo, uma peleja, eu no Juazeiro e Ponax Vila Nova em Campina Grande, Rogério Meneses em Caruaru fazendo a intermediação, o Felipe Elanio em Natal, o Afrânio em Recife, o Antônio Lisboa em Paulista e todos participando da organização dessa peleja e o público do grupo do Whatsapp que tem mais de 100 pessoas espalhados pelo Brasil todo, então tinha comentário do pessoal do Rio de Janeiro, de Brasília e acaba trazendo essa aproximação né? e a festa maior é quando isso essa aproximação é real, o que eu achei mais interessante eu já vinha participando desse grupo, e quando eu encontrei as pessoas que eu não conhecia pessoalmente em João Pessoa no festival de música, você passa a ter uma outra perspectiva que pode ser utilizada como uma ferramenta de propagação do cordel, principalmente do encontro dos poetas.²²

O poeta reforça em suas palavras:

É outro viés que o cordel tem, a poesia a informação como um todo, tem dois grandes elementos na internet que eu considero as redes sociais, como o Whatsapp e principalmente o Facebook atualmente, mas que o Orkut já fazia isso há algum tempo, e os blogs como uma forma de democratização e de divulgação muito maior né? Já que a informação passa a ser instantânea né? Você tem a informação efetivamente em tempo real e isso pode ser utilizado de uma boa forma, bem utilizada, ou pode cair também num viés que não seria tão interessante, que às vezes a gente ver algo sendo divulgado como cordel sem ser cordel, e aí é repassado por várias pessoas que não tem a informação, ou a formação do cordel, mas que acaba propagando uma ideia falsa do que seria o cordel, uma certa deturpação, mas como os poetas também são urbanizados, eles são conectados com a internet e tudo mais, acaba facilitando né? Você acaba a ter encontros virtuais que são interessantíssimos com grupos de Whatsapp com comunidades de redes sociais, com os amigos de facebook, acho que isso ajuda a divulgar o cordel.

Eu inclusive fiz um cordel com Dalinha Catunda na internet e naquele tempo eles não tinham recurso. Era só os cordelistas eram quase todos repentistas também e tinham dificuldade de editar. Tinha aquelas gráficas que patrocinava, mas eles, ainda hoje pra você fazer um cordel patrocinado é difícil, e naquele tempo ainda era pior agora a gente pode pagar para fazer e a profissão foi reconhecida como profissão e ninguém quer comprar cordel, o povo só faz é pedir.

A poetisa abordou algo importante que faz parte da atualidade que é a internet e o cordel feito através das redes sociais, pois antigamente não se pensava em fazer uma peleja com dois poetas na mesma hora e em lugares diferentes. Segundo (Oliveira, 2001, p. 95)

O Cordel na internet possui, ainda, outra particularidade, em relação ao Cordel tradicional. É que, estando na rede, pode ser modificado. Então, cada visita a uma

²² LACERDA, Regiopidio Gonçalves de, entrevista realizada na cidade do Crato-CE, 2017.

homepage com cordéis pode revelar acréscimos ou retiradas no texto. Isso significa dizer que há uma mobilidade enorme na construção do texto internetiano que o torna sempre original. O Cordel na internet é representado ainda pelas inúmeras homepages que reproduzem textos antigos e novos, xilogravuras, coleções, estudos e, além, disso, aparece em páginas sobre outros assuntos, como: góticos, rock, futebol, ou seja, o Cordel entra por conta da internet, em outros campos, que antes não lhe pertenciam acarretando a ligação com outros públicos.

Também a poetisa destaca os recursos escassos para a produção do cordel e a dificuldade de se conseguir patrocínio para a publicação, mas o que tornou gratificante foi o reconhecimento da profissão²³ de cordelista, hoje legalizada, conforme a Lei nº 12.198/ 2010 abaixo:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de Repentista como profissão artística.
 Art. 2º Repentista é o profissional que utiliza o improviso rimado como meio de expressão artística cantada, falada ou escrita, compondo de imediato ou recolhendo composições de origem anônima ou da tradição popular.
 Art. 3º Consideram-se repentistas, além de outros que as entidades de classe possam reconhecer, os seguintes profissionais:
 I - cantadores e violeiros improvisadores; II - os emboladores e cantadores de Coco;
 III - poetas repentistas e os contadores e declamadores de causos da cultura popular;
 IV - escritores da literatura de cordel...

Esse reconhecimento por meio da lei, só fortaleceu esses poetas em trabalhar em diferentes lugares, como em escolas, propagando seus saberes para a comunidade escolar. Em novembro de 2003, aconteceu a posse da poetisa Juazerense Rosário Lustosa, que disse na ocasião: “por incentivo da poetisa Josenir Lacerda eu mandei uma correspondência e esperei quatro longos anos, mas graças a Deus que deu tudo certo e eu estou muito feliz por participar desse seleto grupo”. A poetisa ocupa a cadeira nº 8, tendo como patrono José Felix²⁴. A poetisa é uma das grandes incentivadoras do cordel, em que geralmente realiza oficina de cordéis em escolas.

A mesma em uma das reuniões, do dia 29 de julho de 2004, mencionou o término de sua especialização, intitulada: “Reflexões sobre a literatura de cordel na região do Cariri”. Foi mencionada também a monografia: “A importância do cordel nos programas de saúde”, de Anilda Figueiredo. Estas monografias trouxeram contribuições nas áreas de Saúde, Educação e para a Literatura de Cordel, pois passaram a ser fontes de pesquisa para estudantes e interessados. O poeta Willian Brito comunicou que o programa “Raízes do

²³ Ver mais no site: www.planalto.gov.br

²⁴ Alagoano, dos sertões de Anadia, chegou ao Juazeiro do Norte ainda muito jovem, logo no início do século recentemente concluído, século XX. Fixou residência no Sítio Venha Ver, em Barbalha, de onde saía para as suas andanças em busca de cantorias não só naquele município, mas penetrou o sertão a dentro, levando aos sertanejos, além dos seus fertilíssimos repentistas, os belíssimos e grandes romances como: João e Maria, Vicente e Ritinha e tantos outros. Fonte oral de José Alexandre da Costa.

Brasil”, criado desde 2004 está na internet. O programa tem o objetivo de falar sobre a cultura nordestina, tendo como apresentador o presidente da ACC.

Atuando de maneira intensa na vida cultural nordestina, o poeta de cordel expressa em seus cordéis não apenas toda sua sensibilidade estética diante do mundo que expõe nos folhetos; mas também imprime, de forma crítica ou mesmo conservadora, nesses poemas características próprias de seu fazer poético (ARAUJO, 2012, p. 274)

No dia 03 de fevereiro de 2005, William tomou posse para o biênio 2005/2006, tendo como diretoria: Luciano Carneiro para Vice-presidente, Anilda Figueiredo para Tesouraria e Secretaria Josenir Lacerda. Ocorreu no momento a posse da poetisa Nezite Alencar, ocupando a cadeira nº21, tendo como patrono Rodolfo Coelho Cavalcante²⁵.

Em dezembro, houve mais uma eleição para o biênio 2009/2010, tendo como Presidente eleito Maércio Siqueira, compondo a diretoria: Aldemá Moraes, Vice-presidente; Carlos Henrique, Tesoureiro; Nezite Alencar, Secretária; Na ocasião ficou decidido fazer um cordel coletivo para o poeta Correinha²⁶.

Em maio de 2009, foi realizado um encontro com os membros da Academia para escolher um novo membro, tendo três candidatos. Dentre os candidatos aprovados, somente o que teve o parecer favorável foi Ernane Tavares, pois estava dentro dos critérios da avaliação (boa índole, poeta popular e com um cordel publicado), passando ser o novo membro da academia, tendo como patrono Dandinha Vilar²⁷ e que a cadeira era ocupada por Correinha.

Foi escolhido como sucessor para finalizar as atividades do biênio 2010/2011 Edésio Batista. Em novembro de 2011, sugeriram que Higino ocupasse uma cadeira, pelo trabalho de divulgação realizado, sendo acatada a sugestão. Sua posse para o dia do evento do Verso Popular aconteceu em fevereiro de 2012. Higino passa a ser o apologista da academia.

²⁵ Nasceu em Rio Largo, Alagoas, em 12 de março de 1919, filho de Arthur Holanda Cavalcante e Mariazinha, humildes operários de uma fábrica de tecidos [...] Começou suas atividades poéticas ainda criança, nos reisados de Rio Largo e Maceió, fazendo versos de improviso [...] Começou sua carreira de cordelista em 1942, em Terezinha. Seu primeiro folheto, um sucesso de vendas, “Os Clamores dos Incêndios em Terezinha”, versava sobre incêndios ocorridos em barracos miseráveis de periferia daquela cidade, local onde ele também residia. Na Bahia conseguiu do governador Otávio Mangabeira a liberação do comércio de folhetos, perseguido na época por fiscais de rua [...] O poeta faleceu em Salvador a 8 de outubro de 1986, aos 67 anos, em consequência de um atropelamento. Deixou uma produção de quase dois mil títulos, teve uma antologia de seus folhetos lançada em braile, foi personagem de um filme. É patrono da Academia Brasileira de Cordel do Rio de Janeiro.

²⁶ Nome completo: Francisco Correia Lima (mestre Correinha), natural do sítio Escondido, município de Farias Brito- Ceará, nascido aos 13/02/1940. Foi funcionário da Secretária de Justiça do Estado e ainda professor de artes no SESI. Musicista, folclorista, cantor, compositor, artesão e radialista [...]. Ocupou a cadeira nº 12, que tinha como patrono Dandinha Vilar. Fonte: Capas de cordéis escaneadas, 2016 Catálogo dos Cordelistas Desistentes e Falecidos da Academia do Crato.

²⁷ A poetisa, escritora, professora e vereadora, Bernardina Vilar de Alencar Costa, nasceu em 22.05.1928 e veio a falecer em 21.12.1997, colhida por um infarto, aos 67 anos, no auge da sua lucidez e capacidade. Viveu intensamente e além do seu tempo. Brillhou em todas as áreas nas quais atuou, seja como vereadora ou como escritora[...] Como professora foi responsável pela educação e formação dos jovens do distrito de Lameiro, ao qual dedicou sua vida. Disponível em: <http://dandinhavilar.blogspot.com.br/>. Acesso em 30 ago. 2016.

No mês de março de 2012 houve mais uma eleição para presidente do biênio 2012/2013; sendo apresentada como candidata a acadêmica Anilda Figueiredo, que foi eleita por unanimidade por todos os presentes. Na ocasião houve uma avaliação do Seminário Verso Popular, sendo que acharam positivos os resultados obtidos. No mês seguinte a presidenta apresentou Alvará de funcionamento e imunidade tributária da ACC.

Em 29 de janeiro de 2013, houve mais uma reunião de relevância para aprovação da reforma do estatuto da ACC, ficando para redigir a Reforma do Estatuto, o poeta e advogado Pedro Ernesto Filho. Em conformidade com o novo código civil brasileiro foram incluídos novos itens. Ocorreram algumas mudanças que estão inseridas na seção VI e capítulos VI e VII. A principal alteração ocorreu no capítulo V, Sessão II, no que concerne à diretoria, sua constituição, mandato e competência. O Estatuto teve necessidade de ser modificado, pois com o novo código civil de 2002, as entidades filantrópicas teriam que se adequar às exigências da lei. Além disso, havia dificuldade de concorrer a editais culturais, tornando imperativo modificar o estatuto.

Além das produções periódicas, a academia desenvolve um trabalho de aproximação com as escolas. O grupo recebe visitas de unidades escolares, a exemplo da visita de alunos do Colégio Santa Cecília (de Fortaleza), ocorrida no dia 31 de maio de 2013. Os/as visitantes foram recebidos(as) pela presidenta Anilda Figueredo. No mesmo dia, alunos do externato Cinco de Julho, foram recebidos pelos poetas Luciano Carneiro e Josenir Lacerda. Desta forma, a academia vem sendo uma referência para as instituições escolares, que reconhecem o valor cultural dessa entidade em preservar e propagar o cordel como um patrimônio cultural. Segundo Pinheiro e Marinho (2001, p. 88) “dependendo do lugar, das condições locais, algumas atividades envolvendo toda a escola podem ser realizadas. Se o acesso a folhetos for fácil (alguma feira, casa do poeta, pedidos a alguns divulgadores)”. É importante os educandos estarem em espaços onde possam encontrar cordéis.

A ACC também desenvolveu a construção de um cordel coletivo a ser exposto e apresentado no stand da Universidade Regional do Cariri (URCA), a ser lançado durante a Expocrato²⁸ em 2013. O objetivo do cordel era dar destaque à vegetação do Cariri, a colonização, aos indígenas, surgimento dos municípios, economia do Cariri, o imaginário,

²⁸ A Exposição Centro Nordeste de Animais e Produtos Derivados (Expocrato) é um dos maiores eventos agropecuários do Brasil, com oito dias de duração, realizado anualmente, no mês de julho, no Parque de Exposições Pedro Felício Cavalcanti, em Crato. O evento reúne feira agropecuária, desfile e leilão de animais, e durante os oito dias em que se realiza, são vendidas comidas típicas, além de apresentações musicais. Disponível em: <<http://blogdocrato.blogspot.com.br/search?q=expocrato>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

potencialidades das fontes e rios, Preservação do meio ambiente, construção da paz, erradicação da pobreza e Soldadinho do Araripe.

No mês de março do ano vigente houve uma reunião para análise dos cordéis a serem aprovados e dos candidatos Franci Freire e Paulo Ernesto interessados em ocupar uma cadeira na ACC. A candidata Franci Freire apresentou o cordel “O emprego de Nicolau”. As análises foram favoráveis, Franci Freire, ocupou a cadeira de nº 19, tendo como patrono Monsenhor Antônio Feitosa²⁹ e Paulo Ernesto, vindo ocupar a cadeira nº6 sendo o patrono João Martins de Athayde³⁰.

Na reunião do dia 22 de agosto de 2014 a sessão ordinária teve como pauta a discutir as alterações no Estatuto da ACC, segundo o novo código civil. A aprovação aconteceu por unanimidade, pois a lei exigia inserir o Conselho Fiscal. No mês seguinte, houve no auditório do SESC-Crato, uma homenagem ao poeta Pedro Bandeira, em que recebeu o título da ACC como Sócio Benemérito, em quesendo mencionou reconhecida sua importância para a cantoria; Dona Elionai recebeu o diploma de Sócia Fundadora de Elói Teles de Moraes (*In memoriam*). Na ocasião, Chico Nascimento lançou seu cordel intitulado “A Casa de Câmara e a Cadeia do Crato”. Edésio fez a leitura de seu cordel “Campo de Concentração de Flagelados em Crato, na Seca de 1932”.

No ano de 2015 tomaram posse a poetisa Fátima Correia, tendo como patrono Chagas Batista³¹ e o poeta Regiopídio, sendo que o acadêmico já possui uma história com ACC devido seu pai (poeta Maranhão) ter sido membro da academia.

Depois do lançamento do meu primeiro cordel em 2014, eu pedi pra ser analisado pra ter ingresso em 2015, e foi aceito e a posse foi em outubro de 2015. Na verdade é um reencontro com a história da academia vinte 20 e quase 25 anos depois da fundação (ENTREVISTA DE REGIOPÍDIO).

²⁹ **Antonio Alves Feitosa (Monsenhor)** nasceu no sertão dos Inhamuns, no dia 28 de fevereiro de 1913, mais precisamente na Fazenda Favelas, circunscrita pela cidade de Arneiros/CE [...] Monsenhor Antonio foi sócio-fundador do Instituto Cultural do Cariri (patrono da cadeira nº 28, seção de letras), e correspondente do Instituto do Ceará, também colaborando com os jornais “A Ação”, no Crato, e “O Nordeste”, em Fortaleza [...] Assim abandonou definitivamente a matéria no dia 29 de março de 2005. Disponível em: < <http://estoriasehistoriaheitor.blogspot.com.br/2013/02/monsenhorantonio-feitosa-feitosamacedo.html>>. Acesso em: 1 set. 2016

³⁰ João Martins d’Athayde (1880-1959) “[...] Antes de ser poeta e editor, Athayde emigrou para Amazônia, em pleno ciclo da borracha, deixando a família na Paraíba. No novo lugar, teve muitos filhos com indígenas, os quais não reconheceu. Também, aprendeu muita magia e medicina dos índios com quem conviveu. Voltando ao Nordeste, juntou-se a família e foi residir em Recife, exercendo a profissão de enfermeiro e montando um bazar, onde vendia de quase tudo.” (MAXADO, 2012, p. 105)

³¹ Francisco das Chagas Batista (Teixeira PB 1882 - João Pessoa PB 1930) publica, em 1902, seu primeiro folheto, *Saudades do Sertão*, em Campina Grande PB. Na década de 1910 trabalha como carregador de água e lenha e operário da Estrada de Ferro de Alagoa Grande, “Francisco das Chagas Batista não foi cantador mas um dos mais conhecidos poetas populares. Sua produção abundantíssima forneceu vasto material para a cantoria”. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4631/chagas-batista>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

O poeta Regiopidio passou ocupar a cadeira nº17, tendo como patrono Silvino Pirauá. Segundo o poeta,

Silvino Pirauá foi um dos primeiros cordelistas, um dos primeiros cantadores, foi um dos primeiros a imprimir, sair por aí vendendo os cordéis clássicos, como a história do capitão do navio né? Ele contribuiu muito pra cantoria de viola, ele foi um dos precursores da sextilha, que ajudou na divulgação desse estilo. A cantoria de viola era feita em quadras aí como ele tinha dificuldade de você exprimir um determinado raciocínio em 4 versos foi expandida e Pirauá foi um dos que mais utilizou esse recurso. Ele é da Paraíba. O uso da deixa que é pegar, começar o primeiro verso com a rima do verso anterior, isso é utilizado na sextilha, utilizada na galope a beira mar e em várias modalidades da cantoria que é exatamente pra evitar a cantoria decorada e o martelo que também foi criação do Silvino Pirauá. (Idem)

Esse patrono, indubitavelmente é importante na literatura de cordel. Com isso, a cerimônia de posse de Regiopidio ocorreu na residência do poeta, em um ambiente harmonioso e agradável. No momento a madrinha do poeta, Josenir Lacerda, leu sua biografia. Segundo o poeta “a madrinha é um dos membros da academia que o novo integrante escolhe pra fazer a sua apresentação [...] E a partir do momento da posse ela acaba tendo uma relação meio que de afilhado mesmo...”. Após isso, houve cComo é comum nas cerimônias de posse, um poeta da academia que passa a ser o padrinho, ele faz a apresentação do poeta a ser empossado, lendo sua biografia. Em seguida, ocorre a leitura da biografia do seu Patrono sendo feito no estilo galope beira-mar³². Percebemos que as histórias se cruzam e “periodizar, organizar fatos em sua sequência cronológica é uma etapa básica para o estabelecimento das relações entre eles, é uma necessidade fundamental para a construção de uma explicação histórica” (BORGES, 1993, p.67-68). Por isso que em nossa escrita partimos do cronológico, para podermos entender melhor a história desse grupo.

Os relatos dessa história é o resultado de uma memória coletiva de cada poeta, que “[...] melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória” (LE GOFF, 2013, p. 435). Recordação esta, que encontramos como aprenderam a escrever poesia, os primeiros contatos com os versos e a relação com a educação, como poderá ser ratificado nas páginas seguintes.

³² Também um estilo em forma de Décima de versos compridos, O Galope à beira-mar é outro um belo e difícil gênero de improviso. Criado na beira da Praia de Iracema, pelo violeiro cearense José Pretinho, e assim chamado em virtude de ser abordado em temas praianos, o Galope à beira-mar é constituído por estrofes de dez versos de onze sílabas (ou de Arte Maior), sempre constando no final do estribilho a palavra mar. Disponível em: <<http://www.lilianmaial.com/visualizar.php?id=78708>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

3.2 Formação Dos Cordelistas

É um mito dizer que no passado o poeta popular era leigo, porém identificamos teóricos como Márcia Abreu (1999) que afirmam a existência de poetas com formação acadêmica. Abordar a formação de poetas é adentrar no seu modo de construir seu texto e entender muitas vezes que a forma como escreve traz consigo uma história de vida, que perpassa ultrapassa os muros da escola.

Ao abordar a história de vida adentramos em três elementos que correspondem à docência, ou seja, história de vida, formação e prática pedagógica. Quando conversamos com professores das instituições de ensino, muitas vezes vem uma pergunta, como você chegou a ser professor? No caso da nossa pesquisa perguntamos para os cordelistas: Como você se tornou poeta? Obtivemos várias respostas, desde o gosto pela poesia, a influência familiar e o contato com poetas que admiravam.

A formação está associada às suas histórias de vida, que através das narrativas, vão sendo desveladas e significadas. Numa perspectiva de educação informal, várias instâncias socioculturais podem ser consideradas espaços de formação. No caso dos cordelistas, pode-se dizer que eles assumem um papel de educadores, pois desenvolveram ao longo de sua trajetória, influenciada por tais instâncias, a capacidade de transmitir ideias, pensamentos, reflexões e críticas por meio da literatura de cordel.

As influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos. Tais influências, também denominadas de educação informal, correspondem a processos de aquisição de conhecimentos, experiências, ideias, valores, práticas, que não estão ligados especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. São situações e experiências, por assim dizer, casuais, espontâneas, não organizadas, embora influam na formação humana. É o caso, por exemplo, das formas econômicas e políticas de organização da sociedade, das relações humanas na família, no trabalho, na comunidade, dos grupos de convivência humana, do clima sócio-cultural da sociedade (LIBÂNEO, 1994, p. 17).

De acordo com o autor supracitado, a trajetória de cada indivíduo inserido em diferentes espaços sociais, determina em grande parte suas competências pessoais e profissionais. Portanto, podemos identificar nos cordelistas: competência em produzir, organizar em forma de poesia e transmitir conhecimentos, provocando questionamentos e influenciando a formação de sujeitos por meio de seus cordéis. Conversamos com o poeta 1- Luciano Carneiro, um dos fundadores da academia. O poeta comenta que estudou pelo programa

Alfabetização solidária foi um projeto eu recebi o certificado de alfabetizado, eu não sei muito bem classificar que grau cheguei, sei que minha leitura é bem pouquinha acredito que minha sabedoria está bem acima do meu estudo, com as experiências.

O poeta destaca que apesar de não ter estudado muito, fez o ensino fundamental, mas acredita que as experiências são importantes para a produção de saberes. Para entender melhor isso, Freire (2010, p. 23) cita explica que

A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizados em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este que fazer global, fundado na prática social dos alfabetizados, contribui-se para que estes se assumam como seres do que fazer da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga no mundo da história.

No entanto, o poeta já tinha construído seu mundo e sua história e por isso já possuía o reconhecimento de todos. Neste contexto, passou a ser mestre da cultura popular, que menciona,

Isso foi muito bom, esse projeto ainda está feito, eles querem melhorar a vida dos caras que tem saberes e dizeres popular, do dizer e do fazer é o cara que diz e faz, sabe fazer e dizer, eu sei dizer que sou cordelista, mas não sei fazer cordel, aquele cara que sabe e diz (LUCIANO CARNEIRO, POETA DA ACC).

O poeta 1- Luciano Carneiro é um dos poucos da ACC que não possui ensino superior Educação Superior, mas se destaca como um excelente declamador de cordel, sendo considerado pela Secretaria de Cultura do Ceará (SECULT) Mestre da Cultura Popular, devido essa arte de recitar e fazer cordel. O poeta foi agricultor, carroceiro e vigia. Já era cordelista, pois sofreu influência do lugar que morou na Paraíba, pois tinham muitos poetas populares, sendo que na “‘Lira Nordestina’³³ aprendeu a fazer impressão de cordel, em que mencionou: “passei lá uns dois meses, estreando, aprendi e o resto fazia na gráfica, aprendi a chapa, manusear a máquina, por minha conta, na marrar, na dureza, na máquina perdi meu dedo”. Essa educação, Brandão (2013, p.11) reforça sendo: “formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte [...]”. Os saberes de Luciano, é propagado em palestra que o mesmo é convidado, oficinas e participações em eventos, em que recita magnificamente seus cordéis.

³³ É a tipografia de cordel mais antiga do Brasil, pertencente primeiro a Leandro Gomes de Barros e depois a João Martins de Athayde. Foi vendida para José Bernardo que foi um dos maiores folheteiros de cordel. Segundo Maxado (1982, p.65) “a tipografia mudou o nome para Lira Nordestina, numa sugestão do poeta Patativa do Assaré”. Com a morte de José Bernardo vendeu para o estado e quem hoje é responsável é a URCA.

Ao dialogar com a poetisa 2- Josenir Lacerda, a mesma menciona que terminou o Ensino Médio, ou seja, concluiu o antigo Magistério, que formava professores primários. Foi ex funcionária Teleceará e atualmente desenvolve trabalhos como artesã e cordelista. A presente poetisa se destaca bastante na área da literatura de cordel, sendo considerada uma das cordelistas do estado cearense que mais se destaca nessa arte. Foi uma das fundadoras da ACC e, ainda ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Afirmou que sempre gostou de escrever poesia desde jovem e de ler romances, sendo que aos poucos foi se transformando em poetisa. Segundo Gomes (2017, p. 21) “A autora nasceu e cresceu na cidade, mas teve um contato muito estreito com a zona rural. Transmitindo assim a sua inspiração pela cultura nordestina através de seus familiares”. A mesma contribui com seus saberes em escolas desenvolvendo palestras em instituições escolares.

O poeta 3- Willian Brito um dos fundadores, tem formação em Agronomia e Filosofia. Com especialização e mestrado em meio ambiente. Só conhecendo o poeta percebemos a sensibilidade que possui com os versos e uma grande afinidade com a oralidade. Foi influenciado pela família, tornando-se assim poeta. É um pedagogo nato, em que percebemos em sua fala a forma didática ao falar do tema em questão, contribuindo na divulgação de seus saberes nas escolas. Já o poeta 4- Francisco Nascimento (Chico Nascimento) possui formação em Odontologia. Uma profissão que tradicionalmente possui pouca relação ou afinidade com a poesia popular. Ele afirmou:

Porque na realidade a minha explicação de poeta veio lendo as coisas de Patativa, meu pai era muito fã de Patativa. Vicelmo meu irmão também era muito fã e levava os livros pra gente ler, antes de Patativa eu já gostava de cordel daqueles cordeizinhos de beira de feira de ouvir, mas ai lendo os livros de Patativa a vontade de fazer poesia aumentou. Aí comecei a fazer e deu certo. Elói Teles de Moraes queria fundar uma academia e eu já fazia umas poesiazinhas para o programa dele e ele sabia que eu fazia aquelas poesias.³⁴

Patativa do Assaré³⁵ exerceu forte influência em diversos poetas da região do Cariri, inclusive do poeta Chico Nascimento. Ele foi um grande marco da poesia sertaneja e é uma personalidade reconhecida nacional e internacionalmente. Francisco Nascimento foi um

³⁴ Entrevista concedida por, Francisco Valdemiro do Nascimento (Chico Nascimento), no Crato- CE, 17 fev. 2016.

³⁵ Antônio Gonçalves da Silva, o **Patativa do Assaré**, nasceu na Serra de Santana, a 18 Km da cidade de Assaré, em 5 de março de 1909. Filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, família pobre, perdeu o pai aos oito anos, passando a partir daí a trabalhar na roça para garantir o sustento da família. Logo que ingressou na escola, aos doze anos, passou a escrever poesia e produzir pequenos textos. Quando ganhou uma viola da mãe, aos dezesseis anos, ingressou na arte dos repentes, apresentando-se em saraus e pequenas festividades de sua cidade natal... Patativa do Assaré faleceu aos 93 anos, em 8 de julho de 2002. Contudo, sua memória continua viva no Memorial Patativa do Assaré, na sua cidade natal, Assaré, sul do Ceará. Sua obra tem sido estudada por pesquisadores, professores, fruída nas universidades e fora dela. Também tem sido objeto de estudo de mestre e doutores. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/>. Acesso em: 7 set. 2016.

dos que se inspirou neste poeta, para seguir investindo na produção de cordéis. Passou a escrever poesias para o programa do poeta Eloi Teles, o Programa Coisas do Sertão, programa este que durou trinta e sete anos e só terminou depois que o poeta faleceu. No entanto, “O poeta popular sem uma linguagem rebuscada, organizada, disciplinada dentro dos moldes academicistas, educa, usando uma linguagem que utiliza recursos do cotidiano do falar popular para dizer das coisas do mundo e da vida e, deste modo, ensinar”. (ARAÚJO, 2012, p. 277). Chico é bastante tímido e diz que faz poesia por gostar e acha importante as crianças aprenderem na escola esse saber.

Outra mulher fundadora da ACC, foi a poetisa 5- Sebastiana Job (conhecida como Bastinha Job). Em uma das entrevistas realizadas em sua residência no Crato, a poetisa destaca

Toda vida eu fui muito avançada, toda vida pensei muito pra frente e eu não acho nada demais não, eu acho que toda pessoa que quer fazer um cordel faz. Uma vez fui para um concurso da faculdade da antiga filosofia ainda que resgataram os alunos e mandaram para um congresso em João Pessoa na Paraíba ai eu tinha feito a Saga do Professor, um cordel que era contando a história da gente ai quando foram ler lá e quando disseram que eram uma mulher ai ficaram todo mundo admirados eu tive que subir no palco, pra eles me conhecerem e foram só aplausos.

Bastinha, é mais uma das mulheres de sua geração que passou a fazer poesia. A mulher³⁶ na literatura de cordel só veio aparecer efetivamente a partir da década de 1960/70, em que Santos (2008, p. 17) reforça

Período que coincide com as lutas feministas e as desconstruções sociais de gênero-, que as mulheres vêm desterritorializando o universo do folheto e gradativamente publicando e se apresentando como autoras. A presença das mulheres autoras de folheto e as condições que permitem suas performances hoje em dia trouxeram contemporaneamente, um novo fenômeno de investigação nesse campo.

A poetisa destaca que terminou Letras, possui especialização em Língua Portuguesa e Linguística e é professora aposentada da Universidade Regional do Cariri. Na instituição criou a disciplina de Literatura Popular, contribuindo assim, na educação com cordel. Também foi outra poetisa que sofreu influência de Patativa de Assaré, sendo conterrânea do poeta, ela afirmou que sempre gostou de escrever, destacando o seguinte “eu fazia só poesia, soneto, quadra, trova, poesia matuta, não fazia cordel não”. Ainda afirmou que Patativa,

³⁶ Nesse contexto, embora as mulheres cantassem e até publicassem, a exemplo de Maria das Neves Pimentel – uma mulher cordelista que para poder escrever e publicar no contexto da época, profundamente marcado por valores, patriarcais, teve que se encobrir com um pseudônimo masculino, Altino Alagoano -, elas ainda não tinham um espaço seu e não haviam criado seus agenciamentos coletivos de anunciação. No entanto, elas existiam, elas cantavam e esses cantarolar – devir – mulher -, já constituía saltos para a futura construção de seu território (SANTOS, 2008, p.17).

Gostava de mim, ele gostava da minha linha, eu fiz uma poesia chamada mancada da fonseme e mandei pra ele, ai ele disse que estava parecida com as coisas dele e me chamou até de Patativa de saia, porque eu sigo o estilo dele, quando eu faço os versos matuto eu gosto de imitar, mas eu sei que eu não pego nem letra é só presunção minha mesmo.

O estilo de Patativa do Assaré se caracteriza por moldes camonianos, inclusive sonetos de forma clássica, todos decassílabos. Priorizava rima e métrica populares, nesse estilo matuto a cordelista passa ter características em seus versos. Neste sentido, Sirinelli (2006, p. 131) destaca que a geração dessas pessoas sofreram “reflexo da inserção do homem na profundidade histórica”, no caso esse homem foi Patativa que influenciou através da sua poesia Francisco Nascimento, Bastilha Job e outros poetas.

Outro poeta que possui formação na área da educação é o poeta 6- Eugênio Dantas, tendo graduação em Pedagogia e Filosofia. Citou que,

Aqui na região primeiro eu era professor no Seminário da sagrada família, aquele prédio que depois se transformou em hospital e hoje tá fechado que era Manoel de Abreu ali era seminário e depois dali eu fui ser vigário de Farias Brito, nos tempos, no Barro, e aqui no Crato na Sagrada família e lá no bairro do... Então eu fiz pedagogia e como eu tinha filosofia pela Universidade de Salvador Validação, porque no seminário aqui não valia, a gente tinha que fazer a validação, mas validação era apenas algumas cadeiras só pra receber o diploma, porque o diploma de filosofo eu tenho é da Universidade Federal do Ceará não, de Salvador a Católica de Salvador. Fiz só uma especialização em administração escolar porque a universidade precisava porque no meu tempo todo mundo tinha só a graduação, ai por exemplo precisava só alguém pra assinar a cadeira pra mandar os relatório, então eu e outro nós fizemos lá em Vassouras no Rio de Janeiro a especialização e ai por preguiça depois deixei de fazer outra especialização ou doutorado. Se tivesse feito, hoje estaria muito melhor e ensinei na filosofia e depois na URCA eu comecei ensinar na filosofia antes de terminar pedagogia porque eu tinha filosofia. Eu podia ensinar eu era aluno e professor.³⁷

Além de professor foi sacerdote e passou ensinar na educação básica, como também, na URCA.

Trabalhei também no Movimento de Educação de Base não sei se você já ouviu falar. Nas escolas radiofônicas a gente dava aula pelo rádio quer dizer, na comunidade tinha uma sala, um monitor né que acompanhava e a gente dava aula pelo rádio dava aula até de matemática pelo rádio já pensou? Aula de matemática pelo rádio. Na década de 70, até porque em 80 o MEB fechou.

O poeta faz parte da história da educação do estado, pois participou de um dos movimentos mais antigos de alfabetização denominado Movimento de Educação de Base (MEB)³⁸. O poeta fez reflexão sobre as aulas de Matemática mediadas pelo rádio, em que

³⁷ Entrevista concedida por Eugênio Dantas de Medeiros, na cidade do Crato-CE, em 3 fev.2016.

³⁸ O MEB foi criado em 1961 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e apoiado pelo Governo Federal, mediante decreto presidencial e convênios com vários ministérios. Embora oficialmente separada do Estado, desde a proclamação da República, a Igreja Católica em muitos momentos foi sua aliada. Essa aliança foi forte no governo nacional-desenvolvimentista dos anos 1950, por iniciativa dos bispos progressistas do Nordeste

mencionou ser uma disciplina permitindo questionamentos sobre a forma de ensinar uma disciplina tão temida pelos alunos devido às dificuldades de aprender. “É através do cotidiano que o poeta de cordel procura instrumental no sentido de compreender como os sujeitos sociais em sua trajetória de vida, constroem, atribuem significado e dinamizam as suas experiências cotidianas” (ARAUJO, 2012, p.273). Ainda comentou, que além do cordel, fazia sonetos e poesias, pois sempre gostou de escrever. Reforçou dizendo

Quando eu crio a ideia, ai as vezes é ideia de coisas que eu vou observando, ai vou criando. Por exemplo esse último cordel que eu fiz intitulado: “ No Tempo Que eu Era Vivo”. Vi um idoso animado, de oitenta anos, dançando e chegou pra mim e disse: professor no tempo que eu era vivo tomava vinte cana e não tinha nada, hoje eu tomo dez. Perguntei o senhor não tá vivo? Tô não, tô morto. Ai eu comecei a pensar o aspecto do idoso quando, o idoso na relação familiar ele deixa de ser pai pra ser filho, o filho é que manda nele. Assim, vai surgindo os temas para eu escrever.

A poetisa 7- Rosário Lustosa, natural de Juazeiro do Norte é muito devota de Padre Cícero. Tornou-se um dos membros da academia que mais escreveu sobre esse sacerdote. Ela destaca que,

Eu não tenho palavras pra explicar Padre Cícero de forma que eu me emociono quando eu falo dele, para mim, ele está vivo e eu quero lhe dizer que eu ainda não comecei a escrever sobre Padre Cícero, eu ainda vou começar a escrever Padre Cícero.³⁹

A poetisa demonstra grande devoção pelo vigário e é comum encontrar em sua residência imagens sobre o mesmo. Essa devoção está ligada à religiosidade popular, em que Arruda (2002, p. 20) “somos, principalmente por sua influência, um povo acima de tudo místico, supersticioso e messiânico”. Ainda mencionou que o cordel foi um instrumento de reflexão, fez-lhe companhia nos momentos de solidão e por isso se aproximou dessa literatura. Ela é Pedagoga e Assistente Social, tendo especialização em Língua Portuguesa e Arte Educação pela URCA. Disse que era um sonho antigo ser Assistente Social e fez o curso depois que se aposentou. Hoje atua realizando oficinas de cordel em escolas.

brasileiro. Com elevados índices de mortalidade infantil, desnutrição e analfabetismo, na conjuntura da Guerra Fria, essa região era considerada “barril de pólvora”, temendo-se que nela se repetisse a Revolução Cubana. O MEB tinha como objetivo inicial desenvolver um programa de educação de base, conforme definida pela Unesco, por meio de milhares de escolas radiofônicas, instaladas a partir de emissoras católicas. Após dois anos de funcionamento reviu esse objetivo e, alinhando-se aos outros movimentos de cultura popular, passou a entender a educação de base como processo de “conscientização” das camadas populares, para a valorização plena do homem e consciência crítica da realidade, visando sua transformação. Mudou também seu modo de atuação e o conteúdo de suas aulas radiofônicas, conforme retratado no Conjunto Didático Viver é Lutar para recém-alfabetizados que, apreendido por forças da direita, foi pedra de toque da repressão após o golpe militar de 1964. Disponível em: <http://forumeja.org.br/book/export/html/1435>. Acesso em: 31 ago. 2016.

³⁹ Entrevista concedida por Maria do Rosário Lustosa da Cruz, na cidade de Juazeiro do Norte- CE, em 13 mar.2016.

O poeta Regiopídio 8- Lacerda possui graduação em Geografia e atua como professor em algumas escolas do Crato. O mesmo possui sua história com cordel imbricada pela família, destaca

Meu pai era um dos fundadores em 1991, eu acompanhei ainda criança os primeiros passos da Academia, e agora foi na verdade, um retorno E? Ai é uma espécie de sentimento quase que inenarrável você reencontrar a história você voltar às origens perceber o quanto a Academia cresceu, o quanto ela divulgou o cordel, hoje são mais de 1 milhão de folhetos distribuídos, mais de mil títulos diferentes e na verdade um sentimento de pertencimento que não havia acabado, mas que de certa forma é adormecido e que agora ficou muito mais latente né? e alegria de ter sido muito bem recebido pelo grupo os poetas mais experientes, poetas fundadores, outros que entraram depois como Anilda que faz parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, mas que sempre tá pra apoiar, pra ajudar, pra divulgar, incentivar, eu me senti muito bem acolhido e a emoção de fazer parte da Academia ela é absolutamente indescritível.

No entanto, o cordelista Regiopídio Lacerda desde cedo conviveu com o cordel e o próprio pai foi um dos fundadores da Academia, o que influenciou seu interesse por esta literatura. Contou que desde pequeno participava das reuniões e confraternizações da mesma e a vontade de fazer cordel se deve ao pai que passou a ser uma referência. Ele explica que é um sentimento ímpar voltar às raízes e participar desse grupo. Por isso Rousso (2006, p. 98) menciona que “a história pertence sobretudo àqueles que a viveram [...]”.

A poetisa 9 - Anilda Figueredo, possui formação em Direito, com especialização em: Língua Portuguesa/Arte e Educação; Direitos Humanos Fundamentais e Administração Hospitalar. A poetisa destaca em entrevista sua relação com o cordel,

Eu já conhecia Seu Elói Teles porque eu trabalhava no Banco do Brasil e ele era correntista lá e sempre ia no meu caixa. Ele dizia que era o caixa da preferência né? E eu ficava toda orgulhosa e sabia que ele era poeta, as vezes ele chegava no meu caixa e eu estava rascunhando algum versinho, alguma estrofe e ele catava e levava e lia na rádio e ele vendo os versos né?⁴⁰

Nas palavras da poetisa a influência com o cordel começou quando trabalhou no Banco do Brasil como caixa. Já gostava de escrever versos, mas foi quando tornou membro da ACC que dedicou-se a nova profissão, através da orientação dos colegas acadêmicos. Atualmente realiza oficinas e palestras sobre cordel.

O poeta 10 - Edésio Batista destaca sua formação, em que menciona

Eu sou formado em Letras Neolatinas e Faculdade de Filosofia. Hoje existe só Letras, mas no meu tempo era letras neolatinas. Eu estudei português, francês, italiano, espanhol, essas línguas derivadas do latim eu estudei, fiz todo seminário menor em Limoeiro do Norte, era um seminário regido por padres holandeses, padres nazaristas holandeses, e fiz um ano no Seminário maior da Prainha. O primeiro ano de filosofia faltava ainda muito, faltava 3 anos de filosofia e 3 de

⁴⁰ Entrevista concedida por Anilda Figueredo, na cidade de Ipu-CE, em 24 jan. 2016.

teologia pra mim ordenar. Na verdade minha mãe tinha muita vontade de eu ser padre, e eu nasci no sertão, meu pai era agricultor e eu tinha muita vontade de estudar e a única maneira era ir pro seminário, eu disse pra ela que eu não queria ser padre não.⁴¹

O cordelista tem formação em letras e já fazia poesia, mas, segundo, nunca tinha feito cordel. Foi convidado por Seu Elói para participar da ACC, quando então explicou a estrutura do cordel e fez seu primeiro cordel intitulado: “Proezas de um caçador”.

Outro membro da ACC, entrevistado foi o artista 11- Carlos Henrique. Xilógrafo, possui ensino médio, passou por diversas profissões e hoje atua nas artes, como destaca o Catálogo dos Cordelistas da Academia do Crato:

Trabalhou como engraxate, vendedor de picolé, fabricante de bóia para galão da casca da cajá até o surgimento da bóia de isopor. Com o fracasso da venda da bóia artesanal, ele passou a fabricar do cajá, brinquedo que era vendido na feira e na Associação dos Artesãos do Crato. Após conhecer ACC, entrou no ramo da xilogravura tendo seu primeiro trabalho feito para o cordel de Eugênio Dantas com o título: ‘Por uma cultura de solidariedade’. Hoje ocupa a cadeira nº 20 da Academia dos Cordelistas do Crato (como xilógrafo) que tem como patrono Walderedo Gonçalves.⁴²

O artista é mais um que passou por diversas profissões antes de viver da arte, em uma de suas entrevistas ressalta a parceria que possui com outro poeta e xilógrafo da ACC Maércio Siqueira. O convite para entrar na ACC deve-se a essa parceria, que trouxe seu reconhecimento como xilógrafo. Mencionou,

Conheci a xilogravura através dele que eu fazia, mas não conhecia bem o que seria, até o nome eu sabia que era xilogravura, mas não sabia que, não tinha visto ainda o que era, vim saber o que era xilogravura, através de Maércio. Depois disso aí eu passei a estudar a xilogravura, depois de ter conhecido, fui fazendo amizade com outros gravadores do Brasil e também de pessoas do exterior e por conta disso não parei fazer gravura de capa de cordel.

Carlos vivi da xilogravura, realizando oficinas e palestras sobre essa arte. O poeta 12- Maércio Siqueira da academia, além de escrever versos, é um artista da xilogravura do Cariri, tendo formação, Letras e mestrado em Filosofia. Ele comenta o seguinte: “[...] eu já conhecia o cordel de maneira espontânea na casa de um amigo, me lembro do canção de fogo, mas na faculdade eu vi toda dimensão do cordel, importância cultural, e como eu já gostava da poesia dos poetas do passado”.⁴³ Mais adiante ele faz menção à formação dos poetas antigos:

⁴¹ Entrevista concedida por Francisco Edésio Batista, na cidade do Crato-CE, em 2 fev.2016.

⁴² Entrevista concedida por Carlos Henrique, no Crato-CE, em 5 mar. 2016.

⁴³ Entrevista concedida por Maércio Lopes de Figueiredo Siqueira, no Crato-CE, em 31 agost.2016.

Os cordéis clássicos, “Pavão Misterioso”, “Coco verde e melancia”, demais cordéis, do passado você ver a qualidade do poeta, não e simplesmente uma pessoa assim, produzida pelo povo, tem uma formação, nem que seja de autoridade, ele ler, tem conhecimento, ele leu pelo menos leu outros cordéis e ai sua imaginação é formada partir desses elementos é um erro achar, até pouco tempo, muita gente achava, o cordel tem que ser numa linguagem brejeira. Não defendo essa linguagem, pegue o cordel “Pavão Misterioso”, pegue “Coco verde e melancia”, é a linguagem mesmo, é o Português, a norma culta da época, a norma gramatical vamos dizer, ele é escrito em linguagem comum, de linguagem de jornal, me refiro às palavras, alguma simplificação, não havia sofisticação, mas havia conhecimento causa, pega “Coco verde e melancia”, é um clássico do grana, se você fizer uma linha de comparação entre a história do coco verde e pegar se Hamite por exemplo, na hora que o rapaz descobre que a noiva, a amada não está morta, e que cava túmulo, aquela cena cavar o túmulo, em busca de um túmulo lá dentro, isso ultrapassa a simples imaginação popular o poeta tem algo para oferecer, ele realmente oferece ao seu público algo peculiar. Quando escrevi meu primeiro cordel foi 99, chamado “Breve Histórico da Fundação do Seminário do Crato”, cordel narrativo, para mim o cordel deve ter narrativo, eu fiz cordel filosófico, fuge um pouco, não tem a áurea de cordel, você menciona ai minha formação, mas não me considero realmente um cordelista. Minha formação acadêmica mestrado filosofia e graduação letras. O que acontecia é que naquela época, era uma coisa natural, ou seja, se reunião vamos fazer literatura surgia mesma na demanda do povo, o povo sempre gostou de escutar história.

Percebemos nas palavras do poeta e xilógrafo que os cordelistas antigos possuíam uma formação. Muitas pessoas tem a ideia que o cordelista é uma pessoa leiga e podemos constatar que a maioria dos poetas desse grupo pesquisado possui formação acadêmica e isso não vem de agora. Ainda, defende uma linguagem culta para esse tipo de literatura. Enquanto o poeta 12-Francisco Nascimento, já é a favor, “do jeito que ele é, contanto que explique ao aluno isso aqui está errado por isso, porque a língua permite, a forma é permitida no cordel, já alterou, então deixa como está, contanto que o aluno saiba porque que tá escrito daquele jeito aí é que é o certo”. Vimos entre os dois poetas a contradição de pensamento, porém as formas devem ser comuns para que não haja nenhuma dúvida para o aluno.

Abreu explica que um dos grupos leitores da literatura de cordel era a própria burguesia (1991, p. 42 e 45):

O público a que se destinavam as obras de cordel portuguesas nos anos oitocentos também não era basicamente popular. É certo que lavadeiras, carregadores, moleques de rua juntavam-se em torno dos cegos para ouvir suas histórias e adquirir folhetos [...] o público do teatro de cordel, ou pelo menos parte dele, era composto pela burguesia urbana, revelando seus hábitos no final dos anos 800 [...]

No passado havia um público seletivo, que destacava por gostar de cordel. Quanto à formação dos poetas nordestinos Abreu (1991, p. 93), destaca que em décadas passadas,

A maioria deles nasceu na zona rural, filhos de pequenos proprietários ou de trabalhadores assalariados. Tiveram pouca ou nenhuma instrução formal. Alguns eram autodidatas, outros aprenderam a ler com parentes e conhecidos. Alguns iniciaram a vida profissional como operários, vendedores, agricultores, almocreves, mas, assim que conseguiram editar e vender folhetos, abandonaram o antigo ofício, passando a se dedicar apenas ao trabalho com os versos.

A formação dos poetas nordestinos antigos, em sua maioria da zona rural e de uma família humilde, era de pouco estudo, pois muitos eram autodidatas. Podemos identificar a vida simples de alguns poetas caririenses, como o Zé de Matos, também chamado “O Poeta da Bagaceira”. Segundo um dos entrevistados, o qual é patrono, ele “Foi um poeta cachaceiro, muito bom que teve aqui no Crato, repentista de primeira, brincalhão, fazia versos nas pontas de balcão da bodega do Crato, mas quanto mais bebia mais improvisava...”. Esse poeta se destacou bastante no município do Crato. Era mestre de rapadura, ou seja; sabia o ponto do mel para fazer a rapadura. Mesmo não tendo estudado e apesar de ser analfabeto, destacou-se na literatura de cordel.

Outro reconhecido nome da poesia do Cariri cearense foi Expedito Sebastião da Silva.

Kunz (1996, p. 64) explica que este poeta

Frequentou escola até o quinto ano primário. Depois, por causa da necessidade, trabalhou no curtume do ‘finado’ José Pedro da Silva. Em torno de 1945 foi contratado por José Bernardo da Silva, fundador de uma das maiores editoras de cordel do Nordeste, a Tipografia São Francisco. Escreveu o primeiro de 1948.

Mesmo diante de uma formação precária conseguiu ser um dos poetas mais reconhecidos do Cariri. A autora comenta em seu dossiê que ele escrevia por esporte, que não se preocupava em inserir seu nome nos folhetos. Teve influência de um poeta que morava próximo à sua casa e através dele começou a escrever seus primeiros versos.

Podemos afirmar também que Patativa do Assaré exerceu forte influência na poetisa Bastinha, pertencente à Academia. Patativa sem dúvida é um dos poetas mais reconhecidos da atualidade. Nascido em Assaré, um dos municípios que faz parte da região caririense, foi agricultor, repentista e um dos melhores poetas populares cearenses. Tendo estudado apenas seis meses, conseguiu ser Doutor Honoris, pelo menos em três universidades. Um dos seus poemas mais conhecidos é Triste Partida, considerado um dos mais belos já produzidos no âmbito do cordel:

Setembro passou
outubro e novembro
Já estamos em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês
Ele fez experiência,
Perdeu sua crença

Nas pedras de sal.
Mas noutra experiência
Com gosto se agarra,
Pensando na barra
Do alegre Natal.

Rompeu-se o Natal,
Porém barra não veio,
O sol bem vermelho,
Nasceu muito além.
Na copa da mata,
Buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra,
Pois a barra não tem.

Sem chuva na terra
Descamba janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão.
Entonce o roceiro
Pensando consigo,
Diz: “Isso é castigo!
Não chove mais não!”

Apela pra março,
Que é o mês preferido
Do santo querido.
Senhor São José.
Mas nada de chuva!
Tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé.

Agora pensando
Seguir outra tria,
Chamando a família
Começa a dizer:
“Eu vendo meu burro,
Meu jegue e o cavalo,
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer.”

Nós vamos a São Paulo,
Que a coisa está feia;
Por terras alheias
Nós vamos vagar.
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho,
Pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar.

E vende seu burro,
Jumento e o cavalo,
Até mesmo o galo
Venderam também,
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro,
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem.
Em cima do carro

Se junta a família;
 Chegou o triste dia,
 Já vai viajar.
 A seca terrível,
 Que tudo devora,
 Lhe bota pra fora
 Da terra natal.

O carro já corre
 No topo da serra.
 Olhando pra terra,
 Seu berço, seu lar,
 Aquele nortista,
 Partido de pena,
 De longe acena:
 Adeus, Ceará!

No dia seguinte,
 Já tudo enfadado,
 E o carro embalado,
 Veloz a correr,
 Tão triste, coitado,
 Falando saudoso,
 O filho choroso
 Exclama a dizer:

“De pena e saudade,
 Papai sei que morro!
 Meu pobre cachorro,
 Quem dá de comer?”
 Já outro pergunta:
 “Mãezinha, e meu gato?
 Com fome, sem trato,
 Mimi vai morrer!”

E a linda pequena,
 Tremendo de medo:
 “Mamãe, meus brinquedos!
 Meu pé de fulo!
 Meu pé de roseira,
 Coitado, ele seca!
 E a minha boneca
 Também lá ficou.”

E assim vão deixando,
 Com choro e gemido,
 Do berço querido
 O céu lindo azul.
 O pai pesaroso,
 Nos filhos pensando,
 E o carro rodando
 Na estrada do Sul.

Chegaram em São Paulo
 Sem cobre quebrado.
 O pobre acanhado,
 Procura um patrão.
 Só vê cara estranha,
 Da mais feia gente,
 Tudo é diferente
 Do caro torrão.

Trabalha dois anos,
Três ano e mais ano,
E sempre nos planos
De um dia ainda vim.
Mas nunca ele pode,
Só vive devendo.
E assim vai sofrendo
Tormento sem fim.

Se alguma notícia
Das bandas do Norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir,
Lhe bate no peito
Saudade lhe molho,
E as águas nos olhos
Começa a cair.

Do mundo afastado,
Sofrendo desprezo,
Ali vive preso,
Devendo ao patrão.
O tempo rolando,
Vai dia e vem dia,
E aquela família
Não volta mais não!

Distante da terra
Tão seca, mas boa,
Exposto à garoa,
A lama e o pau
Faz pena o nortista,
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
Nas terras do Sul.

Os versos acima descrevem a dramática realidade do sertão nordestino e de uma forma simples, o poeta retrata o sofrimento pelo qual passa o sertanejo. Patativa, apesar de semi- analfabeto transgrediu os limites impostos pela sua baixa escolaridade, e transmitiu através dos seus versos a sensibilidade e o cotidiano nordestino, por meio de uma linguagem própria do interior do sertão. É considerado um grande poeta popular, patrono da ACC, cadeira nº 16, do acadêmico Zé Joel.

Além dele, outros poetas influenciaram os cordelistas da academia. É o caso de Cego Aderaldo, poeta cratense, que passou boa parte de sua vida morando em Quixadá. Foi aprendiz de carpinteiro, empregado de hotel e trabalhador numa forja de ferro, além de cantador e poeta popular. É patrono da ACC, cadeira nº 4, tendo Bastinha Job como acadêmica.

Também outro poeta que se destacou, nascido em Juazeiro do Norte, foi Manoel Caboclo da Silva, que trabalhou na tipografia São Francisco de José Bernardo, um dos

maiores editores de cordel do Brasil. Posteriormente, sai da tipografia para abrir uma gráfica com João Ferreira; e na década de 1990 morre Caboclo e também vai à falência sua folheteria.

Outros poetas tiveram igualmente importância, em especial para a Academia, passando à a patronos da Academia como Eloi Teles, Enéas Duarte, Monsenhor Antônio Feitosa, Dandinha Vilar e José Esmeraldo, já mencionados anteriormente. Cada um com sua formação, seja formal ou informal, permanecem influenciando os membros da Academia com sua história e suas produções literárias, sendo referenciados em algum momento como artistas que contribuíram para o engrandecimento da poesia cearense.

Pensar na formação desses artistas é revisitar uma educação que para muitos permaneceu inacessível, sendo privilégio da elite brasileira. Nosso país sempre sofreu com péssimas estruturas escolares e educação pública de pouca qualidade. Apesar disso, muitos poetas populares buscaram formação e são detentores de grandes saberes, desmistificando a ideia de que a literatura de cordel é um conteúdo de baixa qualidade e pouca relevância acadêmica. Quanto a à educação na década de 1920, Nogueira (2001, p. 109-110) destaca

Em Campos Sales, os algarismos são ainda mais expressivos. A população escolar é de 1667. Frequentavam escolas públicas e particulares apenas 34 crianças. Sabiam ler 53. Portanto, 1580 eram analfabetas. Em Assaré, havia uma população escolar de 810 crianças. Frequentavam a escola 37 e 118 sabiam ler, 665 eram analfabetas. Na cidade do Crato, com uma população escolar de 3589 crianças, apenas 881 frequentavam escolas, 557 sabiam ler.

Podemos constatar que apesar boa parte da população possuíam pouca educação formal, em que afeta não só as crianças, mas o adultos também. Neste sentido, a formação humana é indispensável para o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Ao abordar a história e a formação dos cordelistas é possível perceber que possuem um significativo acúmulo de conhecimentos e saberes, o que pode ser facilmente constatado nas suas poesias de cordel. Os conhecimentos existentes tornam detentores de diferentes saberes, que os classificam como sujeitos e produtores da cultura popular.

Diferentes sujeitos que fazem parte dessa cultura, como poetas, repentistas, rezadeiras, brincantes e tantos outros reconhecidos pelos seus saberes, também são construtores e produtores de conhecimento. Nesse sentido, o cordel passa a ser uma fonte de informação ao seu leitor, pois implica percepção crítica, interpretação e 'reescrita' do lido (FREIRE, 2011).

O cordelista é um constante observador do mundo que o cerca e está a todo momento pensando em como organizar essas informações e impressões da realidade em seus escritos literários. Seu trabalho pode ser considerado pesquisa, pois ao conhecer passa a

intervir, educar e se educar, anunciando por meio de seus cordéis suas compreensões sobre diversos assuntos realidade que o cerca.

Se os cordéis são produtos da cultura popular, trazendo conhecimentos e saberes pelas lentes dos cordelistas, não se pode deixar de refletir sobre essa literatura e sua influência no espaço escolar. Perceber o cordel como recurso de aprendizagem é integrar ao currículo formal os saberes e conhecimentos da comunidade local que estão intimamente ligados ao cotidiano e contexto sociocultural dos alunos. O papel da ACC nesse processo também se apresenta como fundamental na construção de uma escola feita pela comunidade.

A seguir, um quadro-resumo dos cordelistas e suas respectivas formações e influências:

Quadro 1 – Informações sobre os cordelistas

| CORDELISTAS | FORMAÇÃO | INTERESSE POR CORDEL |
|--------------------------|---|---|
| 1 - LUCIANO | Ensino Fundamental | Convivência com cordelistas. |
| 2 - JOSENIR | Ensino Médio | Gosto pela poesia e incentivos da família |
| 3 - WILLIAN | Graduação em Engenharia agrônômica. Mestrado. Meio Ambiente | Afinidade e incentivo da família |
| 4 - FRANCISCO NASCIMENTO | Graduado em Odontologia | Convivência com Patativa do Assaré |
| 5 - BASTINHA | Graduada Letras | Convivência com Patativa do Assaré |
| 6 - EUGÊNIO | Graduado em Pedagogia e Filosofia | Afinidade com poesia |
| 7 - ROSÁRIO | Graduada em Pedagogia e Serviço Social | Refugio Refúgio |
| 8 - REGIOPÍDIO | Graduado em Geografia | Convivência com ACC |
| 9 - ANILDA | Graduada em Direito com Especialização | Convivência com ACC |
| 10 - EDÉSIO | Graduação Filosofia | Convivência com ACC |
| 11 - CARLOS | Ensino Médio | Incentivo do amigo Maércio |
| 12 - MAERCIO | Graduado em Letras e Mestrado em Filosofia | Interesse surgiu por amigo e na graduação |

Fonte: Tabela produzida pela pesquisadora Célia Camelo (2017)

3.3 Temas de cordéis da academia

Os temas em cordéis são bastante diversificados, desde temas biográficos, históricos, didáticos, homenagens, propaganda política, maliciosos, cômicos, religiosos, profecias, pelejas, encontros e outros. São diversos temas que os folhetins abordam, possibilitando o uso em diferentes contextos, inclusive em sala de aula. Neste sentido, em nossa pesquisa de campo conversamos com os membros da ACC e perguntamos os temas sobre os quais eles mais escrevem. Chico Nascimento destaca:

Não tenho nenhum cordel repetido, são todos diferentes, são todos diferentes. Eu gostava do folclore, as minhas histórias voltam mais ao passado, coisas, fatos acontecidos. Biografia não, história relatada por outros que eu transferi pro cordel, de autoria de outras pessoas que eu transferi pro cordel, poesias clássicas eu transferi umas três ou quatro em cordel.

O poeta traz para a literatura de cordel uma contribuição, pois possibilita o leitor conhecer obras clássicas em cordel. Algumas obras ele lê e transcreve por meio do cordel. Desta forma ajuda os leitores ter o conhecimento de histórias que já não se discute mais, permitindo esse ampliar o conhecimento.

Podemos destacar alguns cordéis escritos pelo cordelista:

- Prevenções contra a AIDS – esse cordel permite que os leitores tenham conhecimento sobre as diversas formas que uma pessoa pode evitar essa doença, sendo um folheto voltado para a educação;
- Projeto de Zoneamento ambiental da ‘APA’ Chapada do Araripe” – permite o leitor conhecer o que foi Projeto de Zoneamento, pois possibilita os moradores conhecer um pouco da história da Chapada do Araripe;
- A lenda da pedra branca – o poeta revisita uma lenda do município de Porteiras, contribuindo para o leitor conhecer essa história;
- Crato moleque I e II – esse cordel possibilita adentrar na história do Crato; Em defesa do folclore – o poeta reafirma a importância do folclore;
- Campanha da fraternidade 2011- é um cordel que traz informações sobre essa campanha, ou seja, tem como tema: “Fraternidade e a vida no planeta”, possibilitando conhecer esse tema;
- Coincidências entre Jesus Cristo e Lampião – o cordel permite revisitar a história de dois personagens verídicos da história, um conhecido mundialmente e outro nacionalmente, com suas características específicas

tornaram imortais na história e que faz com que muitos leitores pesquisem sobre tais pessoas, podendo ser criada uma peça teatral sobre assunto.

Esses cordéis possuem temas relevantes a serem trabalhados dentro da sala de aula, possibilitando a realização de debates, peças teatrais, ilustrações e outras formas de expressar educação e cultura.

Chico Nascimento mencionou gostar de se utilizar de alguma obra para fazer seus cordéis. Maxado (2012) destaca que João Melquíades Ferreira utilizou a lenda “O tapete voador”, em que o poeta fez outra versão para a história. O poeta Eugênio Dantas destaca em relação aos temas escritos que

Tenho muitos de humor e sociais, cartas de Tancredo ao presidente Sarney, eu fiz como se Tancredo escrevesse uma carta para Sarney, dizendo que Sarney não estava fazendo nada que ele queria. E assim muitos têm temas cômicos, humorísticos, o apóstolo maquiavélico que eu como Jesus mandando-os apóstolos visitar a Terra porque havia muita droga e ele queria saber o que fazer com essa droga, aí mandou 12 apóstolos, mandou os apóstolos cada um levar uma droga para eles experimentarem e ver o que fazia pra acabar com a droga na Terra. Aí vai São Pedro levar Maria Joana, outro leva maconha, outro LSD aí só faltava Judas chegar, quando Judas chego. Ai Jesus, Judas o que é que você trouxe? Ele disse: eu trouxe a polícia federal pra prender todo mundo que trouxe, encerra assim, é humorístico. São temas políticos, temas religiosos, temas de humor também . (EUGÊNIO DANTAS, ENTREVISTA REALIZADA NO CRATO, EM 2016).

Identificamos na fala do poeta que não possui há um tema específico para escrever seus cordéis. Ele produz cordéis que envolvem seriedade, criticidade e humor. São diversos temas que fazem o poeta recriar e transmitir o que foi citado por alguém. As histórias fazem parte do cenário nordestino, proporcionando ao leitor adentrar nas narrativas do seu cotidiano. A classificação de seus cordéis está inserida na categoria de Orígenes Lessa, o qual denomina temas permanentes e tipos passageiros (CEARÁ, 1978).

Rosário Lustosa relatou que seus cordéis são “[...] diversificados, tem biografias, tem a história, tem fatos de épocas, tem questões sociais. É uma diversidade”. Podemos identificar como cordel histórico: “A Pedra do Reino de São José de Belmonte-PE” – esse tipo de cordel pode ser trabalhado na escola como uma forma de revisitar esse fato; cordel biográfico: Padre Cícero: E quem é ele? , pode ser discutido na sala de aula na forma de esclarecer sua história; Cordel sobre fatos de época: “Carta de um professor para a presidente Dilma”, esse cordel é um tema bastante instigante para ser discutido com os alunos e esclarecer a atual crise política que nosso país se encontra; Cordel de questões sociais: “A droga da violência”, outro tema bastante atual e que pode ser de interesse dos alunos uma discussão sobre esse assunto seria importante. Porém um dos temas mais escritos por ela foi

sobre Padre Cícero e Juazeiro do Norte. Investigando suas produções percebemos que é uma das cordelistas da academia que mais possui cordéis com temas diferenciados, demonstrando assim, uma riqueza de temas para os que desejam conhecer e que gosta dessa literatura, em especial, ser discutido em sala de aula. Outro poeta que também explora diversos temas é Edésio Batista, que afirma

Exploro vários temas, sobretudo temas ecológicos, eu fiz um cordel sobre a chapada do Araripe, tenho cordel também: Salvemos nosso planeta que também é ecológico e um sobre o pequi. Até foi a pedido do Rotary, que é aqui uma árvore típica da região quer dizer, outras partes do país também tem o pequi também, mas aqui eu acho que podia ser o símbolo do Cariri, do Crato ser o pequi (EDÉSIO BATISTA, ENTREVISTA REALIZADA NO CRATO, EM 2016).

Também o poeta mencionou que escreve sobre vários temas. Destaca os temas ecológicos e religiosos, pois já que passou algum tempo no seminário fez vários cordéis religiosos. Dentre eles: “Quando a missa era em latim”, “A mulher quase fingiu passar por padre”, “Maria causa de nossa alegria”, “História de uma mártir” e Laudato Si (Louvado seja). Percebo que muitas das produções do poeta Edésio são de cunho religioso, porém destacou escrever sobre qualquer tema que permitem ser discutidos nas aulas de religião, contribuindo para que os alunos conheçam mais sobre a bíblia. O poeta se enquadra dentro do ciclo do poeta Joaquim Batista de Sena, considerado um dos destaques dentro da literatura de cordel (MAXADO, 2012). Já a poetisa Anilda Figueiredo disse que,

Tudo eu acho bom, agora tem um tema que eu me dedico mais é falar da nossa região, são cordéis históricos, por exemplo, eu tenho um cordel que fala sobre as ruas do Crato, tenho cordel que fala sobre a região do Cariri, tem um que eu falo sobre todas as cidades do Cariri, trinta e três municípios que são, abraçadas pelo GEOPARQUE e eu sai falando de cada cidade. Num eu falei da parte histórica, outra da parte geográfica, outra da genealogia, acontecimentos eu gosto ou biografia (ANILDA FIGUEREDO, ENTREVISTA NO CRATO, EM 2016).

Percebemos que a poetisa escreveu mais temas históricos, que abordam a região de origem, pois retrata as riquezas do Cariri. Há também as biografias, que já foram mencionadas pelo poeta Willian Brito, se destacam nesse tipo de cordel figuras que fazem parte do lugar. Mais uma vez esse tipo de cordel contribui para as aulas, em que os alunos podem conhecer a história local. Um dos poetas que se caracteriza nesse ciclo histórico é o trovador Manuel d’Almeida Filho. Paraibano, jornalista-revisor e é consultor editorial da Editora Luzeiros (MAXADO, 2012).

No mês de novembro de 1997 foi lançado o primeiro cordel pela tipografia da Academia, intitulado: “Recado da impressora aos Cordelistas do Cariri”. Mais uma vez essa entidade soube desenvolver um trabalho para chegar à sociedade.

Uma entrevista que trouxe respostas diferentes das demais, foi do cordelista e xilógrafo Maércio, poeta que possui um conhecimento teórico e prático significativo sobre o cordel e a xilogravura. No momento perguntei Quando perguntado sobre os temas que mais escreve escrevia e mencionou ele relatou:

Atualmente não gosto de escrever cordéis, tenho alguns trabalhos bons e também xilogravura, faço isso porque há uma necessidade dos companheiros, dos amigos, e não irei negar meu serviço, mas eu faço isso, defendendo uma bandeira, não é humor, eu posso inscrever não é porque é cordel, mas é o instrumento de ideias, conteúdos, defender clichês, defender padrões. Escrevi muito biografia, mas isso porque houve demanda, o SESC me encomendou sobre Machado de Assis, cordel ótimo, recebi elogios, Jorge Amado, Ana Miranda, certo e Patativa do Assaré (MAERCIO SIQUEIRA, ENTREVISTA NO CRATO, EM 2016).

Os cordéis biográficos do poeta trouxeram contribuições valiosas para o cordel, pois inseriu nos versos, história de pessoas que ficaram imortalizadas na literatura clássica e popular. Desta forma os folhetos propagam para os leitores e alunos conhecimento, possibilitando refletir sobre tais personalidades.

Segundo Maxado (2012, p. 69) “O poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, divulgou muito essa forma, sendo autor de mais de 300 abecês tratando de figuras históricas, literárias, políticas, religiosas, santas ou que tenham se destacado em outros campos de realização”. Perguntado sobre sua maior inspiração, Maércio respondeu:

Assim, não tenho preferência por nenhum não, tenho preferências por trabalhos, bateu que eu considero interessante, por exemplo, Maranhão, é um poeta esquecido, um poeta extremamente popular, genuíno, a crítica literária do cordel o pai de Regiopídio, escreveu dois livros: “Coisas do sertão” e o “Sertão e suas coisas”. Eu comprei esse segundo, ele vendeu o livro na Siqueira Campos, no calçadão e li e tem trabalho, são poesias que são fundamentais e tem consistência. De Maranhão eu lia e lia e voltava a ler muitos, do Pedro Ernesto tem um livro dele “Cidadania do Repente”, de Pedro Ernesto Filho, muitas poesias eu considero muito boas, todas são boas, e Luciano Carneiro tem trabalhos são fundamentais, Eugênio Dantas escreve muito bem, no sentido que a sua poesia límpida, a construção é limpa, é leve, é desprezioso, ele consegue montar o cordel “Quem lê viaja”, tem muitos outros, acho muito bom, as obras é que tem que falar e não a pessoa idolatrar a pessoa, a gente tem considerar a pessoa um grande porque produziu tal obra, assim para me inscrever, eu me inspiro mais nos temas, porque a técnica eu domino, não sei dá aquela espontaneidade também tenho meu jeito de fazer, também não vou ceder muito, eu tenho meu jeito, eu me inspiro em temas, tem uns cordéis que não publiquei, porque são temas metafísicos, temas teológicos, são meio ocultistas, se eu tiver de publicar não é pelo cordel é pelo meio que tenho expor isso, na maneira mais fácil e mais barata também com o conteúdo. (MAERCIO, ENTREVISTA EM CRATO, EM 2016)

Percebemos na fala de Maércio que seus cordéis são produzidos pela afinidade com tema. O autor cita trabalhos importantes de membros da academia e mais uma vez fala de sua forma viva de fazer poesia; e que não modifica isso. Josenir Lacerda se refere aos temas de cordel e aos cordelistas dizendo,

Então o interesse pela temática também muda, as pessoas que escreviam cordel muito antigamente não tinham muita instrução como hoje e não tinha acesso à escola como hoje tem. Então os cordelistas de hoje, de qualquer forma são mais esclarecidos, tiveram mais acesso as informações as temáticas que são oferecidas, são mais atuais e de interesse do momento. Do mundo atual e existe ainda quem desenvolva os romances. Mas dá aquela conotação diferente daqueles romances dos clássicos de coco verde e melancia que era muita fantasia, era os amores impossíveis e tudo é muito bonito e ainda existe quem faça mesmo, porque eu acho que a imaginação é fértil e a história acontece mesmo releitura desses clássicos assim que é muito feita com base nesses grandes romances, tem o respeito muito grande dos próprios cordelistas com relação a esses autores antigamente, que foram os responsáveis. A gente tem um respeito muito grande porque são os grandes mestres como João Martin de Ataíde, Leandro Gomes de Barros, José Camelo Rezende a gente tem que respeitar. (JOSENIR LACERDA, ENTREVISTA NO CRATO, EM 2016).

Ainda a poetisa na sua fala menciona que a escolha dos temas deve “A inspiração, que acha interessante, encomendas e sugestão. Tem gente que tem uma linha. Eu é o que vem e me atrai,(sic) eu gosto de fazer o que me agrada e que vai agradar o leitor. Acho bom temas mais abrangentes”. Esses temas abrangentes estão inseridos na classificação de Raymond Cantel, ou seja, heroico, satírico e cômico, religioso e informativo. Já o poeta Regiopídio destaca o seguinte sobre seus temas:

Eu já tenho publicado quatro cordéis, é um sobre a história do Crato, um sobre a ditadura militar, um sobre Abidoral Jamacaru e um sobre a eleição de 2010 pra governador, e ainda tenho um com o selo da Academia que vai sair o primeiro esse ano. (REGIOPÍDIO LACERDA, ENTREVISTA NO CRATO, EM 2016)

O poeta está inserido na classificação de Carlos Alberto Azevedo (CEARÁ, 1978), ficando na categoria histórico e circunstancial, estando inserido na classificação de Orígenes Lessa, na categoria fatos políticos e eleições. Bastinha Job destaca as temáticas seguintes:

Minha preferência é humor e política, mas eu fiz biográfico, religiosos inclusive fiz sobre Pe. Cícero e a Campanha da Fraternidade. O humor sem ser imoral é aquele que sugere. Eu tenho: “A prece da solteirona”, “Santo Antônio respondi a solteirona”, “Só quem segura os caídos é Deus e o sutiã”, “Quem foram os enamorados”, “Tipologia do corno I e II”. Tem tanto corno que eu estou fazendo outro cordel de corno e agora irei fazer o III. (BASTINHA JOB, ENTREVISTA NO CRATO, EM 2016)

Os cordéis da poetisa se destacam pelo humor. Ela muitas vezes ao olhar para alguém já faz versos, seja a respeito da aparência das pessoas, das preferências de alguém, com um olhar bem criativo para o humor. Já Willian Brito destaca:

A Academia nunca interferiu em temas, o autor decide, às vezes o autor é demandado, depende da demanda, por amizade ou por educação. Eu já fiz vários versos por encomenda, em relação a temas, por exemplo, o Ministério Público, então o procurador me conhecia e pediu para o índio. Dá para usar a mesma arte. Tem outro de avoantes, aí o chefe do Semace pediu para fazer da avoante. Quando criaram escrevi um cordel cavernoso, quando dona Violeta foi escolhida a reitora da

Urca e dona Sara ligou e pediu para fazer um cordelzinho para posse e fiz a missão da reitora Violeta. Tem alguns cordéis que fazemos por encomenda, quando a Fundetec foi responsável pelos estudos, aí fiz uma serie, aí peguei esses estudos e de acordo com o perfil de cada poeta e dividi em 10, para dez poetas. As tiragens são muito grandes, padre Cícero e a ecologia foi muita tiragem de 20 mil, a ideia era fazer um trabalho com os romeiros, eu cheguei na estátua do padre Cícero eu distribuía 3000 cordéis, eu pegava o carro no Franciscana distribuía 200 folhetos. Eu biografei que são referências, pois o meio de comunicação não dá referência e um cara que eu admiro Dom Helder, fiz de Padre Ibiapina e Bezerra de Menezes. Quando quer apoiar uma causa ai eu peguei 500 cordéis e o que entrar vai para o centro espírita do meu irmão. Na igreja de Coité, terra dos meus sogros, ai ela estava precisando, ai escrevi sobre a cidade e ai não vendi um, ai quem puder o que dava tudo que era arrecadado foi para a igreja. (WILLIAN BRITO, ENTREVISTA NO CRATO, EM 2016)

Percebemos então que dependendo da necessidade que o poeta faz o cordel, não existe um tema específico e a Academia também não o exige. Foram diversos temas que o poeta já produziu, mas podemos destacar as maiores produções sobre meio ambiente e biografias, contribuindo assim, para as discussões em sala de aula.

O poeta Luciano Carneiro relata que “Tem muitos temas que pedem para fazer e pela afinidade, não tem um tema preferido, fiz sobre religião, política, natureza, ecologia, de tudo eu fiz um pouco”. Podemos constatar na fala dos poetas e poetisas que a maioria não possui uma preferência, mas as produções surgem de acordo com a necessidade e com a ocasião. Claro que alguns tem têm uma afinidade maior por um tema do que outros, mas em si o poeta pode fazer um cordel dependendo da necessidade.

Constatamos que a ACC possui diferentes temas como saúde, filosofia, lendas, biografias, natureza e personalidades históricas como Luiz Gonzaga, Lampião e Padre Cicero. Este último nos adentramos para os poetas em analisar as capas, pois é a principal personalidade histórica do Cariri.

Neste sentido, depois de conhecer os temas produzidos pelos poetas, o próximo capítulo nos permite conhecer um pouco do universo da xilogravura e sua estética, levando em consideração a história dessa arte e imagem. Vamos nos limitar a discutir oitocap de Padre Cícero que doze poetas da Academia analisaram, todas produzidas pelos xilógrafos da ACC.

CAPÍTULO 4

TIPOLOGIA DAS CAPAS DE CORDEL DE PADRE CÍCERO

Figura 9 – Capas de cordel dos xilógrafos da ACC



Fonte: arquivo da pesquisadora, de Josenir Lacerda e Centro Cultural Banco do Nordeste

No capítulo anterior adentramos na história e memória da ACC. Tivemos o acesso aos documentos dessa instituição, estatuto e atas que nos possibilitaram entender melhor essa entidade cultural. Ainda, foi o momento de entender como surgiu a fundação da Academia e sua relação com a educação.

A ACC já existe desde 1991 e vem propagando o cordel em diferentes espaços do Cariri, desde as feiras, praças, escolas, eventos culturais e outros. Sua contribuição perpassa os muros das escolas, fazendo com que o cordel seja um recurso mais do que didático, estabelecendo um elo de conhecimento cultural entre as pessoas. No entanto, para esse capítulo adentraremos nas produções de folhetos produzidos por xilógrafos dessa entidade, mais especificamente as capas de cordel com imagens do Padre Cícero. É importante estudar as capas de cordel, devido ao fato das imagens das capas serem algo chamativo, uma vez que a imagem está presente no nosso cotidiano. Para essa análise, foi escolhido Padre Cícero, por ser a personalidade histórica de maior relevância na região do Cariri. Essa análise vem contribuir para que outros pesquisadores venham estudar a imagem de Padre Cícero. Para essa análise serão estudadas oito capas de cordéis, sendo três títulos com mais de uma edição, tendo como títulos: 1- Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo; 2- Juazeiro do Norte um século de progresso e fé; 3-Recados de Padre Cícero e o Monsenhor Murilo; 4- Os patronos das ruas do Crato; 5- Centenário de Juazeiro do Norte; 6- I Encontro Internacional de Negócios do Cariri; 7 e 8 - Padre Cícero e a ecologia; Padre Cícero (2 edições).

Na presente pesquisa utilizamos delimitamos um grupo de doze membros da Academia, em que utilizamos a partir dos seguintes critérios: os poetas mais antigos, que são os seis fundadores que fazem parte: (Josenir, Luciano, Willian, Bastinha, Eugênio e Francisco Nascimento), depois entrevistamos outros mais antigos (Edésio e Anilda). Entrevistamos Rosário, por ser a poetisa do grupo que mais escreveu sobre Padre Cícero, Regiopídio faz parte, pois desde criança teve uma relação com esse ambiente, devido fato de seu pai ter sido co-fundador da ACC. Também fazem parte os dois xilógrafos,. (Maércio e Carlos Henrique), sendo Maércio também poeta.

O presente capítulo proporcionar adentrar em conceitos de imagem, estética e o cordel. Entender as percepções dos membros quanto às capas de cordel do Padre Cícero e conhecer as visões sobre o que acham de cada xilogravura. Também é inserir na academia, outras interpretações a respeito desse padre que tornou-se conhecido mundialmente. Ao analisar as capas, percebemos as diversas formas que o sacerdote aparece nas capas de cordel, seja uma imagem de fotografia, xilogravura, pintura, bico de pena e outros.

4.1 Cordel, imagem e estética

Ao destacarmos o cordel, temos o contato imediato com sua capa que muitas vezes é uma fotografia, desenho ou xilogravura de algo ou alguém. Destacamos a xilogravura, uma técnica bastante antiga, criada possivelmente pelos chineses no século VI e possibilita sua reprodução a partir do papel, semelhante à técnica do carimbo. Alguns artistas se destacaram nesta arte como Thomas Bewick, que criou uma madeira mais dura para possibilitar uma maior definição ao traço e que contribuiu para diminuir os custos dos livros ilustrados, sendo uma técnica mais utilizada nas artes plásticas e no artesanato.

As primeiras gráficas foram instaladas no ano de 1904 e 1930 para atender à demanda de cordéis, que já se espalhava gradativamente. A impressão desses folhetos ajudava contribuir para que a manutenção da literatura oral não desaparecesse. As vendas das impressões ocorriam em diversos lugares: mercearia, feiras e caminhões. Entre os anos de 1930 a 1950, a literatura de cordel consegue suase consolidação, passando a atingir altas produções em larga escala.

Américo Pellegrini Filho em artigo no jornal - O Estado de São Paulo (18 de janeiro de 1997), afirma que até 1920, nos folhetos de literatura de cordel não havia ilustrações, sendo impressa em folha de tamanho 11cm x 16cm. Com tempo e gGradativamente foram sendo inseridas ilustrações através do processo de xilogravura, desenho de clichê de zinco ou gravuras de borracha para chamar atenção dos leitores.

A xilogravura também é proveniente da cultura portuguesa e no Brasil essa prática é mais desenvolvida na região Nordeste. Alguns estados como Paraíba, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará destacam-se nessa técnica. Ao pensarmos nesta técnica, destacamos a forma da produção da xilogravura e no momento da pesquisa de campo estivemos em contato com os xilógrafos da ACC que possibilitaram presenciar o desenvolvimento desta técnica.

Figura 10 – Tipografia da ACC com poeta Luciano Carneiro



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017)

Ao abordar a xilogravura voltamos para a história do desenho e como nasce a xilogravura. A arte da gravura surge por meio da necessidade da linguagem entre os homens. Nas civilizações antigas, havia comunicação através da imagem. Na Mesopotâmia gravava figuras em tijolos, os egípcios gravavam nas pedras, os gregos em metais e madeira. Na história da bíblia aborda que Moisés recebeu de Deus a “Tábuas da Lei” com os dez mandamentos gravados.

Com a inexistência da tipografia, a escrita era feita à mão. Segundo Maxado (1982, p. 16), “escrever leva a ideia de gravar ou talhar, uma vez que a escrita era feita por uso de desenhos ou sinais. E em placas ou superfícies de material duro”. O desenho já naquele tempo fazia parte da comunicação e também estava relacionado com a escrita.

Os romanos gostavam de bibliotecas e tinham o imperador Carlos Magno como incentivador da importância em criar bibliotecas. Sua atitude fez com que valorizassem os ilustradores. No mundo oriental, foi criada em Bagdá, Egito e outras civilizações bibliotecas. Na Espanha com ajuda dos árabes houve criação de bibliotecas, localizadas nas mesquitas.

Na Idade Média foram criadas as universidades, e surgiu a necessidade de novas bibliotecas, porém o acesso era limitado. Com o interesse nos livros aumentando e muitos se alfabetizando, acabou contribuindo para a criação da literatura de cordel. Foram criadas bibliotecas nacionais, como uma forma de depósito depósito de livros iniciado na França, gerando os direitos autorais.

Os monges medievais também imprimiam estampas de santos, utilizando a técnica da xilogravura. Algumas dessas estampas continham um pequeno texto. Na Alemanha, essas reproduções eram chamadas de *heiligen*. Proliferaram bastante

entre as massas analfabetas da Europa, muito antes de 1423, data da xilogravura mais antiga que se conhece. É um “São Cristovão”, estampa conservada em Manchester” (MAXADO, 1982, p. 19)

Os artistas passaram a utilizar o linóleo⁴⁴, os sulcos de lâminas de metal e a litografia⁴⁵. Estas técnicas passaram a fazer parte do ofício dos xilógrafos, que através da imprensa ajudou em a divulgar melhor esses trabalhos.

A imprensa nasce da necessidade de divulgar textos solenes e da comunicação de notícias, pois naquele tempo surge o mercantilismo⁴⁶, fazendo com que popularizasse a Bíblia e resultando na interpretação por outros idiomas. Foi o momento também dos cantadores divulgarem seus textos, criar almanaques e enciclopédias.

A tipografia foi se expandindo, primeiro na Europa e depois para outros lugares do mundo. Quanto ao Brasil, a corte proibia a utilização da imprensa: porém, os “jesuítas iniciaram o ensino da escultura em madeira para fazer imagens de santos. E muitas dessas peças de arte imaginária eram colocadas, para ser posteriormente achadas pelos naturais do lugar, em florestas, lagoas, rios, grutas e campos” (MAXADO, 1982, p. 21). Podemos perceber que esta arte se iniciou com os jesuítas e posteriormente foi crescendo, ganhando espaço no país, em que surgiram as constituindo-se em referências na criação da xilogravura. A tipografia mais antiga fica em São Paulo que hoje é a Luzeiro. No Nordeste se destaca a ex-tipografia do poeta Leandro Gomes de Barros, comprada por João Martins de Athayde, que depois foi vendida por José Bernardo, e após sua morte a Universidade Regional do Cariri - URCA adquiriu e recebeu o nome de Lira Nordestina por sugestão do poeta Patativa do Assaré, onde possui maquinários muito antigos.

Os primeiros xilógrafos surgem nas tipografias do interior, pois esses ambientes começam a publicar as histórias, poemas, abecês e manuscritos que circulavam nas mãos das

⁴⁴ Esta técnica assemelha-se ao entalhe da xilogravura, no entanto, ao invés de madeira, a matriz é de material sintético – placas de borracha, chamadas “linóleo”. Igualmente a “xilo”, a placa de linóleo receberá a tinta que ficará nas partes em alto relevo, e sobre pressão será transferida para o papel. Esta técnica é mais recente do que a xilogravura devido ao material de sua matriz, e foi muito utilizada pelos artistas modernos, como Picasso. Disponível em: <https://michelechristine.wordpress.com/a-gravura/linoleogravura/>. Acesso 9 abr. 2016 as 18:45.

⁴⁵ A litografia (de *lithos*, "pedra" e *graphein*, "escrever") é desenvolvida no final do século XVIII por Aloys Senefelder (1771-1834), dramaturgo da Bavária que busca um meio econômico de imprimir suas peças de teatro. Trata-se de um método de impressão a partir de imagem desenhada sobre base, em geral de calcário especial, conhecida como "pedra litográfica". Testes de cor, texturas, graus de luminosidade e transparência conferem às litografias distintos aspectos. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia>. Acesso em: 9 abr. 2016.

⁴⁶ Mercantilismo é o nome dado ao conjunto de práticas econômicas praticadas na Europa na Idade Moderna. Entre o século XV e o final do século XVIII, a Europa passou por grandes transformações. O mundo medieval havia sofrido grandes transformações, sendo substituído por novas organizações políticas, econômicas e culturais. Disponível em: <http://www.infoescola.com/economia/mercantilismo/>. Acesso 18 maio 2016.

peessoas. Os folhetos passaram a ser vendidos nas feiras, nas cidades e vilas, proporcionando distração e novidades as às pessoas que adquiriam.

As tipografias eram geralmente simples, inseridas no fundo da casa de alguém, em queonde os familiares trabalhavam. Algumas tipografias haviam produziam o jornal semanal, quinzenal ou mensal. Na sua maioria havia duas tipografias, pois como existia tiragem de jornal, possuía a do governo e uma oposição, já que o jornal tinha cunho político.

Quanto ao trabalho dos xilógrafos era preciso cortar o papel, imprimir, encadernar, gravar na madeira e para, em seguida, vendiam. Contudo, havia um mestre que passava todas as instruções para que as peças fossem desenvolvidas de acordo com seu ofício. Segundo Maxado (1982, p. 47),

O xilógrafo tem de desenvolver duas visões: a do contrário e a do contraste do preto e do branco. A do contrário é para que o desenho cavado saia certo na prova. A segunda visão é para que saia branca a parte cavada da madeira. Às vezes, tiram a prova com uma tinta feita com anilina. Ou entranham pó de alvaiade o talco nos sulcos cavados para destacar as partes escuras em alto relevo.

De acordo com o autor, a xilogravura possui duas visões que resultem em um contraste do branco com o preto. Ao finalizar deve inserir uma tinta preta na superfície plana da mesma. Esta forma técnica ainda é desenvolvida nos dias atuais, demonstrando assim, a forma que se utilizava o mesmo processo descrito pelo autor.

Quanto aos instrumentos para criar a xilogravura, os próprios xilógrafos fazem, seja com um pedaço de guarda-chuva, canivete, agulha quebrada de máquina de costurar, estilete, prego, uma colher de pau e ou outros objetos fazem parte para que essa arte seja desenvolvida. Através destes instrumentos rudimentares são feitos os desenhos com a umburana, ou seja, a madeira que é talhada o desenho. Nas capas de cordel no passado eram inseridos clichês, artistas de novelas ou desenhos de zinco.

É importante destacar que naquela época eram feitos os desenhos e o artista não assinava sua arte, dificultando o estudo de muitos pesquisadores. Atualmente, devido a à percepção dos estudiosos, já assinam suas obras, datam e na capa há o registro do nome do poeta, lugar e editora. Estas informações não eram divulgadas no passado, perdendo assim, muitas obras de artistas. Segundo o poeta Willian Brito,

Na Academia nós padronizamos o cordel, nós padronizamos, isso foi uma luta para nós, nós definimos que um cordel deveria ter capa, nessa capa deveria ter uma xilogravura, ter uma contracapa que deveria ter uma apresentação, na outra contracapa os dados do autor, afinal de contas os pesquisadores não têm obrigação de saber e na outra capa o apoio, caso tenha que muitos de nós não temos patrocínio e quando não tem coloca os dados da Academia. A capa além da xilogravura, nome Academia usa uma fonte, se for o título usa uma fonte para destacar e maior. Às

vezes muda o destaque dá o destaque para o título, quando a xilo é maior, nos cordéis da Academia faz uma divisão no nome da Academia, o título e o nome do autor. Esses elementos dão um destaque e depois coloca a xilogravura no centro e, por fim, a data. As cores da capa também damos para preferência para o amarelo, pois não descolore. O rosa descolore, o azul descolore que é um negócio, o amarelo é mais visível. As pessoas brigam pela cor do cordel.

Podemos perceber que no cordel da Academia existe uma estrutura imagética e estética. Esses elementos fazem parte da estética do cordel que traz uma beleza, sendo esta, definida por Huisman (1954, p. 24) como “todas as situações pela medida e harmonia, isto é, por uma *satisfação* que não se poderá qualificar senão de estética”. Neste sentido, o mesmo autor faz menção a à arte e destaca a opinião de arte para Platão e Aristóteles,

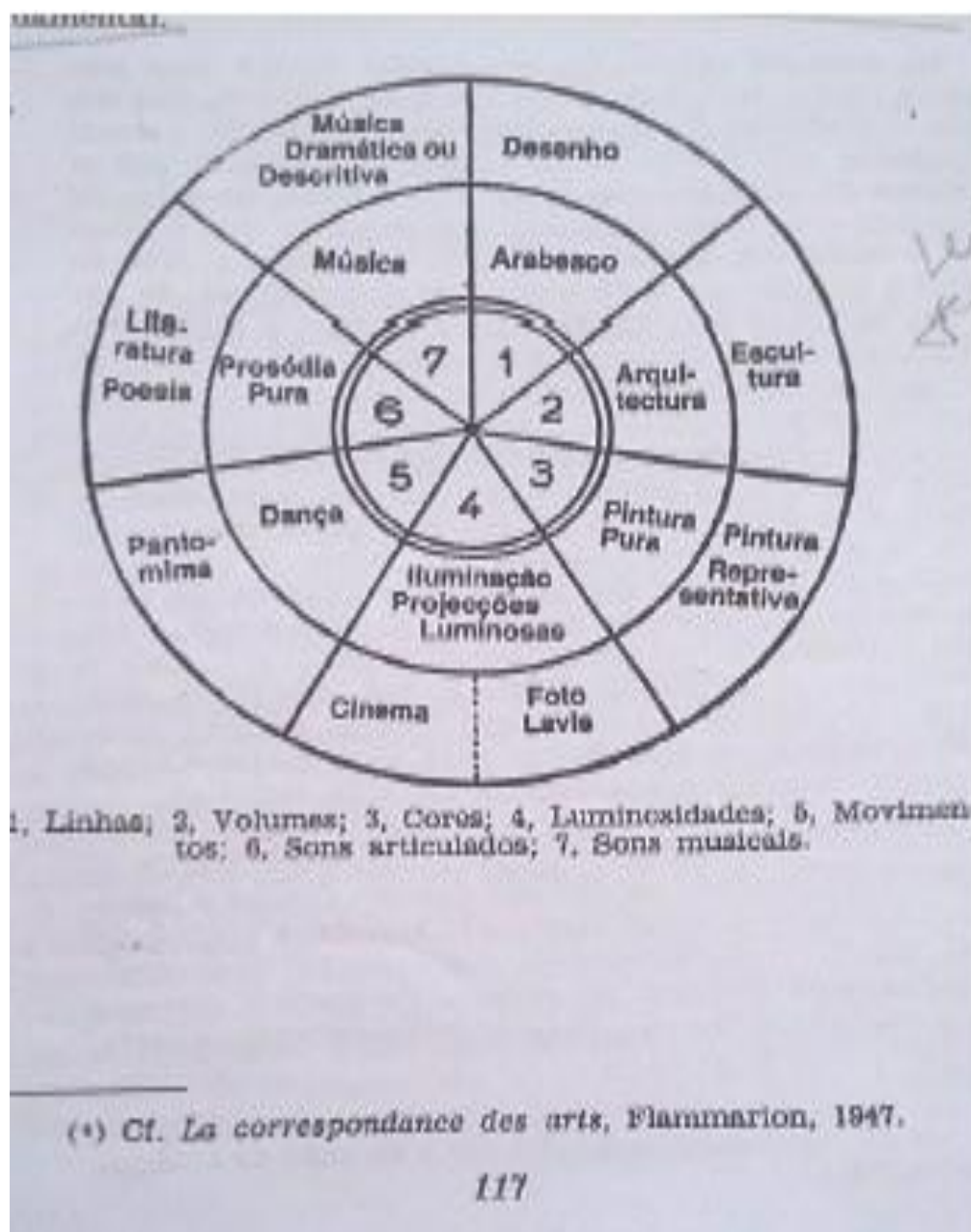
Em Platão, a arte é uma descoberta feita através da reminiscência de conhecimentos anteriormente adquiridos pela participação nas ideias. Em Aristóteles, pelo contrário, a arte é uma produção criadora de formas novas e onde nenhuma foi conhecida anteriormente por aquele que a criou. Isto deixa entrever no pensamento aristotélico o humanismo da Renascença, e nomeadamente o de Bacon (HUISMAN, 1954, p. 27).

Esses conceitos de arte podem ser identificados pelos xilógrafos que possuem conhecimentos através de outros artistas que repassam os seus saberes já ditos por Platão. Também esses saberes geram novas formas de criação como são identificadas nas xilogravuras de Maércio e que já era pensada por Aristóteles em tempos idos.

Huisman (1954, 39) ainda destaca a estética Kantiana, que define sendo “[...] a harmonia do entendimento e da imaginação, graças ao jogo livre desta última”. O uso da imaginação na arte é essencial para podermos ter infinitas interpretações sobre o que foi feito pelo artista.

A estética é a ciência das formas sobre espécies universais. Nesse sentido a filosofia contribui para conhecer a arte e expressar categorias e princípios de um labor poético (HUISMAN, 1954). Na arte existe o sistema das belas-artes que se divide em: sistemas clássicos e sistemas atuais, . em que caracteriza o sistema clássico em: “classificação tradicional das artes opõe as três artes plásticas (arquitetura, escultura e pintura) e as três artes rítmicas (dança, música e poesia)” (HUISMAN, op cit, p. 113). Percebemos então, que a poesia está inserida nas artes rítmicas. Nos sistemas atuais, a gravura está inserida dentro do grupo das estruturas e supra-estruturas da visão, em que são classificadas como: pintura, desenho, gravuras, estampas, dentre outras. Ainda temos estruturas e supra-estruturas da linguagem que são: poesia, prosa, prosa poética (HUISMAN, 1954). Podemos perceber, que a poesia e a gravura possuem um espaço importante dentro da arte e que os artistas possuem o poder de criação para que possamos interpretar essa arte. Para identificar a correspondência das artes, o quadro abaixo resume essa classificação.

Figura 11 – Revolução das artes



Fonte: Imagem escaneada, HUIAN, Denis. *A Estética*. França, Edições 70, 1954

A imagem acima representa as diferentes artes existentes no mundo, em que a literatura, desenho e a xilogravura fazem parte do cordel. Quanto a xilogravura os artistas que trabalham com essa arte possuem diferentes traços, em que dependendo da xilogravura, identificamos o traçado de quem fez. Alguns dos nomes da xilogravura foram: José Saldanha de Menezes (RN), Dila (PE), Manoel Bié (PE), Francisco Firmino (PB), José Camelo de Mello Rezende (PB), Antonio de Araújo Lucena (PB), Mestre Noza (CE), Walderêdo Gonçalves (CE), Mestre Dezinho (PI), Pacheco (BA), Antonio Carimbeiro (AL) e Franklim

Maxado (BA). Mas o pioneiro da xilogravura no Brasil foi o carioca Oswaldo Goeldi, que iniciou em 1924, deixando uma vasta obra. O segundo que se destacou foi o paulista Lívio Abramo, em 1926, considerado autodidata e depois passou a morar no Paraguai. No entanto, hoje já existem vários xilógrafos que se destacam nessa arte. No estado do Ceará temos: Stênio Diniz, Francorli, Cosmo Braz, Nilo, Abraão Batista, José Lourenço, Maércio Siqueira, Carlos Henrique Soares e outros que fazem dessa arte ser visitada por muitos curiosos e pesquisadores.

Esses artistas trouxeram uma grande contribuição para a história da xilogravura, que em sala de aula pode estar discutindo a relevância dos mesmos para essa arte e o modo como eles realizaram suas produções. Desta forma, ao conhecer sua história na arte, os alunos em sala de aula poderão estar se informando mais detalhadamente sobre a xilogravura.

4.2 Capas de cordel do Padre Cícero da academia

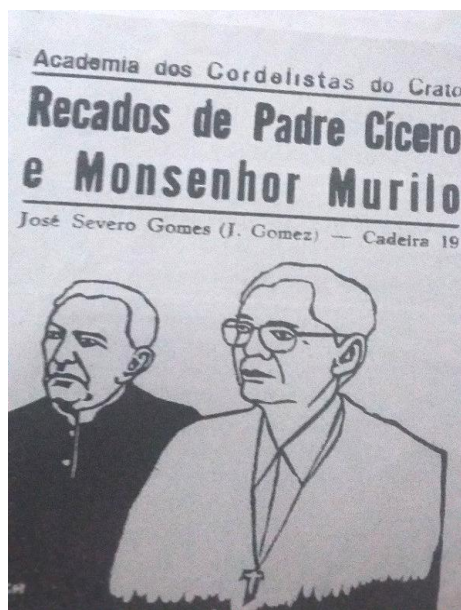
No momento da pesquisa de campo pesquisamos as capas de cordel de Padre Cícero produzidas pelos xilógrafos da Academia, quando identificamos 18 capas dos poetas e oito capas dos xilógrafos que tem como capa, o sacerdote. Neste sentido, entrevistamos dez poetas, um que é xilógrafo e poeta e outro que possui somente a função de xilógrafo.

Figura 12 – (A) Padre Cícero e o homem com Diabo no Corpo; (B) Juazeiro do Norte um Século de Progresso e Fé.



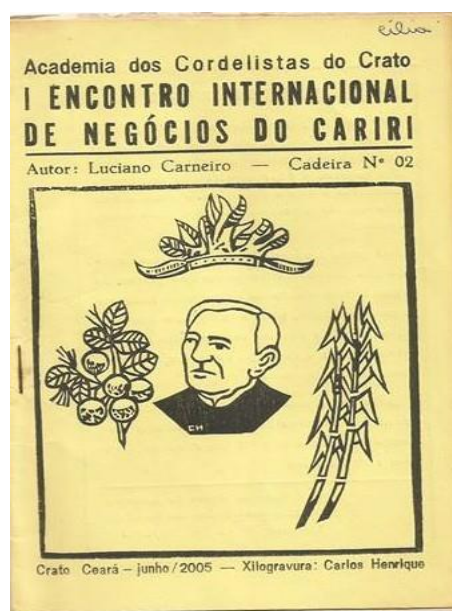
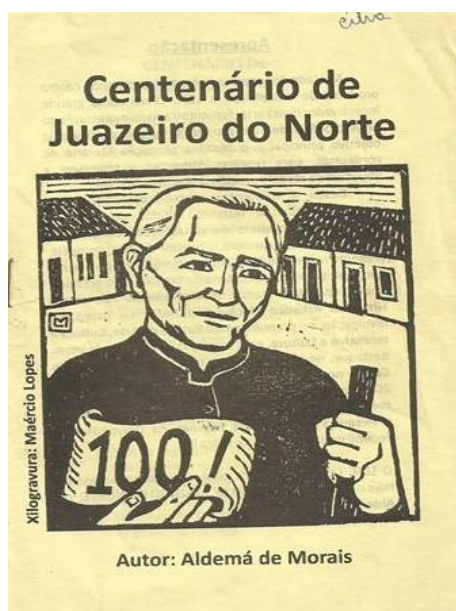
(A) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016) (B) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016)

Figura 13 – (A) Recados do Padre Cícero e Monsenhor Murilo; (B) Os Patronos das Ruas do Crato Crato



(A) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016) (B) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016)

Figura 14 – (A) Centenário de Juazeiro do Norte; (B) I Encontro Internacional de Negócios do Cariri.



(A) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016) (B) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016)

Figura 15 - (A) O Padre Cícero e a Ecologia/2003 (B) O Padre Cícero e a Ecologia/2000



(A) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016) (B) Fonte: Capas de cordéis escaneadas (2016)

Poeta 1 – Luciano Carneiro

No entanto, cada um dos doze poetas, irão analisar as oito capas acima. O poeta Luciano Carneiro foi entrevistado em sua residência. É um dos fundadores da ACC e destaca o seguinte, quanto às capas de cordel de do Padre Cícero produzidos produzidas pelos xilógrafos da ACC,

A capa “Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo”

Esta Está retratando e expulsando uma coisa ruim do indivíduo. Um espírito mal. Botou a mão na cabeça e disse: Não sai não desgremado, ai ele saiu, deixou o “caba” em paz Padre Cícero.

O poeta nesta fala faz menção à expulsão de algo ruim que o sacerdote está querendo expulsar, isso lembra uma passagem da Bíblia (2013, p. 1226) em Marcos 1- 34, quando menciona “E ele curou muitos doentes e expulsou muitos demônios. Mas Jesus não permitia que os demônios falassem, porque eles sabiam quem ele era”. Essa interpretação pode ser uma forma em ser discutida em sala de aula. Permite que os alunos conheçam a história da bíblia e que realize uma reflexão mais coesa sobre tal história. O poeta destaca na capa do cordel Juazeiro do Norte um século de progresso e fé, da seguinte maneira:

Eu estou achando que o Padre Cícero não estava no Juazeiro nesse dia. Ele tava de costa olhando de longe, olhando pra ver como é que ta lá de cima do Horto, virando pra lá e dizendo: Cem anos, está mudado e está diferente. Diferente daquele Juazeiro

que eu encontrei com quatro casinhas lá embaixo daquele pé de Juazeiro. Está aí hoje, um Juazeirão grande e comércio misturado. Comércio bom, um bom Juazeiro e progresso mesmo.

O poeta Luciano faz uma comparação de Juazeiro do passado e do presente, como bem cita Comblin (2011), no passado contava com 32 casas, com alguns proprietários de tijolos e telha, com 26 casas de taipas e palha dos descendentes de escravos livres. Enquanto no presente Juazeiro apresenta uma cidade que continua a crescer e as romarias não param. Esta análise possibilita também os professores destacarem essa história e incentivar os alunos a desenvolver pesquisas sobre a memória do lugar.

A capa “Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo”

Demonstra esse seguimento da fé do Padre Cícero conduzido pelos seus seguidores, os próprios padres de agora faz pouco tempo Padre Murilo morreu e é o seguidor dele. E no Juazeiro do Norte todos são seguidores do Padre Cícero.

Como o poeta faz menção a Padre Murilo ser o seguidor de Padre Cícero, Comblin (2011) destaca que Murilo acolheu os romeiros sem restrições. Foi um sacerdote que se preocupou com o desenvolvimento de Juazeiro e as romarias existentes. Esses personagens citados são de grande relevância para a história de Juazeiro, em que a escola deve mencionar o papel desses religiosos.

“Os patronos das ruas do Crato - CE”,

O Padre Cícero você sabe da história dele? Nasceu no Crato. Tem até a rua Padre Cícero, é um legítimo representante do Crato, apesar de na época ter se criado uma discórdia grande entre Crato e Juazeiro. Que chama como uma rixa. Uma briga sem fundamento e ainda hoje tem muita gente do Crato radicalmente contra esse relacionamento do Padre Cícero com Juazeiro e Crato e aqui ele está representando um dos patronos das ruas do Crato.

Na fala do entrevistado Luciano identificamos que as ruas do Crato esses logradouros são referência na localização da geografia da cidade, demonstrando assim que fazem parte da história, como bem falou o poeta ao se referir das duas cidades, que ainda é visível o mal-estar envolvendo moradores dos municípios citados. Esse cordel é mais um recurso didático em trabalhar com os alunos, pois podemos destacar que a geografia e a história estão imbricados.

A capa “Centenário de Juazeiro do Norte” mostra aqui o Padre Cícero novo. Por que santo é assim mesmo; não envelhece não. Está muito bonito aqui os 100 anos dele. Já a Bíblia faz menção ao santo em Coríntios 1-2, diz respeito aos que invocam o nome do nosso senhor. Lira Neto (2009) faz menção também a morte de Padre Cícero destacando que no dia 20 de julho de 1934 Juazeiro amanheceu em luto, em que era visível a tristeza de todos com a

notícia do principal representante dos pobres naquele lugar. No contexto das práticas educativas o professor pode trabalhar a imagem de Pe. Cícero Cícero e sua história.

A capa “I Encontro Internacional de Negócios do Cariri”

O xilógrafo fez a imagem representando talvez a imagem mais nítida que o povo tem do Padre Cícero do Juazeiro, mais parecido com ele, bem feito até a orelhona. Aqui dizem que morreu com mais de 90 anos, representando aqui a logomarca da Academia dos Cordelistas do Crato, o cocá do índio, aqui o pequi e a cana-de-açúcar.

Essa reflexão pode ser discutida na sala de aula, pois como é sabido, o Cariri possui muitas riquezas que podem ser identificadas não só na economia, mas também na cultura, história e outros.

A capa O Padre Cícero e a Ecologia

Essa capa do Carlos Henrique, ele fez Padre Cícero no meio do mato. Longe da cidade na zona rural, existia muita sombra e não ficou muito parecido com o Padre Cícero não, as orelhas ficaram deformadas, feias. Até o cajado do Padre Cícero ficou feio.

As palavras do poeta retratam o que o artista fez na xilogravura, ou seja; ele traz uma gravura com traços que não lembram o personagem da imagem. Todavia, permite em sua imagem trazer detalhes bem fortes como: as orelhas, cajado que o sacerdote usava e sua própria vestimenta preta com os detalhes dos botões. A capa de Maércio mostra o cuidado que Padre Cícero tinha com a natureza.

O poeta menciona algo bastante ligado ao sacerdote, em que já era relatado por Borges (2004) que direcionava os agricultores no plantio do roçado, em que a prática consciente era um dos cuidados principais a ser desenvolvido nesse ofício.

Os elementos visuais da capa do cordel são bem inspiradores para reforçar na sala de aula o que foi interpretado pelo poeta sobre Padre Cícero e a relação com a natureza. Pois sabemos que a preservação da natureza é algo bastante discutido em nossa sociedade.

Poetisa 2 – Josenir Lacerda

A poetisa Josenir Lacerda, define as capas sendo o seguinte: A capa “Padre Cícero e o homem com diabo no corpo”

Representa exatamente o dia a dia do Padre Cícero e além do que ele fazia na igreja e tudo, a busca que havia do romeiro, nas situações de desespero, busca de um milagre, aqui é um exorcismo, é um romeiro que chega a família traz, um romeiro até amarrado, porque estava com excesso de loucura, dizia que estava possuído pelo demônio, que a história do cordel conta, que ele chegou e exorcizou e foi liberto das

influencias malignas. Então a partir daí, mais fortalecia os poderes, a condição que ele tinha de libertar, de libertário, ai mostra a religiosidade a presença do quadro sagrado coração de Jesus e Maria, os santos na parede, aqui talvez a beata, são Jorge, santa Luzia, tudo numa xilogravura simbólico, estilizada, a gente identidade perfeitamente São Jorge, , Santa Luzia, a beata, coração de Jesus, coração de Maria, sempre presente nas casas, como símbolo, assim mais real, naquela casa, naquele ambiente, a presença da religiosidade muito forte, o fervor, da confiança , da fé.

A mensagem que a poetisa deixou foi algo que até hoje está presente na vida de algumas pessoas, como líderes religiosos exorcizando alguém. É o caso das igrejas evangélicas brasileiras, que parte de uma situação, em que criam algo para fazer com que possam eliminar qualquer espírito maligno. Essa religiosidade Maldonado (1986) destaca que está presente através de diferentes formas.

A capa “Juazeiro do Norte um século de progresso e fé”

E alguém de repente olhar e de repente fazer uma avaliação momentânea, sem se deter no texto ou se deter na mensagem que o xilogravurista quis passar, pode estranhar o Padre Cícero de costa, mas na realidade ai ele não está simbolizando que ele está de costa, pelo contrário que ele está de frente, pra cidade que ele criou, que ele viu nascer, que cuidou e cuida, e no momento que completa um século de progresso e fé, então ele olhando Padre Cícero, com carinho, acho com realização, dever cumprido, o amor por essa terra que ele acreditou e fez que ela brotasse e transformasse numa grande metrópole e onde a fé continua muito forte, atraindo cada vez mais romeiros, então são 100 anos, no caso agora mais do que isso, e ele olha para essa história ai de frente pra essa história, observando o que ele construiu e o que foi desde do início e agora.

A poetisa traz atenção a esse desenvolvimento de Juazeiro, que nas palavras de Borges (2004) esse progresso pode ser acentuado com a criação de faculdades, elevado número demográfico e Escola de Enfermagem da URCA, fazendo com que este município seja umas das cidades que mais cresça crescem no interior cearense.

As duas capas podem ser trabalhadas em sala de aula, sendo que na primeira, os professores podem levantar conceitos sobre exorcismo e abordar o romeiro como foi interpretado pela poetisa. A segunda capa permite que professores façam uma relação entre a cidade de Juazeiro na atualidade e no passado, de acordo com interpretação realizada também pela poetisa.

Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo,

Aqui Padre Cícero, em primeiro plano, foi colocado Padre Murilo porque eu acho que ele entendeu atual o que estava acontecendo e Padre Cícero como protetor, como orientador, mesmo já tendo partido, mas sempre, talvez com as mensagens retransmitida pelo padre Murilo que também é muito querido pelos romeiros e venerado, como fosse realmente um discípulo do Padre Cícero, seguidor, continuador, do carinho que Padre Cícero sempre teve para com os romeiros, carinho, responsabilidade, por que padre Murilo se sentia responsável pelos romeiros, na acolhida, se preocupava muito, e tudo, eles viam nele uma continuidade, do papel do que fazia Padre Cícero, eles tinha muita segurança, muita confiança, no padre Murilo, aqui mostra um elo, entre eles dois, um elo como

continuação, um padre também soube acolher o romeiro, soube seguir os preceitos do padre Cícero e repassar para romeiro, acho que ele retratou isso, um primeiro plano por conta da atualidade, outro como mentor, como orientador, como referência.

Nas palavras da poetisa Josenir, percebemos que Padre Cícero teve esse cuidado de acolher o romeiro, em que segundo Rosendahl (1996) o romeiro é o visitante que tem uma nítida intenção de devoção. Essa devoção é explícita no momento que esse romeiro chega para pedir graças ou agradecimentos por algo alcançado. Os patronos das ruas do Crato:

Aqui como ela focou autora, Anilda, focou uma pequena biografia de cada homenageado nos nomes de rua, nós temos avenida padre Cícero, Santos Dumont, mais o Padre Cícero em destaque, por que é filho do Crato, mais o padre Cícero como filho do Crato, representando todas as ruas, a cidade, e é o filho ilustre.

A poetisa Josenir mencionou os personagens que fazem parte da história do Crato, história essa esta que seu filho mais ilustre, Padre Cícero, recebe em uma das ruas do Crato o seu nome. Atualmente essa rua é uma das mais importantes, como também em Juazeiro do Norte.

As duas capas podem ser discutidas em sala de aula, abordando a história de Juazeiro e Crato, como foi bem analisado pela poetisa.

Na capa Centenário de Juazeiro do Norte,

Aqui realmente Maércio é fantástico, fez padre Cícero de uma forma assim bem suave, sem aquela indumentária mais forte, com chapéu, então está com semblante bem suave, na mão representando os 100 anos, como tivesse dizendo assim, que é uma grande conquista, 100 anos que ele vem escrevendo, está feliz, está satisfeito, passa essa tranquilidade, satisfeito que saber que realizou, que continua ai e vai fazer 100 anos.

Na xilogravura de Padre Cícero, a poetisa faz menção as às características físicas do sacerdote, destacando aspecto suave, que em fotos reais percebemos que se apresenta sisudo. Ela também cita comenta a indumentária do religioso, sendo essa batina presente no seu vestuário e como acessório o chapéu. A indumentária religiosa para Hobsbawm e Ranger (2015) faz parte da tradição inventada, que são as práticas, com normas e abertamente aceitas.

A capa I Internacional de Negócio do Cariri.

Ele fez os símbolos que o pequi representa as cidades Cariri como todo, a presença do pequi, da cana de açúcar, do índio, cocar do índio, e o padre Cícero como uma figura realmente emblemática, muito forte, acho pegou símbolos, como aqui dissesse aqui é o Cariri, o pequi, o indígena, quer dizer a cana de açúcar, os engenhos, você olha a cana de açúcar, ver os engenhos, toda história, senhores de engenhos, agricultura, indústria, a produção, símbolo cana de açúcar, o ciclo da cana de açúcar, ver o pequi um fruto assim muito apreciado, que a partir dele um sustendo de muitas famílias, o pequi representa o Cariri, representa, o índio pequeno habitante e o padre Cícero como centro de tudo isso, representa religiosidade, a fé, que o homem necessita, fundamentado na fé, na crença, sustentado por alguma coisa superior.

Aqui a poetisa Josenir descreve os elementos que fazem parte da história do Cariri, sendo que o Padre Cícero está localizado no centro da gravura. Isto demonstra que essa xilogravura retrata mais uma vez que o sacerdote é um marco histórico na região do Cariri. Essa personalidade histórica foi abordada por Comblin (2011), pois o sacerdote não imaginava que passaria mais de sessenta 60 anos em Juazeiro do Norte.

As interpretações da poetisa podem ser refletidas em sala de aula, fazendo uma comparação com a interpretação dos alunos sobre as capas apresentadas.

Carlos Henrique focou

Como o tema mesmo diz Padre Cícero e ecologia, na época dele não tinha essa propaganda da ecologia que se tem hoje. Carlos Henrique retratou exatamente isso, o meio ambiente, onde ver as plantas, flores, a vida nas casas, religiosidade, sol, horizonte e no chapéu dele numa árvore, simbolizando o cuidado, ele colocou num lugar especial, como se fosse o chapéu ele acolheu a árvore, pra mostrar que é preciso cuidar do meio ambiente, é preciso plantar e é preciso desenvolver. Ele fazia até campanha.

A poetisa Josenir faz menção ao cuidado que o sacerdote tem com a natureza e a realização de campanha que realizava para a proteção do meio ambiente. Esse movimento de combate ao meio ambiente foi tema na Campanha da Fraternidade no ano de 2007, tema denominado “Fraternidade e Amazônia”.

Essa capa de Maércio,

O que me passa essa imagem eu vejo como se Padre Cícero estivesse orientando, mostrando árvore, mostrando a necessidade de plantar, ai era como se estivesse fazendo não pregação, mas uma palestra, uma aula sobre ecologia e dizendo a importância da árvore, explicando porque ela importante a árvore, a necessidade de plantar e cuidar, a partir daí seria uma proteção do planeta e quem vivi no planeta, deve ter um ambiente mais agradável, com as árvores ira ter frutos, não ia ter essa quentura horrorosa, então ele já enxergava tudo isso pra que a gente não passasse o que a gente está passando hoje. Ele fez a prevenção, embora não seguiram fielmente, se tivesse seguido o nosso meio ambiente era outro.

Nesta imagem a poetisa Josenir já se refere ao religioso como um educador, que passava ensinamentos as pessoas, demonstrando o cuidado que ele tinha com a natureza. Essa educação ambiental estava imbricada na educação da saúde das pessoas, que segundo Borges (2004), o padre ensinava remédios caseiros para as pessoas e até hoje podemos identificar alguns remédios a serem vendidos na cidade. Trata-se podemos identi educação informal e intencional. As duas análises das capas podem ser discutidas em sala de aula realizando uma pesquisa de campo com pessoas que vendem esses remédios, se informando quanto aos benefícios desses medicamentos e realização de uma comparação com os cordéis existentes sobre essa temática.

Poeta 3 – Willian Brito

O poeta Willian Brito, já destaca o seguinte Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo,

Gostei aqui do coração de Jesus, está bem saliente ai, parece aquelas casas do interior pronta pra renovação do coração de Jesus. E as velas estão bem no castiçal; aqui podia ser qualquer padre. Digamos essa identificação imediata com a figura do padre. Há uma riqueza de detalhes, se a gente comparar essa xilogravura com as anteriores, a gente vai ver cada recurso possível que Carlos Henrique utilizou aqui. Então o cenário é riquíssimo; a gente vê aqui os santos na parede, o detalhe da mesa a perspectiva, eu acho que a riqueza de detalhes é muito grande, digamos a identificação do padre Cícero fica por conta do título de cordel. A xilogravura é muito rica em detalhes, as cores, não precisava isso tudo. Mas ele caprichou bem nessa xilogravura, no tocante ao cenário, a calça do penitente, do homem com o diabo no corpo. A corda perfeita. O livro que o padre está lendo, quase você consegue ler o que é que está escrito. Agora o padre em si, podia ser qualquer um.

O poeta refere a tudo que aos acessórios que são encontrados em uma casa de interior e menciona as características do padre, bem como os detalhes que ao mesmo tempo são observados. Todavia, não acha parecido com Padre Cícero. É perceptível que este artista muitas vezes não se preocupa em deixar parecido com a real fisionomia do sacerdote, mas quando quer deixa fiel ao religioso.

A capa Juazeiro do Norte um século de progresso e fé,

Maércio foi perfeito porque a estátua do Padre Cícero olhando para Juazeiro, pro Cariri. Ficou inconfundível. Aqui não precisa dizer quem é. Se você tirar o título do cordel não faz falta. E você vê aqui é uma cidade que está verticalizando, não tem como não identificar isso como progresso. Eu acho que está muito legal, muito bom, é uma riqueza de detalhes também. Vejo aqui o fundo, o que seria o céu, as nuvens, dá para você perceber é a cidade. O branco e preto na xilogravura.

O poeta traz uma boa percepção em que destaca fidelidade dos detalhes da estátua que se encontra na cidade. Mais uma vez é uma xilogravura que retrata riqueza de detalhes e o poeta faz menção a algo que hoje é presente nas grandes cidades, que é a questão da verticalização, onde podemos identificar diversos prédios que foram e estão sendo construídos em Juazeiro. Essas riquezas de detalhes das capas podem ser explanadas em sala de aula, procurando outras capas de cordel que representem o progresso de Juazeiro do Norte-CE.

A capa Recado do Padre Cícero e o Monsenhor Murilo,

Carlos aqui ele se superou, porque aqui o Padre Cícero está bom demais, não tem como confundir ai a figura do padre. E Monsenhor Murilo aqui apresentado em primeiro plano, também quem conheceu Monsenhor Murilo está perfeito. O interessante é o jogo de cores que ele fez, preto e branco, padre Cícero já idoso de cabelinho branco, batina preta, e ele preferiu fazer o Monsenhor Murilo de camisa branca. Então ficou um contraste muito bom, o detalhe do crucifixo do Monsenhor, ele foi detalhista, ele fez uma xilogravura simples, ele dá pra ver que foi muito bem

aplainada e muito bem lixada essa xilogravura, onde ele quis deixar branco ele deixou, ele não investiu muito no fundo. No cenário como naquela xilogravura anterior ele investiu nos dois personagens. No padre Cícero e em Monsenhor aqui a identificação é imediata, então ficou muito bom.

O poeta faz menção as características dos dois personagens da capa, mas algo que chamou atenção nas palavras dele foram as técnicas que o artista insere para destacar os dois religiosos, em que concentrou o preto em Padre Cícero e o branco em Padre Murilo. Essas duas visões Maxado (1982) destaca sendo o preto é para que o desenho cavado saia certo na prova e o branco é para que saia branca a parte cavada da madeira.

Os patronos das ruas do Crato

É a pose clássica do padre Cícero, seja nessas estatuazinhas que vem da China de plástico reciclado, borracha reciclada ai, seja nesses santos cortados, as pressas, cortados ai em Juazeiro, sem muito, sem muita preocupação com o acabamento. Que seria o padre Cícero, você olha que Carlos já tem muito potencial por esse cavalo que está aqui, os detalhes dele, ao mesmo tempo você olha a maneira como ele porta esse cavaleiro aqui, há uma desproporção, o olho não corresponde ao que seria, a maneira como esse chapéu está na cabeça desse outro espectador aqui é artificial, hoje ele não faria isso, no fundo ele já tem uma preocupação, de fazer diferente, indicando ali as quadras, então nós teríamos várias ruas aqui e cada rua tem um patrono.

O entrevistado observou que é comum encontrar o sacerdote com esse tipo de pose nas fotos que ele apresenta. Também faz menção ao comércio religioso, em que menciona as estátuas vendidas. Há a estátua do padre de plástico reciclado, borracha, madeira e outros materiais. Podemos lembrar através da história de Juazeiro, que uma das primeiras estátuas de madeira com seu rosto foi produzida por mestre Noza (TEMÓTEO, 2002).

No entanto, a primeira xilogravura, o poeta traz elementos como o branco e o preto que fazem parte da técnica. Essa análise deve ser destacada e abordada em sala de aula expressando a forma como é realizada, podendo convidar um xilógrafo para fazer uma palestra a respeito da forma como é realizada a xilogravura e o contraste de cores. A segunda imagem tem relação com a educação em destacar a geografia local, onde as ruas mais importantes e sua localização ficam situadas.

Centenário de Juazeiro do Norte,

Mais uma vez a gente vê a riqueza de detalhes. Maércio não comunicou diretamente, é preciso você mergulhar um pouco pra poder entender, porque ele quando quer, ele faz a feição perfeito do personagem. Esse Padre Cícero aqui não dá pra identificar que é ele. Agora a gente observa ai que o Padre Cícero ocupa talvez três quartos da superfície da xilogravura, o 100 tarrafado aqui, é valorizado. 100 o quê? 100 anos do padre, o detalhe das casas.

O poeta sutilmente faz uma crítica ao artista, mencionando que não parece com Padre Cícero a imagem, mas relata outros elementos que a imagem apresenta, como os cem

100 anos do aniversário de morte do sacerdote. Destaca o fundo das casas de Juazeiro, que pela história do lugar ressaltamos que o lugar era apenas uma vila no passado, onde havia um ponto de encontro para troca de mercadorias.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri,

Carlos Henrique, olha o que ele fez aqui, ele pegou a logomarca da Academia dos Cordelistas, botou o Padre Cícero no centro, e manteve o pequi, que é elemento nativo, ele manteve a cana-de-açúcar, que é o elemento exótico, ele manteve o cocá dos índios cariris, removeu aqui o mapa do Crato, removeu a viola e o nome da Academia dos Cordelistas, botou o Padre Cícero aqui no Centro. O Padre Cícero aqui está bem detalhado, a xilogravura está muito bem, e o taco lá foi muito bem polido, muito bem, bem cortado, modo impecável, não tem uma sujeira em lugar nenhum, muito branco, o preto muito pouco, bem valorizado. O pequi dá pra você vê que já está perto de você colher, está perto de madurar, a cana já está pendurada, eu acho que ele foi muito bom, e aqui, a figura do Padre Cícero também não dá pra confundir.

O cordelista menciona vários elementos que fazem parte da região do Cariri, como também destaca a inconfundível figura do sacerdote, trazendo mecanismo da própria xilogravura que permite dizer que foram traços precisos para deixar a imagem do padre bastante parecida.

As duas capas podem ser trabalhadas em sala de aula por meio da interpretação das mesmas, realizando debates sobre o assunto, podendo criar dois grupos: um sobre progresso e outro sobre negócios em Juazeiro.

Na capa do Carlos

Ele conseguiu integrar a natureza natural e a natureza social do ser humano, tem o padre Cícero e a igreja, inclusive de batina, muita gente ele representa padre Cícero de bengala, ele representa de bastão, tem uma foto de época ele de usava bastão, ele foi fiel, a batina está perfeita, ele pega o centro da xilo padre Cícero ocupa posição central, nós temos a igreja de um lado e as casinhas do outro e o chapéu do padre tem uma muda, é como o chapéu fosse fértil uma terra boa como numa mágica, o mágico puxa um coelho, uma flor e outras coisas. O padre Cicero está tirando a natureza do chapéu, ou se pensarmos de outra forma está tirando o chapéu para natureza, essas nuvens dão uma ideia de movimento, eu admiro muito a xilogravura ela só preto e branco, você conseguir da ideia de movimento, é uma fotografia. A xilo dá uma ideia de movimento, quanto mais você olha da impressão que essa nuvem está caminhando, é um detalhe mais é um detalhe surpreendente, essa nuvem diz p mim que vai chover, água é vida, então o ser humano precisa da água. Carlos abusou das flores, podemos contar quantas flores tem na xilo, flor é vida, flor é o órgão sexual das plantas. O padre esta sereno, calmo, está velhinho, cabelo branco, passa uma paz e uma serenidade.

O cordelista contemplou elementos que a natureza apresenta, em que a riqueza de detalhes enriquece a imagem, sendo que os traços foram realizados com perfeição. Sem dúvida ele mencionou coisas elementos surpreendentes, como o caso da impressão que as nuvens estavam em movimento, em que nenhum dos demais poetas conseguiu visualizar isso.

Na capa de Maércio o

Padre Cícero está de batina, o padre Cícero ele não exatamente no centro da xilogravura, pois a planta está de outro lado, a um equilíbrio entre o ser humano e a natureza, é uma planta verde, viçosa, grande, isso me lembra a importância da sombra para nós que vivemos numa região tão quente. Ao mesmo tempo o padre está tocando árvore, você soa carecia e só chega perto no que dá conforto, mostra como padre Cícero é amigo. Ao mesmo tempo padre Cícero ele está segurando a bengala, a bengala e feita da planta, ao mesmo tempo como a planta se transforma, não só a sombra, serviço ambientais que oferece, o ar que produz, a beleza tudo e intangível, ao mesmo tempo pensa nas coisas imanentes. Antigamente árvore dava o tamanco, antes de chegar japonesa de borracha os pobres usavam. O tamanco que se usava, a bengala, o padre Cícero está velho, na idade, transparece um tanto de sabedoria, não é o fato de ser padre que tem muitos padres que não desperta da natureza, mas pela idade chega consciência que tudo. Ao mesmo tempo tem um semblante sofrido, está na idade, é como a planta fosse a cura, se ele, se a planta desse energia vida, naquele tempo usava fitoterápico, chazinho, melador, espequitorante, tudo isso essa capa me diz.

Mais uma vez o poeta conseguir trazer uma excelente percepção da imagem, em que descreve com os mínimos detalhes o que o artista quis transmitir com a ideia de ecologia. O poeta possui uma percepção que nos faz interpretar o que diz sobre os elementos inseridos na xilogravura. Mais uma vez se algum professor for analisar as capas pode destacar a riqueza das mesmas e refazer uma outra capa, através da sua interpretação.

Poeta 4 – Chico Nascimento

Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo,

Apresenta Padre Cícero fazendo o quê? rezando ou exorcizando. Exorcizando. Um jovem ai arrependido, suplicando ao Padre Cícero. Ele está como se estivesse exorcizando o jovem. É uma xilogravura diferente, porque o Padre Cícero está com a batina branca, diferente das outras.

Na fala o poeta destaca o exorcismo e a vestimenta de cor branca do padre. A representação da cor branca da vestimenta para a igreja simbólica simboliza pureza.⁴⁷

A capa Juazeiro do Norte um século de Progresso e fé, mostra Juazeiro do Norte hoje. Ele está de costas. Acho que ele quis mostrar o Padre Cícero vendo o Juazeiro, abençoando o Juazeiro, de frente para Juazeiro.

O poeta destaca o Juazeiro de hoje, seu desenvolvimento, pois se tornou um símbolo do crescimento religioso na cidade de Juazeiro do Norte, em que esse crescimento já foi mencionado por Arruda (2002).

⁴⁷ Ver mais sobre o assunto no site: www.salvemaliturgia.com

No entanto, destacar essas duas capas ao ser trabalhada em uma sala de aula pode ser identificado o exorcismo, em que o próprio poeta analisou, ainda o professor pode revisitar o cenário das casas interioranas. A segunda capa pode pedir para os alunos fazer uma comparação e citar diferenças de Juazeiro do passado e atual.

Recados do Padre Cícero e o Monsenhor Murilo.

Esse rostinho dele aqui é bem conhecido mesmo do Padre Cícero. Você olha aqui e vê logo que é o Padre Murilo, não tem dúvidas.

Na fala do cordelista ele identificou logo os dois personagens religiosos da história e memória da cidade de Juazeiro do Norte, pois os mesmos contribuíram para o recebimento de romeiros na cidade.

Os patronos das ruas do Crato,

Ele está aqui como um dos patronos, ou como quem nasceu no Crato. É nome da avenida principal, avenida que liga o Crato a Juazeiro é a Padre Cícero. Agora porque é o ponto histórico do Crato. Eu digo assim, porque eu deveria saber o nome desses outros aqui. Liberdade, esse camarada aqui não sei se foi aquela revolução do Equador. Você sabe que aqui no Crato foi proclamada a república. Barbara de Alencar teve uma grande influência é um dos filhos dela. E esse eu não estou sabendo quem é não. Santos Dumont? Pra você ver como é as coisas, Santos Dumont o chapéu dele.

Com muita facilidade o poeta identifica a imagem de Padre Cícero na capa do cordel, enquanto outras personalidades históricas sentiram dificuldade em fazer isso. A figura de Padre Cícero faz parte dos logradouros da cidade do Crato, tornando referência para a localização.

A primeira capa pode ser trabalhada nas aulas fazendo referências ao ‘papel’ de Padre Cícero e do Monsenhor Murilo, em Juazeiro. Enquanto a segunda, pode ser discutida em sala a contribuição dos patronos das ruas do Crato.

Centenário de Juazeiro do Norte mostra Padre Cícero bem satisfeito.

Na imagem de Padre Cícero o poeta destacou um semblante satisfeito. Porém, se visualizarmos fotos antigas do sacerdote identificamos ele sisudo e aspecto triste.

O I Encontro Internacional de Negócios do Cariri mostra que o citado padre é responsável por tudo de grande que se tem em Juazeiro.

O poeta relatou Padre Cícero como responsável pelo crescimento da cidade e seu entorno. Esse desenvolvimento resultou em um número elevado de artesãos, oleiros, pedreiros, ferreiros, marceneiros, ouviresourives, santeiros e chapeleiros (ARRUDA, 2002).

Diante das colocações acima essas duas capas podem contribuir nas aulas discutindo a história de Padre Cícero e a dele contribuição da para a economia do Cariri.

Capa Padre Cícero e a ecologia

Carlos mostra uma muda de planta no vaso e Padre Cícero cuidando das plantas.

Na fala do poeta percebe-se um cuidado que Padre Cícero possuía com o meio ambiente. Neste sentido o mesmo elaborou preceitos ecológicos para conscientizar as pessoas sobre a importância de se cuidar da natureza. Essa conscientização é deve ser desenvolvida nas escolas para que as futuras gerações se mobilizem quanto aos problemas ecológicos.

Maércio mostra a preocupação que o padre possuía com a natureza.

Essa preocupação é algo já crítico, em que os ambientalistas se mobilizam para tentar realizar uma conscientização mais eficaz e que as próximas gerações tenham mais conscientização. O cordel sem dúvida ajudará os trabalhos de sala de aula para que os professores possam discutir com os alunos, a questão ambiental.

Ambas as capas possuem o mesmo título, que em sala pode ser discutido os cuidados que devemos ter com meio ambiente e destacar os preceitos ecológicos.

Poeta 5 – Bastinha Job

Padre Cícero com homem de corpo

Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo, aqui está avançado, ele se ajoelha, ele vai benzer, aqui é esperança que vai dá tudo certo, que esse demônio vai sair, o coração de Jesus e coração de Maria, o cenário mesmo de expulsão de demônio.

A cordelista relatou na capa, que o exorcismo é algo presente em nossos dias e algum líder religioso desenvolve tais práticas. Neste sentido no passado já existia a prática do exorcismo, sendo um ritual para expulsar espíritos malignos.

Juazeiro do Norte um século de Progresso e fé

A capa Juazeiro do Norte um século de progresso e fé, padre Cícero está de costa, que é a estátua dele para o nada, mas de frente para o Juazeiro. O Juazeiro muito crescido com prédios, a cruz simbolizando a fé, aqui é um século de progresso e fé.

A poetisa entende que Padre Cícero visualizou de longe o crescimento de Juazeiro, em que nos reportarmos à história dessa cidade. Identificamos que o crescimento deu origem a uma cidade com comércio religioso.

Diante disso, podemos destacar na sala de aula através da fala dos poetas: Recados do Padre Cícero e o Monsenhor Murilo, a questão do exorcismo e as mudanças que ocorreram em Juazeiro. O professor partindo desse tema pode realizar pesquisas sobre o exorcismo.

Na capa Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo,

A imagem do Padre Cícero está dizendo que está falando e remando contra correnteza, indiferença ele está na dele, eu não acho que está conectado não, não há conexão, acho que é um diálogo sobre a indiferença.

A poetisa se referiu a Padre Cícero na capa que ele possui aspectos de indiferença, nesse sentido a história não relata que era indiferente ou se passava indiferença. Nas palavras de Arruda (2002), ele era indiferente durante as festas com danças, em que chegava e através de seu cajado destruía esse tipo de festa.

Os patronos das ruas do Crato. Padre Cícero é a avenida maior, aqui é um dos Alencar, Tristão Gonçalves, o filho de Bárbara de Alencar.

A poetisa destaca a avenida principal com o nome do padre. Neste sentido, a avenida foi criada para homenagear o filho mais ilustre do Crato. Avenida essa que proporciona dá acesso ao Crato e Juazeiro do Norte.

Essas ideias da poetisa podem ser discutidas em sala de aula, como também, expor outras ideias, em que as capas apresentam, podendo confeccionar uma maquete dessa avenida, inserindo lugares mais importante desse logradouro.

Capa Centenário de Juazeiro do Norte, aqui Padre Cícero está com ar de riso, jovial, talvez esteja de acordo com o conteúdo do cordel, ele passou alegria, não está tenso.

A poetisa já avaliou Padre Cícero mais sereno. Comblin (2011) cita que ele tinha um olhar penetrante e uma palavra forte, sendo capaz de convencer pessoas difíceis.

I Encontro Internacional do Cariri, Padre Cícero como sempre o centro, ele está sisudo, acho que ele não está gostando com que o povo está fazendo com ele não, ninguém ver Padre Cícero sorrindo.

A poetisa traz algo bem perceptível nas fotos divulgadas, mostrando o sacerdote com rosto sério.

Trazer como elemento visual na primeira capa o semblante de Padre Cícero, permite abrir discussões subjetivas a serem trabalhadas com alunos. A questão das feições do sacerdote, pode ser trabalhada com argila nas diferentes imagens que o religioso aparece nos cordéis, transformados em escultura de argila.

Capa Padre Cícero e a ecologia

A xilogravura do Carlos ele está querendo salvar a natureza.

Como foi mencionado já pela poetisa, essa preocupação com a natureza era algo que fazia parte da vida do religioso.

A xilogravura do Maércio demonstra o cuidado, preocupação, meditação, como será o futuro da natureza.

Nas palavras da poetisa, esse cuidado com o meio ambiente esteve presente em vários momentos da vida do sacerdote, que já se preocupava com o que poderia acontecer com meio ambiente. Essas capas podem ser discutidas em sala de aula.

Poeta 6 – Eugênio Dantas

Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo

Esse daqui deve ser uma lenda ou uma história. Aqui é Padre Cícero um exorcista. Quando chega alguém que se dizia com diabo no corpo, Padre Cícero então expulsa esse diabo. O exorcismo sempre existiu até no tempo de Cristo. Cristo expulsava os demônios, embora na concepção, de estar possesso do demônio, nós sabemos que no tempo de Cristo, na idade antiga existiam muitas doenças que ninguém sabia o que era, se atribuía a uma possessão de demônio. Então chegava muitas vezes, pessoas com doenças que hoje são chamadas de esquizofrenia ou de epilepsia. Aquele que dizia, cai e se deita, muitas vezes chegava um epilético ou outra doença, como ninguém tinha conhecimento como hoje em dia tem e tudo se atribuía ao demônio. Então a cura era tida como uma expulsão do demônio. E essa tradição ainda hoje ainda continua, ainda existem os exorcistas. Tanto na igreja católica, como nas outras igrejas a gente vê o pastor pegando na cabeça a pessoa sai demônio. Então Padre Cícero como uma figura mitológica, uma figura boa, também não ia está fora dessa realidade de um homem expulsava os demônios das pessoas.

Na fala, o poeta destacou a expulsão de um espírito que Padre Cícero estava tirando, em que menciona que nos dias de hoje os pastores fazem essa expulsão. Para Arruda (2002) a figura mitológica para o sertanejo seria a vinda do Messias, que representaria o paraíso celeste na terra e salvaria o povo de qualquer enfermidade que surgisse.

Juazeiro do Norte: um século de progresso e fé.

Esse aqui é o Padre Cícero e o Juazeiro na sua frente, igreja, comércio tudo, aqui que eu digo. Tudo a partir do Padre Cícero, ele é o fundamento, é motivo, como eu disse é o grande milagre de Juazeiro é o Padre Cícero. Ele pode ter feito outros milagres, muita gente diz, sendo o maior milagre dele é esse crescimento do Juazeiro, essa fé doromeiro. A romaria que chega lá. Por isso um século de progresso e de fé, como tinha os conselhos que ele dava, conselhos ecológicos e tudo que está ligado a ele.

O poeta destacou Padre Cícero como o milagreiro de Juazeiro, constatando que essa ação resultou em diversas romarias o ano todo. Romarias essas que, segundo Rosendahl

(2002), são manifestações religiosas, em que o povo reivindicar suas necessidades de vida. É interessante discutir em sala a figura mitológica construída em torno da imagem de Padre Cícero e os milagres, já mencionados na fala do poeta. Apesar de sua representação fortemente religiosa, é importante também desenvolver no processo educativo, uma compreensão crítica de Padre Cícero, principalmente sobre sua relação com a política e o coronelismo locais.

Recados do Padre Cícero e Monsenhor Murilo. Aqui está mostrando que o Padre Cícero e o Padre Murilo, é como que uma segunda, como uma segunda pessoa do Padre Cícero.

O poeta percebeu nessa imagem que Padre Cícero deixou um sucessor, que passou a dar continuidade às suas atividades religiosas. Borges (2002) menciona que Padre Murilo foi Padre dos romeiros e Padre Cícero o líder espiritual do Juazeiro.

Os patronos das ruas do Crato.

O Crato, aqui cada rua aqui tem um autor. E o Padre Cícero também tem a rua Padre Cícero, por que aqui a gente vê, esse aqui é lutando pela liberdade, esse aqui é uma figura que está denominando a cidade por causa da importância dele no Ceará e no Crato também, ele nasceu no Crato.

Nas palavras do poeta, o Padre Cícero tem o seu nome em um dos logradouros do Crato, mas na obra de Borges (2002) ressalta não só a bela avenida Padre Cícero que liga Crato a Juazeiro, mas complementa afirmando que na cidade natal, poderia existir uma estátua em sua homenagem.

Ao mencionar Padre Murilo e sua liderança, a escola deve trabalhar o papel do líder para uma comunidade. No segundo cordel destaca o patrono da rua do Crato que tem Padre Cícero e pode ser discutido em sala a relevância dessa rua, abordando em História e Geografia como foi criado esse logradouro, bem como a localização das escolas nessa avenida.

Centenário de Juazeiro do Norte como se o Padre Cícero, Juazeiro não seria o que é hoje. É como se Padre Cícero fosse tudo nesse centenário do Juazeiro tudo se deve ao Padre Cícero.

Na percepção do poeta essa capa demonstrou que Juazeiro é hoje essa cidade de crescimento devido Padre Cícero, já mencionado por Comblin (2011) que Juazeiro continua a crescer.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri. Mais uma vez o Padre Cícero no centro de toda a produção. Em todos os negócios agrícolas e outros tipos de negócios, tudo tem o Padre Cícero no centro.

O poeta se referiu a imagem de padre Cícero como o responsável por todos os negócios do Cariri. Isso deve ao crescimento econômico que transformou em especial a cidade de Juazeiro como um polo comercial religioso, que onde constantemente chegam inúmeras pessoas para visitar essa cidade. Esse comércio pode ser discutido na escola, argumentando como a religião se tornou um mercado, não se tratando mais só de fé, mas usando a fé como moeda, como meio de fomento do consumo.

Padre Cícero e a ecologia

Carlos Henrique apresentou na capa o respeito á natureza que Padre Cícero tinha e procurava defender e pregar para todos.

Todos dependiam da salvação pela natureza e têm os conselhos ecológicos. Dentre eles: “não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau”.⁴⁸

Maércio mostra Padre Cícero preocupado com as plantas.

Essa preocupação com a natureza era comum por Padre Cícero, em que sempre em suas conversas mencionava o cuidado que deveríamos ter com meio ambiente.

Em ambas as capas o poeta analisa a preocupação de Padre Cícero com a natureza, em que partindo para os dias atuais, a escola possui uma das funções de trabalhar projetos sobre meio ambiente.

Poeta 7 – Rosário Lustosa

Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo.

Essa daqui é uma história contada por pessoas que aconteceu realmente com um romeiro, que veio como louco, e quando Padre Cícero começou a rezar na cabeça dele ele se acalmou e realmente e segundo consta as histórias, ele estava apoderado de um espírito, então ai está retratando o momento. Ele inclusive veio amarrado com cordas e aqui retrata realmente esse momento da chegada dele, do encontro dele com Padre Cícero.

A poetisa citou esse exorcismo que o padre estava praticando com romeiros. No passado acreditavam que algumas rezas tinham o poder de garantir o fechamento do corpo, sendo que os rezadores possuíam grande prestígio na comunidade, de acordo com Arruda (2002).

Juazeiro do Norte um século de Progresso e Fé.

⁴⁸ Disponível em: <<http://minutosertao.cadaminuto.com.br/noticia/8105/2014/04/01/preceitos-ecologicos-de-padre-cicero-romao>>. Acesso em: 26 agosto de 2017.

Essa daí ela retrata a própria estátua onde o autor faz uma relação de Juazeiro e bota frente a frente Juazeiro e Padre Cícero, que é a imagem do Horto realmente. Juazeiro está de frente ao seu progresso, o Padre Cícero e a fé.

A poetisa citou Padre Cícero e a imagem do Horto. A estátua foi inaugurada em 1969 e possui 27m de altura. Constitui a terceira maior do mundo em concreto e recebe cerca de 2,5 milhões de pessoas por ano.⁴⁹

Em sala o professor pode se reportar as rezas e à profissão de rezadores, pois é uma profissão pouco comentada no momento. Assim se reportaria a análise da poetisa. Tal análise aborda na segunda capa o progresso, que deve ser explorado nas aulas.

Recado do Padre Cícero e Monsenhor Murilo. É aí estão as duas figuras que estão justificando a temática. Então mostra quem foi Padre Cícero e mostra quem foi Monsenhor Murilo.

A poetisa foi clara ao identificar de imediato as duas personalidades fortes de Juazeiro do Norte. Os dois sacerdotes tiveram em comum receber romeiros e cuidar das atividades religiosas.

Os Patronos das ruas do Crato. Essa daí a poetisa Anilda fez esse cordel com os patronos das ruas do Crato e entre eles a figura do Padre Cícero, justifica que aqui tem uma rua com o nome Padre Cícero no Crato.

A poetisa lembrou que no Crato existe sim um logradouro com nome de Padre Cícero. Essas análises podem ser discutidas pelo professor e aluno em se tratando, por exemplo, das semelhanças e diferenças desses dois religiosos nesta capa de cordel. Na segunda capa o professor pode destacar a importância da rua Padre Cícero e comentar quando foi criada.

A capa Centenário de Juazeiro do Norte, o próprio Padre Cícero está trazendo uma comenda dos cem anos. Então ele aí está dizendo que ele também veio participar deste centenário.

A cordelista cita subjetivamente a participação de Padre Cícero no Centenário de Juazeiro do Norte. O evento aconteceu no ano de 2011, em que teve o objetivo de comemorar a história de Juazeiro, em especial seu fundador Padre Cícero.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri.

Carlos Henrique foi muito feliz em ter colocado o Padre Cícero, porque a Academia do Crato, Padre Cícero é do Crato, mas em termo do Cariri é o nosso ícone maior, e aliás, ele colocou não só o Padre Cícero como colocou o pequi, colocou a cana de açúcar e colocou o índio. É uma linguagem visual que traduz o Cariri, pequi, cana de açúcar, índio e Padre Cícero.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Estatua-de-Padre-Cicero/>>. Acesso em: 30 setembro de 2017.

A poetisa enfatizou Padre Cícero e os elementos culturais que identificam o Cariri como o pequi, cana de açúcar e índio. Figueiredo Filho (2010) cita explica que um dos produtos fabricados que mais saem é a rapadura e nos meses de dezembro a maio não faltam os caroços de pequis para serem consumidos na culinária dos caririenses.

Em sala, o docente pode discutir com base na capa os eventos que acontecem na cidade sobre Padre Cícero, podemos destacar na imagem o número cem100, do centenário. A segunda capa pode mencionar os produtos produzidos no Cariri e os que não estão produzidos.

Capa Padre Cícero e a ecologia

Carlos Henrique mostra que Padre Cícero sai do Juazeiro, ele sai da sua igreja e dá lições de ecologia, como nós temos na questão dos preceitos. Que são os 10 preceitos.

A cordelista mencionou as lições de ecologia que Padre Cícero desenvolvia para o povo, demonstrados em seus preceitos: “Plantar cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só”⁵⁰

Já para Maércio, o Padre fala como se deve fazer para não matar a natureza.

Essa forma de demonstrar esse cuidado já era dele, pois era um educador que ajudou a criação de escolas para as crianças menores. (BORGES, 2004).

Na primeira capa, o professor em sala pode mencionar os preceitos dos religiosos já interpretados pela poetisa. A segunda capa enfoca a educação ambiental e os cuidados que o aluno deve ter com a natureza.

Poeta 8 – Regiopídio Lacerda

Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo,

Aqui muito mais parecido com a ideia do Padre Cícero, embora o sacerdote, desenho não se pareça com ele, vêm com cabelos pretos e chapéu pequeno, as feições não dá para identificar com padre Cícero, muito mais parecido com que reflete a própria história do padre. Ao invés da ideia do exorcismo, como numa não igreja pentecostal. Aqui ele já está com conselhos, pegando na cabeça, com carinho, imagens demonstra o catolicismo quadro coração de Jesus, com dá muito mais a ideia numa perspectiva do Padre Cícero.

⁵⁰ Disponível em: <http://minutosertao.cadaminuto.com.br/noticia/8105/2014/04/01/preceitos-ecologicos-de-padre-cicero-romao>, acesso em 27 agosto 2017.

O poeta destaca que a imagem de Padre Cícero não parece com ele, trazendo elementos que reforçam a xilogravura com cabelo pequeno e negro. Mas as características do catolicismo são bem visíveis em todo o desenho.

Juazeiro do Norte: um século de progresso e fé,

Aqui percebe a imagem do Padre Cícero visualizando a sua grande obra, que nos deixou como legado foi à própria cidade Juazeiro do Norte, emancipado em 1911, já com padre Cícero no auge do seu poder, de religiosos e político, sendo ele o primeiro prefeito da cidade. A imagem do Horto, a estátua do horto fosse o Padre e como ele a visse cem anos depois da sua fundação, chama atenção destaque que se dá as igrejas, visualiza o Juazeiro a partir da serra do Horto, pega a imagem que estatua tem de Juazeiro, que a cidade que cresce muito, já com uma horizontalização muito forte, mas ainda marcante a presença das igrejas. Dá para ver a igreja da colina do Horto, a igreja Nossa Senhora das Dores, igreja do São Francisco, igreja dos Salesianos, como pontos de intervenção da paisagem.

O poeta descreve Padre Cícero observando a cidade de Juazeiro e revisita a história do município. Menciona, ainda, que o religioso foi o primeiro prefeito e relembra as três igrejas mais visitadas na cidade.

Como a primeira capa representa bem o catolicismo popular, o professor ao trabalhar com essa capa pode se reportar a história do catolicismo e seus elementos. Trabalhar a origem das igrejas em Juazeiro e Crato (isso para alunos da cidade que residem) e discutir o progresso de Juazeiro.

Capa Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo,

Aqui é uma espécie de sucessão como Padre Murilo fosse colocado como sendo sucessor do Padre Cícero, sucessor dos conselhos do Padre Cícero. O desenho de Padre Cícero muito centralizado e sisudo e Padre Murilo com olhar de austeridade. No plano que foi colocado é como se fosse uma ideia de sucessão.

O cordelista fez uma comparação com os dois religiosos, sendo padre Cícero sério, enquanto Padre Murilo com semblante austero. Neste sentido, os dois sacerdotes fizeram história em Juazeiro.

Os Patronos das ruas do Crato-CE, pelo chapéu, pelo cajado e a batina tem a imagem do Padre Cícero que é inconfundível.

O poeta mencionou características pertencentes a Padre Cícero como cajado e a batina. Esses dois elementos eram comuns no religioso, lembrando que a batina foi instituída no fim do século V, tendo a finalidade de passar aos sacerdotes um modo de vestimenta séria, simples e austero⁵¹.

⁵¹ Disponível em: <<http://conhecimentodossantos.blogspot.com.br/2012/08/as-excelencias-da-batina.html>>. Acesso em: 18.07.2017

Na primeira capa mais uma vez podemos identificar o papel desses dois religiosos, podendo ser trabalhados em sala de aula. Já a segunda capa pode ser reportar a história do Crato.

Capa Centenário de Juazeiro do Norte.

Aqui já aparece o Padre Cícero ele muito mais sereno, mais calmo, como se fosse uma feição de realização, como se tivesse visto como Juazeiro ficou depois dos cem anos de sua fundação, tem no fundo o símbolo das casinhas, como se fosse as três casinhas iniciais de Juazeiro. Chama atenção as feições, uma expressão ternura, muito mais terno, o cajado como elemento forte, mas um semblante mais de ternura, como se tivesse satisfeito como Juazeiro tornou.

O poeta nesta capa descreveu o semblante de Padre Cícero sereno, pois em muitas fotos encontramos uma feição mais séria. Fez menção as casinhas na época da fundação de Juazeiro, enquanto Arruda (2002) destaca que Juazeiro havia menos de quarenta casas, um pouco mais de duzentas pessoas, uma escola, uma capela e no máximo três bodegas.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri.

O Padre Cícero marcado ai entre os símbolos do Crato, porque o pique, a cana de açúcar e o cocar dos índios Cariris simbolizam muito mais o Crato do que o próprio Cariri ou o Juazeiro é o Padre Cícero do Crato, do nascimento do Crato, ficou uma alusão aos elementos, símbolo do Cariri e da academia, com uma imagem mais de pessoa do que sacerdote, de padre mesmo, agente vê que está sem os pretextos, sem a bíblia, é só busto, sem chapéu e com semblante e o austero dele olhando lá de cima.

O poeta mais uma vez destacou características de Padre Cícero que não parecia com sacerdote, nem possuía bíblia e chapéu. O chapéu era um dos acessórios usados pelo sacerdote que não poderia faltar ao sair de casa.

A primeira capa pode ser refletido discutida pelos professores, a história de Juazeiro. Na segunda capa podem ser mencionados os principais produtos fabricados no Cariri.

Padre Cícero e a ecologia.

Aqui Carlos Henrique mostra outro símbolo dos mandamentos do Padre Cícero, é muito forte a questão da ecologia, não desmatar, não tirar as árvores da beira do rio, fazer represamento, não queimar broca, que são preceitos que o Padre Cícero já utilizava antes da ideia de ecologia, só pelo conhecimento empírico sobre o ambiente, plantar um pé de algaroba até que a caatinga torne uma mata só, a ideia de ecologia conhecimento empírico, aqui no desenho ficou interessante você pega o chapéu que serve como jarro você pega a simbologia que serve para se sustentar.

Regiopídio trouxe uma interpretação interessante ao comparar o chapéu com jarro, em que o sacerdote segurava. E fez menção aos preceitos de Padre Cícero, como plantar um pé de algaroba, essas ideias do cuidado que possuía, resultaram em uma lei municipal de

Nº3.662/2010, Título IV, Capítulo II, Seção II. A referida lei destaca que o município deve incentivar o plantio de árvores em todos os logradouros públicos.

Padre Cícero e a ecologia.

Aqui Maércio mostra como se ele tivesse com pena da árvore, ele já sabendo que o ambiente estivesse degradado, é uma espécie de forma de carinho. Ele já está com uma alusão da natureza degradada, com olhar de preocupação.

O poeta destacou a preocupação que Padre Cícero possuía com meio ambiente. Barros (2008) destaca que a cidade precisa de um plano de ação mais efetivo para devolver recuperar o verde para no município.

O poeta mencionou o cuidado com a natureza que Padre Cícero possuía, podendo ser discutido pelos professores em sala, incluindo a lei municipal de Juazeiro que enfatiza o plantio de árvores. Já a segunda capa reforça o que já foi mencionado sobre o cuidado com a natureza.

Poeta 9 – Anilda Figueredo

Padre Cícero com o diabo no corpo, aqui aparece Padre Cícero bem diferente, com batina branca. Ele está bravo, lutando com o diabo que está no corpo do homem.

A poetisa reportou Padre Cícero com feições diferentes e sua vestimenta de cor branca. Normalmente ele usava batina preta, vestimenta essa comum para os padres da época.

Juazeiro do Norte um século de Progresso e Fé. Mostra um século de progresso e fé, já não aparece na xilo uma casinha pequenininha, mas uma cidade vertical, Padre Cícero está olhando para o desenvolvimento da cidade.

A poetisa reportou ao sacerdote observando o progresso de Juazeiro. Este progresso se deve ao seu fundador, o religioso que fez de um povoado a cidade da fé nordestina (ARRUDA, 2002).

A primeira capa pode revisitar as indumentárias dos padres na sala de aula, realizando uma pesquisa sobre o significado das cores que os religiosos usam, nomes das roupas que receberam durante a existência do catolicismo e a história de cada uma. Na segunda capa o professor em sala de aula pode destacar o progresso em Juazeiro, fazendo paralelo positivo e negativo sobre isso.

A capa Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo, tem dois padres aqui Padre Cícero e Murilo. O semblante de Padre Cícero está mais envelhecido e mais experiente.

A poetisa fez uma percepção do padre com as feições envelhecidas. Esse aspecto com mais idade era nítido em suas feições, principalmente quando foi impedido de celebrar missas, pois o ofício que sempre gostou de realizar já passou a não executar.

Os Patronos das ruas do Crato. Temos aqui nessa capa Duque de Caxias, Santos Dumont e Padre Cícero, eles estão de chapéu, naquela época homem de chapéu estava pronto para guerra. Padre Cícero com bastão, batina preta e ele está com lugar de destaque nos bairros do Crato.

A cordelista fez o relato da capa, esclarecendo que ela é autora do cordel. Os personagens que fazem parte da gravura e os elementos que acompanham Padre Cícero, trazem informações sobre o chapéu da época, que tem a função de proteger os cabelos, sendo criado 2000a.C. na Grécia⁵².

Em sala, o professor pode fazer uma discussão da imagem dos dois religiosos. Enquanto na segunda podem ser discutidos os costumes da época, ou seja, a utilização do chapéu como acessório dos homens de antigamente, como citou a poetisa.

Centenário de Juazeiro do Norte.

Aparece ele aqui com bastão, ruga no rosto dele, ele está pensando será que valeu a pena esses 100 anos. Apresenta as casas do Juazeiro só que hoje Juazeiro bem diferente. Aqui é uma homenagem que foi fundada por ele, 100 anos depois ele está muito vivo.

A poetisa relatou o poeta, a fisionomia de mais idade do Padre Cícero e a evolução de Juazeiro. Neste sentido, Barros (2008) destaca que durante três anos que ele residia em Juazeiro tinha transformado o lugar com trinta casas em um povoado com centenas de habitações.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri. A gente ver a logomarca da academia a cana de açúcar, o pique e o cocar dos índios. Padre Cícero está sério, mas convicto de tudo que fez, tem como base Padre Cícero deu muito ensinamentos do que vinha de fora.

A cordelista relatou mais uma vez as feições séria de Padre Cícero e os ensinamentos que ele repassou para as pessoas que chegavam em Juazeiro. Della Cava (2014) citou que ele incentivava as pessoas plantar mandioca para o seu sustento. O professor pode discutir nessa primeira capa como foi o centenário. Já na segunda capa pode ser discutida a história da ACC, através da logomarca.

Capa Padre Cícero e a ecologia

⁵² Disponível em: <<http://origemdascoisas.com/a-origem-do-chapeu/>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

Carlos Henrique mostra aqui toda natureza em volta de Padre Cícero, não está de chapéu, está com árvore, tem o sol, o céu nublado, a sede, a dificuldade com que o nordeste passa, mostra que o cordel está defendendo o meio ambiente.

A entrevistada fez menção a Padre Cícero, trazendo elementos da natureza, árvore, sol e o céu. Ainda destacou uma das finalidades do cordel em defender a natureza. O cordel sem dúvida é uma das ferramentas que traz diferentes temas e instiga debater problemas atuais como é o caso da natureza (PINHEIRO; MARINHO, 2001).

Maércio, mostra aqui aparece ele debaixo de uma árvore, ele com semblante preocupado, olhos fechado, tentando pegando na árvore, as folhas não estão pregadas nas árvores, talvez ele esteja preocupado com isso.

A poetisa citou a preocupação que Padre Cícero estava tendo com a natureza. Segundo Barros (2008), durante a seca de 1880, foi criado um planejamento econômico para ajudar muitos romeiros e plantarem na Chapada do Araripe.

As Nas aulas podem ser discutido discutidos nos os dois cordéis sobre os fatores que prejudicam a natureza.

Poeta 10 – Edésio Batista

Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo,

Padre Cícero pondo a mão sobre esse penitente, possuído com espírito maligno, ele também rezando para que expulsasse o espírito esse penitente que se encontra de joelho para que tivesse verdadeira paz. O Padre Cícero de batina branca, usando chapéu preto, um chapéu com formato um pouco diferente aos anteriores, um chapéu de couro.

O poeta observou na capa Padre Cícero com acessórios, formatos e cores diferentes.

Apresentou como os líderes religiosos da atualidade tentam expulsar espíritos malignos dos fiéis.

Juazeiro do Norte um século de progresso e fé,

Aqui está bem nítida se trata da estátua de costa, ninguém ver as mãos de Padre Cícero, ele está segurando seu chapéu na mão. O Padre Cícero olhando para a cidade, vendo um século de progresso, Padre Cícero admirando como a cidade progrediu tanto desde o tempo da pequena vila que existiu e agora a cidade tão grande.

O cordelista percebeu que Padre Cícero está observando o progresso de onde um dia ele ajudou a fundar essa cidade. Della Cava (2014) destaca que Juazeiro tem se tornado a

cidade mais importante do Cariri. O primeiro cordel permite ao professor os vestuários dos padres. A segunda capa pode destacar a história da estátua de Padre Cícero.

Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo, mostra Padre Cícero sério e do lado de Padre Murilo.

O poeta foi breve em sua percepção, em que cita as duas personalidades de grande importância para Juazeiro e a feição seria de Padre Cícero. Estes dois religiosos ajudaram no crescimento de Juazeiro, como também ajudaram os romeiros.

Os patronos das ruas do Crato, mostra Padre Cícero de chapéu, um chapéu diferente, parece mais um chapéu de massa, orelhudo, com sua batinha preta, seu cajado na mão.

O cordelista citou os trajes de Padre Cícero na gravura. Mais uma vez vimos os acessórios triviais que acompanhavam o sacerdote na sociedade. Esses acessórios podem ser vistos no Memorial Padre Cícero e na Casa dos ex Ex votos Votos, que fica localizados em Juazeiro do Norte. Em sala de aula a primeira capa pode ser trabalhada a imagem dos dois religiosos. Também na segunda capa pode ser discutida a imagem dos personagens.

Centenário de Juazeiro do Norte,

Aqui está bem centrado o Padre Cícero, e aqui apareci 100, é muito representado, muito designado como centenário, 100 anos dele. O rosto dele bem centrado, a figura toda bem centrada dentro da cidade com uma mão segurando o cajado, a figura assim está bem expressiva, é realmente 100 anos se foram e ainda se lembram.

O poeta não teve dificuldade em identificar o Padre Cícero bem centrado e com seu cajado em comemoração aos cem 100 anos de Juazeiro e com seu cajado. Neste sentido, no ano de 2011 foi comemorada essa data, em que tiveram vários festejos em homenagem à data.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri. Essa figura do Padre Cícero vai simbolizar também isso, não só a parte religiosa, mas também isso, esse lado do comércio que muito se desenvolveu em Juazeiro. É esse cocozinho com o “coisa”, isso aqui é o símbolo da Academia dos Cordelistas do Crato.

O poeta fez menção ao papel que Padre Cícero desenvolveu com o comércio de Juazeiro, tornando um polo comercial religioso. Esse polo pode ser identificado nos remédios, artesanato, turismo, eventos, etc. Nas palavras de Arruda (2002) é comum nos estabelecimentos comerciais é comum receber registrarem seu nome em homenagem ao patriarca do lugar.

O professor pode realizar uma linha do tempo destacando os principais eventos que ocorreram durante esses cem 100 anos em Juazeiro. Na segunda capa pode destacar como surgiu o símbolo da ACC.

Capa Padre Cícero e a Ecologia

Nessa xilogravura de Carlos Henrique, pra mim o Padre Cícero está aqui representando talvez árvores. E a figura do Padre Cícero aqui no meio com seu bastão sua batina preta, seu chapéu, louvando a ecologia.

O poeta mais uma vez se reportou aos acessórios de Padre Cícero, relacionando com a ecologia. Essa relação é algo presente na própria lei do município de Juazeiro que faz referência ao meio ambiente.

Maércio já mostra um Padre Cícero preocupado com a desagregação do meio ambiente.

Essa preocupação que o poeta expos expôs é nítida nos preceitos ecológicos que ele criou para que o meio ambiente fosse melhor cuidado.

Em sala o professor pode discutir nas primeira capa o papel que o poder público pode fazer para melhorar a natureza.. Na segunda capa o professor pode discutir as consequências que estão acontecendo com meio ambiente.

Poeta 11 – Carlos Henrique

Carlos Henrique na capa “O Homem com o diabo no corpo”, mencionou seguinte: “essa xilogravura representa a fé, a crença desse homem do campo que vem de muito longe pra se consultar com Padre Cícero.”

O xilógrafo fez menção à fé do homem do campo perante Padre Cícero. Arruda (2002) e destaca que o sertanejo utilizava de amuletos, promessas ou rezas fortes para se livrar de qualquer enfermidade.

Um século de progresso e fé, demonstra o Padre Cícero abraçando Juazeiro, Juazeiro sendo protegido e coberto pela mão do Padre Cícero, ele está vigiando ai como protetor daquela grande cidade.

O entrevistado observou nessa capa, a proteção que Padre Cícero transmitia para o povo. Desse cuidado com o povo, surgiu uma comunidade chamada Caldeirão, em que ele mandava romeiros para trabalhar e viver naquele lugar (NETO, 2009). O professor pode discutir o catolicismo popular, como uma igreja tradicional que pensava esse tipo de

catolicismo, enquanto a segunda capa pode mencionar a proteção de padre Cicero Cícero perante Juazeiro.

Recados do Padre Cícero e o Monsenhor Murilo.

Coloquei Padre Murilo na frente porque ele era que estava na rédea da igreja depois que Padre Cícero morreu. Coloquei Padre Cícero no segundo plano, mas não desmerecendo a figura do Padre Cícero. A pessoa do Padre Cícero porque em primeiro plano poderia muito bem ser ele mais são: Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo, mas como Monsenhor Murilo estava em destaque, eu quis colocar ele na frente representando a xilogravura representando o que tinha no cordel que. Poderia muito bem ter feito os dois como trata assim de padre, ter feito os dois com uma bata, todos dois preto, só que aqui passaria um contorno separando as imagens, aí representando o branco porque a gente trabalha com a questão do branco e o preto.

O xilógrafo expressou bem o que quis transmitir com seu trabalho, colocando em primeiro plano Padre Murilo devido no momento está desenvolvendo seu trabalho. Ele relatou também o contraste que na xilogravura existe e Maxado (1982) fez referência essa duas visões para destacar as partes escuras em alto relevo.

Os patronos das ruas do Crato.

Eu criei essa capa como se fosse o mapinha das ruas da cidade, mas que tem destaque o Padre Cicero e Tristão Gonçalves, por que se trata o patrono das ruas do Crato, coloco em destaque Tristão Gonçalves em cima do cavalo, tenho liberdade, por que foi um dos filhos de Barbara de Alencar, por que lutou pelo Cariri pela independência do Crato, muito antes de D. Pedro I dá o grito de Independência, e o Padre Cícero por ter sido filho Crato e ter várias ruas aqui no Cariri com nome dele, não somente no Crato. Barbara de Alencar era mãe Tristão Gonçalves eles dois da época eram revolucionários que lutava pela liberdade.

O entrevistado relata duas personalidades históricas do Brasil. Essas personalidades fazem parte da história do país, em que os mesmo fazem parte da memória de nossa gente. Essa memória é transmitida por Le Goff (2013) de identidade.

Em sala de aula pode discutir a presença marcante de monsenhor Murilo na religiosidade de Juazeiro. Já a segunda capa pode se reportar a história do Crato, através das personalidades históricas.

Centenário de Juazeiro do Norte.

Não tem muitos detalhes, é uma gravura rica em preto e branco, composta, você percebe o equilíbrio do preto e o branco, se você vê uma gravura boa, ela dá 50% de branco, 50% preto, pode ser mais, mas é dividido você percebeu 50% branco e 50% preto, se pudéssemos dividir o branco de um lado e o preto de outro, iria ver 50 % pra cada lado.

O entrevistado chama atenção da técnica de contraste que o artista representou nessa gravura. Pohl (1982) destaca que para a impressão ser realística é recomendável pintá-las de preto.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri,

Essa xilogravura lembra muito um brasão, principalmente o brasão da Academia, mas a palavra Cariri lembra o Padre Cícero, porque o Padre Cícero está muito ligado a comércio e Cariri, ai vem a rapadura e o pequi, a cana, a monocultura, a cana e o pequi, o extrativismo mineral, natural e o cocar indígena.

O xilógrafo fez referência aos produtos comercializados no Cariri. Segundo Figueredo Filho (2010) citou alguns os produtos que mais saem dosão produzidos no Crato comosão: rapadura, algodão, farinha de mandioca e cereais. O professor em sala pode destacar sobre a técnica da xilogravura, o manejo com branco e o preto. Enquanto, a segunda capa o professor pode mencionar os produtos mais relevantes do Cariri.

Padre Cícero e a ecologia

Na xilogravura de Carlos Henrique mencionou,

Essa ai eu quis transmitir Padre Cícero e a ecologia, ele já era um ecologista, ele pensava nas plantas, na natureza. E ai eu fiz Padre Cícero sem o chapéu, segurando a plantinha no próprio chapéu. Ele tirou o chapéu da cabeça pra dá essa ideia de que se possível planto, faço do meu chapéu um suporte pra ecologia, pra o meio ambiente. É essa a ideia que quer passar, ai as florzinha aqui que representava, como lá é muito árido, não tinha uma árvore ali em torno do Juazeiro.

O próprio xilógrafo fez a gravura e mencionou que o chapéu representou uma forma de proteção com o meio ambiente, que nele poderia plantar. Borges (2004) mencionou que ele Padre Cícero foi um ecologista que tinha uma forte preocupação em proteger a natureza.

Maércio, as pinturas de Maércio era assim tosca, foi o que ele me passou, perceba que lembra muito a gravura de Caruaru. Não tem aquela textura, porque justamente a de Caruaru tem mais espaço em branco.

O xilógrafo fez menção as xilogravuras de Caruaru que caracterizar por espaços em branco. A escola caruaruense se destaca por não se preocupar com a perspectiva ou proporção⁵³.

O professor pode pesquisar com alunos as ONG's existentes em sua cidade voltado para preservar o meio ambiente. Partindo do segundo cordel, a escola pode realizar uma campanha para distribuir mudas de plantas.

Poeta 12 - Maércio Siqueira

Padre Cícero e o homem com diabo no corpo

⁵³ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8837/j-borges>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

O padre está em uma função de exorcismo está com sua vestimenta. É uma xilo interessante, porque mostra o interior de uma casa com sua mesa no santo, castiçal, com velas, recinto simples e o padre com oração e a pessoa entregue no padre. A parede não é branca, tem uma escala de cinza, alternadas com linhas brancas e o coração de Maria e Jesus estilizada. E o detalhe com as flores artificiais, está muito peculiar. Ele respeitou a aparência do padre Cícero, queixo quadrado, orelha um pouco alongada, a expressão facial com jogo do preto e branco. A priori o rosto não identifica com padre Cícero, cabelo negro, grande e não corresponde. O propósito da xilo não é um realismo, na devidas proporções, é uma estética popular, principalmente parecida com as de J. Borges.

O poeta fez uma interpretação não só das feições de Padre Cícero, mas também da técnica que a xilogravura possui. Os traços de Padre Cícero apesar de não parecer nitidamente, pois o artista possui uma linha parecida com a escola de Caruaru, em que não segue um padrão para o realismo.

Juazeiro do Norte um século de Progresso e fé

Essa imagem eu já tinha um domínio da técnica de gravar, a minha ideia ter uma visão de padre Cícero e Juazeiro. Pegar a estátua de padre Cícero e a colina do horto, expressando esse progresso que veio, através da figura do padre Cícero explorou vários recursos, textura, a árvore não é realista, um estilo estilizado. A escala de cinza vai dá uma impressão de cinza. Eu usei a cor real da estátua do Padre Cícero.

O poeta e xilógrafo menciona que usou as cores reais que existe na gravura, permitindo identificar imediatamente a figura de Padre Cícero. Porém em algumas imagens ele utilizou de um estilo estilizado, em que os detalhes e os traços apresentaram uma gravura belíssima.

Recados do Padre Cícero e o Monsenhor Murilo,

A gente sabe aqui que a ênfase é o Monsenhor Murilo, Padre Cícero está aqui como um mentor. É imagem mais clássica do Padre Cícero ele quase de perfil, mostrando dois terços, um terço do rosto curto, não sei tem a proporção, mas é a imagem clássica do Padre Cícero. A gente facilmente identifica aqui do Monsenhor, não tem mais nada, porque são duas figuras que bastam, como a imagem está bem feita, estão retratando mesmo, despensa o fundo.

Como o poeta já retratou a xilogravura é bem clarade, pois identificamos logo a presença das duas personalidades de Juazeiro, que ajudou no desenvolvimento das romarias no município.

Os Patronos das ruas do Crato.

Padre Cícero é colocado logicamente como cristão. É ai como um dos patronos da rua do Crato, porque tem a avenida do Padre Cícero como uma das figuras, o artista aqui representa mais a estátua do Padre Cícero, uma representação ligeira meio grotesca, exagerado nas orelhas.

O poeta fez menção a xilogravura como grotesca, pois mais uma vez o artista segue a escola caririense, em que não segue as proporções reais.

Centenário de Juazeiro do Norte.

Essa aqui foi outra que eu fiz a ideia era pegar uma imagem parecida com a do Padre Cícero, só que explorando um traço mais generoso mais largo e mais branco. Contando 100, 100 com o sinal de exclamação, chamando atenção, porque alguns santos exibem. E esse Padre Cícero, eu percebo que ele está bem mais jovem, porque as representações do Padre Cícero geralmente é ele já idoso. Aqui conserva as feições, mas as feições eu sempre fui mais habilidoso, eu quis mostrar uma coisa mais perene. A gente sabe que a juventude é o símbolo da eternidade.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri.

Ele pegou aqui o símbolo da academia, retirou o mapa do Crato de dentro com a viola e botou a figura do Padre Cícero, modo bem engenhoso e típico dele de explorar um tema. Você vê que o Padre Cícero está sendo tema da Academia dos Cordelistas do Crato. Pegou os símbolos que representa o Crato, o pique, o canavial e o cocar dos índios Cariri. O Padre Cícero aqui, a figura típica e clássica.

Capa Padre Cícero e a ecologia

Carlos Henrique, nessa imagem demonstra Padre Cícero que não teve uma pretensão exaustiva de ser semelhante a não ser pelas orelhas. Alguns detalhes aqui a batina e o cajado. O interessante aqui, dentro do chapéu dele tem uma árvore, é uma árvore já, um tronco vigoroso, mas é como se fosse uma muda. Se a gente prestar atenção que o chapéu é colocado na cabeça é como se fosse uma extensão da cabeça dele, é como dizer, fazia parte das ideias do Padre Cícero, como se desse a ideia de ecologia. Em volta tem umas casas bem bonitinhas, organizadas, como quer dizer que o crescimento urbano deveria respeitar a natureza. Esses elementos da natureza todos são, porque são criações divinas representadas pela igreja, que leva ele a contemplação da igreja, leva a Deus e o exercício de quem crer em Deus e cuida da natureza.

Maércio

Limitando a árvore e o padre Cícero tocando essa árvore com amor, procurei um semblante parecido com Padre Cícero uma figura que lembrasse padre Cícero acolhendo e tocando uma árvore e que nesses casos simbolizaria a ecologia.

4.3 Conteúdo dos cordéis analisados e seus patrocinadores

1 – Padre Cícero e o homem com diabo no corpo

De autoria de Josenir Lacerda, a poesia aborda que no passado era muito comum rezar no corpo das pessoas, porém ainda existe, mas em pouca proporção. Nesse sentido identificamos isso na estrofe abaixo

Quando a água recebeu
em toda a sala jogou
invocando o Galileu
em latim ele rezou
com fé e convicção
um conjunto de oração
que o Santo Pai inspirou

Padre Cícero era requisitado por muitas vezes excomungar algum espírito no corpo de alguém. Na qual nas palavras da poetisa resumir.

Esse é mais um grande feito
do Padre Cícero Romão
que por Jesus foi eleito
sacerdote e bom cristão
sua vida na verdade
foi feita de caridade
cura, fé e oração.

Entretanto Padre Cícero foi e é um homem de muitos feitos que para muitos curou, fez caridade e oração. Este cordel teve como patrocinador deputada estadual Iris Tavares.

2 – Juazeiro do Norte um século de Progresso e Fé

De autoria de Josenir Lacerda o cordel aborda a história de Juazeiro em que a mesma afirma

Tabuleiro Grande era
o local alvissareiro
enfeitado pelo verde
do resistente Juazeiro
que dava o arrancho amigo
e o aconchegante abrigo
ao peregrino romeiro

Percebemos pela estrofe que Juazeiro possuía outro nome, em que predominava em sua vegetação a planta Juazeiro, o comércio e um lugar de fé que fez surgir muitos romeiros para povoar o lugar.

O Cariri hoje é
um importante celeiro
tem Juazeiro do Norte
como o mais fértil canteiro
adubado pela fé
floresceu e hoje é
santuário do romeiro

Com isto a estrofe acima mostra a real realidade do Cariri e de Juazeiro em relação a fé, em que nasceu Padre Cícero, homem este que através dos seus feitos a cidade conseguiu o progresso, tornando a cidade ser referência nas romarias do estado cearense. Este cordel teve como patrocínio o SESC, que é uma empresa que trabalha com cultura e um dos divulgadores dessa literatura.

3 – Conselhos de Pe. Cícero e Monsenhor Murilo aos Padres Colegiados

O cordel é de autoria de José Severo Gomes, trata-se uma poesia que biografava Monsenhor Murilo

Era um pastor da verdade
cheio de graça e de luz
andava pela cidade
tal qual fazia Jesus
seu forte era a caridade,
a justiça, a bondade,
a sua vida era a cruz.

Lutou incansavelmente
em prol da sua cidade.
Era, inconfundivelmente,
a imagem da verdade.
Irmão dos irmãos mais pobres,
com gestos simples e nobres
com zelo e suavidade.

A poesia apresenta bem as características de Monsenhor Murilo um religioso, que viveu da caridade e seguiu os conselhos de Padre Cícero, tornando assim uma referência na cidade de Juazeiro. Esse cordel teve foi produzido pela gráfica da ACC.

4 – Os patronos das ruas do Crato

De autoria de Anilda Figueiredo, o cordel aborda as famosas ruas do Crato, em que as mesmas possuem nomes de pessoas ilustres como mostra a seguinte estrofe

Meu Padim Ciço Romão,
ilustre filho cratense,
foi político e sacerdote
no solo cariense,
venceu, pois muito lutou,
e do século que passou
foi o maior cearense

Mas um cordel que abordar a história do Crato, tendo como parceiros cordel no Cariri, Gráfica Nobre, Livraria Colegial, Prime Contabilidade, Supermercado Econômico e Banco do Nordeste, programa Ceará diverso.

5 – Centenário de Juazeiro do Norte

De autoria de Aldemá de Moraes, a poesia retrata a história de Juazeiro e sua prosperidade, em que podemos identificar nas estrofes abaixo

Mil oitocentos setenta
e cinco, com a construção
da igreja de Mãe das dores
a quem tinha devoção
e em cada mês de setembro
realizava a procissão
....
O povo está percebendo
que cresceu tanto a cidade
tem até aeroporto
mais de uma faculdade
acompanhando o progresso
criando oportunidade

É nítido a prosperidade de Juazeiro do Norte, em que podemos identificar através de seu aeroporto, faculdade e comércio, gerando renda para o município. O cordel foi patrocinado pelo SESC (Serviço Social do Comércio), um dos parceiros dos poetas nessa região.

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri

O cordel é de autoria de Luciano Carneiro apresenta uma poesia sobre as riquezas que o Cariri possui a religiosidade, artesanato, recursos naturais, folclore, gastronomia, etc. Podemos identificar isso nas seguintes estrofes,

Na religiosidade
desta grande região
o Padre Cícero Romão
ganha em popularidade
mas fica o povo à vontade
com direito a escolher
nós não vamos nos meter
na crença de seu ninguém
dizendo em que eu em quem
se deve crer ou não crer
...

Aqui o artesanato
 tem nome e tem tradição
 é grande a confecção
 de roupa, rede e artefato
 tapete, pano de prato
 calçado, chapéu e cela
 de barro, pote e panela
 as feiras livres invadem
 tornando a localidade
 muito mais rica e mais bela.

É interessante a promoção de um cordel em um evento do nível como este na região, tendo como patrocinador os parceiros do evento: SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), Governo do Estado, Prefeitura de Juazeiro, Sindindústria (Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuários de Juazeiro do Norte), Banco do Nordeste (Banco do Nordeste do Brasil), FIEC (Federação das Indústrias do Estado do Ceará), Fecomércio (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Ceará), FAEC (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará), FACEMP (Faculdade de Ciências e Empreendedorismo), FACIC (Federação das Associações do Comércio, Indústria, Serviços e Agropecuária do Ceará) e APEX (Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos).

O Padre Cícero e a ecologia

O cordel é de autoria de Willian Brito o tema aborda a importância da natureza, como também conscientiza as pessoas das mazelas que podem acontecer destruindo a natureza, ou seja,

MEU PADIM sempre dizia:
 “Não broquem sem precisão,
 plantem sempre todo dia
 qualquer coisa nesse chão,
 se lembrem da macambira
 que quando é na seca vira
 massa de se fazer pão.

....

Se o homem não respeitar
 as leis que são naturais,
 se partir para acabar
 com as plantas e os animais,
 vocês podem ficar certo
 que o sertão vira deserto
 e adeus invernos normais.

O cordel mostra muito bem o cuidado que Padre Cícero tinha com a natureza, tendo como patrocinador Rancho WH e Sitio Nininha.

CAPÍTULO 5
CORDEL E EDUCAÇÃO

Figura 16 – Cordel e Educação



Fonte: Xilógrafo Carlos Henrique Soares (2018)

Conforme foi tratado anteriormente nesta pesquisa, no passado o cordel era folheto para pessoas mais idosas e da zona rural do Brasil. Com o advento de sua maior difusão passou a ser utilizado por quem percebeu sua importância para o próprio conhecimento. Neste capítulo, abordamos o cordel como recurso didático, pois os folhetos populares são bastante utilizados como recurso didático que faz parte das escolas no processo de aprendizagem de algumas escolas.

Ao abordar o cordel como recurso didático, discutimos nas escolas e os documentos que possibilitam esse folheto ser realmente utilizado como mecanismo didático nas instituições de ensino. Ainda abordamos a importância que possui a sua inserção perante no currículo das escolas, já que existem legislações, como a lei orgânica do município do Crato (nº 1/1990) que destaca a valorização dos bens culturais.

Pensar o cordel para a educação é revisitar o currículo escolar e adentrar em uma discussão mais detalhada, já que é uma forma de direcionar a formação do cidadão e neste contexto existem falhas que tornam a formação fragilizada. Isto faz com que valorize determinados conteúdos sejam mais valorizados que outros, enquanto sua cultura local seja pouco trabalhada e pouco discutida ou vivenciada no espaço escolar.

O cordel faz parte da literatura popular de um povo e deve ser respeitado valorizado e inserido no currículo escolar, situando este último do lugar onde essa literatura é desenvolvida no contexto cultural do qual faz parte. Neste sentido, existem grupos culturais, como é o caso da ACC, que propaga a literatura de cordel nas escolas e realiza atividades para que essa poesia popular seja utilizada como material didático. Inclusive algumas escolas do Cariri realizam ações e projetos para fomentar o acesso a esse patrimônio cultural imaterial.

É neste universo escolar que o cordel vai ganhando leitores, que ora conseguem entender o verdadeiro valor dessa poesia popular, e do sujeito que consegue ser atuante como poeta. Afinal, a escola pode descobrir novos talentos, nessas ações relevantes, para que esses alunos sejam futuros cordelistas.

Com isto, o presente capítulo proporcionará que os leitores, adentrem em um universo de fantasia, realidade, curiosidade, humor e sentimentos, pois o cordel é o resultado dos saberes compartilhados pelos poetas. O aluno pode ser mais um propagador dessa literatura.

5.1 Cordel, Escola e Saberes

A escola possui vários conceitos que a torna uma instituição educadora, fazendo propagar nesse espaço de cultura e proporcionando uma educação formal para os cidadãos. No entanto, Saviani (1997, p. 17) destaca que a escola:

É um espaço educativo escolar enquanto veículo de construção e transmissão de um saber científico, universal, de uma cultura, de visões de mundo, de um ensino de boa qualidade, enfim 'que propicie a formação integral da personalidade dos indivíduos enquanto sujeitos da história'.

Deste modo a escola é um espaço de construção de saberes, em que a cultura está imbricada nesse universo de conhecimento. A escola é um dos espaços que forma valores culturais e o cordel ajuda nessa construção, gerando a inclusão desse gênero literário na sala de aula, no sentido de valorizar a cultura local e reconhecer outras formas de produção do conhecimento.

Ao abordar o cordel na escola, outras culturas são consideradas, para além da cultura escolar, como também, outros conhecimentos que não se restringem aos conhecimentos científicos. Este processo de integração entre culturas e saberes diversos representa a conexão entre a escola e a comunidade, o saber científico e o saber popular, o espaço escolar e sua realidade circundante. Um dos princípios da educação é que a escola seja um

[...] centro de cultura, espaço de transmissão e construção de saberes onde o conhecimento é produzido incessantemente, cabendo-lhe assim, preocupar-se com a formação de cidadãos críticos, preparados para o exercício profissional e também, compreender o processo de exploração como possibilidade de desvendar o real. (SILVA, 2002, p. 43).

Formar cidadãos críticos, preparados para uma profissão, compreendendo os processos que estão sendo implantados e são influenciados pelo currículo escolar⁵⁴, exige uma contextualização social e cultural do lugar onde está inserida a escola. Portanto, uma vez que a literatura de cordel se constitui como forte meio de expressão de um povo, não pode deixar de ser considerada como recurso didático em sala de aula. Em entrevista com o cordelista Francisco Nascimento⁵⁵, o poeta comenta que

⁵⁴ O currículo expressa os conteúdos da instrução, nas matérias de cada grau do processo de ensino. Em torno das matérias se desenvolve o processo de assimilação dos conhecimentos e habilidades. (LIBÂNEO, 1994, p. 53)

⁵⁵ Entrevista cedida a à doutoranda doutoranda no consultório odontológico do entrevistado na cidade do Crato em 17/02/2016.

[...] o cordel nas escolas, aí existem várias versões por que tem um pessoal que quer uma corrente que deseja que o cordel da escola seja diferente do cordel que se escreve normalmente porque o cordel que se escreve normalmente ele é feito a à vontade, ele permite certas regras, certas composições, que a prosa não permite, mas no cordel permite, então você vai colocar esses erros esses supostos erros pra dentro da escola. Então eles querem que o cordel que seja feito pra escola, seja feito corretamente sem essas permissões eu sou a favor de que ele entre do jeito que ele é, contanto que explique ao aluno isso aqui tá errado por isso, porque a língua permite, a forma é permitida no cordel, se você mudou já alterou, então deixa como esta está, contando que o aluno saiba porque que tá escrito daquele jeito ai aí é que é o certo.

Percebemos através da fala do poeta que existem duas correntes quando se pensa em abordar o cordel nas escolas; a corrente de inseri-lo na forma tradicional, ou seja, pode ser escrito na linguagem interiorana, da forma que o homem do campo fala e a outra na forma da língua padrão seguindo a gramática. O importante é inserir o cordel na escola e esclarecer sempre essas duas possibilidades de trabalhar o cordel, pois o aluno que tem facilidade de escrever na linguagem coloquial poderá produzir uma poesia na forma que ele deseja, como também aquele educando que se propõe escrever na linguagem interiorana, os versos estarão corretos. Ainda, o aluno deve reconhecer o cordel como um gênero textual e que através de suas produções o ajude a desenvolver sua própria escrita.

Figura 17 – Lançamento de cordel em uma escola do Crato



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2017)

O cordel é um gênero textual que inserido no processo do conhecimento, pertence a uma educação informal e espontânea, influenciando a formação do indivíduo.

Está inserido no contexto sociocultural da sociedade, e pode ser um recurso didático- pedagógico na alfabetização dos indivíduos, ou seja, por meio da leitura oral, identificação de palavras, etc. Neste sentido, o poeta Luciano Carneiro (2016) afirma que,

É de suma importância, o tanto de gente que a gente descobriescobri, com interesse, quando ver o cara recitando o cordel, quando ler o cordel, tem deles que desperta, tem deles que era até poeta e faltava só isso, quando a gente ver, o entusiasmo das pessoas isso é importante, porque a poesia não pode faltar no mundo, a poesia é o tempero da sociedade, o poeta tem uma cumplicidade muito grande com a alegria do povo.

Na fala do poeta percebemos de imediato que já identificou poetas natos e com a aproximação com o cordel, alunos e pessoas iniciaram a escrever folhetos. Por isso ele diz que a “poesia é um tempero da sociedade”, pois é através dela que se possibilita essa simpatia com o povo e os versos.

É essa relação que faz parte da literatura de cordel e a torna uma prática social e cultural, que trabalhada nas escolas pode ser um meio para problematizar questões culturais e sociais.

O cordel apresenta uma diversidade de informações que são frutos dos conhecimentos fabricados no mundo social, no cotidiano e que, apreendidas nos folhetos, multiplicam o arcabouço de conhecimento que compõe e que eles produzem. Esses conhecimentos, aglutinados à educação escolar, participam como fomentadores da aprendizagem. (ARAUJO, 2012, p. 272).

Além disso, o cordel traz consigo um caráter lúdico e emotivo, apresentando como um gênero literário atrativo e envolvente para os alunos. A cordelista Rosário Lustosa se utilizou dessa ludicidade, para incentivar a leitura de cordéis, quando pediu para alguns alunos lerem o cordel sobre Machado de Assis, . em que revisitou a história de um dos maiores escritores da literatura brasileira, através do cordel. O momento aconteceu em uma escola de Juazeiro do Norte (- CE), na culminância de um projeto da escola abordando a importância da leitura. A poetisa fez menção também sobre história do cordel e seus precursores, levando o conhecimento aos alunos sobre os antigos poetas populares.

Figura 17 – Palestra da poetisa Rosário Lustosa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, fotografada no município de Juazeiro do Norte-CE em 27/08/2016.

A poetisa é geralmente requisitada para ministrar oficinas e palestras nas escolas, momentos em que há aproximação entre poetas e leitores. Para além da produção da literatura de cordel, a ACC também se dedica a disseminar essa cultura por meio de atividades em instituições diversas, inclusive as educacionais. No entanto, Pinheiro/Marinho (2001, p. 88) defende que

Dependendo do lugar, das condições locais, algumas atividades envolvendo toda escola podem ser realizadas. Se o acesso a folhetos for fácil (alguma feira local, casa do poeta, pedidos a alguns divulgadores...), uma boa idéia é a realização de um Feira de literatura de cordel. A Feira pode ser realizada numa tarde, numa manhã, durante um dia; pode ser uma atividade específica, pode figurar dentro de uma semana cultural, artística etc. Ela pode compreender diferentes atividades, como as que elencamos a seguir: a) folheteiros vendendo seus folhetos; b) emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios, improvisando. É bom que o trabalho desses artistas seja devidamente pago! c) exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos; d) murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel em geral; e) palestras e oficinas de criação de poemas de cordel; f) encenações de histórias de cordel adaptadas para o teatro ou de peças inspiradas em folhetos; g) apresentação de músicas populares influenciadas pela literatura de cordel ou de cordéis musicados por artistas da MPB ou pelos próprios alunos. Lembrar que o uso do pandeiro é fundamental, sobretudo nas músicas influenciadas por emboladas; h) sessões de cinema com filmes inspirados em folhetos ou que, de algum modo, toquem na questão da literatura de cordel.

Por intermédio da citação acima identificamos alunos de escolas em feiras, as quais existe a divulgação do cordel, reconhecendo o espaço educativo que a feira representa. Na atualidade, o SESC- Unidade Crato-CE desenvolve projeto “Cordel na Feira”, que distribui cordéis e propaga a literatura de cordel, em que permite permitindo um encontro de pessoas. O cordel proporciona o encontro com diferentes saberes, em que ao vivenciar um espaço aberto como no “Cordel na feira⁵⁶”, existe a possibilidade do reencontro de amigos. Além de ser um espaço educativo que perpassa os muros da escola, o “Cordel de Feira” possibilita a interação das pessoas que frequentam esse espaço comercial (vendedores, clientes, crianças e visitantes). Acontecem apresentações de humor, sanfoneiros e repentistas, envolvendo todos os que estão naquele espaço. As escolas fazem parte desse momento como podemos visualizar na foto abaixo, em que um grupo de alunos de uma escola do Crato, foram conhecer esse espaço.

⁵⁶ Acontece sempre na última segunda feira de cada mês o lançamento de cordel na feira no Crato, promovido pelo SESC, há distribuição de cordéis, show ao vivo e a participação de muitos artistas populares que valorizam o “cordel na feira.”

Figura 19 – Cordel na Feira



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, em Crato dia 29/08/2016

Após visita ao “Cordel na Feira”, a turma pode voltar e trabalhar o que foi visualizado no espaço visitado; desde a distribuição do cordel, declamação e as atrações existentes naquele momento. Como cantoria, pode-se destacar essa história, que através da mesma originou o cordel. Existem também sanfoneiros que, em sua grande maioria, homenageiam artistas dessa arte, como Luiz Gonzaga que foi consagrado no Brasil como o sanfoneiro número um e que através das letras de suas músicas conseguiu propagar o Nordeste brasileiro para o país. A programação do “Cordel na Feira”, proporciona aos presentes participação ativa e recebimento gratuito dos folhetos.

As feiras, portanto, não representam somente um espaço comercial, mas um lugar que o povo se encontra e se celebra em arte. Trata-se do recinto para divulgar a literatura de cordel. Segundo a publicação de Araújo, na revista HISTEDBR On-line (2009),

Ao elaborar o cordel o poeta, estabelece relações interculturais com pessoas e grupos de outras culturas, e a sua produção artística circula entre diversas culturas e camadas sociais, quer seja de elite, que sejam populares. O poeta de cordel é um sujeito educativo e intercultural, pois educa pelo cordel e dialoga com diversas culturas, promovendo, via folhetos, ações educativas. Ele parte alçado num saber popular para dialogar com outros saberes e culturas. Por isso, nós entendemos como um tipo de educador que, no seu fazer cotidiano, imprime um fazer educativo (ARAÚJO, 2009, p. 162)

Neste sentido, os espaços os quais o poeta popular propaga suas produções, são lugares de relações interculturais, em que existem diversas camadas sociais. Os folhetos

estimulam ações educativas, através da leitura oral, das temáticas que podem conhecer e por meio da troca de saberes existentes. O poeta promove saberes e culturas no meio dos espaços, sejam formais ou informais.

A educação pelo cordel não é uma transferência de conhecimento, mas um aprendizado embasado numa ação educativa com fins democráticos. É uma educação que sucinta a autonomia dos sujeitos aprendentes, sendo uma forma lúdica de ensino-aprendizagem. É uma educação inventiva e criativa, um convite ao diálogo feito pelo poeta ao seu público leitor sobre as coisas do mundo e da vida. Isso nos permite dizer que o cordel, além de ser um ambiente educativo e cognitivo, é multidimensional e multifacetado, pois traz as diversas faces da sociedade e da cultura, porque são elaborados a partir de uma rede de relações de conhecimentos que dão significado ao mundo e á a vida e que o poeta, em sua sensibilidade, aprende e interpreta (ARAUJO, 2009, p. 163-164).

O cordel é uma educação inventiva e criativa, que proporciona um diálogo sobre a vida, pois existem diversas facetas da sociedade e da cultura. Isto faz com que o poeta e leitores tenham um olhar sensível para interpretar e aprender.

Ao adentrar nesse universo cultural Freire enfatiza que “ensinar é uma atividade humana, mostra-nos que o ato de ensinar e aprender sobre o mundo social é fecundado de sentido em diferentes espaços da vida social: “educar é substantivamente formar”” (FREIRE, 2002, p. 37). Para ele, o educador ao ensinar está formando cidadãos críticos e participativos. Os poetas ao escreverem seus cordéis possibilitam essa formação. Diante disso, o poeta popular desenvolve práticas educativas, com produções, que oferecem às pessoas formas diversas de representação do pensamento, por meio das histórias contadas nos folhetos da realidade regional, do saber-fazer do nordestino e do brasileiro no geral. O público desse cordel segundo Oliveira (2001, p. 97) é

Celético, que se forma de maneiras diferentes, que têm preferências diferentes, mas que em comum possui o fato de sentir representado pelos versos dos cordelistas. É um público sem fronteiras de idade, credo, sexo e que vê a Literatura de Cordel como sua. É um público crescente, vindo do interior, nascido aqui, misto dos dois e mais ainda: vem de longe, do outro lado do oceano e navega na internet.

Podemos identificar o público adulto que gosta de cordel e os que foram educados nessa cultura. Mas existem também os alunos que vivenciam a prática da leitura do cordel, e em suas escolas há um incentivo por parte do professor em trabalhar esse gênero literário. O cordel mesmo com sua popularidade deixou de andar nas feiras e pelas dificuldades de publicação está bem difícil de ser encontrado em cidades pequenas.

5.2 Escola, cordel e currículo

Ao abordar o cordel, escola e saberes consideramos importante o papel do currículo na integração de elementos culturais na sua prática. Segundo Macedo (2007, p. 17-18)

[...] ‘é a vida da escola’, ‘tudo que acontece no convívio escolar’, ‘currículo é também o grau de limpeza dos corredores da escola’, ou mesmo reduzi-lo ao argumento da mercadorização, como num escrito de uma prova de seleção de mestrado onde se dizia: ‘currículo é o segredo e a alma do negócio promissor da educação’, é aceitar perspectivas equivocadas, niilistas ou mercantilizadas. Neste cenário de equívocos, vieses não- elucidativos e reduções, em muitos momentos, currículo é mercado ou é tudo e nada. O prejuízo ético, político e formativo desses equívocos é fácil de ser anunciado”.

Essa definição é bem o que vem a ser o currículo de uma escola, pois é algo de forte relevância de uma instituição de ensino. É o documento que vai orientar a formação de um cidadão, com características humanas para a vida. Já Ferraço (2008, p. 96-97) considerado o currículo como,

[...] projetos políticos-pedagógicos ou propostas curriculares em nível regional (planos /propostas estaduais ou municipais) e em nível local (da escola). O currículo praticado envolve as relações sempre explícitas, o jogo de interações e/ ou as relações presentes no entre poder, cultura e escolarização.

Essa influência nas relações de poder preocupa alguns estudiosos que podem prejudicar a formação do indivíduo. Mas para adentrar nessa questão, o currículo brasileiro passou por diversas mudanças e discussões que até hoje são fontes de preocupações. À época, a escola era diferente da atualidade, em que no início da República o currículo caracterizava,

Moldar o caráter das crianças, futuros trabalhadores do país, inculcando-lhes especialmente valores e virtudes morais, normas de civilidade, o amor ao trabalho, o respeito pelos superiores, o apreço pela oportunidade, pela ordem e pelo asseio. E, de modo muito especial, deveria a escola popular colaborar na importantíssima obra de consolidação da nação brasileira, veiculando valores cívico-patrióticos, por meio dos quais cultivaria nas novas gerações o amor pela pátria (SOUZA, 2008, p. 37-38).

Percebemos que o currículo destinava a formar cidadãos voltados basicamente para o trabalho, valores cívicos e patrióticos. Essa filosofia de pensamento foi difundida até o final do século passado. Até porque no Brasil, ao longo do século XX, foram disseminadas leituras, escritas e cálculos. A língua vernácula foi incluída na gramática, exercícios de ditados, cópias de textos e as operações com números e soluções de problemas aritméticos, sendo práticas da escola elementar (SOUZA, 2008).

Também os conteúdos das escolas primárias brasileiras nas primeiras décadas republicanas foram redefinidos devido as novas matérias introduzidas como: ciências físicas e naturais, história, geografia, música, geometria, instrução moral e cívica, educação física, desenho e trabalhos manuais. Estes materiais passaram por muito tempo sendo a base da educação brasileira, tornando assim, o currículo fechado. Pensar a educação no século passado é revisitar uma educação com uma forte deficiência em que

Predominava no ensino primário o modelo de organização da escola unitária na qual um professor ministrava o ensino para alunos de diferentes níveis de adiantamento. Na década de 1870, foi introduzido nessas escolas o método simultâneo pelo qual os alunos deveriam ser agrupados em pequenos grupos – denominados classes- de acordo com o grau de adiantamento aferido por exames. Por esse método, todos os alunos de uma mesma classe deveriam estudar os mesmos conteúdos e realizar simultaneamente as mesmas atividades (SOUZA, 2008, p. 39).

Esses problemas podem ainda ser identificados em alguns lugares, pois existem instituições escolares onde há turmas com alunos de diferentes níveis e idades; sendo a educação preocupante, pois como sabemos a educação é um direito de todos já estabelecido em nossa Constituição.

Neste sentido, percebemos que nosso currículo sempre foi deficitário e contribuiu para uma educação elitista. Enquanto isso o campo ficou à mercê de uma educação de menor qualidade, ou seja, professores com pouca qualificação, falta de material didático e aos os alunos sem nenhum acompanhamento pedagógico.

A escola é definida por um grupo, para ser da maneira como ela é: seletiva e discriminadora. E este seu currículo oculto: O que está oculto não é o currículo que o aluno ou cada um dos seus profissionais traz, mas a intenção com que essa instituição social é programada dentro de uma sociedade, e em nosso caso, uma sociedade capitalista, onde os trabalhadores são impedidos por diversos mecanismos a ter acesso aos bens que eles mesmos produzem. Os bens culturais estão aí incluídos. A grande maioria da população, segundo a ótica dominante, deve ser educada para ser cidadão de segunda categoria, ganhando apenas o suficiente para ter condições íntimas mínimas de saúde, transporte, habitação, alimentação, educação. Um outro aspecto que faz parte do currículo oculto é que a escola prepara e separa o trabalho braçal do trabalho intelectual, contribuindo dessa maneira para a manutenção e reprodução das condições indispensáveis para preservação da estrutura capitalista: a exploração de uns homens sobre a maioria de outros homens (AZEVEDO, 1998, p. 65-69).

Ainda é nítida essa discriminação por parte da escola, que possui em sua essência um currículo oculto e muitas vezes esse documento que é de grande importância para uma escola é negado para o conhecimento à comunidade escolar. Pensar em um currículo, é possibilitar a inserção do mesmo para todos os membros pertencentes à escola. Neste sentido “o sistema educacional deveria começar por estabelecer de forma precisa quais são seus objetivos” (SILVA, 2001, p. 23). Estes objetivos poderiam questionar situações que pudessem

melhorar o conteúdo dos currículos escolares, em especial o currículo regional que vem ganhando destaque nos documentos legais da atualidade. O currículo como uma proposta regional, que reflete as especificidades locais é essencial, pois dessa maneira a escola promove a valorização das práticas socioculturais locais, favorecendo o fluxo de identidades culturais. Segundo Lira (2016, p.79-80)

Na teorização do currículo, sempre encontramos três maneiras de nos apresentarmos socialmente: o currículo real, oculto e prescrito. O primeiro é aquele que acontece no dia a dia da sala de aula, nas relações professor/estudantes, em decorrência do PPP e dos planos de ensino; sua característica marcante é a contextualização dos conteúdos e a efetivação daquilo que foi planejado, podendo ocorrer mudanças ao longo do processo em decorrência de novas experiências e valores tanto por parte dos docentes como dos discentes. Essa junção do conhecimento institucional com aquele que é mais vivencial oportuniza uma nova construção que se pode chamar de *saber significativo*. Já o currículo oculto são todas aquelas influências contextuais e históricas que podem afetar o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos, como: cultura, valores, crenças trazidas pelos atores do processo e compartilhadas em sala de aula. Representa, portanto, aqueles estudantes que aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos presentes no meio em que vivem. O termo oculto quer dizer que ele não está prescrito (pré-determinado) nos planejamentos ou matrizes curriculares, mas constitui-se de um fator importante para aprendizagem, contribuindo de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes. O currículo oculto nos orienta para vida. O currículo prescrito é aquele que atribui à escola o papel de transmitir um conhecimento que tem como base a lógica da reprodução, um currículo que é o mesmo para todo um território e para todos os discentes. O professor, apenas, executa aquilo que já foi estruturado, totalmente, fora da realidade dos estudantes [...].

No entanto, percebemos a existência de vários currículos que fazem parte das escolas. Nos anos 1980 nosso currículo era marcado por teorias americanas, dificultando os alunos a aproximarem-se da nossa própria realidade. Só a partir de 1990 que,

O pensamento curricular brasileiro vai optar por uma análise predominantemente sociológica e antropológica, acrescida de um interesse marcante em desvelar a função do poder na realidade curricular. O currículo passa a ser considerado um texto político, ético, estético e cultural, vivido na tensão das relações de interesse educativo protagonizado pelos diversos atores sociais (MACEDO, 2007, 42).

Ao destacar o currículo como texto político, ético, estético e cultural o autor permite que façamos uma reflexão desse sobre este documento que é tudo isso e faz com que muitos gestores tenham cuidado em propagar para os demais. Pensar nesse documento é transitar questões que fazem parte do mundo dos alunos e, além disso, é destacar a força do mesmo para a formação do cidadão. É neste sentido que a teoria crítica do currículo destaca que,

A escola atua ideologicamente através de seu currículo, seja de uma forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a deseabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo; seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas

mais ‘técnicas’, como Ciências e Matemática. Além disso, a ideologia atua de forma discriminatória: ela inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e a controlar. Essa diferenciação é garantida pelos mecanismos seletivos que fazem com que as crianças das classes dominadas aprendem a comandar e a controlar. Essa diferenciação é garantida pelos mecanismos seletivos que fazem com que as crianças das classes dominadas sejam expelidas da escola antes de chegarem àqueles níveis onde se aprendem os hábitos e habilidades próprios das classes dominantes (SILVA, 2001, p. 31-32).

A escola, como bem afirmou o autor, por meio do currículo possui o poder de controlar os saberes da classe dominada e limita os filhos dos excluídos a chegar a níveis escolares superiores. Este pensamento é nítido até pouco tempo atrás quando não havia essa expansão da educação superior pois dificilmente se veria um filho de um agricultor ou pedreiro, formado médico ou em outra profissão de reconhecimento diferenciado. Com essa expansão da educação, foi possibilitado a esses indivíduos realizar seus sonhos e concluir uma faculdade, pois só era comum para a classe dominante tal direito. Pensar nessa exclusão é adentrar nessa questão do nosso currículo como Silva (2001, p. 35) reforça dizendo que,

Está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante. As crianças das classes dominantes podem facilmente compreender esse código, pois durante toda vida elas estiveram imersas, o tempo todo, nesse código. Esse código é natural para elas. Elas se sentem à vontade no clima cultural e afetivo construído por esse código. É o seu ambiente nativo. Em contraste, para as crianças das classes dominadas, esse código é indecifrável. Eles não sabem do que se trata. Esse código funciona como uma linguagem estrangeira: é incompreensível [...]. As crianças e jovens das classes dominantes vem seu capital cultural reconhecido e fortalecido. As crianças e jovens das classes dominadas têm sua cultura nativa desvalorizada, ao mesmo tempo que seu capital cultural, já inicialmente baixo ou nulo, não sofre qualquer aumento ou valorização. Completa-se o ciclo da reprodução cultural. É essencialmente através dessa reprodução cultural, por sua vez, que as classes sociais se mantêm tal como existem, garantindo o processo de reprodução social.

Essa fragilidade foi sempre discutida, pois sempre houve conteúdos dominantes dentro do currículo, em que identificamos a figura de heróis que até hoje questionamos a real inserção dessas figuras no currículo escolar. Neste sentido, Oliveira (2001, p. 50) destaca:

Hoje, ao contrário, a Educação foi democratizada, e, apesar das diferenças gritantes entre a escola pública e a escola privada, apesar da evasão escolar, o número de pessoas alfabetizadas e semi-alfabetizadas é muito maior do que em qualquer época anterior. Ora, se há realmente uma relação íntima entre o autor e o leitor de Cordel, poderemos afirmar, aqui, com certeza, que as modificações no sistema educacional, aumentando consideravelmente a quantidade de leitores, possibilitou que um maior número de pessoas tivesse acesso ao Cordel. Agora, não é mais necessário alguém que leia o folheto para os outros, que não sabem ler, cada um pode ler o seu.

Percebemos que apesar das mudanças que ocorreram na educação, atualmente o acesso à escola está sendo mais fácil, pois no passado as poucas escolas estavam concentradas na cidade, enquanto o campo encontrava contava com um número mínimo de escolas. Agora,

a população estudantil do interior, dispõe do transporte escolar para conduzir os estudantes que precisarem sair do seu meio para a escola urbana. O professor que atua nas escolas interioranas, também são qualificados profissionalmente, o que tem contribuído bastante para a melhoria do ensino em sua forma geral.

Neste sentido, existem leis para interferir nesse currículo que ora tem seus pontos positivos e ora pontos negativos, causando assim influência ao educando. No entanto, ao abordar o currículo identificamos no município do Crato, a lei orgânica que em seu Art. 278, que destaca na Seção III – Cultura que “A política cultural do Município deverá facilitar à população o acesso à produção, à distribuição e ao consumo dos bens culturais”. Ainda reforça em seu Art. 280 que o município deve: VI – apoiar entidades e escolas que promovem atividades artísticas e culturais”. Entendemos então, que a lei é clara ao referenciar o apoio aos bens culturais, em que o cordel faz parte desse bem cultural local.

Ainda, na seção II- Educação, a lei destaca no Art. 260 que “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”. Podemos identificar que em muitas escolas públicas existem trabalhos que valorizam e apoiam o cordel, através das oficinas realizadas pelos cordelistas. Esta valorização já chegou até na URCA, em que foi criada a disciplina de Literatura Popular, como acontece no curso de Letras para propagar este gênero literário.

Reforçando a lei orgânica, a própria LDB destaca em seu artigo 26 “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. A lei faz menção aos bens culturais locais, em que podemos destacar o cordel como bem cultural do Crato. Quanto ao currículo a LDB (9394/96) destaca em seu artigo 26,

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Esta Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é a atual discussão da educação, pois irá modificar o currículo da escola, em que poderá melhorar ou prejudicar a educação brasileira. Neste sentido o relatório (introdução) das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - DCNEF (1998, p.8) enfatiza que,

A construção da Base Nacional Comum passa pela constituição dos saberes integrados à ciência e a tecnologia, criados pela inteligência humana. Por mais

instituinte e ousado, o saber terminará por fundar uma tradição, por criar uma referência. A nossa relação com o instituto não deve ser, portanto, de querer destruí-lo ou cristaliza-lo. Sem um olhar sobre o instituto, criamos lacunas, desfiguramos memórias e identidades, perdemos vínculo com a nossa história, quebramos os espelhos que desenham nossas formas. A modernidade, por mais crítica que tenha sido da tradição, arquitetou-se a partir de referências e paradigmas seculares. A relação com o passado deve ser cultivada, desde que se exerça uma compreensão do tempo como algo dinâmico, mas não simplesmente linear e sequencial. A articulação do instituto com o instituinte possibilita a ampliação dos saberes, sem retirá-los da sua historicidade e, no caso do Brasil, de interação entre nossas diversas etnias, com as raízes africanas, indígenas, europeias e orientais.

Apesar de uma base comum curricular, deve existir uma contextualização dos conteúdos, levando em conta as características regionais e locais. Pois um currículo ao valorizar essa cultura local, permite que suas práticas culturais permaneçam vivas e que possam ser transmitidas para as próximas gerações.

A escola, na perspectiva de construção de cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (BRASIL, 1997, p.34).

É esse papel que a escola deve assumir diante dos discentes, ou seja; que valorize os saberes locais e que essa cultura sempre possa ser propagada, a fim de que as próximas gerações venham receber os saberes de seus locais de origem. Por isso o mesmo documento, DCNEF enfatiza uma parte diversificada que

Envolve os conteúdos complementares, escolhidos por cada sistema de ensino e estabelecimentos escolares, integrados à Base Nacional Comum, de acordo com as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, refletindo-se, portanto, na Proposta Pedagógica de cada Escola, conforme o art.26.

Essa parte diversificada compõe também a cultura local, dentre eles composta por dança, a música, a literatura de cordel popular e qualquer tipo de manifestação popular que possam valorizar a cultura. A diversidade de manifestações culturais que torna ímpar as diferentes regiões do Brasil, faz com que pensamos que ao adentrar em outra região imaginamos que estamos em outro país, por isso é preciso ter sensibilidade para discutir a cultura local.

Sabemos que a cultura é algo amplo, até mesmo para definir essa palavra que aparentemente é pequena, mas com uma dimensão enorme. Neste sentido a cultura do cordel se faz presente em especial, no Nordeste e mais especificamente são nos estados dessa região que existe uma maior produção dessa literatura.

O cordel é uma forte e significativa expressão cultural de um povo, podendo ser um recurso interessante para se trabalhar uma educação contextualizada, significativa e repleta de sentido por considerar a cultura local. Por essa razão está sendo analisado. A meta é que possa ser reconhecido como patrimônio cultural imaterial, já que é parte indissociável da cultura regional de um povo. A inclusão desse gênero literário na escola e sua valorização enquanto prática cultural da região do Cariri vem sendo uma luta de vários grupos artísticos, instituições, associações, dentre outros órgãos que buscam a preservação e promoção da cultura popular. Por isso sua importância é que

Na realidade, a escola precisa propiciar um ambiente em que os professores e alunos sujeitos do processo possam gestar projetos conjuntos que propiciem a produção do conhecimento. Neste contexto, a escola deve se apresentar como um ambiente inovador, transformador e participativo, no qual os alunos e os professores sejam reconhecidos como sujeitos capazes de inovar e de produzir conhecimento (BEHRENS, 2013, p. 82).

Esta produção de conhecimento através do cordel, é uma forma de valorizar essa cultura como parte indissociável da prática educativa. O trabalho com o cordel nas escolas é uma forma também de inovar as metodologias, trazendo com isso poetas populares para a escola e transmitindo um conhecimento popular, que é a literatura de cordel para a sala de aula. É interessante “desafiar o aluno para que passe de um copiador de conteúdos a um criativo e crítico produtor de seu próprio conhecimento demanda tempo e encorajamento” (BEHRENS, 2013, p. 88). Desta forma quando o professor possibilita esta produção do conhecimento, o aluno vai se tornando autônomo e ao longo da sua vida escolar se torna o próprio autor de suas produções. Maciel (2017, p. 21) destaca

O estudo do cordel em sala de aula é tão importante como o estudo de qualquer linguagem poética que não seja a popular. Para o ensino deste gênero literário, destacamos que, além do seu caráter humorístico, ponto comum entre as obras. Estudar a linguagem do cordel proporciona maior conhecimento através da qualidade literária nela empregada, tais como tipos humanos que povoam o imaginário popular, provérbios e expressões que dominam o linguajar do povo, a construção de personagens, a inversão de papéis sociais, a intertextualidade como arquétipos sociais, como: João Grilo [...] Portanto, o estudo do Cordel na sala de aula desperta no aluno o gosto pela leitura e estimula o prazer da descoberta de novas realidades sociais, fomentando as expectativas sobre o pequeno folheto, hoje chamado Cordel, fonte de contribuição para a nossa cultura.

Por ser uma ferramenta de importância para a escola, a ACC vem tomando para si a missão de preservar e propagar o cordel em diferentes espaços, sobretudo no ambiente escolar, como importante e significativo bem cultural, imaterial e educacional. A ACC vem trazendo uma contribuição que já se consolida há mais de vinte anos, que faz da cidade do Crato ser um dos lugares referência na literatura de cordel. Além disso, valoriza nas capas de

cordel a xilogravura que é comum ser encontrada nos cordéis, fazendo com que o cordel como um todo seja uma forte ferramenta para as práticas educativas.

5.3 Cordel como recurso educativo

Nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto.

Quando pensamos o cordel em sua dupla dimensão, ou seja, como recurso educativo, nos vem a mente as práticas educativas desenvolvidas ao longo do tempo, em que a Pedagogia Tradicional valorizou uma educação formal (SOUSA; CARVALHO, 2012). Ao revisitar nossa educação enfatizamos que no passado os conteúdos escolares europeus eram mais valorizados que os nossos. O século XX esteve influenciado pelo método cartesiano, em que o homem construiu uma visão fragmentada da realidade.

A visão fragmentada levou os professores e os alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se em cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza (BEHRENS, 2013, p. 23).

Durante muito tempo nossa educação se caracterizou pela reprodução de textos, cópia e memorização. Com a evolução das pesquisas educacionais percebemos que era necessário criar novos paradigmas que nos fizessem repensar a prática educativa. Devemos lembrar que não se trata de destruir e anular o que foi construído, mas criar alternativas que ofereçam uma aprendizagem mais contextualizada e significativa. Neste sentido, para adquirir essa aprendizagem são necessárias duas condições que,

O aluno precisa de uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser aprender o conteúdo arbitrariamente e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo (PELIZZARI, 2002, p.38).

Para que essa aprendizagem seja significativa, a cultura local deve ser contemplada no currículo, pois sabemos que um currículo deve valorizar as manifestações do seu lugar como algo valioso, a fim de que os saberes populares existentes não se percam com o tempo. A valorização da cultura é algo que as escolas devem priorizar, pois as futuras gerações são semeadoras dos saberes. Para reforçar essa afirmação Carvalho, Santos e Aguiar (2014, p. 4) destacam

A valorização da cultura popular pode facilitar o processo de mediar o lúdico com a realidade do aluno. Assim a literatura de cordel difunde ainda mais a poesia popular, remetendo aos áureos tempos, onde, vislumbravam-se os cantadores de versos improvisados, também conhecidos como emboladores, que se apresentavam em praça pública nos grandes centros e nas cidades por onde passavam, além do teatro de marionetes, entre outras diversões, que viveram na infância e adolescência e ficaram marcadas, para os demais dias da nossa existência. A escola deve valorizar os costumes e origens culturais, fazendo uso de recursos mais próximos da realidade, utilizando o lúdico, ilustrando a mensagem através da experiência, tornando o empírico mais eficaz para essas condições.

A Pedagogia atual discute outros paradigmas para que as aulas sejam mais criativas e proporcionem aos educandos situações problematizadoras. O cordel sendo uma forma literária de manifestação cultural, tem seu valor como ferramenta pedagógica e como prática educativa. “Com essa dimensão, a prática educativa converge para discussão de temas, mas os conteúdos apresentados precisam ser contemplados à luz dos aspectos sociais e políticos” (BEHRENS, 2013, p. 77). Os temas inseridos em cordéis possuem conteúdos que permitem ser trabalhados dentro da sala de aula como: “Aleitamento Materno e Alimentação Complementar”, “Breve Histórico do Seminário do Crato”, “Brasil: Cinquenta Anos do Golpe da Ditadura” e o “O Trem do Cariri Precisa ir a Assaré. Esses cordéis possibilitam discutir áreas diversas como economia, social, política, saúde e outros assuntos, gerando uma interdisciplinaridade dos conteúdos, enriquecendo a aprendizagem dos alunos, sendo assim, o cordel um gênero textual de muitas possibilidades. Ao trabalhar com esse gênero textual o folheto popular possibilita o aluno desenvolver uma leitura crítica e de competências argumentativas. Neste sentido,

Não se trata, portanto, de haver gêneros mais fáceis e mais difíceis, independentemente da situação escolar em que serão explorados. Trata-se, antes, de realizar uma exploração dos gêneros mais aprofundada ou mais superficial, mais ampla ou mais restrita, mais focalizada ou mais geral, o que depende, fundamentalmente, dos objetivos do trabalho. Em princípio, salvo algumas exceções, qualquer gênero pode ser trabalhado em mais de uma série ou ciclo, depende apenas de como se dá o encaminhamento pedagógico. A espiral do ensino se concretizaria nesse “revisitar” constante de gêneros ao longo do processo de escolarização com um novo olhar a cada um desses momentos, nos quais se pode descobrir sempre outra faceta, outra peculiaridade do gênero, antes não explorada. Assim, organizar a progressão do trabalho com gêneros na escola implica decidir sobre as competências e habilidades que se deseja explorar. Por essa razão, clareza sobre os objetivos pedagógicos é o requisito de base, com base no qual todo o planejamento pedagógico deve ser construído. (MENDONÇA; LEAL, 2007, p. 70).

Com isto, como bem disse as autoras, qualquer gênero textual pode ser trabalhado em mais de uma série ou ciclo. E ao se tratar do cordel, as produções desse tipo de gênero podem ser cantadas, que é uma das estratégias didáticas após sua produção. Entretanto, a estrutura poética cordelista já foi explorada por muitos cantores como o cearense Raimundo

Fagner, Belchior, Ednardo, Rodger Rogério, Teti, formando o chamado “Pessoal do Ceará”.
O grupo gravou “Vaca Estrela e Boi Fubá”, de Patativa de Assaré (1980).

Seu doutor me dê licença pra minha história contar.
Hoje eu tô na terra estranha, é bem triste o meu penar
Mas já fui muito feliz vivendo no meu lugar.
Eu tinha cavalo bom e gostava de campear.
E todo dia aboiava na porteira do curral.

Ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela, ô ô ô Boi Fubá.

Eu sou filho do Nordeste, não nego meu naturá
Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá
Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginar,
Minha linda Vaca Estrela e o meu belo Boi Fubá
Quando era de tardezinha eu começava a aboiar

Ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela, ô ô ô Boi Fubá.

Aquela seca medonha fez tudo se atrapalhar,
Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
O sertão esturricou, fez os açude secar

Morreu minha Vaca Estrela, já acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto tinha, nunca mais pude aboiar

Ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela, ô ô ô Boi Fubá.

Hoje nas terra do sul, longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente uma boiada passar,
As água corre dos olho, começo logo a chorá
Lembro a minha Vaca Estrela e o meu lindo Boi Fubá
Com saudade do Nordeste, dá vontade de aboiar

Ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela, ô ô ô Boi Fubá.

Esta música pode ser cantada, declamada ou recitada em versos de forma melódica, acompanhado de viola. Música como essa com a estrutura de cordel é um dos recursos a serem trabalhados dentro da sala de aula, reconhecendo a história do povo nordestino que com muita dificuldade enfrenta seus desafios vencendo os obstáculos impostos pela estrutura dominante. Oliveira (2001), destaca a literatura de cordel:

As escolas cada vez mais percebem a importância do cordel como instrumento, que pode ser utilizado de infinitas maneiras, seja nas salas de alfabetização, como substrato para os professores de História, que têm no Cordel um excelente meio de interpretação dos fatos, que acontecem no dia-a-dia das pessoas e também dos grandes eventos, que marcaram e marcam a História Oficial (OLIVEIRA, 2001, p. 98).

Já que a escola reconhece a importância do cordel, os próprios cordelistas mencionam sua importância, como a poetisa Josenir Lacerda⁵⁷ que destaca que o cordel possui uma função educativa;

O cordel é uma ferramenta muito útil, eu acho que ele tem conseguido, como na antiguidade alfabetizar muita gente, ele hoje orienta, instrui, forma opinião, aborda tudo que é assunto, no cordel comporta todo e qualquer assunto, numa forma gostosa, é com rima, é metrificada, até musical, até de memorizar, e tudo, acho que é uma contribuição muito grande, de que as escolas atentassem para isso, investissem mais na inclusão de cordel na sala de aula, como uma ferramenta de educar, instruir, acho que ia ter grandes conquistas. Eu digo assim, que investisse em oficializar as oficinas. Tomei conhecimento que em Cajazeiras já é lei municipal, deve ter outra cidade, na Universidade do Cariri tinha a cadeia de literatura popular, tive notícia que não sei se está esmorecendo ou se ainda existe, houve uma disciplina idealizada por Bastinha e Jurandi Timóteo é de suma importância, acho que faz falta.

Podemos constatar na fala da poetisa que o cordel possui elementos que fazem dele um instrumento didático para ser trabalhado na alfabetização dos educandos. Como já foi mencionado o cordel possibilita a abordagem de diversos temas de forma rimada e musicada,⁵⁸ o que pode facilitar a compreensão dos conteúdos curriculares. Sua inclusão na sala de aula é uma forma de ampliar as formas de representações do conhecimento e produção de significados.

Willian Brito (2016) lembrou um momento interessante em sua passagem por uma escola rural, do município do Crato:

Outro dia eu fiquei tão emocionado, fui numa escolinha, lá no Quebra, escola rural, Vila São Francisco, no caminho de Ponta da Serra- Crato. Brinquei com as crianças, comecei com cantigas de ninar, e uma das meninas pediu para ler, o senhor deixa eu ler para o senhor, claro que deixei, ela começou a soletrar, soletrar no cordel é muito mais legal do que soletrar em carta do ABC, é outra coisa, porque está cheia de emoção, digamos me parece aquela brincadeira do tesouro, procurar tesouro, no fim da busca digamos, tem uma coisa muito gostosa, tem chocolate, tem brinquedo legal, no fim da descoberta, digamos do letramento, você tem uma história formidável, uma coisa que mexe com a imaginação, como disse Paulo Freire uma coisa que ajuda a ler o mundo [...].

O trabalho com a literatura de cordel é um exercício de criatividade que sensibiliza os alunos, pois como foi dito, é muito mais gostoso soletrar através do cordel, além das histórias que mexem com a imaginação de todos. O poeta mencionado chama a atenção para o cordel como instrumento que auxilia o processo de leitura do mundo, lembrando o

⁵⁷ Entrevista cedida a pesquisadora na residência da poetisa em 14/01/2016 na cidade do Crato.

⁵⁸ Há muitas outras canções/poemas gravados e acessíveis ao público: Elba Ramalho canta um poema de Braúlio Tavares e Ivanildo Vilanova. Trata-se de 'Nordeste Independente'. Antônio Nóbrega musicou um poema de Dimas Batista, 'O Vaqueiro e o Pescador', que está no disco 'Madeira Que Cupim Não Dói'. Mestre Ambrósio, cujo trabalho está profundamente enraizado á cultura popular nordestina, traz uma canção em ritmo de cordel cantado. Trata-se de 'A Roseira (onde a moça mijou)', que está no disco 'Mestre Ambrósio' e cuja melodia pode ser aproveitada para cantar outros cordéis (PINHEIRO; MARINHO, 2001, p. 55).

pensamento de Paulo Freire. O cordelista fez lembrar as palavras de Freire (2011, p. 14) quando explana,

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político.

Pela citação identificamos que os cordelistas criam um mundo próprio e através do cordel podem alfabetizar pessoas; já que seu trabalho é uma prática social. Este quer fazer faz com que o poeta influencie seu leitor a descobrir determinado tipo de assunto. Neste sentido, Freire (2011, p. 31) enfatiza que ler “implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-criação’”. Essa percepção crítica pode ser identificada nos próprios temas dos cordéis, pois existem muitos poetas críticos que enfatizam temas sociais para denunciar o que acontece ou que aconteceu no mundo, como foi o caso do folheto “Brasil: Cinquenta Anos do Golpe da Ditadura” de Regiopidio Lacerda (2014, p. 2-3), em que o cordelista escreveu sobre um período da história do nosso país caracterizado pela falta de direitos do cidadão e por limitar a expressão do povo, como pode ser ratificado nas estrofes abaixo;

As músicas são censuradas
 Artistas são perseguidos
 É proibido pensar
 Políticos são foragidos
 Se instala o terror
 É a operação condor
 Do grande Estados Unidos

As torturas são constantes
 Nos porões da ditadura
 Arrocha a perseguição
 Dá a ordem a linha dura
 Todo mundo é suspeito
 Jovem, velho, pardo, preto
 Intensifica a censura

Chega o governo Geisel
 E o regime continua
 Pau de arara e choque elétrico
 São dados na pele nua
 São presos injustamente
 Chamado de delinquente
 Quem se aventura na rua

Ainda na fala do poeta, o letramento vem imbricado com o cordel e neste sentido, o letramento acontecia por meio da memorização de sílabas, palavras e frases soltas, sendo que mais tarde, passou a ser criticado. Apesar de alguns sujeitos não dominarem a escrita

alfabética, no passado o cordel foi uma forte ferramenta para alfabetizar inúmeras pessoas que naquela época precisavam aprender ler e escrever.

Como é sabido, no passado os percentuais de analfabetismo eram altos e havia uma educação predominantemente elitista em que o pobre era excluído de pensar a leitura do mundo e durante este contexto foi que o educador Paulo Freire criou uma forma de alfabetizar jovens e adultos. Ao abordar o cordel, pensamos que esse instrumento didático contribui para muitas pessoas entenderem um pouco essa leitura de mundo que Freire pensou. Neste sentido, Soares (2008, p. 16) conceitua alfabetização como “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Esse processo de código escrito, o folheto popular pode ser um instrumento para que o aluno venha entender a escrita, a história e outros conhecimentos que a literatura popular proporciona.

Essa leitura do mundo pode ser identificada nas palavras que a poetisa Sebastiana Job (2016), mencionou:

O cordel pode influenciar a educação por causa da temática, eu estava lendo um cordel agora que eu não me lembro o nome do autor, mas ele estava falando em figuras de linguagem o cordel, outro fez sobre uso dos acentos em cordel.

O cordel possui muitas temáticas que possibilitam o leitor investigar determinado assunto que desconhece ou que conhece, mas tem dificuldade de aprender, sendo que através da poesia pode ter uma maneira agradável de aprendizado. Temos diversas formas de se trabalhar o cordel e como já mencionado, existe a declamação, a cantada, interpretada, com encenação teatral, além das diferentes possibilidades que podem ser obtidas formas diversificadas para se propagar a poesia popular.

Para Pinheiro e Marinho (2001, p. 81)

Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência dialogal entre professores, alunos e demais participantes do processo. Muitas vezes pode-se descobrir entre funcionários da própria escola apreciadores da literatura de cordel, praticantes, ou no mínimo, alguém que teve ou tem algum tipo de ligação com ela. Deve-se, portanto, recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas, e, ao mesmo tempo, partir das obras – os folhetos – e penetrar nas questões que lá estão representadas.

Esta forma de ligação com o cordel proporciona como bem disse o autor um diálogo entre as pessoas envolvidas. Neste sentido o folheto possibilita mais uma forma que é desenvolver o diálogo entre os seus participantes, seja o leitor e o cordelista na leitura do folheto, seja o próprio diálogo, ou a conversa verbalizada, além da leitura oral, como outras formas que possibilitem essa troca de conhecimentos.

Os mesmos autores afirmam que é indispensável realizar uma leitura oral, realizar debates e discussões em sala de aula, pois existem muitos temas instigantes para essa atividade, como realizar jogo dramático;

“No caso de se trabalhar com folhetos, as histórias que envolvem animais facilmente podem instigar a realização de jogos dramáticos. Uma festa de animais com seus diálogos, discussões, apresentações artísticas e até mesmo as confusões e as brigas podem ser reinventados através deste tipo de atividade” (PINHEIRO; MARINHO, 2001, p. 86).

Essa é uma atividade que a criatividade faz parte e que gera uma maior participação entre os membros. Outra atividade a trabalhar é a interdisciplinaridade, que é discutida nas ilustrações dos folhetos. Importante conversar sobre as xilogravuras e mencionar que é uma forma de produção cultural; informar que influenciou inúmeros artistas plásticos do país, além de discutir os nomes desses artistas realizando a produção de xilogravura, são ações relevantes para se conhecer a literatura de cordel. Ao discutir as ilustrações nos folhetos, é importante destacar que a leitura de imagem

Significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (SANTAELLA, 2012, p. 13).

Trabalhando com imagens podemos retratar a própria realidade, em que os temas sociais podem estar inseridos e discutidos ao longo de cada produção. Essa é uma forma de debater questões pertinentes e que ajudam trazer uma criticidade para o próprio educando que por meio da arte, pode sim envolver os conteúdos escolares. Essa relação com os conteúdos foi comentada pelo poeta Maércio, que

[...] se a gente considerar a educação informal, aquela sem intenção de passar uma formação, uma vez que nos próprios ciclos de leitura de cordel lá nos tempos antigos, em que uma pessoa lia para um grupo de pessoas interessadas, havia sempre aqueles, que aprendiam, memorizavam, passavam a conhecer palavras novas, inclusive aqueles que se alfabetizavam através do cordel, aprendeu a ler com o cordel, hoje em dia, tanto como uma fonte histórica e cultural, ou uma história cultural muito interessante de se estudar na escola, como também é um ótimo instrumento para vincular conteúdos uma vez que sua forma suave, verso e rima, dá para fazer o processo de reter o conteúdo e quem quiser já vai aprender.

O cordel ao fazer parte da educação formal/informal possibilita uma aprendizagem para as pessoas e como bem disse o poeta, ajuda os ciclos de leitura, como também os ciclos de cultura. Esse ciclo já era mencionado por Freire (1981, p.104) quando cita “debate-se a cultura como aquisição sistemática de conhecimentos e também a democratização da cultura, dentro do quadro geral da democratização fundamental”.

Como mencionou o poeta, o cordel fez parte da educação de muitas pessoas, em que a leitura oral era uma forma de ajudar a alfabetização. Abreu (1999, p.73) destaca que

Índios, negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente, não sendo portanto de estranhar que esta prática tenha se difundido por todo o Brasil, assumindo, entretanto, formas específicas em cada região. No Nordeste têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios. O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível.

A oralidade já fazia parte da cultura do povo brasileiro, e a leitura de poemas era uma forma de conhecimento. Outra forma de aprender é com a memorização. Como bem lembrou o poeta, é um instrumento de vincular conteúdos, facilitando a aprendizagem, já que sua forma se apresenta de maneira mais suave.

Além disso, a literatura de cordel é uma ferramenta interdisciplinar, pois pode ser trabalhado diferentes áreas com um só poema, como podemos destacar o poema de Josenir Lacerda “O linguajar cearense” (2010, p. 2, p.4 e p.8).

Neste cordel-dicionário
Eu pretendo registrar
O rico vocabulário
Da criação popular
No Ceará garimpei
Juntei tudo, compilei
Ao leitor quero ofertar

Qualquer tramoia é moitim
Solteira idosa é titia
Mosquitinho é mucuim
Recipiente é vasia
Meia garrafa é meiota
O exibido é fiota
Travessura é estripulia.

Ter mesmo nome é xarapa
Muito junto é encangado
Água com açúcar é garapa
Cor vermelha é encarnado
Muita coisa dá mêimundo
Sendo Mundim é Raimundo
Valentão é arrochado

Parteira era cachimbeira
Dar mergulho é tibungar
Tem cucuruto, moleira
Olhar demais é cubar
Tem ainda ternontonte
Que vem antes do antonte
Ver de soslaio é brechar.

Percebemos que esse cordel é interdisciplinar ao abordar a matemática, remédio caseiro, trabalhando a ciência e envolvendo profissões que estão em extinção e fazem parte da história. É um rico cordel que perpassa diversas áreas do conhecimento e possibilita o professor realizar uma abordagem ampla de diferentes assuntos. A importância de trabalhar um gênero textual como o cordel, possibilita adentrar nesses aspectos em que o cordel acima é bem retratado pela poetisa.

Identificamos cordéis abordando conteúdos de diferentes áreas do conhecimento, tais como: ditadura militar, biografias de presidentes, acentuação gráfica, figuras de linguagem, meio ambiente, dentre muitos outros, o que demonstra a riqueza de assuntos que o cordel pode trazer para a sala de aula. Ainda podemos destacar o letramento imbricado com o cordel e neste sentido, no passado o letramento acontecia através da memorização de sílabas, palavras, frases soltas. Apesar de alguns sujeitos não dominarem a escrita alfabética, no passado o cordel foi uma forte ferramenta para alfabetizar inúmeras pessoas que naquela época precisavam aprender ler e escrever.

Regiopídio (2017) destaca a relação com a educação

Do ponto de vista histórico o cordel principalmente no Nordeste Willian Brito já dizia isso que o cordel era o livro que se ensinava desarmar, esse desarmar é bem interessante que ensina a pessoa a deixar de ser asno. O cordel surgiu como cartilha ensinava soletrar, serviu como livro de história, serve até hoje como jornalismo. Até pouco tempo o poeta José Lourentino lá em Campina Grande, ele recolhia as notícias populares da rua e transformava em poesia e vendia o jornal rimado que ainda era da cultura dos primórdios do cordel. Hoje com a urbanização da poesia popular, com a urbanização do cordel, mesmo sem ter perdido suas raízes, a necessidade de ser uma história contada, de ter início, meio e fim. Ter métrica e rima muito bem imposta isso leva outro patamar. Pode utilizar o cordel como muito mais de instrumento de educação ser uma alternativa de literatura, em todos os níveis de educação. No nível básico, nível universitário e pós-graduação o cordel pode funcionar como esse instrumento, como sendo um material a mais que é o sistema de educação.

Era através do cordel que a população do campo obtinha informações, pois os folhetos eram também considerados jornais para aquela gente. Essa informação ajudava os saberes daquela época; momento este em que a escola passava por muitas dificuldades, pois existiam poucas escolas nas regiões interioranas e a didática dos professores se resumia na cartilha do ABC. A metodologia era bem limitada, em que a memorização das sílabas fazia parte da escola brasileira. Como bem disse o poeta, o cordel ensinava soletrar. A escola de hoje mudou, mas o que está trazendo de novo é a valorização de algumas práticas que a Pedagogia Tradicional recusava a aceitar. Segundo (ALBUQUERQUE, 2007, p. 21)

A leitura e a produção de diferentes textos são tarefas imprescindíveis para a formação de pessoas letradas. No entanto, é importante que, na escola, os contextos

de leitura e produção levem em consideração os usos e funções do gênero em questão. É preciso ler e produzir textos diferentes para atender a finalidades diferenciadas, a fim de que superemos o ler e a escrever para apenas aprender a ler e a escrever.

É importante que a construção dos textos incorpore as práticas cotidianas dos alunos e da comunidade, de modo que a produção textual seja uma prática mais contextualizada. Trabalhar diversos gêneros textuais é algo que já foi sugerido nos documentos legais da educação, tal como podemos destacar nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p. 128)

- 1) Contos (de fadas, de assombração, etc),
- 2) Poemas, canções, quadrinhas, parlendas, adivinhas, trava- línguas, piadas, provérbios;
- 3) Saudações, instruções, relatos;
- 4) Entrevistas, debates, notícias, anúncios (via rádio e televisão);
- 5) Seminários, palestras.

Este tipo de linguagem é mais uma das formas que podemos trabalhar com os alunos, não deixando de elencar o cordel, que está inserido dentro da linguagem oral e escrita, sendo também um rico recurso didático para auxiliar a alfabetização dos educandos. Segundo Brandão (2011, p.120) o cordel constitui-se em um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita. Faz uma espécie de ponte de passagem entre uma cultura popular e outra literária. Por isso, mantém algumas pistas da oralidade ao ser transposto para o texto escrito e impresso.

O cordel é um gênero singular que com uma linguagem simples parte de um saber popular e uma realidade social quase sempre árdua. Apesar dessa aridez, possui uma forma própria que aborda a epopeia da vida, caracterizada pela realidade dos nordestinos, em que o poeta descreve não só a fome, pobreza e questões sociais, mas as riquezas culturais e artísticas do povo.

Isto possibilita adentrar nos conteúdos escolares, que através da poesia popular o educando conhece determinados assuntos. O cordel como já foi enfatizado passou por crises; e com olhar de determinados grupos de poetas passaram a revitalizá-lo chegando a ser uma prática educativa em diversos lugares, motivando o educando a ter gosto pela leitura e o aprender. Neste sentido Libâneo (1994, p.16-17) destaca que a prática educativa,

É um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará- los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo

em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade. Através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social.

Esta prática como já destacou o autor é uma atividade humana, em que o cordel pode ser uma ferramenta pedagógica que desperta uma leitura crítica do mundo. Este grupo proporciona à sociedade um conhecimento e experiências culturais, capazes de atuarem na sociedade, influenciando diversas gerações, amigos, vizinhos e familiares, que passam a atuar como sujeitos ativos dentro da cultura nordestina.

A leitura de cordéis para crianças e/ou com as crianças em sala de aula, amplia o repertório infantil de convivência com bichos e, sobretudo, sua capacidade de brincar com os ritmos da língua e os vãos da fantasia. Muitos contos de fadas e narrativas de domínio popular foram recontados por poetas populares. Está aí mais uma ponte entre cordel e literatura infantil. (PINHEIRO; MARINHO, 2001, 41-42)

Trabalhar as histórias no cordel com os contos de fadas, traz uma maior abertura para as crianças conhecerem melhor determinada história à procura de detalhes da história conhecida através do cordel.

O cordel chega promovendo um imbricamento de culturas, em que os conhecimentos inseridos nos temas escritos pelos poetas fazem parte de uma educação intencional, ou seja, esses educadores populares influenciam no contexto social e cultural. Sobre esta influência Libâneo (1994, p. 17- 18) reforça afirmando que faz parte da educação intencional e não formal, quando se trata de

[...] intenções e objetivos definidos conscientemente, como é o caso da educação escolar e extra-escolar. Há uma intencionalidade, uma consciência por parte do educador quanto aos objetivos e tarefas que deve cumprir, seja ele o pai, o professor, ou adultos em geral... Podemos falar de educação não-formal quando se trata de atividade educativa estruturada fora do sistema escolar convencional (como é o caso de movimentos sociais organizados, dos meios de comunicação de massa etc.) e da educação formal que se realiza nas escolas ou outras agências de instrução e educação formal que se realiza nas escolas ou outras agências de instrução e educação (igrejas, sindicatos, partidos, empresas) implicando ações de ensino com objetivos pedagógicos explícitos, sistematização, procedimentos didáticos.

A intencionalidade do cordel como prática educativa é identificada nas escolas, pois o cordel é um recurso didático, uma vez que auxilia a alfabetização dos educandos, socialização e estimula a escrita de poesias. Também, podemos destacar a prática dessa literatura fora da escola, em que é encontrada em oficinas, empresas, feiras e outros ambientes, nos quais, o mesmo estabelece objetivos pedagógicos explícitos, sistematizados e didáticos, resultando em uma ação educativa favorável a aprendizagem humana.

Brandão em seu livro “O que é educação” (2006, p.7), destaca bem que,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida [...]

Segundo o autor a educação faz parte do cotidiano do indivíduo e por estar imbricado constantemente na vida do povo, envolve o aprender, o ensinar e o aprender-ensinar. Este processo é uma forma de conhecimento, pois é o momento de se constrói novos saberes.

Oliveira (2001, p.64) reforça as palavras de Brandão afirmando,

Se nos locais mais distantes dos sertões nordestinos, um jornal poderia levar até meses para chegar, o folheto, mesmo publicado em outros Estados, movimentava-se com grande facilidade, pois os folheteiros corriam vilas, feiras, com a regularidade que permitiam as publicações; dessa forma, sempre que tivessem em mãos um título inédito, era motivo para a volta do vendedor aos locais, em que havia passado antes. Isso demonstra a oralidade latente do folhetim de Cordel.

Isso demonstra que a educação por meio da literatura de cordel é resultado de um encontro, pois está inserida no dia-a-dia, nas relações sociais, no aprender a fazer, no encontro casual com seus companheiros. É neste poder socializador que o cordel adentra em uma forma de se fazer educação dialógica. Educação esta que implica “a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de ‘conteúdo’ da educação” (FORQUIN, 1993, p. 10). O cordel colabora com a conscientização e em seus muitos temas traz assuntos voltados para a criticidade. Sempre se utilizando de sátiras e ironias, ele chega aos leitores propondo uma reflexão, ou muitas vezes, uma inquietação para pesquisar um tema que muitas vezes desconhece. Desta forma, Freire (1982, p. 85) aborda “que a consciência é condicionada pela realidade, a conscientização é um esforço através do qual, ao analisar a prática que realizamos, percebemos em termos críticos o próprio condicionamento a que estamos submetidos”. Esta consciência também é escrita pelos poetas populares que faz dos versos uma forma de provocar essa consciência crítica. No cordel intitulado “Se eu nascesse de novo pediria pra viver no país da consciência” de Pedro Ernesto (2009, p. 3 – 6), podemos observar bem essa ideia:

Onde o povo conquiste o seu direito
 E a imprensa detenha a liberdade,
 Concorrente demonstre lealdade
 sem sentir seu rival como suspeito,
 Entre filhos e pais haja respeito,
 Nos casais reine a paz na convivência,
 E no rol da infância e adolescência
 Não se fale na droga nem orgia
 - Se eu nascesse de novo pediria
 Pra viver no país da consciência.

Onde a lei seja pura e respeitada,
 Não se tire proveito das mazelas,
 Não se jogue um menor pelas janelas
 E a doméstica não seja apedrejada,
 Do mendigo que dorme na calçada
 Não se faça fogueira sem clemência,
 Magistrado com sua prepotência
 Não dispare uma arma no vigia
 - Se eu nascesse de novo pediria
 Pra viver no país da consciência.

Mais uma vez o poeta popular Pedro Ernesto traz de forma clara o que registrou nos seus versos. Aborda o direito, paz, mazelas da vida e profissões mais humildes, exemplificando fatos reais, que nos faz refletir sobre o mundo atual.

Podemos terminar este capítulo com as palavras de Brandão (2006, p. 23) “o que vimos acontecer até aqui, foram formas vivas e comunitárias de ensinar-e-aprender, tem sido chamado com vários nomes. Ao processo global que tudo envolve, é comum que se dê o nome de socialização”. Esta forma viva de educação já mencionada possibilita dizer que o cordel juntamente com o poeta popular possui uma intenção de se efetivar uma educação não formal nos diversos espaços da sociedade, onde a prática educativa está em constante desenvolvimento desses “artesãos da poesia popular”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar nesse momento das considerações finais voltarmos ao início desse estudo e revisitamos nossas indagações que perpassaram ao longo dessa pesquisa; a partir das seguintes indagações: “Como se deu a história e memória da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC) e a relação da ACC com a educação?” Essas perguntas iremos responder ao decorrer desse capítulo.

O estudo apresenta uma importância histórica no sentido de trazer novos conhecimentos sobre a história do cordel, que a nosso olhar pode ser explorado, através memória da ACC, em que a mesma vem contribuir para se tornar mais uma ferramenta no processo educativo. Isto é uma investigação inédita com a participação desses poetas na construção da educação.

O Cordel para muitos pode ser apenas um livrinho curto que conta uma história qualquer, mas para outros é uma vida. Nesse livrinho é que nos debruçamos entre os mitos e ritos da nossa cultura, explorando momentos históricos, personalidades e outras situações da sociedade.

Pensar nessas vozes é lembrar um grupo cultural que ao longo desses 25 anos propagou a história do cordel, perpassando os espaços formais e informais do conhecimento. Foi criado em 1991, com doze poetas e teve como líder Elói Teles, um radialista, folclorista, poeta que preocupado com o desaparecimento da poesia popular, resolveu criar a ACC. De início eram doze membros, hoje são vinte quatro sócios. Grupo este que preza pelo formato tradicional do cordel com capa de xilogravura, rima e versos. Um de seus membros possui especificidades seja com a literatura popular e clássica, seja declamando, seja o agrônomo sendo um pedagogo, ou a historiadora amante do cangaço, ou também o advogado que ama a poesia popular; enfim, apesar dos seus ofícios, sabem como ninguém encantar o leitor com suas poesias.

Neste sentido, as diferentes formações estão imbricadas com a poesia, tornando cada um poeta atuante na sociedade e estabelecendo uma relação com a educação, pois sabem trabalhar com o quer fazer da leitura do mundo. Entretanto, nosso caminhar deu no primeiro momento conhecendo a história do cordel, em que teve suas origens na Europa. No Brasil o cordel conseguiu seu destaque no Nordeste.

O Nordeste como polo do cordel no Brasil, faz lembrar os poetas que se destacaram nesta poesia popular, desde Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde,

Francisco das Chagas e outros. Já o Cariri cearense ganhou repercussão com Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, Elói Teles e outros que fizeram desenvolver a literatura de cordel.

A forma como cada um escreve seus temas chama atenção para o leitor; afinal são temas de humor, religiosos, políticos, sociais, lendas. Enfim, cada tema é uma forma de conhecer um determinado assunto e adentrar em conteúdo que alguém pode desconhecer. Esses conteúdos podem ser explorados na própria escola, que propõe discutir determinado assunto.

Neste sentido, o poeta pode propiciar uma prática educativa na sala de aula, pois essa é mais uma forma de trabalhar a criticidade do educando. No nosso último capítulo inserimos o cordel “Brasil: Cinquenta Anos da Ditadura Militar”, em que o poeta possibilitou revisitar um período crítico de nossa história. Revisitar esse momento é voltar a mais de cinquenta anos e relacionar temas em estudos comparativos com sistemas políticos de algum país da atualidade, além de destacar as próprias características desse período.

As capas trazem uma estética única, pois além dessa organização que contém os elementos visuais, em sua maioria as capas possuem xilogravuras. É válido lembrar que essa arte não é tão antiga, pois no passado eram apresentadas nas capas, as fotos de artistas ou desenhos de litogravura ou zincogravura. Ao abordar as capas, percebemos também um grande número de xilógrafos que passaram a ser destacados no Cariri, em especial através da antiga tipografia São Francisco, atual Lira Nordestina.

Neste sentido os dois se utilizam de imagens para transmitir os versos de um folheto, sendo uma forma de grande importância aos interessados no cordel. Visualizarmos uma xilogravura em um cordel é revisitarmos a história dos versos do folheto pertencente ao mesmo e analisar todos os elementos visuais que a capa apresenta. Esses elementos são formas de trabalhar na própria sala de aula o valor da xilogravura e a forma de como ela é confeccionada. Essa arte leva o aluno a se aproximar de outras formas de conhecimentos. Ao se pensar no desenho, reflete-se como a gravura vai ser inserida na madeira, o tamanho que essa madeira vai ficar, os detalhes que o próprio artista vai deixar na sua arte.

A confecção da xilogravura é uma forma de ser aplicada nas escolas e os alunos conhecerem essa arte que passou a ser destaque nas capas desse livrinho popular. Outro conhecimento que a ACC tem em relação à educação é a inserção das oficinas de literatura de cordel que os mesmos realizam nas instituições de ensino, em que são convidados para essa prática.

Ao adentrar nesses espaços educativos a ACC desenvolve atividades para que o cordel seja uma forma de conhecimento, uma vez que mencionam nomes de escritores da

literatura clássica. Em sua prática diária, a poetisa Rosário Lustosa destacou um cordel com a biografia de Machado de Assis e citou sua vida para os alunos em forma de verso. Também mencionou a história do cordel e sua importância para os leitores. São formas que proporcionam aos alunos uma oportunidade de coparticipação em momentos de elaboração de suas biografias em comum aos autores da literatura.

Houve lançamento de cordel em uma escola do Crato, com participação de membros da ACC (Willian Brito, Josenir Lacerda, Mana, Edésio Batista, Luciano Carneiro e Higino) leram seus cordéis na presença de muitos alunos. O momento deu-se por meio da culminância de um projeto de leitura que ocorreu em um sábado letivo.

Nas escolas o cordel possui o papel de auxiliar como material didático a alfabetização dos educandos e socialização, visando estimular a escrita de poesias. A prática de produção de poesias favorece no sentido de que possam ser descobertos novos talentos presentes nas próximas gerações.

Concluímos que as práticas educativas que a ACC proporciona nas escolas é de suma importância, no sentido de educar por meio da poesia popular.

Vimos que o diálogo entre o leitor e o poeta, proporciona conhecimentos. Sejam temas da atualidade, históricos, engraçados, todos se envolvem com os versos e passam a ser leitores cativos dessa literatura, que problematiza questões sociais, podendo o aluno se posicionar em situações do cotidiano. Para as capas estudadas de Padre Cícero, os olhares da beatificação, progresso de Juazeiro, entre outros. Daí a importância desse gênero textual no currículo escolar, pois o cordel torna-se um importante recurso didático para ajudar as discussões da atualidade. Além do mais, auxilia como elemento na construção da criticidade dos educandos.

Entendemos que a ACC proporciona uma forma viva de se fazer *educação/educações*, pois o poeta é um sujeito educativo e intercultural, que dialoga com várias culturas, estabelecendo uma relação do educador com o leitor e no seu fazer cotidiano em realizações educativas. O ensino pelo cordel é uma ação educativa democrática, em que a forma lúdica de aprendizagem está contida na construção de seus versos. Enquanto o poeta educador contribui participando na construção da história da educação, na medida em que relata fatos importantes que vivenciou ou que leu, o cordel possibilita uma prática educativa, de modo que passa os temas, gerando uma forma crítica do fazer educativo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ADORNO, Theodoro W. **Industria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Cami Ferraz e MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. BH: Autêntica, 2007.
- ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de; LIMA, Maria Socorro Lucena; SILVA, Silvina Pimentel. **Dialogando com a escola: reflexões do estágio e a ação docente nos cursos de formação de professores**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.
- ALMEIDA, Carlos Eduardo Pereira. **Museu Casa do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Gráfica, 2012.
- ALMEIDA, Nubia Ferreira. **O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o Projeto Educacional do Padre Cícero**. Fortaleza: UFC, 2013.
- ALVES, Aline Cristina Ribeiro. **De repente: a música de improviso através do cantor popular**. Anais do 5º Encontro de música e mídia: E(st)éticas do som – UFMA.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. **Uso e abuso da história oral**. RJ: FGV, 2006.
- ARAÚJO, Patrícia Cristina Aragão. **Folheto de cordel, uma prática educativa que motiva diálogos interculturais**. Revista HISTERDBR On-line, Campinas, n.33, p. 153-168, mar. 2009.
- ARAÚJO, Osmar Hélio Alves; MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva; GALVÃO, maria Neuma Clemente. **Do contexto literário á reflexão sobre a educação na contemporaneidade a educação mosaico**. Curitiba: CRV, 2017.
- ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **Folhetos de cordel, uma prática educativa que motiva diálogos interculturais**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n. 33, p.159-168, mar. 2009 – ISBN 1676-2584. Acesso em maio/2016.
- _____. Na poética dos mestres das palavras ritmadas: cordel na memória e história da educação. In: SANTANA, José Rogerio; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia M. F; MARTINS, Cibelle A.; SILVA, Favianni da; **Imagem, memória e educação**. Fortaleza: UFC, 2012.
- ARRUDA, João. **Padre Cícero: Religião, Política e Sociedade**. Fortaleza: Editora INESP, 2002. ATA DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO. 2000.
- _____. Junho de 1995.
- _____. Janeiro de 1991.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. O Orientador educacional e o currículo. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Orientação educacional: o trabalho na escola**. SP: Loyola, 1998.

BARBOSA, Fundação Casa Rui. **Antalogia**. RJ: FCRB, 1973.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus**. Fortaleza: IMEPH, 2008.

BAUER, Martin; GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: R.J.: Vozes, 2013.

A **BÍBLIA**. Marcos, Capítulo 1, Versículo 34. In **BÍBLIA** Português. Sagrada Bíblia Católica. Novo Testamento. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2013, p.1226.

BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Padre Cícero e a educação em Juazeiro**. Fortaleza: ABC, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. SP: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 16ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.
BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. SP: Brasiliense, 2013.

BRASIL, Aléxia Carvalho. Dissertação de mestrado com título: **Cordel Digital**, apresentado na PUC, São Paulo, 2002.

BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO**. Nº 9394/1996.

BRASIL. Lei da profissão de cordelista, lei nº 12 198/2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. SEF: Brasília, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. SEF: Brasília, 1997.

BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana N; FREITAS, M.S.; RIBEIRO, J.W (Org.). **Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa**. Fortaleza: Eduece, 2016.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Campanha da Fraternidade: Fraternidade e Amazônia**. 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

_____. **Literatura de Cordel no Brasil**. SP: Ibatiaia, 1984.

CARVALHO, Marcondes Fernando Pereira; SANTOS, Cláudia Patrícia Fernandes dos; AGUIAR, Josiane Pereira Carvalho; CARVALHO, Gabriela Fernandes; LIMA, Tássia Fernandes Carvalho Paris de. **Letramento através da arte: o cordel no contexto escolar**. Disponível em:

<http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_11_2014_03_12_17_idinscrito_417_6f65c29af6770c5be7ae64c706459bec.pdf> Acesso em: 16/08/2017.

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra Popular: o cordel de Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

_____. **A xilogravura de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IPHAN, 2014. CASSIRER, Ernest. **Linguagem, Mito e Religião**. Portugal: Edições RÉS, 2009.

CATÁLOGO DOS CORDELISTAS DESISTENTES E FALECIDOS. 2016.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CEARÁ, Secretária de Cultura, Desporto e Promoção Social. **Antologia da Literatura de Cordel**. Fortaleza, 1978.

CHATIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

COMBLIN, J. **Padre Cicero de Juazeiro**. São Paulo: Paulus, 2011.

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. Fortaleza: UFC, 2004.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2013.

COSTA, Marcos Vasconcelos; TORRES, Gecíola Fonseca. **A apropriação do cordel pela publicidade: um estudo de folkcomunicação**.

CURRAN, Mark J. **A Literatura de Cordel**. Recife: UFP, 1973.

CURRAN, M.J. **Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas**. Estados Unidos. Trafford Publishing, 2014.

DIEGUES JÚNIOR, Manoel. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

Diretrizes Curriculares Nacionais pra o Ensino Fundamental (DCNEF), 1998. ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972. TEM TBM DE 1994.
ERNESTO FILHO, Pedro. **Por dentro da cantoria**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2013. **ESTATUTO DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO**. 2014.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de *et al.* **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber livro, 2014.

FERRACO, C. E. A pesquisa em educação. In: FERRAÇO, C. E; PEREZ, C.L.V; OLIVEIRA, I.B (Orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**. Petrópolis DP et Ati, 2008. FIGUEREDO FILHO, J. de. **História do Cariri**. Fortaleza: UFC, 2010.

FIGUEREDO FILHO, José Alves de. **Cidade do Crato**. Fortaleza: UFC, 2010.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. SP: Cortez/Associados, 2011.

FREIRE, P. **Sobre Educação (Diálogos)**. RJ: Paz e Terra, 1982.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas (1926-2006)**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENNEP. Arnold van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUILOUSKI, Borres; COSTA, Diná Raquel D. da. **Ritos e rituais**. II JOINTH, 20 e 21 de agosto de 2012.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico de um “Santo” no Catolicismo Popular**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

HAURELIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

HOBSBAWN, Eric J; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HUISMAN, Denis. **A Estética**. São Paulo: Edições 70, 1954.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).

Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. Brasília: Iphan, 2012. KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KUNZ, Martine. **Dossiê Expedito Sebastião da Silva: Poeta-artesão de Juazeiro do Norte**. Revista de Ciências Sociais. V. 27. N. ½ 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. SP. Unicamp, 2013.

Lei Orgânica do Município do Crato, Lei nº 1/1990.

Lei Municipal de Juazeiro do Norte nº 3662/2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Aprendiz da prática docente: a didática no exercício do magistério**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

LIRA, Bruno Carneiro. **Práticas pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético**. RJ: Vozes, 2016.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927). Brasília: MEC/INEP, 2002.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2010.

LOPES, José Rogério. **A imagética da devoção: a iconografia popular com mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

LUYTEN, Joseph M.. **O que é Literatura de Cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO, Paulo. **Padre Cícero entre os rumores e a verdade: o inventário do Padre Cícero Romão Batista (textos e documentos)**. Fortaleza: ABC Editora, 2001.

MALDONADO, L.; DELUMEAU, J.; DUSSEL, E; SUESS, P.; **Religiosidade Popular**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MAXADO, Franklin. **O que é cordel na literatura popular**. RGN: Queima-bucho, 2012.

MAXADO, Franklin. **Cordel, xilogravura e ilustrações**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.

MENDONÇA, Marcia; LEAL, Telma Ferraz. Progressão escolar e gêneros textuais. In: SANTOS, Cami; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. BH: Autêntica, 2007.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. História, Fontes e Caminhos da Educação e da Cultura. In: CAVALCANTE, Maria Juraci; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula, et. al. (Orgs.). **Escolas e Culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais**. Fortaleza, Edições UFC, 2009.

MARTINS, Cibelle Amorim; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza. **Práticas Educativas Digitais: uma história, uma perspectiva**. Fortaleza: UFC, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Fanáticos e Cangaceiros**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973.

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. SP: Companhia das Letras, 2009.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. **A Prática Pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2001.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de. **Fotografia e memória: a criação de passados**. Vitória da Conquista: UESB, 2014.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. RJ: Relume-Dumora, 2002.

PELIZZARI, A. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel**. Disponível em: <<http://portalprofessor.mec.gov.br>> Acesso em: 15. nov 2017.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO MARINHO, Ana Cristina. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: Atíca, 1993.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita; **Pesquisa Exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista saúde pública, 1995.

RAMALHO, Elba Braga. **Cultura oral em novos estudos: a cantoria nordestina**. Revista o público e o privado, nº1, julho- dezembro 2001.

PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. RJ: Presença, 1989.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROGEL, Samuel. **Manual de teoria literária**. RJ: Vozes, 1985

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

_____. **Trilhas do Sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SANDRINI, Marcos. **Religiosidade e educação no contexto da pós-modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Como eu ensino leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramento, 2012.

SANTANA, José Rogério. Metodologia da Pesquisa em História da Educação: sobre a produção de fontes históricas através de recursos digitais. In: SANTANA, J. R.; VASCONCELOS, J.G. (Orgs.). **Tempo espaço e memória da educação**: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo. Fortaleza: UFC, 2010.

SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza. **Imagem, Memória e Educação**. Fortaleza: UFC, 2012.

SANTOS, Éverton Diego S. R.; **A Reinvenção da Tradição**: a literatura de cordel no século XXI. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SANTOS, Francisca Pereira. **Romaria de versos**: mulheres cearenses autoras de cordel. Cariri: SESC, 2008.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense: 1984.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Vilma Maciel dos; MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva. **Nordeste Místico Império da Fé**: ensaios sobre as manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste. Fortaleza: Programa Editorial da Casa José de Alencar, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: associados, 2010.

SENRA, Nelson de Castro. **O Cotidiano da Pesquisa**. SP: Atica, 1983.

SCHELLING, F. W. "**Introduction à la Philosophie de la Mythologie**". Tradução sob direção de Jean-François Courtine e Jean-François Marquet. Paris: Gallimard, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. **A geração**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: contraponto, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. SP: Contexto. 2009

SILVA, Silvina Pimentel. A Função social da escola. In: ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de; LIMA, Maria do Socorro Lucena; SILVA, Silvina Pimentel (Orgs.). **Dialogando com a escola: reflexões do estágio e ação docente nos cursos de formação de professores**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel**. Mossoró: Queima- bucha, 2008.

SOUSA, Célia Camelo de; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. **Caldeirão: saberes e práticas educativas**. Fortaleza: UFC, 2012.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores**. Recife: Massangana, 1981.

_____. **Classificação Popular da Literatura de Cordel em texto integral de 23 folhetos**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5. ed. SP: Contexto, 2008.

TAVARES JUNIOR, Luiz. **O Mito na Literatura de Cordel**. RJ: Tempo Brasileiro, 1980.

TEMÓTEO, Jurandy. **A Xilogravura de Walderêdo Gonçalves: no contexto da cultura popular o Cariri**. João Pessoa: Província, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

RAMALHO, Elba Braga. **Cultura oral em novos estudos: a cantoria nordestina**. Revista o público e o privado, nº1, julho- dezembro 2001.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RUSSO, Angélica. **Teóricos da educação**. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.

ROZENDAHL, Zeny. **Trilhas do Sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. RJ: EdUERJ, 1996.

VERNANT, Jean- Pierre. **Mito e Sociedade na Grécia Antiga**. RJ: José Olympio, 2006.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1864-1920)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

WIVIAN WELLER, Nicolle Pfaff. **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JORNAL

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Jornal O Estado de São Paulo* de 18/01/1997.

MÚSICA

ASSARÉ, Patativa. **Vaca Estrela e boi fubá**. Compositor: Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). 1980.

ASSARÉ, Patativa. **Triste partida**. Compositor: Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). 1965.

CORDÉIS

POETAS DA ACADEMIA. **Cordel dos 20 anos da Academia**. Crato, 2011.

TELES, Elói Teles. **História do Crato**. Crato, 1992.

ALENCAR, Nezite. **A Botija de Jararaca**. Crato, 2015.

_____. **O homem que enganou o diabo**. Crato, 2016.

_____. **Lampião: mito ou realidade**. 2ª Edição. Crato, 2014.

ALMÊDA, Maria de Fátima Correia de. **Homenagem à Academia dos Cordelistas do Crato, nos seus 25 anos**. Crato, 2015.

ARRAIS, Paulo Ernesto; GOMES, Paulo de Tarso Bezerra. **O aquecimento global ta destruindo a natura**. Crato, 2012.

AZUL, Serra. **Seu André, o professor de Seu Lunga**. Fortaleza, 2008.

BATISTA, Francisco Edésio. **Maria Causa de Nossa Alegria**. Crato, 2012.

BARBOSA, Fundação Casa de Rui (MEC). **Literatura Popular em Verso: estudos**. Rio de Janeiro, 1973.

BRITO, Willian. **Filosofia e Sustentabilidade**. Crato, 2016.

_____. **O Padre Cícero e a Ecologia**. 6. ed. Crato, 2003.

_____. **O Padre Cícero e a Ecologia**. Crato, 2000.

CRUZ, Maria do Rosário Lustosa da. **Histórias das profecias do fim do mundo**. Crato, 2011.

CRUZ, Maria do Rosário Lustosa da. **Beata Maria de Araújo** (“Eu não estou aqui. Aliás, eu estou aqui”). Juazeiro do Norte, 2014.

CUNHA, Antonia Francly Freire Pereira da. **O trem do Cariri precisa ir ao Assaré**. Crato, 2010.

FIGUEREDO, Anilda. **Aleitamento Materno e Alimentação Complementar**. Crato, 2005.

_____. **Os patronos das ruas do Crato**. Crato, 2015.

FILHO, Pedro Ernesto. **Ser Fraternal é Trazer no Coração a Bondade por Deus Recomendada**. Crato, 2006.

FILHO, Pedro Ernesto. **Se eu nascesse de novo pediria pra viver no país da consciência**. Crato, 2009.

GOMES, José Severo. **Recados de Padre Cícero e Monsenhor Murilo**. Crato, 2006.

JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. **Patativa do Assaré (1909-2009) centenário de vida**. Crato, 2009.

JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Luiz Gonzaga e o Crato. Crato, 2012. LACERDA, Josenir Amorim Alves de. O linguajar Cearense. Crato, 2001.

_____. **Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo**. Crato, 2003.

_____. **Juazeiro do Norte um Século de Progresso e Fé**. Juazeiro do Norte, 2011.

LACERDA, Regiopídio Gonçalves. **Brasil: cinquenta anos do golpe da ditadura**. Crato, 2014.

LIMA, Luciano Carneiro. **I Encontro Internacional de Negócios do Cariri**. Crato, 2005.

LIMA, Luciano Carneiro. **O efeito do Viagra (1º parte)**. Sobre a clonagem humana essa é a minha opinião (2º parte). 2. ed. Crato, 2007.

LUCIENE, Maria. **As respostas de Seu Lunga pra perguntas idiotas**. 2003.

MATOS, Maria do Socorro Bezerra Brito. **Criação Racional de Uruçu Verdadeira**. Crato, 2011.

MEDEIROS, Eugênio Dantas. **A estória de um lobisomem**. Crato, 1993.

_____. **Mais o que é o cordel?** Crato, 1999.

MONTEIRO, Ernane Tavares. **O Encontro do meu pai com o Beato José Lourenço**. Crato, 2016.

MORAIS, Aldemá de; PINHEIRO, Geraldo Ananias. **Desafio em cordel dos poetas**. Crato, 2009.

MORAIS, Aldemá de. **Centenário de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte-CE, 2011.

NASCIMENTO, Francisco. **História de um corno**. Crato, 2008.

_____. **Coincidências entre Jesus e Lampião**. Crato, 2015.

OLIVEIRA, Francisca Maria Cardoso de. **O milho na culinária**. Crato, 2003.

SIQUEIRA, Maércio Lopes. **Breve Histórico da Fundação do Seminário São José do Crato**. Crato, 1999.

SOUZA, José Joel de. **Zé Joel: trinta anos de poesias**. Crato, 2013.

TESES

GRANJEIRO, Claudia Rejane Pinheiro. **Discurso Político no folheto de cordel: a besta-fera, o Padre Cícero e o Juazeiro**. Tese (doutorado) - UNESP. Faculdade de Ciências e letras de Araraquara, 2007.

MARQUES, Janote Pires. **Escolas Militares do Exército: a formação, seus mitos e ritos (1889- 1931)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC, 2014.

DISSERTAÇÕES

BRASIL, Alexia Carvalho. **Cordel Digital**. Dissertação de mestrado. PUC São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. Dissertação de mestrado em letras, com título: **A Literatura de Cordel no Novo Espaço Urbano no Ceará: trajetória, rupturas e inovações**. UFC, Fortaleza, 2001.

VIANA, José Ítalo Bezerra. O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará-UFC. Programa de Pós-Graduação em História da UFC. Faculdade de História. Fortaleza, 2011.

VIEIRA, Francisco Jacson Martins. **A Mitificação das Figuras Emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da Literatura de Cordel**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE) 2012.

MONOGRAFIAS

FIGUEIREDO, Georgia Cristiana Reis. **A representação do Nordeste e do nordestino na poesia de cordel de Luciano Carneiro**. Monografia do curso de Letras, Universidade Regional do Cariri- URCA, Crato, 2012.

GOMES, Josefa Jucilene Faustino. **Cordelirando: produções poéticas de Josenir Lacerda**. 2007. 23 p. Monografia (Graduação em Letras) – Departamento de Línguas e Literatura, Universidade Regional do Cariri, Missão Velha, 2007. REVER

SOUSA, Carla Tavares de. Josenir Lacerda: **A dama dos versos encantados**. Monografia. Curso de Letras, Universidade Regional do Cariri - URCA, 2012.

ESPECIALIZAÇÕES

CRUZ, Maria do Rosário Lustosa. **Reflexões sobre a Literatura de Cordel na região do Cariri**. Monografia de especialização. URCA. 2003.

NUNES, Cícera. **O preconceito racial da literatura de cordel**. Monografia de Especialização – Programa de Pós-graduação Arte-Educação, Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato, 2003.

SITES

ALMEIDA, Haroldo. **Preceitos Ecológicos de Padre Cícero Romão**. Disponível em: <<http://minutosertao.cadaminuto.com.br/noticia/8105/2014/04/01/preceitos-ecologicos-de-padre-cicero-romao>>. 2 fev. 2018.

A origem do chapéu: a origem das coisas. Disponível em: <<http://origemdascosas.com/a-origem-do-chapeu/>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

- **Arte Sacro**. Disponível em: <<http://conhecimentodossantos.blogspot.com.br/2012/08/as-excelencias-da-batina.html>>. Acesso em: 18.07.2017.

- **Arquivo Casa Juvenal Galeno**. Biografia Juvenal Galeno. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/casa-juvenal-galeno/43506.htm>>. Acesso em: 1 set. 2016.

- **Atom**. Salvem a liturgia: sobriedade, solenidade, sacralidade! Disponível: Ver mais sobre o assunto no site: www.salvemaliturgia.com. Acesso: 6. set. 2017.

Blog Cultura Popular. Pinto do Monteiro, símbolo da cantoria. Disponível em: <<http://culturapopularetc.blogspot.com.br/2010/01/pinto-do-monteiro-simbolo-da-cantoria.html>>. Acesso em: 01 Set 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.198/ 2010**. Disponível: www.planalto.gov.br. Acesso: 30 jul 2017.

DIÁRIO DO NORDESTE PLUS. **Lunga, o eterno poeta do Cariri**. Disponível em: <http://plus.diariodonordeste.com.br/lunga-eterno-poeta-cariri/>. Acesso em: 16 Set 2016.

Enciclopédia Itaú Cultural. Chagas Batista. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4631/chagas-batista>. Acesso em: 30 ago. 2016.

FAVERO, Osmar. **Movimento de Educação de Base – MEB**. Disponível em: <http://forumeja.org.br/book/export/html/1435>. Acesso em: 31 ago. 2016.

INFOESCOLA. **Repente**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/musica/repente/>. Acesso em: 1 set. 2016.

MACÊDO, Heitor Feitosa. **Estórias e História**: Disponível em: <http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com.br/2013/02/monsenhorantonio-feitosa-feitosamacedo.html>. Acesso em: 1 set. 2016.

O POVO. **Mestre da cultura**. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/tesouros-vivos-da-cultura>. Acesso em: 30 Ago 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **Estátua de Padre Cícero**. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Estatua-de-Padre-Cicero/>. Acesso em: 17 maio 2017.

SANTOS, Paulo Perin. **Patativa do Assaré**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/>. Acesso em: 7 set. 2016.

SIQUEIRA, Regina Helena. **Dandinha Vilar sonetos**. Disponível em: <http://dandinhavilar.blogspot.com.br/>. Acesso em 30 ago. 2016.

WIKIPÉDIA. **Exposição Agropecuária do Crato**. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Exposi%C3%A7%C3%A3o_Agropecu%C3%A1ria_do_Crato. Acesso em: 5. fev. 2017.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CORDELISTAS DA ACC

- 1- Quanto tempo é cordelista?
- 2- Qual sua formação?
- 3- Qual a relação do cordel com a educação?
- 4- Quais os temas abordados em seus cordéis?
- 5- Tem outra função que concilia com sua profissão de cordelista?
- 6- Qual a diferença do cordel do passado com o presente?
- 7- O que sente quando faz cordel?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) _____

foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “Academia dos Cordelistas do Crato: História, Memória e Educação”, que tem como objetivo geral compreender a história, memória e educação da Academia dos Cordelistas do Crato, visando preservar a história e memória da educação no Ceará. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a história oral como método.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador.

O(A) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras, logo, não irá beneficiar particulares. A pesquisa poderá oferecer como risco, o fato de ao ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – as suas informações prestadas e publicizadas, que não serão sigilosas, podem ser utilizadas por outros pesquisadores ou demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando ou questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador. Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e memória da educação no Ceará.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para o pesquisador. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora, através do e-mail celitapedagoga@hotmail.com, pelo telefone (85) 999 316043, na pessoa da Professora Célia Camelo de Sousa.

Pesquisadora Célia camelo de Sousa
Cel: 85-999316043
e-mail: celitapedagoga@hotmail.com

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar da pesquisa proposta, : “Academia dos Cordelistas do Crato: História, Memória e Educação”, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Crato (CE), _____ de _____ de _____.

Informante: _____

Assinatura: _____

Documento de identificação: _____

ANEXO B – PROFISSÃO DE REPENTISTA

24/03/2010

11/12/09



Presidência da República Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.198, DE 14 DE JANEIRO DE 2010.

Dispõe sobre o exercício da profissão de
Repentista.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1^o Fica reconhecida a atividade de Repentista como profissão artística.

Art. 2^o Repentista é o profissional que utiliza o improviso rimado como meio de expressão artística cantada, falada ou escrita, composto de imediato ou recolhendo composições de origem anônima ou da tradição popular.

Art. 3^o Consideram-se repentistas, além de outros que as entidades de classe possam reconhecer, os seguintes profissionais:

I - cantadores e violeiros improvisadores;

II - os emboladores e cantadores de Coco;

III - poetas repentistas e os contadores e declamadores de causos da cultura popular;

IV - escritores da literatura de cordel.

Art. 4^o Aos repentistas são aplicadas, conforme as especificidades da atividade, as disposições previstas nos arts. 41 a 48 da Lei nº 3.857, de 22 de dezembro de 1960, que dispõem sobre a duração do trabalho dos músicos.

Art. 5^o A profissão de Repentista passa a integrar o quadro de atividades a que se refere o art. 577 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1^o de maio de 1943.

Art. 6^o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 14 de janeiro de 2010; 188^o da Independência e 122^o da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Carlos Lupi

ANEXO C – LEI ORGÂNICA DO CRATO



ESTADO DO CEARÁ

CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

Texto promulgado em 05 de abril de 1990, com as alterações adotadas pelas Emendas à Lei Orgânica do Município do Crato nºs 01/1990 a 25/2012 e pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica do Município do Crato nº 01/2007.



Art. 273. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 273. Serão ministradas, facultativamente, nos estabelecimentos de ensino público, com o envolvimento da comunidade, noções de:

a) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: a) direitos humanos;

b) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: b) defesa civil;

c) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: c) regras de trânsito;

d) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: d) efeito das drogas, de álcool e tabaco;

e) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: e) direitos do consumidor;

j) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: j) ecologia;

g) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: g) cultura cearense histórica e geográfica;

h) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: h) educação sexual;

i) (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007);
*Redação Original: i) higiene e profilaxia sanitária.

Ponografia Única. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Ponografia Única. O ensino religioso, de matrícula facultativa, será obrigatório nas Escolas Municipais.

Art. 274. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 274. O Município poderá implantar, na rede escolar, ensino profissionalizante, cabendo ao Conselho Escolar seguir as diretrizes.

Art. 275. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 275. Será obrigatória a uso do fardamento escolar para alunos, devendo o Poder Público juntamente com as escolas, subsidiar o fardamento daqueles que comprovadamente não possam adquiri-lo.

SEÇÃO III Da Cultura

Art. 276. O Município garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais, respeitando o conjunto de valores e considerando a Cultura um serviço essencial.

Art. 277. Para a execução das atividades culturais do Município, fica criado o Conselho de Cultura, a ser regulamentado em lei.

Art. 278. A política cultural do Município deverá facilitar à população o acesso à produção, à distribuição e ao consumo dos bens culturais.

Art. 279. Cabe ao Município promover o desenvolvimento cultural da comunidade local, mediante:

I – oferecimento de estímulos ao cultivo das ciências, artes e letras;

II – cooperação com a União e o Estado, na proteção aos locais e objetos de interesses históricos e artísticos;

III – incentivo à promoção e divulgação da história, dos valores humanos e das tradições locais;

IV – tombamento do patrimônio histórico.

Art. 280. O Município deve:

I – cuidar do seu Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, promovendo o levantamento, tombamento e preservação dos vários elementos que o compõem;

II – cuidar do arquivo público, evitando que se destruam documentos históricos de interesse do Município;

III – promover o tombamento de prédios e/ou logradouros públicos, bem como de recursos naturais renováveis e não renováveis de caráter relevante;

IV – apoiar os artistas, de modo geral, dando-lhes oportunidade de promoção e de profissionalização;

V – manter a banda de música municipal e conservatório;

VI – apoiar entidades e escolas que promovem atividades artísticas e culturais;

VII – criar, implantar e manter museus, bibliotecas públicas e teatros municipais;

VIII – proporcionar condições para o desenvolvimento do folclore do Município, zelando pela manutenção de sua autenticidade.

Art. 281. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 281. Lei determinará o percentual da receita do Município que será destinada às atividades culturais.

Art. 282. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 282. O Município recomendará a incorporação ao currículo da rede de ensino o estudo dos costumes e manifestações histórico-culturais, com vistas à sua valorização e preservação.

Art. 283. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 283. O Município construirá Centros Culturais nos bairros residenciais, dando prioridade aos bairros populares.

§ 1º (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: § 1º Os centros culturais deverão ser construídos de forma que ofereçam condições físicas para apresentações teatrais, musicais, danças e outras manifestações artístico-culturais;

§ 2º (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: § 2º Os centros culturais conterão bibliotecas devidamente dotadas de material de estudo, pesquisa e informação, no âmbito das mais variadas modalidades artísticas;

§ 3º (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: § 3º Os centros culturais serão administrados na conformidade do que dispuser o Regimento Interno do Conselho de Cultura.

Art. 284. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 284. Através de convênios e contratos, a Prefeitura apoiará e incentivará a atividade cultural nos sindicatos, associações de moradores e associações populares.

Art. 285. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 285. A Prefeitura promoverá, pelo menos duas vezes por ano, festivais culturais e artísticos, garantindo, de preferência, a participação de artistas e conjuntos locais.

Art. 286. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 286. A Prefeitura contribuirá para a promoção de obras e trabalhos dos artistas e conjuntos locais.

Art. 287. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

*Redação Original: Art. 287. Será criado e mantido o Museu da Repetição, sob a tutela do Conselho Municipal de Cultura.

Art. 288. (Revogado pela Emenda de Alteração e Revisão da Lei Orgânica nº 01, de 20 de setembro de 2007).

ANEXO D – ESTATUTO DOS CORDELISTAS DO CRATO ACC



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

1

ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO - ACC

ESTATUTO SOCIAL REFORMADO

Capítulo I

DA ENTIDADE

DENOMINAÇÃO, NATUREZA JURÍDICA, SEDE E DURAÇÃO.

Art. 1º. - A Academia dos Cordelistas do Crato, aqui referida de forma simplificada como ACC, fundada em 1º de janeiro de 1991, com sede, administração e foro nesta cidade de Crato, Estado do Ceará, é associação cultural e pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, regida pelo presente Estatuto, pelo seu regimento interno e demais dispositivos legais.

Art. 2º - A personalidade jurídica da ACC é distinta da dos seus associados, que não respondem solidária nem subsidiariamente pelas obrigações de ordem financeira e econômica da entidade.

Art. 3º - A duração da ACC e seu número de sócios constantes das categorias de contribuinte e benemérito são indeterminados.

Capítulo II

OBJETIVOS, FINALIDADES E FORMAS DE ALCANÇÁ-LOS



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

Art. 4º. - A ACC tem por objetivo:

- a) desenvolver, pesquisar, promover, documentar e difundir o cordelismo, ou seja, a arte e a ciência do cordel;
- b) preservar a literatura de cordel em sua forma, essência e tradição;
- c) divulgar, através do cordel, a cultura popular centro-nordestina;
- d) congregar os poetas cordelistas do Cariri;
- e) promover intercâmbio com outras instituições congêneres e com pesquisadores do cordelismo, dentro e fora do país.

Art. 5º. - Para alcançar os fins indicados no artigo anterior, a ACC desenvolverá trabalhos, atividades e realizações necessárias, tais como:

- I - constituir-se em centro de divulgação da literatura de cordel e das artes populares;
- II - realizar estudos e pesquisas artísticos e culturais voltados para o cordel;
- III - promover concursos, com ou sem distribuição de prêmios, bem assim, conferências, seminários, cursos e oficinas;
- IV - celebrar convênios, contratos e ajustes com entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, objetivando a participação da ACC em programas, projetos e atividades relacionados com suas finalidades culturais e artísticas;
- V - manter intercâmbio ordinário ou eventual com entidades culturais e artísticas nacionais e internacionais;
- VI - concorrer para o estudo continuado da qualidade e melhoramento da linguagem na literatura de cordel;



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

VII - manter e operar centros de documentação, incluindo bibliotecas, arquivos e secretaria, com vistas à constituição, preservação, ampliação e divulgação do acervo de obras e documentos pertinentes aos objetivos e finalidades da entidade;

VIII - promover e integrar quaisquer outros eventos e atividades que concorram para realização dos objetivos definidos neste Capítulo.

Capítulo III

DOS SÓCIOS E SUAS CATEGORIAS

Art. 6º. - A ACC é composta de quatro categorias de sócios:

- a) Sócios fundadores;
- b) Sócios efetivos;
- c) Sócios contribuintes;
- d) Sócios beneméritos.

Art. 7º. - São considerados sócios fundadores, os doze membros a seguir relacionados, que participaram da histórica assembleia geral de fundação e que assinaram o livro de atas. Por ordem de cadeira:

- (1) Francisco Willian Brito Bezerra; (2) Luciano Carneiro de Lima; (3) Josenir Amorim Alves Lacerda; (4) Sebastiana Gomes de Almeida Job; (5) Cícero Jorge; (6) Geraldo Moreira de Lacerda; (7) Eloi Teles de Moraes; (8) José Alexandre da Costa; (9) Francisco Valdemiro do Nascimento; (10) Eugênio Dantas de Medeiros; (11) José Esmeraldo da Silva e (12) Tancredo Lobo.

Art. 8º. - São considerados sócios efetivos, os sócios fundadores, os ocupantes das vagas por estes deixadas e os que ingressarem nas novas vagas.

§ 1º - São requisitos para aceitação como sócio efetivo:



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

- a) ser reconhecidamente poeta popular;
- b) ter, pelo menos, um cordel publicado quando da postulação de ingresso na ACC;
- c) ser cidadão idôneo e de conduta reconhecidamente ilibada.

§ 2º - Cabe ao sócio efetivo da Academia, em caráter exclusivo:

- a) integrar a Assembléia Geral da entidade, com direito a voz e voto;
- b) exercer, mediante eleição, como titular ou suplente, cargos criados pela Assembleia Geral, nos órgãos administrativos da entidade;
- c) eleger os novos membros efetivos;
- d) representar a Academia, isoladamente ou em conjunto com outros sócios, por designação da Assembleia Geral ou do Presidente, em órgãos, entidades, solenidades, atos e eventos.

§ 3º - São deveres dos sócios efetivos da Academia:

- a) participar das atividades da ACC definidas pela Assembleia Geral ou promovidas pelo Presidente;
- b) apoiar intelectual e materialmente a manutenção da Academia, inclusive mediante contribuição financeira estabelecida pelo Presidente, além de contribuição literária e artística para os fins de documentação e divulgação da entidade;
- c) colaborar para ampliar a divulgação da Academia e do seu acervo cultural e artístico, inclusive, participando de palestras, encontros, seminários, simpósios e conferências;
- d) comparecer às Assembleias Gerais e nelas exercer os direitos de voz e voto;



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

e) desempenhar missões e atribuições especiais, por designação da Assembleia Geral ou do Presidente.

§ 4º. - O sócio efetivo da Academia deverá comunicar ao Presidente as razões de ordem superior, eventuais ou permanentes que o impeçam de cumprir, no todo ou em parte, os deveres enumerados, no parágrafo anterior, vedada a justificativa para eximir-se da contribuição financeira obrigatória a que alude a alínea “b” daquele dispositivo.

§ 5º. - Entre o trigésimo e o sexagésimo dias seguintes à morte de sócio efetivo da Academia, o Presidente da entidade, mediante edital, declarará a vaga e abrirá, pelo prazo de sessenta dias, as inscrições para a sucessão.

Art. 9º. - O sócio efetivo que faltar a um terço das reuniões da ACC, durante o ano civil, será eliminado do quadro.

Parágrafo Único. Havendo necessidade de se ausentar, o sócio deverá requerer licença por escrito:

- a) de até três meses, para tratar de assuntos de interesse pessoal, prorrogável por mais dois anos;
- b) de até seis meses, para tratamento de saúde, prorrogável pelo tempo que durar o tratamento.

Art. 10. - Ocorrendo vaga no quadro de sócios efetivos, a mesma será preenchida, respeitadas as seguintes normas:

§ 1º. O interessado que se considerar apto deverá formalizar, por escrito, ao Presidente da ACC, seu pleito de ingresso no sodalício, apresentando quatro cópias de sua produção.

§ 2º. O Presidente verificará se o postulante cumpre as exigências do art. 8º do Estatuto. Em não cumprindo, será indeferido de imediato o seu pleito. Caso satisfaça às exigências, o Presidente baixará Ato Administrativo, reconhecendo



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

vaga no sodalício, e nomeará uma Comissão de Análise Poética para examinar a obra do postulante.

§ 3º. A Comissão de Análise Poética será composta por três membros e terá um prazo de cinco dias para se manifestar. Se a deliberação da Comissão for negativa será indeferido o pleito do postulante.

§4º. Caso a Comissão de Análise Poética manifeste-se favoravelmente ao ingresso do postulante na ACC, o Presidente submeterá o pleito à Assembleia Geral Extraordinária convocada especialmente para este fim e que, através do voto nominal, dará seu veredicto.

§5º. Para ingresso na ACC o postulante deverá obter a unanimidade dos votos dos Sócios Efetivos.

Art. 11 - São Considerados sócios contribuintes, aqueles que asseguram a manutenção regular da ACC mediante contribuição mensal.

Art. 12 - São considerados sócios beneméritos, aqueles que vierem a prestar relevantes serviços à ACC.

Capítulo IV

DAS CADEIRAS

Art. 13 - Ficam instituídas 24 (vinte e quatro) cadeiras na ACC que deverão ser ocupadas pelos sócios fundadores e/ou efetivos.

Art. 14 - Cada cadeira terá um patrono, observando-se que o homenageado, *in memoriam*, deverá ter sido poeta popular, brasileiro, nordestino e identificado com o universo sertanejo.



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

§ 1º - Em caso de morte do sócio fundador, estando ele no gozo de seus direitos de sócio efetivo, passará a ser, automaticamente, o patrono em caráter definitivo e irrevogável da cadeira que ocupou na ACC.

§ 2º - Quando a cadeira decorrer de situação que não seja por morte de sócio fundador, seu patrono deverá ser escolhido pelo sócio efetivo ocupante do assento.

§ 3º - No caso de o poeta fundador não pertencer mais à ACC, sua cadeira fica disponível para ser ocupada por um novo membro efetivo, e o patrono continuará o mesmo.

§ 4º - Por morte do sócio efetivo, que não seja fundador, poderá ser ele homenageado como patrono em nova cadeira a ser criada, posteriormente na ACC.

Art. 15 - Para homologação do nome do patrono de sua cadeira, fica o sócio efetivo proponente obrigado a apresentar um trabalho, por escrito, sobre o homenageado, quando da sessão de sua posse.

Capítulo V

DA ADMINISTRAÇÃO

SEÇÃO I DAS ASSEMBLEIAS GERAIS

Art. 16 - São órgãos da administração da ACC:

- a) Assembleia Geral;
- b) Diretoria.

Art. 17 - A assembleia geral é o órgão soberano da ACC e compõe-se de todos os sócios efetivos em gozo de seus direitos sociais, com atribuições para decidir sobre todos os assuntos, ratificando ou ratificando todos os atos praticados pela diretoria.

Art. 18 - A assembleia geral poderá ser ordinária ou extraordinária.



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.*
Crato – Ceará

a) A assembleia geral será ordinária, quando convocada para renovação do quadro diretor.

b) A assembleia geral será extraordinária, quando convocada para qualquer finalidade que não seja eleitoral.

Art. 19 - A assembleia geral ordinária será convocada em período bienal e no 1º domingo de dezembro do segundo ano, para eleição da nova diretoria.

Art. 20 - A diretoria eleita será empossada no 1º domingo de janeiro do ano seguinte, e seu mandato será de dois anos.

Art. 21 - Qualquer diretor poderá ser reconduzido ao mesmo cargo uma única vez consecutiva, não havendo esse limite para mandatos alternados.

Art. 22 - A assembleia geral extraordinária será convocada a qualquer momento, sempre que um fato novo o exigir.

Art. 23 - A convocação das assembleias gerais será feita mediante edital de convocação, com antecedência mínima de três dias da data do evento, devendo constar sua finalidade.

Parágrafo Único - O membro efetivo que, por motivo superior, não puder comparecer à assembleia geral, poderá, por carta, e-mail ou por qualquer outro meio idôneo, credenciar outro acadêmico para representá-lo, ou enviar seu voto ao Presidente, em sobrecarta fechada, com sua assinatura.

Art. 24 - A assembleia geral tratará, especificamente, dos assuntos para os quais foi convocada.

§ 1º - A assembleia geral só será instalada com a presença de mais da metade dos membros efetivos. Não se completando esse número de presenças à primeira chamada, será a assembleia instalada, 15 (quinze) minutos após, independentemente do número dos acadêmicos presentes.



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

§ 2º - Somente os membros efetivos poderão participar da Assembleia Geral.

Art. 25 - É da competência da assembleia geral:

- a) eleger o Presidente;
- b) aprovar o orçamento anual e as respectivas contas da Academia;
- c) reformar o Estatuto e o Regimento Interno;
- d) alterar o valor da mensalidade;
- e) eleger os membros efetivos.

Art. 26 - A assembleia geral reunir-se-á, extraordinariamente, por convocação do Presidente da Academia ou, a requerimento de, pelo menos, um terço de seus membros efetivos.

SEÇÃO II

DA DIRETORIA

Art. 27 - A diretoria será constituída de:

- a) Presidente;
- b) Vice-presidente;
- c) Secretário;
- d) Tesoureiro;
- e) Orador oficial.

Parágrafo Único. Não há conselho fiscal instalado, e as prestações de contas serão feitas nas reuniões da diretoria e nas assembleias gerais.



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

Art. 28. Somente o presidente será eleito em assembléia geral eleitoral, cuja votação poderá ser secreta ou aberta. Os demais membros serão escolhidos por este, até o dia de sua posse.

Parágrafo Único. Cada diretor exercerá o seu mandato, na forma do regimento interno, que será elaborado posteriormente, e segundo as normas estabelecidas pela legislação em vigor.

Art. 29 - O mandato da Diretoria terá a duração de 2 (dois) anos e somente poderá ser exercido por membro efetivo da Academia.

Art. 30 - Ocorrendo vacância na Diretoria, o Presidente nomeará outro acadêmico para ocupar o cargo vago, que completará o mandato.

Parágrafo único. Apenas a vacância do cargo de Presidente justificará uma nova eleição, no prazo de 30 (trinta) dias, quando esta ocorrer durante a primeira metade do mandato presidencial.

Art. 31 - Compete à Diretoria, em termos colegiados e sem prejuízo da competência isolada de cada um de seus membros, organizar e dirigir os serviços administrativos da Academia, bem como promover atividades, empreendimentos e iniciativas que possibilitem à entidade agir permanentemente no sentido do pleno alcance de seus objetivos e da manutenção de seu patrimônio cultural, artístico e material.

Art. 32 - Compete ao Presidente da ACC:

I - convocar e presidir as reuniões;

II - representar a Academia em juízo ou fora dele;

III - exercer a direção executiva de todos os órgãos e serviços da Academia, respeitadas as atribuições dos demais membros da Diretoria ou em ação conjunta com estes;



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

IV - assinar, juntamente com o Tesoureiro ou com o Vice-Presidente, cheques e ordens de pagamento;

V - rubricar os livros de escrituração, despachar o expediente e designar a ordem do dia;

VI - nomear Comissões para fins determinados.

Art. 33 - É atribuição do Vice-Presidente, substituir o Presidente em suas ausências ou impedimentos, exceto no caso de vacância, quando esta ocorrer durante a primeira metade do mandato presidencial.

Parágrafo único. Na ausência ou no impedimento do Vice-Presidente, o Presidente será substituído pelo Secretário e, depois, por um dos acadêmicos presentes, segundo a ordem de antiguidade.

Art. 34 - Compete ainda ao Vice-Presidente:

I - exercer atribuições que lhe forem delegadas pelo Presidente;

II - convocar eleições para Presidente, no caso de vacância ocorrida durante a primeira metade do mandato presidencial.

Parágrafo único - A convocação de que trata o inciso II deste artigo será feita entre o trigésimo e sexagésimo dia após o falecimento, a renúncia, a declaração de invalidez permanente ou a destituição do titular.

Art. 35 - Compete ao Secretário:

I - secretariar as reuniões;

II - encarregar-se do registro das assinaturas dos presentes às reuniões;

III - preparar os expedientes;

IV - proceder à escrituração do livro de atas e à sua leitura;



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

V - manter os registros de todos os atos administrativos arquivados;

VI - a guarda e a administração do patrimônio social;

VII - substituir o Vice-Presidente em seus impedimentos e ausências.

VIII - organizar, dirigir e fazer operar os serviços de coleta, guarda, catalogação, registro, disciplina de utilização e controle de documentos e objetos culturais e artísticos integrantes do acervo da Academia ou que venham a ele ser acrescidos.

Art. 36 - Compete ao Tesoureiro da ACC:

I - organizar, implantar, dirigir e fazer executar os serviços e registros econômicos, financeiros, patrimoniais e contábeis da entidade;

II - conduzir, em conjunto com o Presidente, a abertura e a movimentação de contas bancárias e operações financeiras em geral da ACC;

III - adotar as providências necessárias ao cumprimento das obrigações financeiras e fiscais da ACC, inclusive as assumidas em função de convênios e contratos;

IV - assinar, juntamente com o Presidente, ajustes, acordos, convênios, contratos, pedidos comerciais, cheques, títulos de crédito e quaisquer outros documentos que impliquem ônus ou obrigações sobre a instituição e seu patrimônio;

V - apresentar à Diretoria, balanços anuais da receita e despesa;

VI - estruturar, fazer funcionar e dirigir a Tesouraria da entidade;

VII - promover a cobrança de débitos para com a Academia;

VIII – responsabilizar-se pela elaboração e aprovar, juntamente com o Presidente, balancetes mensais, balanços anuais e prestações de contas da Academia;



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

Art. 39 - O patrimônio social da ACC será constituído pelas taxas de inscrições de sócios, mensalidades, doações, legados, subvenções, receitas de promoções sociais, exposições e feiras.

Art. 40 - Em caso de dissolução da ACC, o seu patrimônio ficará sob a guarda de uma instituição não governamental, da área cultural do município do Crato, por um prazo de três anos, findo o qual, não havendo reestruturação da ACC, aquela entidade incorporará ao seu patrimônio, em definitivo.

Parágrafo Único. A ACC será dissolvida somente se:

- a) cessar a produção e a publicação de cordéis por um período superior a dois anos;
- b) contar um número inferior a sete membros;
- c) ultrapassar o período de dois anos, equivalente a um mandato, sem que ocorra uma só reunião.

Art. 41 - Os títulos lançados pela ACC constituem e se incorporam ao seu patrimônio, ficando esta desobrigada do pagamento de direitos autorais, ainda que o cordelista seja afastado do quadro de sócios efetivos por quaisquer motivos.

Parágrafo Único. O mesmo acontece com as xilogravuras que ilustram os cordéis, mesmo quando pagas pelos autores dos folhetos, versos ou romances.

Capítulo VII

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 42 - A diretoria da ACC organizará seu regimento interno e demais regulamentos necessários à gestão e eficiência da instituição.

Art. 43 - O presente Estatuto somente poderá ser reformado, mediante manifestação de 2/3 (dois terços) dos sócios efetivos concordes em reunião especial convocada para este fim.



ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO
*Entidade filantrópica, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei 1.879, de 11/06/1999,
fundada em 01/01/1991. – CNPJ 057649004/0001-07 – Rua Rui Barbosa s.n.
Crato – Ceará*

Art. 44 - O presente estatuto foi aprovado em Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 1º de janeiro de 1991, recebendo a primeira reforma na segunda presidência de Elói Teles de Moraes, sendo, agora, reformado pela segunda vez, nesta data, sob a presidência de Maria Anilda de Figueirêdo.

Art. 45 - O presente ESTATUTO, após a aprovação pela ASSEMBLEIA GERAL, será levado à averbação e registro perante o ofício competente de Registro Público, para todos os fins legais.

Art. 46 - Este Estatuto entrará em vigor na data de sua inscrição no Cartório competente.

Art. 47 - Os casos omissos ou obscuros no presente Estatuto serão resolvidos pela Diretoria, que poderá consultar a Assembleia Geral, se julgar necessário, ou recorrer à analogia e aos usos consagrados pela Academia dos Cordelistas do Crato.

Art. 48 - Revogam-se as disposições em contrário.

ANEXO E - ATAS

1

Ata da sessão de fundação da Academia dos Cordelistas do Crato, em 01 de janeiro de 1991.

Às 16 horas da data acima, o presidente José Emeraldo de Silva, abriu os trabalhos dirigidos à academia Josina Lucardo, que deveria estar assumindo a presidência explicando os motivos da permuta do mesmo como o mesmo está, justificando plenamente o que foi aceite pelos presentes. Como primeiro assunto, tratou-se da definição do nome dessa entidade que até então e provisoriamente estava batizado como Grupo de Cordelistas do Crato. Depois de muitos debates, opiniões e sugestões ficou definido ser Academia dos Cordelistas do Crato. Na hora foram aprovados os estatutos e o doze. Componentes se submeteram ao sorteio para saber quem em qual mês vai ter publicado o seu Cordel, começando primeiro com Francisco Lobo, Fevereiro, Chico Maranhão, Março Luciano Carneiro, abril Pastinho, maio Wilian, junho Cláudio, julho Joca, agosto Maranhão, Setembro Prof. Alexandre, Outubro Cyfeno, novembro é professor e Dezembro Josina Lucardo. Foi discutida uma linha de ação da Academia de Cordelistas Cratense que de agora fica conhecida internamente como ACC, para que não fique apenas com atividade restrita de edição de um cordel por mês. A ACC trabalhará de acordo com um plano de trabalho. Um calendário. Por exemplo

será promovida este ano uma feira de Cordel podendo ser numa praça dentro da Cidade. Será como meta prioritária a instalação de uma biblioteca, com no mínimo 1500 títulos. Outras metas serão perseguidas ao longo do ano. Depois de muita discussão, acertado de que os Cordéis e diálogos mensalmente serão de 16 páginas com número de 1.000. Outra deliberação é que as cadeiras ocupadas por cada membro serão nomeadas e será escolhido um patrono, no tanto com a morte do ocupante fundador ele passará a ser o patrono da cadeira. Foram compostas duas comissões, uma presidida por Glei Tely, afiliado ao PC e Custis das edições Mensais, Wilian Brito e Túlio Santos; a outra presidida por Cláudio para a coordenação junto legal da ACC tendo como membros: José Emeraldo José. Igualmente ficou acertado de ser criado um boletim para a ACC. O companheiro Marquinho de Toledo preparou para os presentes o seu livro de poesias e vários Cordéis. José Emeraldo lançou na hora, "Seu Cordel".

"Em Seguido para mostrar como costume declarou uma bonita poesia. O Trabalho

foram encerrados a seguir, do que resultou a presente ata, feita por mim, Secretário escolhido para a reunião, e será submetida a apreciação e assinada pelos membros da

A.C.C.

- José Emeraldo de Lij. Presidente
- Gueraio Carneiro de Lima
- Gerardo Moreira de Lacerda
- Genival Alves de Paqueta
- (Sebastião Gomes de Almeida Job)
- François Valdemiro de Natividade
- Teles de Moraes
- José Alexandre da Costa
- Green Jorge de Lencastre
- (S. W. J. M.)
- Expedito
- Sebastião Job

Ata da primeira reunião ordinária da Academia dos Cordelistas do Prato - A.C.C.

Aos vinte e seis (26) dias do mês de janeiro, do ano de mil novecentos e noventa e um (1991), aconteceu a primeira reunião ordinária da Academia dos Cordelistas do Prato - A.C.C., que teve lugar nas dependências do Instituto Cultural, com início às dezesseis (16) horas. O presidente José Emeraldo da Silva, abriu a reunião passando em seguida a palavra para Elói Teles de Moraes que fez uma explanação dos contatos feitos no que diz respeito ao aspecto financeiro da Academia, visto que ele atuou como líder da equipe de finanças. O mesmo explicou que manteve contato com o Banco do Brasil, tendo recebido a promessa por parte do gerente, de oferecer o papel para publicação dos cordéis que serão editados durante o ano, ou seja: dois ao mês. Contactou ainda com o Sr. Expedito Sebastião, sobre o custo da impressão do cordel, sendo que ele informou ficar por seis mil cruzeiros, pagando um total de cento e

Ata da Sessão da Academia dos Poetistas do Prato, em 7 de maio de 1995.

Após sete dias do mês de maio do ano de mil novecentos e noventa e cinco, aconteceu mais um encontro da Academia dos Poetistas do Prato - ACC em reunião convocada a pedido de Elói Teles de Moraes, com o fim específico de dar conhecimento da aquisição de uma máquina impressora para a Academia. Sob a presidência de José Senir Alves de Bacerda, a reunião foi iniciada às 19 horas e dentre os assuntos de menor importância que dispensam registro, o Sr. Elói Teles usou da palavra, dizendo que foi enviada via depósito bancário, na conta de número 39944-4, em nome do Sr. Joaquim Coelho Viana, da Praça de Campina Grande, Paraíba, a importância de R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais), para pagamento de uma máquina impressora comprada àquela senhor, via Caixa Econômica Federal, agência 041, Campina Grande, conforme recibo e número CEF 050.68403. O dinheiro aludido, foi feito da participação dos próprios companheiros da Academia e mais, R\$ 1.071,00 (hum mil e setenta e hum reais) do saldo de conta do Banco do Brasil, proveniente de depósitos vários e dos recursos captados através do cachê da BBC de Bondres referentes aos CDs produzidos pela Academia dos Poetistas do Prato no valor de 900 dólares. Sem mais para o devido registro, os trabalhos foram encerrados a seguir, sendo que a presidente José Senir Alves de Bacerda e os demais elogiaram o trabalho de Elói Teles e o seu esforço, para a compra da impressora. Como documento para o futuro, foi feito o registro da presente ata, que será assinada por todos, se estiverem de acordo.

Sebastião Soares Almeida

Elói Teles
 José Senir Alves de Bacerda
 José Senir Alves de Bacerda
 Francisco Edson Batista
 Gregório Duarte de Jesus
 Sérgio Luiz Gomes de Lima
 José Alexandre de Costa

J. Teles

inha e recitou uma poesia. José Paulista elogiou a Academia, a coupleta dos cordéis e sobre seu livro Flor do Bressol. Depois agradeceu pelo seu recitado. Depois recitou uma poesia e o presidente agradecendo a todos mencionou a reunião recordando a todos para os cordéis e belles. E eu fiz esta cita para registro dos fatos

Esperanto
1910/10

João Alves de Bacenda
Francelino
Luizinho
Luizinho
Luizinho

Ata da Assembleia Geral de
elétrica e posse do presidente para
o ano de 2000
Nos 19 dias do mês de fevereiro de 2000
reuniram-se no IEC (Instituto Ecológico
Cultural) os membros da Academia dos
Cordelistas do Crato com 2 objetivos: primei-
ro fazer o lançamento dos cordéis cones-
pondentes aos meses de janeiro e fevereiro
e em segundo lugar eleger o novo presidente
da Academia. Foram lançados os cordéis
A Cidade e as Serras de Márcio Lopes Siqueira
e Caisas do Meu Sertão - 35 Anos do Sertão
Os presentes aplaudiram os cordéis. Foi
também lido o cordel: A morada da
poesia que é uma celebração de ajuda

para a construção da sede da Academia
na forma delineada. O autor é
Comunista. Em seguida foi eleito
aclamado o Acadêmico Elói Te
de Moraes para a presidência da
Academia dos Cordelistas do Crato. A
competete representar a Academia
assinar documentos e movimen
contas em Bancos. Imediatamente
se pôs. Em seu discurso an
seu a confiança e mais uma
reforçou a meta principal de se
gestão: a construção da sede da
Academia. Concluiu o coló
para se engajarem na tarefa.
Colegas falaram. Encerrada a se
seu secretário ad hoc, laurei e p
ata que seria assinada por quem
direito

Engenheiro Santa

Luís Carlos Campos de Lira
José de Pires de Paacorda

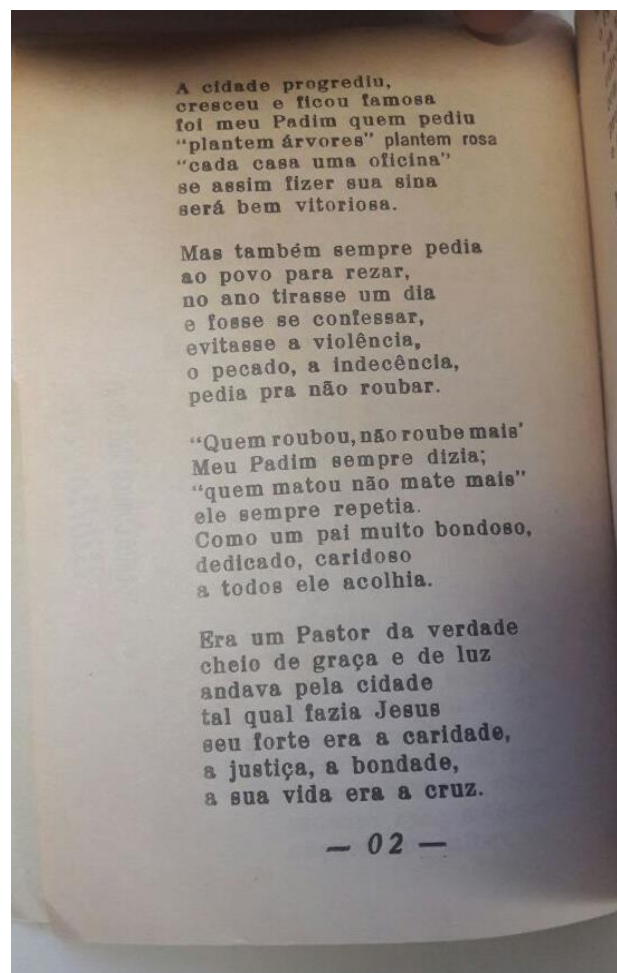
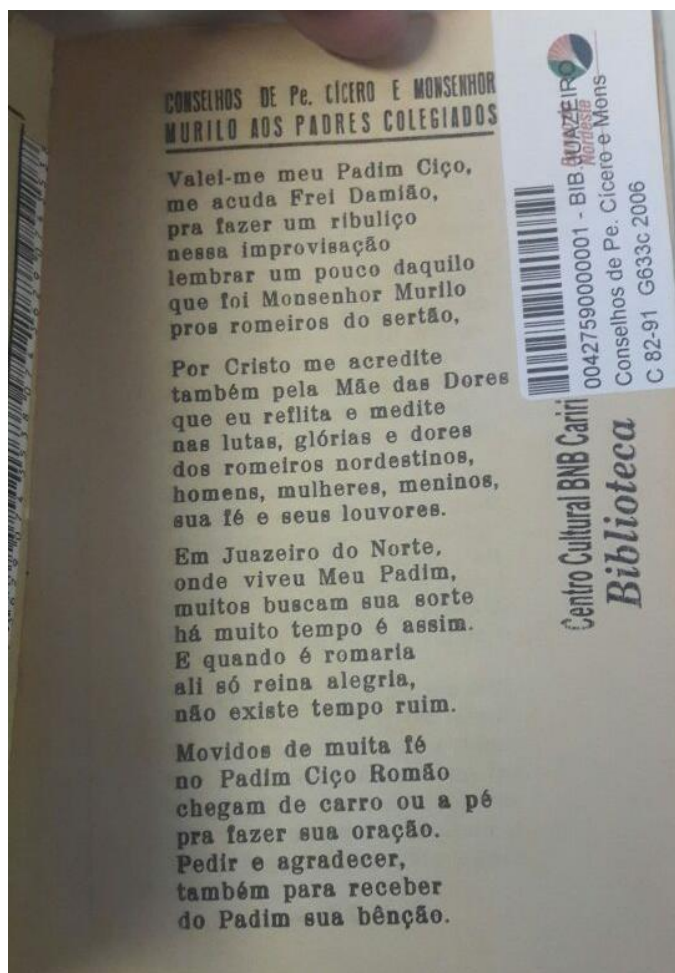
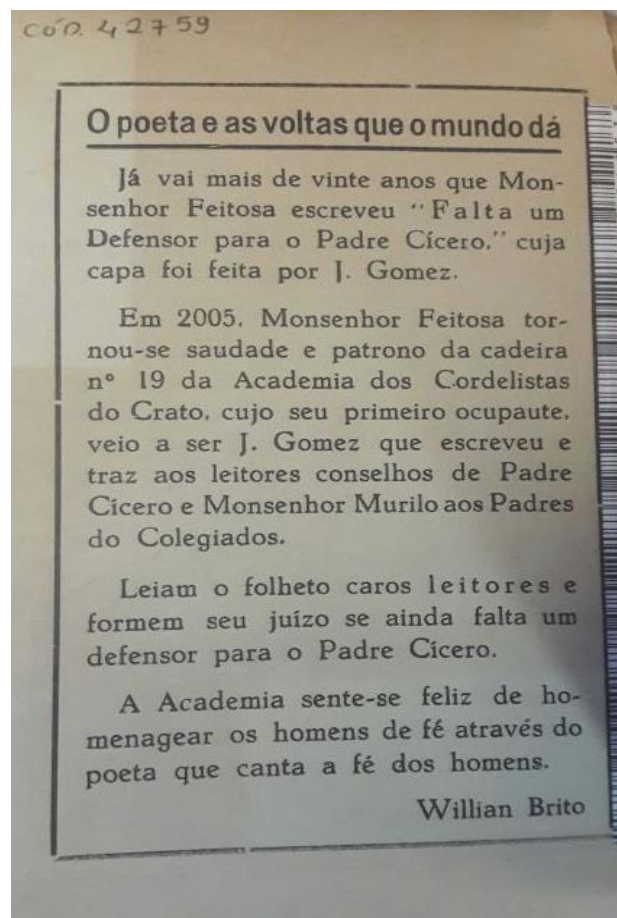
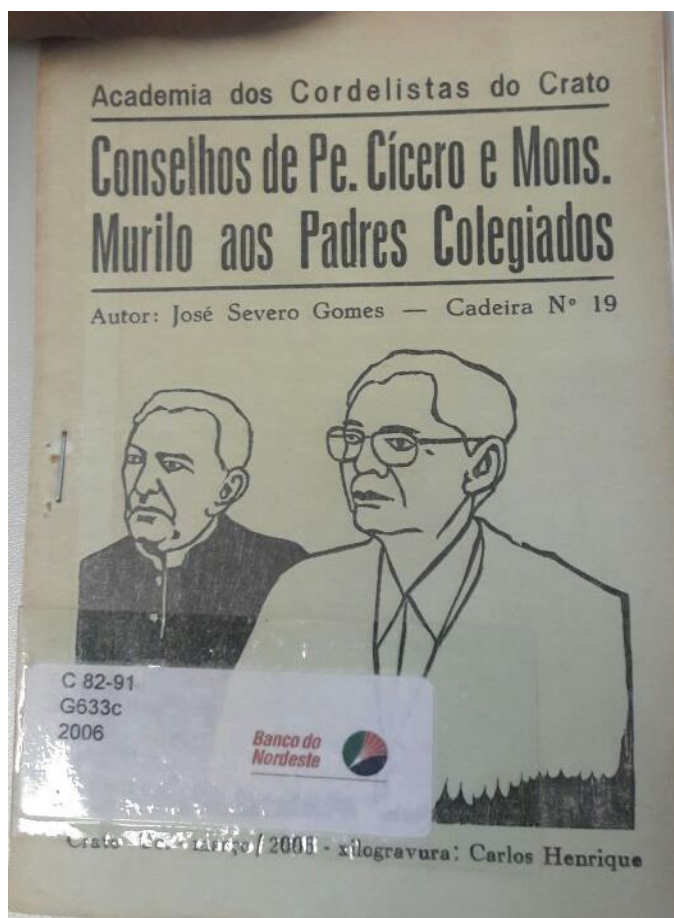
Francisco Valério de Aguiar

João Alexandre de Costa

Francisco Carneiro Lima

Marciano Lopes Siqueira

ANEXO F – CORDÉIS ANALISADOS



Mas Deus, na sua ciência
o Padim Ciço levou
e na sua Onipotência
outros guias preparou
com cuidado, com estilo,
preparou Padre Murilo
e a Juazeiro enviou.

Murilo era um menino,
podia-se assim dizer.
Mas Deus traçou seu destino,
sua vida, seu viver
para ser no Juazeiro
um grande líder, um luzeiro,
uma fonte do saber.

Passou por muitos momentos
de difícil solução
porém os seus pensamentos
eram cheios de oração
fosse de noite ou de dia
pedia a Virgem Maria
pra conduzir a missão.

E assim Murilo seguiu
com amor e vocação
ali, muita coisa viu,
mas buscou a solução
era um conciliador,
com paciência e amor
unia irmão com irmão.

— 03 —

Fosse político ou não,
comerciante, roceiro,
lá estava Murilão
satisfeito, prazenteiro
no meio da multidão
cumprindo sua missão
na rua ou no tabuleiro.

No Padim Ciço Romão
Murilo se inspirou
Também de Frei Damião
muita coisa assimilou.
Nos romeiros do Nordeste
Murilo com força investe
como Jesus lhe mandou.

Lutou incansavelmente
em prol da sua cidade.
Era, inconfundivelmente,
a imagem da verdade.
Irmão dos irmãos mais pobres,
com gestos simples e nobres
com zelo e suavidade.

E assim a sua vida
foi exemplo verdadeiro
de dedicação, de lida,
de janeiro a janeiro.
Dando total atenção
para todo cidadão
que fosse ao Juazeiro.

— 04 —

Sua saúde pedia
um pouco de atenção.
Monsenhor Murilo ria
dessa tal situação.
Muito calmo, bem tranqüilo,
ele, Monsenhor Murilo,
findava sua missão.

No ano 2005
da nossa era cristã.
era dezembro, não brinco,
mas de consciência sã,
dia quatro, aquele dia,
nosso Murilo partia
cinco e meia da manhã.

O Juazeiro chorava,
chorava todo nordeste,
Nosso Pai do Céu chamava
Murilo à Glória Celeste
pra juntar-se ao Meu Padim,
plenificando, assim,
a sua vida terrestre.

Partiu deixando na terra
o seu exemplo de vida.
A sua história encerra
uma lembrança querida.
Tem lá na Corte Celeste
mais um Santo do Nordeste
depois da sua partida.

— 05 —

A Diocese do Crato
com muita sabedoria
prá sucessão desse fato
pediu a Virgem Maria
a sua intercessão
e ao Padim Ciço Romão
pra ver o que se faria.

Com a iluminação
do Divino Espírito Santo
veio, enfim, a solução
a Virgem Mãe com seu manto
rogou por nós a seu Filho,
Sol Maior, que tem mais brilho,
sabedoria e encanto.

E foram três os chamados
para difícil missão
porém muito preparados
pra suceder Murilão
no trato com os romeiros,
(daqui ou dos estrangeiros,
do Padim Ciço Romão.

Padre Paulo, não me engano
junto com Sebastião,
um padre paraibano,
de presença e de ação.
Vão dar conta do recado,
todo padre é preparado
ao chamado da missão.

— 06 —

José Cláudio, o mais novo
daquele colegiado
tem bom trato com o povo
isto já está provado.
É um Padre de futuro,
servidor, coração puro,
e muito determinado.

Que façam a opção
pelos pobres, pequeninos,
sejam pra todos irmãos,
luzeiros dos seus destinos,
servindo sem ser servido,
fazendo o que foi pedido
pelos "santos nordestinos."

Parabéns a Dom Fernando
e a todo povo romeiro
Murilão vive, e chamando
pra visitar Juazeiro,
Frel Damião, meu Padim,
Mãe das Dores quis assim:
seja você o primeiro.

Mas venha também ao Crato,
visitar a Catedral
e veja bem que, de fato,
tem algo fenomenal.
Se benza, faça oração
ao Padim Ciço Romão
lá na Pia Batismal.

— 07 —

Meu Padim foi batizado
na casa de Mãe da Penha
e você é convidado
aceite o convite e venha
seja romeiro, ou não,
do Padim Ciço Romão
que a paz do Senhor o tenha!

Pe. Edmilson, o vigário,
com zelo e dedicação
organizou dia, horário,
instalou recepção
para que o visitante
possa ter a todo instante
especial atenção.

Tem uma equipe na SÉ
pronta pra lhe receber
com esperança e com fé,
se disponha, venha ver.
Assista a celebração,
perdoe e peça perdão,
ponha vida em seu viver.

Sem puxa-incóe, sem lundu,
termino o cordel assim:
me chamo Zé de Calu,
sou natural de Jardim.
Quero que o mundo inteiro
saiba que eu sou romeiro,
Romeiro do Meu Padim!

José Severo Gomes - J. GOMEZ
A C C - cadeira 19 - 02/fevereiro
Festa de Nossa Senhora das Gandeias
Crato - Ceará - março/2006

QUEM É J. GOMEZ

José Severo Gomes, conhecido como
J. Gomez, é poeta, músico, compositor,
pintor, pedagogo, cidadão cratense,
filho de Mundinho Severo e D. Calu,
nasceu em Jardim - Ce. a 16-04-52.
Fundador da Rádio Comunitária Ex-
pansão FM, em Crato. Viúvo, pai de
3 filhos: Pollyana, Giovanni e Ger-
mano, frutos do casamento de 31 anos
com D. Mailde (falecida).

Identificou nos seus escritos o lin-
guajar, a simplicidade, o pensamento
e a sinceridade de sua falecida mãe.
D. Calu, passando daí o pseudônimo
de Zé de Calu, como era conhecido
na infância, em sua terra natal.

Telefone do autor p/contato:
(0xx88) 3523-2357 — cel. 9966-7377

ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO

16 anos lutando pelo cordel e pela
cultura genuinamente sertaneja
Se aproxima de 400 títulos publicados
Mais de 1 milhão de folhetos levando
o Nordeste para o mundo

Praça Cel. Filemon Teles S/N
CEP 63.100-970 — Crato - Ceará
Telefone: (88) 3521-0827/3523-4442
academiadoscordelistasdocrato.hpg.ig.com.br

Composto e impresso na Gráfica
COISAS DO MEU SERTÃO da Academia dos Cordelistas do
Crato Adquirida pela Lei Jereissati de Incentivo à Cultura



Apresentação

AO TANGER DA LIRA

A poetisa Anilda Figueirêdo tem um estilo bem original de escrever. Alia-se ao seu talento e à sua criatividade, a maneira inteligente, como Anilda associa ao que escreve, fatos históricos do Crato.

Tanto em verso como em prosa, a nossa poetisa revela essa tendência, por todos os títulos, admirável.

Agora, em “Os patronos das ruas do Crato”, Anilda volta a imprimir os traços marcantes de sua personalidade e o brilho de seu estilo, realmente, inconfundível.

Parabéns!

Aplausos!

Oswaldo Alves de Sousa
Jornalista e escritor cratense.

OS PATRONOS DAS RUAS DO CRATO

01

Vamos falar dos heróis
Patronos de nossas vias,
Avenidas, becos, ruas,
Pessoas com maestrias,
Que fizeram nossa história,
Lutaram pela vitória,
Venceram com galhardias.

02

Bem no centro da cidade,
Rua Bárbara de Alencar,
Uma homenagem sincera
A quem bem soube lutar.
No panteão da História,
Com os louros da vitória,
Queremos perpetuar.

03

Antiga Rua do Fogo,
Mais uma artéria cratense,
Nosso Senador Pompeu
Fundou o Liceu Cearense,
Um exímio orador,
Foi padre, foi senador,
No torrão cariense.

04
Crato fez justa homenagem,
Foi o que aconteceu,
Rua Leandro Bezerra,
Pois ele bem mereceu.
Esse cratense guerreiro
O primeiro Brigadeiro,
Que o Brasil conheceu.

05
Professor Pedro Felício,
Poeta e grande orador,
Foi também economista,
Mostrou que tinha valor,
Prefeito municipal,
Governou sem ter igual,
Com honestidade e vigor.

06
Meu Padim Ciço Romão,
Ilustre filho cratense,
Foi político e sacerdote
No solo cariense,
Venceu, pois muito lutou,
E do século que passou
Foi o maior cearense.

04

07
Rua José de Alencar,
De princípios liberais,
O filho de dona Bárbara
Lutou pelos ideais,
Com seus irmãos conseguiu
Libertar todo o Brasil,
É mais um dos imortais.

08
Um grande paraibano,
Ministro e governador,
João Pessoa Cavalcante,
Que o Brasil revelou,
Morreu no século passado,
Em Recife assassinado,
O povo inteiro chorou.

09
Ao nome José Carvalho,
De notável inteligência,
Em uma de suas ruas,
O Crato faz referência,
Descreveu a natureza
Desta Serra, que embeleza
Meu Crato e adjacência.

05

10
Sua Alteza Pedro II,
Grande empreendedor,
Incentivou a cultura,
Das artes foi protetor,
Com poucos anos de idade,
Assume a maioridade,
E foi nosso Imperador.

11
Getúlio Dorneles Vargas,
Quem não lembra o que ele fez?
Na Justiça Eleitoral,
A mulher teve altivez,
Criou as leis trabalhistas
Esse orador estadista,
Governou mais de uma vez.

12
Tristão Gonçalves Alencar,
Araripe, por amor,
Defendeu o Ceará,
E o Piauí libertou,
Por nossa Pátria lutara,
Foi morto em Jaguaribara,
Na Guerra do Equador.

06

13
Dona Vicência Garrido,
A professora exemplar,
Viveu durante cem anos,
Ensinando o bê-a-bá,
Construiu a nossa História,
Com a mão na palmatória,
Para alfabetizar.

14
E ao Duque de Caxias,
Uma justa homenagem,
O patrono do Exército,
Que pra nós trouxe vantagem,
Quinze guerras ele venceu,
Vários títulos mereceu,
Em cada uma paragem.

15
Mais uma Rua do Crato
Recebeu nome também,
Cel. Antônio Luís,
Que governou muito bem,
Prefeito mais duma vez,
Todo o Crato ele refez,
Após derrotar Belém.

07

16

Quem mereceu nosso preito
Foi o líder Tiradentes,
Dentista-prático, ambulante,
O mineiro inconfidente,
Além de decapitado,
Foi depois esquartejado,
Para liberar a gente.

17

E Dom Quintino Rodrigues,
Primeiro bispo do Crato,
Trouxe o Banco Cariri,
Congregação e orfanato,
Ajudou à região
Com obras de vocação,
Igrejas e patronato.

18

Cego Aderaldo Ferreira
Foi poeta e cantador,
De grande fama e renome,
Aquele vate cantor.
Leonardo Mota e Cascudo
Já fizeram grande estudo
Sobre o cego trovador.

08

22

A rua Dr. Zé Nilo,
No alto do Seminário,
Uma homenagem ao mestre
De um grande Educandário.
Duas décadas, sem engano,
Foi o dentista do ano,
Merecendo um relicário.

23

Rua Teodorico Teles
Lembra o administrador,
Um homem que foi prefeito,
No século que passou,
Calçou cada uma via,
Instalou a energia
E muitos filhos deixou.

24

Outra artéria importante,
Existente na cidade,
É a Rua André Cartaxo,
Que foi chefe de verdade,
Ilustre pai de família,
Pertenceu à fidalguia
E tinha popularidade.

10

19

José Antônio Ibiapina,
Apóstolo da Caridade,
O jurista sacerdote,
Que defendeu a verdade,
Fundou casas e hospitais,
Num total de vinte ou mais
Escolas pra orfandade.

20

Doutor Irineu Pinheiro,
Um médico de muito feito,
Tratou da peste bubônica
Com abnegação e jeito,
Escreveu a nossa história,
Hoje, o Crato honra a memória
Do escritor de respeito.

21

Antônio José Gesteira,
O médico da caridade,
Veio de Pernambuco
E se instalou na cidade,
E cumprindo a sua sina,
O Anjo da Medicina
Tratou com muita bondade.

09

25

A Rua Joaquim Patrício,
Um homem de grande fé,
Que na sua atividade,
Foi vendedor e chofer,
Lembro o seu doce de leite,
Se desmanchando em deleite,
Para o freguês do Café.

26

Dom Francisco de Assis,
O bispo da caridade,
Fundou um grande Hospital,
O primeiro da cidade,
Na seca de 32,
E a peste que veio depois,
Foi um anjo de bondade.

27

Grande Álvaro Peixoto
Casou com dona Aiá,
Foi nosso vereador
E foi homem popular,
No tempo do Novo Estado,
Foi prefeito nomeado
Para ao Crato governar.

11

28

Coronel Luís Teixeira,
Comerciante afamado,
Vereador mais de uma vez,
Por ser muito dedicado.
Foi do Banco Caixaerial
E da Junta Comercial
Presidente respeitado.

29

Nelson da Franca Alencar
Nasceu no Sítio Lameiro,
De sadia convivência,
Fidalgo e hospitaleiro,
Homem de bom coração
A casa, um templo cristão,
E o coração de cordeiro.

30

Francisco de Assis Pita,
O Padre Pita, de fato.
Fundou com recursos próprios
O bom Ginásio do Crato,
Porém, sei que o Pe. Pita
Merece uma mais bonita,
Aprazível e de bom trato.

12

31

Entre as Travessas do Crato,
Muitas não foram citadas,
Homenagem às cidades
Vizinhas, não relatadas,
Municípios cearenses
Das terras caririenses,
Que foram prestigiadas.

32

E, agora, pra terminar,
Não poderia esquecer
Ruas com nomes de santos:
São José, Penha, Mercê...
Porque já são bem lembrados,
Quando estamos aperreados,
Ou pedindo pra chover.

Anilda Figueirêdo

ACC - Cadeira 7 – Patrono Eloi Teles

13

DADOS DA AUTORA

Anilda Figueirêdo é cratense, funcionária aposentada do Banco do Brasil, advogada, professora de Literatura, atualmente, presidente da Academia dos Cordelistas do Crato, onde ocupa a cadeira número sete, que tem como patrono Eloi Teles de Moraes. Também é ocupante da cadeira número três, patroneada por Firmino Teixeira do Amaral, na Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Faz parte do Instituto Cultural do Cariri, na cadeira de Leonardo Mota. Tem vários cordéis publicados, e considera fazer versos a arte de preservar a nossa identidade cultural.



SESC Juazeiro
Rua da Matriz, 227, Centro, Juazeiro do Norte CE
Cep: 63.010-040
Telefones: (88) 3512.3355 / 3587.1065

hb
GRAFICA
(88) 3512.4848

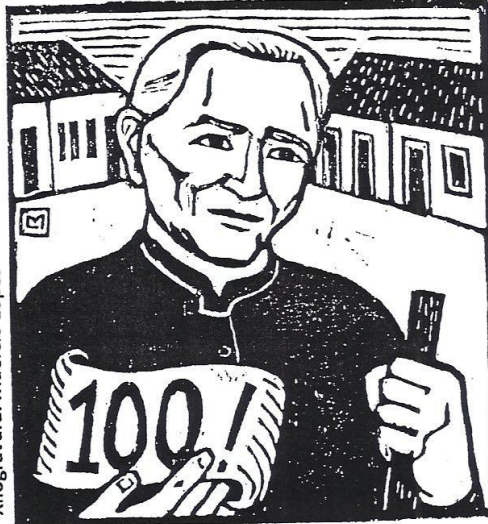
Desde quando começou
causa admiração
pelo comércio que tem
indústria de construção
atai os investidores
que fazem revolução

Tudo ali é atração
Pra quem vai e pra quem vem
Pra quem gosta de rezar
Pra quem não reza também
Para muitos, se tornou
A Nova Jerusalém

O povo aqui vive bem
Cada um com sua sina
Uns vivem da oração
E outros da medicina
O certo é que todos vivem
Sob a proteção Divina

Juazeiro me fascina
no ano do centenário
te dedico este cordel
pelo seu aniversário
tu viveu e viverás
sob as bênçãos do vigário.

Centenário de Juazeiro do Norte



Xilogravura: Maércio Lopes

Autor: Aldemá de Moraes

DADOS DO AUTOR

Antonio Aldemá Pereira de Moraes, é filho de Zacarias Vieira de Moraes e Francisca Pereira de Brito, nasceu no Sítio Palméra, Distrito do Amaro, Município do Assaré, no dia 08/07/1958. Graduado em Ciências Contábeis, pela Faculdade Leão Sampaio, Pós-graduado em direito empresarial pela Universidade Regional do Cariri, pós-graduado em Auditoria e Controladoria pela Faculdade Leão Sampaio. Membro da Academia dos Cordelistas do Crato, cadeira nº 22. Aldemá também é Griô (Projeto realizado pela Lira Nordestina com apoio do Ministério da Cultura), tem vários cordéis publicados e projetos para publicação de livro.

Apresentação

A cidade de Juazeiro do Norte é um grande centro produtor de cordel. Aqui o SESC Ceará como grande incentivador dessa arte, fomentou a narrativa através do projeto **SESCordel**, um projeto de edição poética cujo objetivo principal é publicar a produção literária de cordelistas, para resgatar, fomentar e promover a literatura de cordel na região do Cariri e no Brasil.

Desde a existência deste projeto editorial, lançamos cerca de duzentos títulos de cordel e estivemos participando de várias ações culturais no Brasil. Em 2001, estivemos a convite do SESC Pompéia, presente no evento "100 anos de Cordel". Neste mesmo ano, celebramos contente a conquista dos prêmios, Rodrigo de Melo Franco, do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), na categoria, divulgação, e o prêmio Romão Batista de Arte, Cultura e Incentivo a Cultura, em Juazeiro do Norte, sendo ainda destaque, neste mesmo ano, no Projeto **Literatura de Cordel no Nordeste**, realizado pelo SESC Aracaju. Em 2003 o projeto esteve representado na mostra comemorativa dos 18 anos PEPLP - Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular, na Universidade Federal da Bahia, a convite desta IES.

O SESC Ceará, através da unidade Juazeiro, apresenta hoje o Cordel **CENTENÁRIO DE JUAZEIRO DO NORTE: de Aldemá de Morais**.

CENTENÁRIO DE JUAZEIRO DO NORTE

Peço inspiração poética
ao Pai da Criação
a benção de Mãe das Dores
do Padre Cícero Romão
pra falar do centenário
da terra da oração

Com o Padre Cícero Romão
sua história começou
mil oitocentos e setenta
-e dois, quando aqui chegou
com oração e trabalho
a história continuou

o padre recomendou
para os seguidores seus
rezarem com devoção
o terço da mãe de Deus
Trabalhar honestamente
Pra não se tornar plebeus

Pois os seguidores seus
Lhe tratavam com afimco
começaram fabricar
peças de flandree de zinco
em bijuteria, fabrica
da aliança ao brinco

01

Mil oitocentos setenta
e cinco, com a construção
da igreja de Mãe das Dores
a quem tinha devoção
E em cada mês de setembro
Realizava a procissão

Muita admiração
o povo passou a ter
pela pregação do padre
que insistia em dizer:
-vamos todos trabalhar
pro Juazeiro crescer

Começou-se a perceber
muita gente ali chegando
para ouvir os seus conselhos
e ali mesmo iam ficando
mesmo tendo pouca fé
A fé ia aumentando

Quando estava conversando
com o povo no altar
dizia, meu filho reze
e procure trabalhar
quem trabalha Deus ajuda
Ele vai nos ajudar

02

E haja gente a chegar
nas terras do Juazeiro
para ouvir a pregação
desse padre conselheiro
E aquele povo que vinha
Era chamado romeiro

O padre chamou ligeiro
o povo na procissão
e construiu a igreja
Pra fazer celebração
E acolher os romeiros
no momento de oração

Foi crescendo a multidão
e haja o povo a rezar
muitos vinham e voltavam
outros vinham pra ficar
se estabelecendo ali
começaram trabalhar

Gente de todo lugar
do nordeste brasileiro
motivado pela fé
no vigário conselheiro
que ficou denominado
o santo do Juazeiro

03

Com o progresso alvissareiro
que ali ia chegando
com o trabalho do povo
e o padre orientando
aquela pequena vila
continuava aumentando

O tempo foi se passando
e toca o povo a chegar
cada qual admirado
ouvindo o povo falar
sobre os fatos ocorridos
ali naquele lugar

Começou se arranchar
gente por todo recanto
começavam construir
chega causava espanto
muitos vinham atraídos
Na fé que tinha no santo

Se arranchava em qualquer canto
Famílias que ali chegavam
Até debaixo de árvores
O povo se arranchavam
E em barraca de palha
Outras famílias moravam

04

Vendo um pobre em desespero
Disse filhinho tenha calma
por tudo que acontecer
peço, não fique com trauma
rezem muito e peça a Deus
Ele salva a nossa alma

E o povo batia palma
Com a maior rapidez
Quando o padre aconselhava
Com bastante altivez
Alguns ainda acanhados
Perdiam a timidez

Muitos deles, camponês
até vestia "batina"
E para pagar promessa
Subia até na colina
Com o rosário na mão
Parando em cada esquina

Tem menino e tem menina
em rua, subindo e descendo
Tem gente que está comprando
Tem gente que está vendendo
E é nesse vai-e-vem
Que a cidade está crescendo

06

Tudo que o Padre falava
tornou-se realidade
a vila tanto cresceu
Foi virando uma cidade
cresce, porém sem perder
sua originalidade

Usando a simplicidade
Referência principal
Desta cidade que cresce
de forma fenomenal
No Estado do Ceará
Só perde pra Capital

O romeiro como tal
tem uma forte devoção
em tudo que vai fazer
pede ao padre, proteção
só depois que roga à ele
É que toma a decisão

Tanta preocupação
tinha aquele romeiro
para que o Padre Cícero
Não deixasse o Juazeiro
pois qualquer monção que havia
entrava em desespero

05

O povo está percebendo
que cresceu tanto a cidade
tem até aeroporto
mais de uma faculdade
acompanhando o progresso
criando oportunidade

a religiosidade
foi e será sempre assim
mesmo uns achando bom
e outros achando ruim
juazeiro está crescendo
por causa do meu "padim"

Foi e será sempre assim
esta cidade querida
muitos romeiros lhe tratam
como a terra prometida
porque ao chegar ali
encontram paz na guarida

Jamais será esquecida
por quem por ali passou
subiu a serra do horto
foi na estátua e rezou
saiu cantando o bendito
por que ali se curou

07



SESC Juazeiro
Rua da Matriz, 227, Centro, Juazeiro do Norte CE
Cep: 63.010-040
Telefones: (88) 3512.3355 / 3587.1065


(88) 3512.4848

Na saúde tem destaque
Um Hospital Regional
Também na educação
Fez a conquista ideal
Já se faz realidade
Sede de Universidade
De caráter federal

Quando um século completa
Faz nobre celebração
E relembra o Padre Cícero
Nos gestos de gratidão
O espírito do levita
É presença em cada fita
De cada inauguração

Parabéns ao juazeirense
Que esta terra tanto adora
E ao que tem amor de filho
Mesmo que vindo de fora
Também ao fiel romieiro
Que chegando a Juazeiro
De emoção exulta e chora

Viva Juazeiro do Norte!
Cidade ativa e guerreira
Que constrói a sua saga
De metrópole altaneira
Com trabalho e esperança
Rumo ao futuro ela avança
Numa ascensão verdadeira.

Juazeiro do Norte Um Século de Progresso e Fé



Xilogravura: Maércio Lopes

Autora: Josenir Lacerda

DADOS DA AUTORA

Josenir Alves de Lacerda, natural de Crato – Ceará, onde reside. Filha de José João Alves e Auzenir Amorim da Franca Alves, artesã, ex-funcionária da Teleceará, aposentada. Co-fundadora da Academia dos Cordelistas do Crato – ACC, cadeira nº03, patrono - Enéas Duarte e membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, cadeira nº37, patrono – José Soares (O Poeta Repórter).

Tem cerca de 70 trabalhos publicados, destacando-se “O Linguajar Cearense”, “De Volta ao Passado” e “A Medicina no Cangaço”.

Contato: (88) 3521.0827 / 9624.3140
josenirlacerda@hotmail.com

Então a vila passou
A ter visita freqüente
Dele que um dia sonhou
Com Cristo na sua frente
A dizer com voz sonora:
"Você a partir de agora
Cuide dessa pobre gente"

O padre que já sentia
Forte elo espiritual
Desde a missa celebrada
No evento de Natal
Fez-se ao Cristo submisso
E aceitou o compromisso
Com carinho paternal

O sonho que lhe causou
Uma profunda emoção
Também trouxe mais vigor
E força na devoção
Ouviu o apelo do povo
Criou um alento novo
Foi firme na decisão

Ali fixa residência
Com irmãs e mãe ao lado
E com determinação
Acolhe o que lhe foi dado
E aquele povo tristonho
Graças ao sagrado sonho
Sente-se mais amparado

04

O povoado seguiu
Franco desenvolvimento
Tudo graças ao empenho
E ao comprometimento
Do dedicado pastor
Que na força do amor
Achou pilar e sustento

Incansável cada dia
Tinha mais perseverança
Como prova dessa garra
Ousou mandar vir da França
Da Mãe das Dores, a imagem
Ato de amor e coragem
De quem deseja e alcança

Como se fosse aquarela
Do mais paciente artista
Pouco a pouco foi pintada
A história em farta lista
Onde os acontecimentos
Marcam fatuais momentos
Como se estampa em revista

O momento do milagre
Da promessa que se cria
Pela igreja do Horto
O conflito que angustia
Ainda o marcante fato
Ao chegar, vinda do Crato
A primeira romaria

06

Dessa forma teve início
Sua importante missão
Ensinar àquele povo
O rumo da salvação
Com dedicação extrema
Implantou o sábio lema
De trabalho e oração

Ali celebrava missa
E o povo confessava
Espalhava bons conselhos
Um novo alento doava
Combatia todo vício
A desordem, o malefício
Com desvelo orientava

Um novo estilo de vida
Inseriu naquele espaço
O respeito harmonioso
União, paz e abraço
A crença e a conversão
A busca da salvação
Como esperança e reago

Com esses três juazeiros
Grande história teve início
Escrita com esperança
Fé, trabalho e sacrifício
Padre Cícero Romão
Cumpriu a nobre missão
Fez concreto benefício

05

Depois de vistos os panos
Do evento da beata
Multiplicam-se os fiéis
Nó de temor se desata
Então só se vêromeiro
Seguir rumo ao Juazeiro
Sem carecer de uma data

Deixo aos historiadores
Do vasto enredo, a seqüência
Foco no Juazeiro hoje
Sua importante ascendência
Quando o desenvolvimento
Nos diversos segmentos
É progresso em evidência

O Cariri hoje é
Um importante celeiro
Tem Juazeiro do Norte
Como o mais fértil canteiro
Aduado pela fé
Floresceu e hoje é
Santuário doromeiro

Cidade de grande porte
No setor comercial
Com destaque na indústria
E no plano cultural
Sob as bênçãos do vigário
No ramo imobiliário
É exemplo estadual

07

Apresentação

A cidade de Juazeiro do Norte é um grande centro produtor de cordel. Aqui o SESC Ceará como grande incentivador dessa arte, fomentou a narrativa através do projeto SESC Cordel, um projeto de edição poética cujo objetivo principal é publicar a produção literária de cordelistas, para resgatar, fomentar e promover a literatura de cordel na região do Cariri e no Brasil.

Desde a existência deste projeto editorial, lançamos cerca de duzentos títulos de cordel e estivemos participando de várias ações culturais no Brasil. Em 2001, estivemos a convite do SESC Pompéia, presente no evento "100 anos de Cordel". Neste mesmo ano, celebramos contente a conquista dos prêmios, Rodrigo de Melo Franco, do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), na categoria, divulgação, e o prêmio Romão Batista de Arte, Cultura e Incentivo a Cultura, em Juazeiro do Norte, sendo ainda destaque, neste mesmo ano, no Projeto Literatura de Cordel no Nordeste, realizado pelo SESC Aracajú. Em 2003 o projeto esteve representado na mostra comemorativa dos 18 anos PEPLP - Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular, na Universalidade Federal da Bahia, a convite desta IES.

O SESC Ceará, através da unidade Juazeiro, apresenta hoje o Cordel **JUAZEIRO DO NORTE - UM SÉCULO DE PROGRESSO E FÉ**: de Josenir Lacêrda.

Tabuleiro Grande era
O local alvissareiro
Enfeitado pelo verde
Do resistente juazeiro
Que dava o arrancho amigo
E o aconchegante abrigo
Ao peregrino romeiro

O arbusto ressequido
Que estala ao calor do sol
Forma tela esmaecida
Qual um cinzento lençol
Onde verde pincelada
Anima a vista cansada
E anseia um novo arrebol

Quem seguia para o Crato
Tinha que ali passar
Debaixo dos juazeiros
Paravam pra descansar
Por causa dessa freqüência
Um ponto de referência
Tornou-se aquele lugar

E foi nesse povoado
Que um padre apareceu
Numa ação intuitiva
Uma capelinha ergueu
E a partir daquele dia
Quem ali comparecia
Mais apoio recebeu

JUAZEIRO DO NORTE UM SÉCULO DE PROGRESSO E FÉ

Dia vinte e dois de julho
Dois mil e onze é o ano
Data mais que especial
Um momento soberano
Na passarela da história
Desfila o sonho e a glória
De um povo alegre e ufano

É Juazeiro do Norte
Que abraça o seu centenário
Põe assim dourado marco
Na folha do calendário
E a população solfeja
Na rua, praça ou igreja
Canto uno e solidário

Há cem anos era apenas
Acanhado vilarejo
Parada dos andarilhos
Tão abençoado ensejo
De pausa na caminhada
Um oásis na jornada
Do viajor sertanejo

A cidade antigamente
Menos que um embrião
Era tosco tabuleiro
De simplória formação
Contudo havia um sinal
Que ali seria afinal
Canteiro de redenção

01

Ali então começou
Pequena povoação
Porém não havia padre
Para exercer a função
Sem o pão espiritual
Ali se instalou o mal
O vício e a perdição

Mas Deus não tarda nem falha
Por isso o Grande Arquiteto
Escolheu aquela vila
Pensou num modo concreto
De implantar religião
Fé, trabalho e oração
Num consistente projeto

Nos festejos natalinos
Padre Cícero convidado
Foi celebrar uma missa
Bem no dito povoado
Orações, velas e flores
Capela da Mãe das Dores
Ambiente abençoado

Daquele dia em diante
O padre então garantia
Que domingo e dia santo
Sua pregação faria
Se aquela comunidade
Quisesse o pão da verdade
Com gosto ofereceria

02

03

Parceiros que estão apoiando o
I Encontro Internacional de
Negócios do Cariri

- SEBRAE - parceiro dos brasileiros
- Governo do Estado do Ceará
- Secretaria de Desenvolvimento Econômico
- Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte
- Sindindústria - sindicato das indústria de calçados e vestuário de Juazeiro do Norte e região
- Banco do Nordeste do Brasil
- FIEC - federação das indústrias do estado do Ceará
- Fecomércio (Sesc - Senac - Ipdc)
- FAEC - federação da agricultura do estado do Ceará
- FECEMP - federação cearense da micro e pequena empresa
- FACIC - federação das associações comerciais e industriais do Ceará
- APEX - agência de promoção de exportações

Academia dos Cordelistas do Crato I ENCONTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS DO CARIRI

Autor: Luciano Carneiro — Cadeira N° 02



Crato - Ceará - junho / 2005 — Xilogravura: Carlos Henrique

Venha ao grande evento
de Negócios do Cariri
em junho vai ser aqui
08 à 10 é o momento
Juazeiro está atento
pronto pra lhe receber
venha comprar e vender
e adquirir novos sócios
que no mundo dos negócios
a gente só faz crescer.

Vai ser extraordinário
vários países presentes
é o momento da gente
garantir um bom salário
se você é empresário
venha, vai ser importante
onde o negociante
tanto compra como vende
quem vier não se arrepende
é o SEBRAE que garante!

Autor: LUCIANO CARNEIRO
A. C. C. - cadeira N° 02
Crato - Ceará - junho 2005

Dados do Autor

Luciano Carneiro de Lima, quem
é? nasceu no município de Teixeira,
no estado da Paraíba, no dia 07 de
janeiro de 1942.

Filho de José Carneiro de Lima e
Jovita de Pontes, exerceu no Crato
onde chegou, em 1958, a profissão de
agricultor. É membro da Academia
dos Cordelistas do Crato, cadeira
N° 02.

Tem vários trabalhos escritos e
mais de 30 cordéis publicados.

Endereço do autor:

Travessa Potengi N° 496
Fone: 3523-3947 — Bairro Seminário
Cep 63.100-000 — Crato - Ceará

Apresentação

O Cariri, terra abençoada pelo Padre Cicero, é hoje sala de visita para grandes encontros que acontecem no Ceará. O potencial turístico é flor agreste que desabrocha invadindo o vale e a chapada, e o cordel tem sido veículo importante na divulgação desses eventos.

O poeta Luciano Carneiro tem comprovado isso através de trabalhos que graças ao reconhecido talento do autor, toma forma de cartão de visita, roteiro turístico, e informativo, além de receber os visitantes com um abraço pleno dessa poesia brejeira, com tempero de rapadura e pequi.

Este cordel enfoca o I Encontro Internacional de Negócios do Cariri e marca a presença da cultura popular tão rica na terra dos Índios Kariris.

Josenir Amorim Alves de Lacerda
Academia dos Cordelistas do Crato
Cadeira Nº 03 - 06/2005

Este período passado
segundo a história diz
pelos índios Cariris
o vale foi habitado
os criadores de gado
descobriram a região
os índios tiveram então
que se evadirem daqui
entregando o Cariri
para a colonização.

Hoje é um vale coberto
por um plantio muito vasto
que vai da lavoura ao pasto
tudo que o povo acha certo
o nosso povo é esperto
é forte e trabalhador
para aumentar o valor
é chamado pelos seus
o vale da Mãe de Deus
terra de Nosso Senhor.

Com a colonização
veio a criação de gado
foi industrializado
o couro na região
cana e demais plantação
nos trouxe grande fartura
aguardente e rapadura
é a logomarca daqui
transformando o Cariri
num polo de agricultura.

— 02 —

I Encontro Internacional de Negócios do Cariri

Paço a Deus inspiração
pra falar do Cariri
falar deste vale aqui
é uma satisfação
é um pedaço de chão
por Jesus abençoado
por isso que é chamado
terra dos canaviais
seus avanços culturais
é que tem lhe destacado.

Este vale antigamente
já foi um braço de mar
nós temos com que provar
bem cientificamente
que esse mar foi existente
há muitos anos passados
pelos fósseis encontrados
em partes da região
temos a prova na mão
pra confirmar esses dados.

Em recursos naturais
a região é riquíssima
a reserva famosíssima
do Araripe, é demais
na encosta mananciais
jorrando água à vontade
da mais pura qualidade
no mundo não tem melhor
é o recurso maior
da nossa sociedade.

Na religiosidade
desta grande região
o Padre Cicero Romão
ganha em popularidade
mas fica o povo à vontade
com direito a escolher
nós não vamos nos meter
na crença de seu ninguém
dizendo em que ou em quem
se deve crer ou não crer.

— 03 —

Aqui o artesanato
têm nome e tem tradição
é grande a confecção
de roupa, rede e artefato
tapete, pano de prato
calçado, chapéu e cela
de barro, pote e panela
as feiras livres invade
tornando a localidade
muito mais rica e mais bela.

O folclore melhor do mundo
também é do cariri
o grupo Aniceto aqui
é primeiro sem segundo
dentro do campo profundo
da gloriosa poesia
temos a academia
dos cordelistas do Crato
da cultura é um bom prato
pra quem gosta e aprecia.

— 04 —

Conheça no Assaré
"o memorial Patativa"
bonita obra atrativa
feita com amor e fé
Patativa foi e é
um ídolo do povo seu
em Santana tem o museu
de fósseis muito bonito
Quem for lá eu acredito
que vai gostar como eu.

Também vá a Nova Olinda
conhecer a Casa Grande
a sua história se expande
porque ela é grande e linda
quem não conheceu ainda
vale a pena conhecer
eu já tive esse prazer
fui lá e fiquei feliz
até um cordel eu fiz
e nunca vou me arrepender.

— 06 —

Os pratos típicos daqui
garanto como lhe agrada
é carne de bode assada
baião de dois com piqui
o povo do cariri
planta muita mandioca
o bejú, a tapioca
faz parte do nosso prato
se você não for um chato
por outro prato não troca.

Lindos pontos de atração
tem na região inteira
Missão Velha (cachoeira)
Campos Sales (boqueirão)
e as cavernas estão
logo ali em Araripe
venha vê e participe
que você não atrapalha
vá ao caldas em Barbalha
leve também sua equipe.

— 05 —

O pé de serra do Crato
é bonito e atraente
porque tem água vertente
descendo pelo regato
correndo no meio do mato
cortando os vegetais
só a natureza faz
coisa assim tão importante
para você visitante
muito amor e muita paz.

Chegando no Juazeiro
do Padre Cícero Romão
conheça o Romeirão
mas vá no Horto primeiro
vá rezar se for romeiro
na matriz e leve flores
ouvir nossos pregadores
nos dar um prazer infundo
você é sempre bem vindo
a terra da Mãe das Dores.

— 07 —

RANCHO WH E Sítio Nininha

MAURITI = CEARÁ
MATRIZES E REPRODUTORES
OVINOS DAS RAÇAS
SANTA INÊS E SOMALIS

Uma Alternativa Sustentável
para a Pecuária Regional
Telefone: (88) 523-4442

Composto e impresso na Gráfica
COIBAS DO MEU SERTÃO da Academia dos Cordelistas do
Crato Adquirida pela Lei Jereissati de Incentivo à Cultura

ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO

O Padre Cícero e a Ecologia

Autor: Willian Brito — Cadeira Nº 01



Crato - Ce., - fevereiro / 2003 - Xilogravura: Carlos Henrique
6ª Edição - 500 exemplares

Apresentação

Este cordel poderia perfeitamente se intitular: "O Padre Cícero, A Ecologia, e O Poeta", tamanha a equivalência e a força participativa desses três elementos. O Pe. Cícero surge como referência de credibilidade e sabedoria para o nordestino, passando na época, uma consciência futurista de preservação. A Ecologia que é enfocada com o respeito, a singularidade e a seriedade de que é merecedora; e o Poeta, que é profundo conhecedor do assunto, ecologista por vocação, o aborda de forma magistral e entrega ao leitor envolto num tênue e atraente véu de poesia.

Willian Brito, na qualidade de poeta, deixa transparecer uma porosidade espantosa diante dos temas que aborda, passando ao leitor uma intimidade conjugal com a poesia, que pode ser conferida neste e nos tantos outros valorosos trabalhos de sua autoria.

Josenir Amorim Alves de Lacerda
Academia dos Cordelistas do Crato
Cadeira Nº 03 - 02, 2003

O Pe. Cícero e a Ecologia

Seu moço tome chegada,
pegue o banco pra sentar,
sua fala é preparada,
gostei de lhe ver falar
nessa tal de ecologia
tão em voga nesses dia
aqui no nosso lugar.

Eu sei que o doutor tá certo
quando fala que o sertão
tá se virando em deserto
devido a devastação;
se o senhor quer que eu lhe diga
essa profecia antiga
fez Padre Cício Romão.

Meu Padim que viu a peste,
que viu a fome doutor,
sacudir nosso Nordeste
trazendo a morte e a dor,
depois que a reza findava,
todo povo aconselhava
mode ser conservador.

Pra quem vive na fartura
é difícil imaginar,
a riqueza da natura
quando a seca faz secar
cacimba, rio, olho d'água,
e o sertanejo com mágoa
é obrigado a arribar.

MEU PADIM sempre dizia:
"Não broquem sem precisão,
plante sempre todo dia
qualquer coisa nesse chão,
se lembrem da macambira
que quando é na seca vira
massa de se fazer pão.

A mucunã bem lavada
deixa de ser venenosa,
sua massa é aprovada
na era calamitosa,
e a batata do imbuzeiro
escapa mil brasileiro
na retirada espinhosa.

Nosso côco morondongo,
babaçu no Maranhão,
prestou um serviço longo
nessa nossa região,
do entrecasco ele dava
um mingau que alimentava
em 15 a população.

Se tiverem que brocar,
pra botar novo roçado,
não vão atrás de arrancar
o toco que foi cortado,
quem arranca a tocaria
desmancha toda ingrisia
que o Senhor fez com cuidado.

— 02 —

Eu acho até que é pecado
se prender um sabiá
por causa do seu trinado,
do seu bonito cantar,
quem de vocês gostaria
de tá longe da fãmia
sem liberdade de andar?

Por causa de tanta caça,
muita vez só perversão,
é que eu vi tanta desgraça
por todo nosso rincão,
vi gente comendo rato,
depois de cachorro e gato
por obra da precisão,

Escutem meus amiguinhos,
minha voz de experiência,
já corri muitos caminhos
ao longo dessa existência,
digo ao velho tenha fé,
digo calma pra mulher,
digo pro jovem, prudência.

Reparando a meninada
eu recomende esperança,
pensando na Pátria amada
eu mande ter confiança,
olhando pro agricultor
esse pobre sofredor
eu receito temperança.

— 04 —

O toco que recupera
faz a mata retornar,
e força pra terra gera
quando o homem precisar
de abrir novo plantio,
e em terra forte o estio
inda consegue criar.

Não toquem fogo nas matas
a cabeleira da terra,
assim acaba as cascatas
que enfeitam nossa serra
cava a própria sepultura
toda e qualquer criatura
que a natureza faz guerra.

As plantas dão alimento
dão sombra, lenha e carvão,
dão madeira e dão sustento
para toda criação,
todo bicho que respira
é das plantas que ele tira
o ar que vai pro pulmão.

Também peço mais respeito
pra todos os seres vivos,
todos eles tem direito
de viver sem ser cativo,
é medonho e indecente
prender um pobre inocente
pra lhe trazer lenitivo.

— 03 —

Façam manga para o gado,
e pra toda criação.
Tando os bichos no cercadô
você tem mais produção
o pasto se recupera
se multiplica e supera
sua maior produção.

Não plantem no despenhado,
nos espinhaços de serra,
quem faz assim tá lascado
pois a chuva leva a terra,
quem escuta meu conselho
não vai apanhar de relho
porque sei que este não erra.

Reparem bem nas ladeiras
dessa muitas cidadão,
que recortando as barreiras
ligando as nuvens com o chão,
quando desce as enxurrada
ficam tudo esburacada
devido a forte erosão.

Sucede meu camarada
que a terra desprotegida,
sujeita a chuva pesada
vai ficando enfraquecida,
vai perdendo seu vigor
depois não tem mais valor
pra qualquer forma de vida.

— 05 —

Aconselho toda gente
do Raso da Catarina,
dos Inhamuns para a frente,
onde a seca é mais ferina,
ao povo do Seridó,
que derramem seu suó
pra sustentar chuva fina.

Façam tudo pra barrar
o que o inverno trouxer,
ludem sem desanimar,
homem, menino e mulher,
façam açude, barreiro,
e cisterna no terreiro
pra quando a chuva vier.

Todo riacho devia
ter seu leito respeitado,
e também a mataria
que lhe deixa resguardado;
e muito mais inda está
aqui, ali, acolá,
sendo quando em vez barrado,

Não falo de grandes obras,
barragens monumentais,
que essas terão de sobra
para frente logo mais,
mas só trarão carestias
sem maiores serventias
pro homem e pros animais.

— 06 —

Meus amigos digo isto
sem segundas intenções,
eu falo tal como o CRISTO
que andou por outros sertões
também eu amo e venero,
com muito carinho eu quero
ver progresso em meus rincões

Tal como o SENHOR quis bem
amou seu pobre torrão,
chorou por Jerusalém,
batizou-se no Jordão,
anunciando a verdade,
a paz e a fraternidade
no seio da multidão.

Mas prosperidade aqui
quer dizer conservação,
que é o homem produzir
sem fazer devastação;
é respeito pela vida
tão variada e sortida
que causa admiração.

Se o homem não respeitar
as leis que são naturais,
se partir para acabar
com as plantas e os animais,
vocês podem ficar certo
que o sertão vira deserto
e adeus invernos normais.

— 07 —

Quem tiver inteligência
se previna pro futuro.
Quem conhece de ciência
não tateia no escuro.
Quem fez escola da vida
conhece bem a descida,
não fica em cima do muro."

Pois é seu moço, tá vendo
o que MEU PADIM falou?
nós hoje vive sofrendo
como ele profetizou
os mais velhos se esqueceram
e os novos desmereceram
as lições que ele deixou.

Por isso se o senhor chama
pra gente colaborar,
se é em nome do IBAMA,
eu tô aqui pra ajudar,
eu tenho convicção
que havendo conservação
a vida vai melhorar.

Eu rogo a Virgem Maria,
a São Francisco de Assis,
patrono da ECOLOGIA
como seu vigário diz,
que o senhor tenha sucesso
que melhore o universo
e que assim seja feliz.

Autor: WILLIAN BRITO
Cadeira N° 01 — 6ª edição
Crato - Ceará - fevereiro 2003

Willian Brito é Gente Que Faz

Engenheiro Agrônomo, especialista em gestão ambiental e mestre em desenvolvimento regional, Willian Brito nasceu em Crato em 22 de julho de 1963.

Servidor do IBAMA, chefiou a Flona-Ara-ripe de 1987 a 1999. Foi personagem do Gente Que Faz pelo seu trabalho, e ganhador do prêmio Top de Ecologia da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil.

Fundador e três vezes presidente da Academia dos Cordelistas do Crato, Willian tem mais de 40 cordéis e 4 livros publicados.

Atualmente Willian Brito apresenta o programa nos Alpendres do Brasil pela Rádio Expansão FM 92,9 Mhz. aos sábados a partir das 7:00 hs. Através do Rádio, de palestras e escritos em prosa e verso, esse caririzeiro, casado, pai de dois filhos, sempre defendeu as justas causas do povo de Deus, desde os idos do Movimento de Juventude do Crato nos anos 70.

Apoio
Deputada Estadual
IRIS TAVARES
"CULTURA PARA TODOS"

ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO

12 anos lutando pelo cordel e pela
cultura genuinamente sertaneja
Mais de 250 títulos publicados
Mais de 500.000 folhetos levando
o Nordeste para o mundo

Praça Cel. Filemon Teles S/N
CEP 63.100-000 — Crato - Ceará
Telefone: (88) 521-0827 / 523-4442
academiadoscordelistasdocrato.hpg.ig.com.br

Composto e impresso na Gráfica
OBRAS DO MEU BERTÃO da Academia dos Cordelistas do
Crato. Adquirida pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Academia dos Cordelistas do Crato
**"PADRE CÍCERO E O HOMEM
COM O DIABO NO CORPO"**

Autora: *Josenir A. Lacerda* — Cadeira N° 03



Crato - Ceará setembro/2003 - Xilogravura - Carlos Henrique